

Tiago Toy  
(org.)

# Terra Morta

relatos de sobrevivência  
a um apocalipse zumbi

soberro A

  
Editora  
Draco

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

# TERRA MORTA

relatos de sobrevivencia a um apocalipse zumbi

TIAGO TOY (ORG.)

1ª edição

Editora Draco

Sao Paulo

2013

© 2013 by Tiago Toy, Gabriel Requiem, Fabi Deschamps, Lidia Zuin, Felipe Castilho, Conrado Ramazini, Kristian Moura, Fábio Aresi, Marcelo Milici

Todos os direitos reservados à Editora Draco

*Publisher:* Erick Santos Cardoso

*Produção editorial:* Janaina Chervezan

*Organização:* Tiago Toy

*Edição:* Cirilo S. Lemos e Marco Rigobelli

*Capa:* Ericksama

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Ana Lúcia Merege 4667/CRB7

Toy, Tiago (organizador)

Terra Morta: relatos de sobrevivência a um apocalipse zumbi/ organizado por Tiago Toy. – São Paulo: Draco, 2013

Vários Autores

ISBN 978-85-62942-82-2

1. Contos brasileiros I. Toy, Tiago (organizador)

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira 869.93

1ª edição, 2013

Editora Draco

R. César Beccaria, 27 - casa 1

Jd. da Glória – São Paulo – SP

CEP 01547-060

editoradraco@gmail.com

www.editoradraco.com

www.facebook.com/editoradraco

twitter: @editoradraco

# Sumário

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Prefácio: Relatos de sobreviventes e terras mortas - Tiago Toy](#)

[Terra Morta](#)

[Demônios eu vi lá no parque, demônios por todas as partes - Tiago Toy](#)

[Encaixotando Natália - Gabriel Réquiem](#)

[A última sessão do Cine Galaxy - Fabi Deschamps](#)

[Mas livrai-nos do mal - Lidia Zuin](#)

[A metade de meia dúzia - Felipe Castilho](#)

[Pra fazer sabão é que nao é - Tiago Toy](#)

[Engenharia reversa - Conrado Ramazini](#)

[A prova - Kristian Moura](#)

[Noite de poker - Fabio Aresi](#)

[Os Demônios da Vila Carioca - Marcelo Milici](#)

[A obsessão de Vitória - Tiago Toy](#)

[Conheça os sobreviventes](#)

[Notas](#)

## Relatos de sobreviventes e terras mortas - Tiago Toy

Uma vez li uma resenha de um leitor de Terra Morta que dizia mais ou menos o seguinte: "*Tiago Toy não tentou fugir do clichê; pelo contrário, o abraçou sem pudores. Fez isto com uma boa dose de naturalidade e conseguiu tornar o escrito bastante seu*". Não poderia estar mais certo.

Desde que comecei a conceber a história que se tornaria o meu primeiro livro, nunca me preocupei em unicamente surpreender o leitor a cada parágrafo. Claro que os capítulos traziam ganchos em suas conclusões, mas minha maior preocupação era outra: escrever algo gostoso de ser lido.

Zumbis são um tema arriscado. Ou você acerta em cheio, ou erra desastrosamente. Se ficar no meio termo, considere um erro. Após a popularização de *The Walking Dead*, os mortos-vivos/infectados/possuídos/o-que-quer-que-sejam passaram a pipocar por todos os lados: quadrinhos, livros, jogos, filmes, séries, até mesmo videoclipes. O problema é quando fugir do clichê ganha mais importância do que merece. Nesses casos, os criadores acabam trazendo à vida pérolas que perdem qualidade só para ser diferentes. Tendo zumbis, pode vir a porcaria que for. Certo? Tsc, tsc.

Quem busca histórias do gênero quer, além de bom entretenimento, zumbis. Não importa se estão como pano de fundo ou na linha de frente. Queremos os fedidos, ponto! E convenhamos, eles tornam tudo mais divertido, vide um grande clássico britânico que ganhou uma nova versão "...e Zumbis", a única razão de eu – e muitos outros – tê-lo lido. Combinam com comédia (*Zumbilândia*,

*Fome Animal*), drama (o próprio *The Walking Dead*), romance (*Meu Namorado é um Zumbi*), ação (*Resident Evil, Guerra Mundial Z*), obviamente terror (*Extermínio, Madrugada dos Mortos*), e, não tão óbvio assim, até pornô (não vou citar títulos pois não assisto essas coisas... mas existe).

Quando anunciei o convite para autores criarem textos com suas próprias visões do que seria uma **terra morta**, meu intuito era conhecer novos ângulos não somente do que eu havia criado, mas do subgênero como um todo. Tanto que, ao longo deste livro, você encontrará diversas referências, desde películas italianas dos anos 1980 até mídias modernas – e nem todas relacionadas a zumbis. Não vou estragar a surpresa. Você terá que descobrir por sua conta.

Apenas para preparar terreno e não te deixar entrar às cegas nesta desventura, posso contar que em momento algum você se sentirá sozinho. Por meio da trajetória de personagens distintos – uma garota viciada em Facebook e alheia ao horror à sua volta; uma mãe presa em um cinema, buscando uma saída para encontrar seus filhos; um matador preparando uma tocaia em um motel do interior; um cozinheiro atravessando a cidade para salvar a possível futura namorada; um pai desesperado à caça de Benzetacil, a última esperança para sua filha infectada; um rapaz provando ser capaz de entrar para a facção independente do último bairro seguro da cidade; um caipira sob a rédea curta da mãe controladora, ambos sozinhos em um sítio onde os sussurros do canavial não vêm do vento; a derradeira noite de poker de uma roda de figuras, estas alusões de cartas lançadas à própria sorte; uma jovem que, para ascender profissionalmente, precisa derrotar seu medo em um resort de esportes radicais; o único remanescente de uma cidade interiorana que, após muito filosofar, toma a última decisão; e, como não poderia faltar, um *spin-off* direto aos eventos de *Terra Morta: Fuga*, contando como Ricardo sobreviveu sozinho em Jaboticabal e conheceu Tiago e Daniela –, cada conto, sempre baseados no universo do sucesso de 2011 e do blog que originou a série, retrata diversas e terríveis realidades, um passeio por caminhos sem volta.

Cada membro deste seleto grupo de autores-sobreviventes foi escolhido com muito critério, todos com suas distintas contribuições

para que a viagem que agora se inicia seja prazerosa. Do mesmo modo, aconselho que seja cauteloso antes de vir conosco. Prepare um lanche, deixe uma garrafa de água do lado, certifique-se de que trancou bem as portas e janelas. Se possível, não acenda as luzes e nem ligue a TV ou o rádio. A partir deste instante sua atenção deve estar totalmente focada nos seguintes relatos. Assim que virar a página não existirá volta. Esqueça seus problemas, receios ou medos. Preocupe-se apenas em chegar vivo à última página. Digo **vivo** mesmo, e não **morto-vivo**.

Está pronto?

Tiago Toy  
*Novembro de 2013*



Tiago Toy

# Terra Morta

## Demônios eu vi lá no parque, demônios por todas as partes - Tiago Toy

Michele arrastou os pés até a borda da ponte. Esfregou os dedos nas palmas úmidas e ficou surpresa ao sentir a pele fria. A garganta estava sequiosa e o coração batia descompassado. Respirou de modo forçoso e engoliu em seco. Com o olhar firme no nascer do sol, inclinou o corpo e se deixou cair.

Por um instante, todos os sons e sentidos deixaram de existir. A velocidade da queda aumentava e a distância até a copa das árvores da floresta lá embaixo diminuía. Naquele momento esqueceu quaisquer preocupações, planos e pormenores. Era como voar, era libertador – até o momento em que a pressão veio de suas pernas e a puxou de volta.

Evitara o *bungee jumping* com todas as suas forças. Tinha acrofobia, e aquilo parecia pavoroso. Como se enganara. Era a emancipação de seus temores.



Pedro Henrique estava sentado no umbral. Sorriu ao ouvir passos sobre o caminho de pedriscos indo em sua direção. Nunca confundiria a vibração do andar de sua irmã.

– O que você está fazendo acordado?

O sorriso se alargou ao som da voz de Michele.

– Como foi? – ele perguntou. – Conseguiu?

Pedro havia despertado quando o alarme programado pela irmã soou. Sabia que ela havia pedido a um dos monitores para acompanhá-la em um salto de *bungee jumping* no exato momento da alvorada. Michele decidira ir a Brotas não somente pela emoção dos esportes radicais, mas porque ansiava por se livrar de uma vez dos grilhões de seu medo.

Havia sido promovida no escritório de advocacia em que trabalhava e, acompanhada pelo chefe, fora visitar seu novo espaço de trabalho em um andar superior do prédio – no 15º, sendo mais exato. Sua mesa ficava ao lado de uma ampla vidraça com vista para o centro de Araraquara. Sentiu as pernas bambas e um embrulho no estômago antes de correr para o banheiro mais próximo – masculino – e vomitar na primeira privada à vista. Mentiu para o chefe ao dizer que havia comido algumas porcarias no almoço. Não podia contar sobre o pavor de altura e que, portanto, precisaria da mesa em outro local. Alcançara um cargo cobiçado, e não começaria com exigências antes mesmo de ter a alteração na carteira profissional. No mesmo dia pesquisara sobre *bungee jumping* na internet – se lembrou de uma oportunidade passada de experimentar o salto, mas que se limitara a observar, de longe, os amigos se divertindo. Em um site descobrira que Brotas, a 109 km, dispunha de diversos resorts e hotéis-fazenda, e grande parte contava com esportes radicais no pacote. Selecionou os mais baratos e bonitos, e não demorou a se decidir por aquele. Era um dos poucos a oferecer a única atividade que, de fato, precisava.

Pedro havia esperado Michele sair para se levantar, comer e sentar na soleira. Torcia para que ela enfrentasse seu medo e saísse vitoriosa. Era o único para quem ela se abria; queria ser o primeiro a parabenizá-la. Ela percebeu sua ansiedade e respondeu:

– Consegui.

O sorriso do rapaz se transformou em um grito de viva. Michele riu, os olhos marejados, e se aproximou para o abraço. Aguardou Pedro encontrar a bengala encostada, se apoiar nela e, devagar, descer os dois degraus. Não se ateu aos olhos apagados do irmão mais velho. Encará-los era como observar uma janela envolta em névoa: eram vazios, errantes. O mesmo não podia ser dito sobre seu

sorriso. Michele contemplaria aquele sorriso por horas; tinha devoção pelo irmão. Admirava sua capacidade de, numa maneira só dele, enxergar o lado bom da vida.

A deficiência nunca fora um empecilho. Desde o acidente, aos três anos de idade, Pedro não dera vazão às lamentações. Havia encarado a nova condição até bem demais. Gostava de comparar-se a um herói de quadrinhos com a mesma característica, que, de dia, era um simples advogado (daí veio a escolha da carreira de Michele), e à noite usava de seus poderes – sentidos superaguçados – para combater o crime. Pedro se metera em diversas encenanças na escola devido às suas estripulias, mas a desenvoltura com que lidava com a situação impedia medidas mais enérgicas por parte dos docentes, nunca excedendo conselhos para ser mais cuidadoso. Não enxergar não o impediu de se tornar um rapaz popular. Tinha ótimos amigos, ótimas notas e uma ótima vida. Seu sorriso radiante não era nenhuma surpresa.

– Parabéns, irmã! – disse ele, abraçado a Michele. Os dois choraram de alegria.



Danilo se sentou à mesa sem dar bom dia. Esfregou os olhos inchados e bocejou em uma careta retorcida. Em seguida, lançou uma piscadela a Michele.

– Acordaram cedo, hein!

– Não vim pra dormir, lindão – ela respondeu, sustentando um olhar vacilante de encontro aos olhos escuros de Danilo. Como sempre, ele não retribuiu; não por mal, mas porque nunca percebera a mensagem por trás daqueles olhares. Michele não se via confessando o sentimento platônico nutrido pelo melhor amigo do irmão. Amava-o em segredo há tanto tempo que nem se lembrava.

O mais próximo que chegara de declarar-se havia sido há dois anos, em uma balada. Estavam com um grupo de amigos, todos bêbados. Michele havia se aproximado de Danilo, atingida pela coragem provocada pela dosagem certa de álcool, mas se assustara

quando ele a puxou para um canto mais escuro. Teve que lhe dar um belo tapa na cara para impedir que ele continuasse enfiando a mão por baixo de sua saia. Ninguém mais presenciara o ocorrido, e Michele decidiu se manter calada. Ficou aliviada quando, no dia seguinte, ele disse que não se lembrava de como havia ganhado aquele vergão no rosto. Nunca falaram sobre, e ela acabou perdoadando. A culpa era da bebida.

– E aí, de Castilho? – perguntou Danilo, bagunçando o cabelo de Pedro. Apelidara-o com o sobrenome do famoso escritor português cego, mais pelo fato de seu amor por livros do que pela deficiência, coisa pela qual Danilo não se interessava. A amizade superava qualquer ofensa, e ele era o único que se atrevia a tanto. – Dormiu como uma princesa?

– Não tanto quanto a rainha, vossa majestade – retrucou Pedro, reverenciando o amigo. Ambos se socaram de brincadeira.

– Quais os planos pra hoje? – continuou Danilo. – *Rafting*?

– Podemos começar com isso – respondeu Michele. Tentou evitar que metade de seu lanche natural lhe fosse roubado, mas Danilo foi ágil e abocanhou um generoso pedaço antes que ela pudesse alcançá-lo. – Ei, vá pegar seu próprio café da manhã!

Danilo mostrou os dentes sujos de patê de frango e mastigou de boca aberta. Adorava irritá-la. Ela podia fazer cara de descontente, mas ambos sabiam que era fingimento. Protegendo a bandeja com os braços em arco, Michele mostrou a língua. Sentia-se uma criança quando interagia com Danilo.

– Se querem descer as corredeiras, é melhor comerem rápido – avisou Pedro. – O guia me disse que o *rafting* começa às nove.

Michele e Danilo lançaram um olhar ao relógio de parede, os ponteiros em forma de garfo e faca; estava quase na hora. Enquanto ela acelerou as mordidas, o outro foi ao balcão fazer o pedido.



Danilo desistiu de gritar. As canoas já estavam longe, e o barulho das corredeiras abafaria qualquer outro som. Descobriu Pedro

sorrindo, debochado.

– Eu avisei.

– Se você andasse mais rápido, teríamos chegado a tempo – falou Danilo, protegendo os olhos do sol com as mãos.

– Se você tivesse me carregado nas costas, como a mula que é – retrucou Pedro, erguendo as mãos para se proteger do ataque que viria. Danilo tentou pegá-lo desprevenido com cócegas, mas o som de seus passos o entregou, e ambos caíram na grama em uma imitação fajuta de briga de ringue.

– Qual a ideia agora? – perguntou Michele, elevando a voz para ser ouvida sobre a algazarra dos rapazes. – Não esperam que eu passe o dia rolando no chão com vocês?

– O que mais há se pra fazer por aqui? – perguntou Danilo, tentando se livrar de uma chave de braço.

– Vamos explorar o bosque – sugeriu Pedro, enfim soltando o amigo quando o sentiu irritado por estar dominado. – Eu posso guiá-los com meu olfato superdesenvolvido.

– A única coisa que você consegue cheirar é sua bunda, de Castilho – disse Danilo, se levantando e batendo na calça para soltar as folhas grudadas. – Mas aceito a proposta. E o guia serei eu.



O olfato “superdesenvolvido” de Pedro Henrique não era algo provado em ciência, mas definitivamente ele sentia o cheiro de flores. Desde que haviam deixado a trilha principal e se embrenharam na mata, Michele percebeu que ele inspirava com firmeza quando se aproximavam de jardins naturais. No fundo, ela sentia inveja branca por não ter a mesma capacidade.

Danilo assumiu o posto de guia com afinco. Abrindo passagem, quando necessário, com um galho forte e comprido, encontrou, por acaso, belas paisagens que não estavam inclusas no pacote. Michele conseguiu tirar ótimas fotos com seu iPhone, e nem se importou com as picadas dos insetos. Vez ou outra auxiliava Pedro em pontos

mais complicados de caminhar, mas logo o deixava por sua conta, como ele preferia.

Michele se deu conta de que haviam andado demais quando seu estômago roncou. Olhou o horário em seu celular; no canto superior remanesciam duas barrinhas de carga.

– Vamos voltar, meninos?

Pedro virou a cabeça em sua direção e acenou, concordando.

– Vamos. Já estou com fome de novo.

– Danilo?

O rapaz estava apoiado no tronco grosso de uma árvore, se escondendo. Ao ouvir seu nome, fez sinal de silêncio e os chamou com um aceno da mão. Michele sentiu o coração disparar; imaginou algum animal selvagem ali.

– Pedro, espere aqui – disse baixinho, e seguiu até Danilo. – O que foi?

– Olha isso – ele respondeu, indicando a vegetação adiante.

Michele não entendeu de imediato. Procurou ao redor por algum bicho, mas viu apenas pássaros voando assustados com sua presença. Seguiu o olhar de Danilo, e então viu. Estava bem à sua frente: uma extensa plantação de maconha.

– Aqui tem maconha pra chapar um batalhão – sussurrou Danilo, divertido. – Como pode?

– Não pode. Esse plantio é ilegal. Clandestino.

Algo em seu peito avisou que eles não deviam estar ali. Sobre os ombros, procurou Pedro. Estava parado no mesmo lugar. Ao voltar o olhar a Danilo, se assustou ao vê-lo entrando em meio à plantação.

– Danilo!

Michele arfou quando ele lançou uma expressão de *vou dar só uma olhadinha* e sumiu por entre as folhas.



O cheiro dominante era forte, enjoativo e adocicado, e Danilo estava em êxtase. Não era nenhum viciado, mas todo bom universitário que se preze conhece a louca sensação proporcionada

por uma brisa. Nunca fora careta; já experimentara de tudo – exceto crack –, e se gabava de ter autocontrole suficiente para não se deixar depender de montinhos de pó ou erva moída enrolada em seda. Por isso precisava aproveitar e colher um bom punhado para vender na faculdade.

Precisava se certificar de que Michele não veria aquilo. Conhecia a amiga. Ela não o impediria, mas o encheria de sermões e ficaria emburrada o resto do dia. Andou mais do que pretendia e acabou alcançando o extremo da plantação. Ao ouvir uma conversa não muito distante, estacou. A curiosidade sempre é mais forte do que a prudência, e não foi diferente com Danilo. Cauteloso, deu mais alguns passos e se abaixou.

Um homem gordo em seus quarenta anos, mas aparentando mais, de barba por fazer, grisalha, e camisa xadrez vermelha e preta falava no celular. O teor da conversa era ininteligível àquela distância, o que não bastou para fazer Danilo voltar. Seus olhos abelhudos seguiram o andar relaxado do sujeito até ele entrar em uma tenda improvisada, onde a conversa continuou.

Danilo sabia que devia sair dali, mas, por algum motivo desconhecido, queria observar um pouco mais. Estacionada atrás da tenda estava uma picape. Havia uma fogueira recém-extinta e uma cadeira de couro do outro lado.

– Danilo!

O som da voz de Michele ecoou tão alto que o fez pular; não devia ter andado mais do que pensou. Infelizmente, não foi o único a ouvir. Levou algum tempo, mas o homem apareceu, a cabeça girando a 180 graus em busca da dona daquela voz, e não segurava mais um celular: portava uma espingarda pronta para disparar. Enxergar aquele longo cano duplo motivou Danilo a fugir. Não podia ter saído em pior hora.

Sem se preocupar em manter o esconderijo, correu rápido demais e acabou deixando um rastro de vegetação chacoalhando. Veio o som do primeiro tiro, levando consigo uma linha reta de folhas destruídas, na altura de sua cabeça e perto demais. O som de telefone ocupado continuaria por horas em seu ouvido – se saísse vivo dali.



Logo despontou para fora da plantação, a alguns metros de onde havia entrado. Michele e Pedro estavam de mãos dadas, ambos assustados. A amiga gritou quando o viu:

– Que barulho foi esse? O que você...

Outro disparo a interrompeu. A explicação podia esperar. Tinham coisas mais importantes no momento, como correr para a trilha principal, e de volta ao parque.



Após revirar a mochila, Michele se conformou: havia esquecido o carregador do iPhone.

– Deixe ele quieto. Se ficar mexendo, a bateria acaba mais rápido – disse Danilo.

Assim que chegaram a salvo da inesperada desventura, contou o que havia visto na plantação. Michele logo soube que precisava contatar alguém, mas, a pedido dos rapazes, deixou para fazê-lo apenas quando fossem embora. A denúncia encheria o lugar de policiais e acabaria com o passeio. Almoçaram, e foram aproveitar a tirolesa e outros esportes não tão radicais pelo resto da tarde.

Pedro saiu do banheiro enrolado em uma toalha.

– Já decidiram qual a boa da noite? – perguntou.

O parque não estava em sua melhor época. Michele pensou que encontrariam, pelo menos, uma centena de turistas. Não havia mais de vinte. O mesmo guia que a acompanhara no *bungee jumping* contou que a temporada de pico estava longe, por isso o valor com desconto. Significava a exclusão de determinadas atividades, principalmente as noturnas. Pela janela, Danilo enxergou somente o breu da noite. Nenhuma fogueira para assar *marshmallows* como nos filmes, conforme esperava. Não sabia nem se havia algum *marshmallow* por ali.

– Que tal o jogo do copo? – sugeriu, sem entusiasmo.

– De novo essa besteira? – perguntou Michele. Não era a primeira vez que ele os chamava para brincar. Sabia do que se tratava, mas não era cética àquele ponto. Olhou ao redor. Não havia TV, não

poderiam ouvir música no celular, não havia o que fazer lá fora. Balançou os ombros. – Por que não?



Os indicadores dos três estavam depositados sobre a base do copo. Um círculo de letras pintadas em recortes foi improvisado ao redor, e Danilo insistira em deixar apenas uma vela para iluminar. Ajudaria a construir o clima.

Michele achava tudo aquilo uma grande perda de tempo, mas não havia alternativa. Além disso, logo cansariam e cairiam nas camas. Ela já estava com sono.

Danilo pigarreou e deu início à brincadeira.

– Boa noite, irmãos espíritos! Nos reunimos aqui para contatar um de vocês. Ei, pare de rir! – cutucou Pedro com o cotovelo. O amigo reprimiu o riso, sem muita convicção. Danilo continuou: – Se há alguém que queira dizer alguma coisa, eis o momento.

– Não precisamos rezar ou algo assim? – perguntou Michele.

No mesmo instante, o copo se mexeu. Foi direto à letra N.

– Acho que é um não – respondeu Danilo, sério.

– Tá bom! – falou Pedro. – Quer mesmo que eu acredite que não foi você?

– Não fui eu. Será que vocês podem levar essa merda a sério? – indignou-se ele. Depois, prosseguiu: – Quer nos dizer seu nome?

O silêncio no quarto reinou por um tempo. Lá fora, em algum ponto distante, ouviram um grito. O copo começou a se arrastar até a letra F. Michele lançou um olhar à janela, curiosa pelo som. Resolveu ignorar o jogo e deixar Danilo se divertir, até perceber qual nome ele estava soletrando. *Fátima*.

– Que brincadeira de mau gosto é esta?

– Juro que não fui eu!

– O que foi? – perguntou Pedro.

Fuzilando Danilo com o olhar, Michele sentiu as lágrimas vindo. Não acreditava que ele podia brincar com sua mãe, morta naquele acidente, o mesmo que havia resultado na cegueira de Pedro. O

irmão era muito novo para lembrar, mas resolveu poupá-lo do humor negro do amigo.

– Nada. Ele só está soletrando besteiras.

– E qual a novidade? – brincou Pedro. – Você ainda espera algo sério desse idiota?

Danilo permaneceu calado. Michele pensou que havia se arrependido, mas era outra coisa. Seu olhar estava fixo no copo. A alusão à mãe falecida a fez esquecer o dedo ainda apoiado sobre o copo, este se movendo lentamente. Tentou repreender Danilo sem que o irmão percebesse, mas foi ignorada. Danilo acompanhava as letras com olhos fixos e formava sílabas sussurradas. Por fim, a mensagem se formou.

– *Não deviam ter ido lá.*

Outro grito lá fora. Michele se levantou rápido, derrubando o copo no movimento.

– Chega! – disse, acendendo a luz.

– Mas não fui...

– Para com isso, Danilo. Você foi longe demais.

Pedro notou a tensão e também se levantou.

– O que você fez pra deixá-la assim, cara?

– Não podíamos ter quebrado o círculo – disse Danilo, ignorando a pergunta do amigo. – Precisamos consertar...

Com o quarto iluminado, Michele percebeu o que havia de errado, e nem precisou se aproximar muito de Danilo para ver seus olhos vermelhos e a expressão monga.

– Você está chapado? – gritou. – Você pegou maconha daquela plantação e se chapou?

– Foi só uma tragadinha.

Revirando os olhos, Michele girou a maçaneta e abriu a porta. Precisava sair de perto de Danilo, tomar um ar, mas qualquer plano que estivesse formando evaporou de sua cabeça quando viu o que acontecia lá fora.

Um homem gordo, em seus quarenta anos, mas aparentando mais, de barba por fazer, grisalha, e camisa xadrez vermelha e preta estava sobre um dos guias do parque em posição animalesca, como se tivesse abatido uma presa. Era o mesmo guia que a levara ao

*bungee jumping*. Percebera que o rapaz era vistoso, tinha músculos aparentes, mas que de nada serviam contra a força daquele homem sobre ele. Socos desferidos na lateral de sua cabeça não adiantaram para fazê-lo soltar o pescoço do guia, este perdendo as forças e se limitando a segurar a gola da camisa xadrez. O gordo berrava de modo estranho, e uma mistura de baba espumosa e sangue escuro vazava de sua boca, manchando o rosto do guia. Deixando de estrangulá-lo, passou a socar sua cabeça e, por fim, o mordeu, arrancando do rapaz o nariz e um longo grito de dor.

– Larga ele! – ordenou Michele, atraindo a atenção do louco.

Levantando num pulo mais ágil do que seu físico poderia permitir, o gordo disparou em sua direção, berrando alucinado. Michele bateu a porta e girou a chave, por sorte, já na fechadura. A pancada veio na sequência, fazendo as dobradiças tremerem.

– O que houve? – perguntou Pedro, assustado.

– Tem um louco lá fora. Estavam brigando... Ele arrancou o nariz do guia!

– Como assim? – Danilo deixou os papéis de lado e correu até ela, ajudando a segurar a porta. – Ei, você! Nós vamos chamar a polícia!

A resposta veio em forma de berros bestiais e pancadas cada vez mais violentas. Pedro se atrapalhou no tumulto e tropeçou na vela, a derrubando sobre o tapete e iniciando um pequeno incêndio.

– Pedro, sai daí! – gritou Michele, indecisa se continuava se forçando contra a porta ou se corria e apagava o fogo. – Você vai se queimar!

– Apaga – disse Danilo entredentes. – Eu aguento.

Michele balbuciou qualquer coisa e deu indícios de correr, mas outra pancada a fez gritar. A base da porta de madeira havia se rachado. Quando voltou a olhar para o tapete, era tarde. O fogo havia alcançado a barra do lençol e subira para a cama.

– Tô sentindo cheiro de fumaça – falou Pedro, confuso.

– Droga!

Apertando o braço de Danilo, em sinal de aviso, Michele se dirigiu a passos largos e puxou o lençol, enrolando-o, na tentativa de abafar o fogo. Com os pés, sapateou sobre o tapete, extinguindo as

poucas chamas que restavam das cinzas. Correndo ao banheiro, enfiou o lençol dentro do vaso sanitário e puxou a descarga. Em seguida, ouviu o estrondo.

A porta havia sido arrombada, e o gordo invadiu. Derrubando Danilo, a primeira visão que teve foi a de Pedro, tateando ao redor em busca de um apoio. Antes que pudesse perceber, Pedro foi jogado sobre a cama e sentiu um peso anormal sobre si.

– Quem é...?

A pergunta foi interrompida com um soco no peito, provocando um arfar no garoto. O homem gritou como se estivesse possuído por alguma entidade funesta, e desceu a boca escancarada em direção ao rosto de Pedro, os dentes à mostra. Talvez pressentindo o incomum ataque, Pedro dobrou o antebraço e o forçou contra o pescoço quase inexistente do homem. As mãos rechonchudas continuavam a socar descontroladas, enquanto os dentes batiam em uma louca tentativa de arrancar a primeira parte que conseguissem alcançar do rosto do garoto. Seu hálito era quente e trazia consigo algo que lembrava churrasco e cobre. Sua obstinação em mordê-lo era tremenda. Pedro não aguentaria muito mais tempo.

Michele voltou ao quarto apenas para testemunhar a invasão e o ataque, rápidos como um filme em velocidade acelerada. Viu Danilo sendo arremessado de costas contra a cômoda e caindo desfalecido, e Pedro sendo atacado no escuro. Encontrou a bengala do irmão encostada na porta do armário, e não pensou duas vezes. Segurando firme, pulou sobre o homem e encaixou a bengala na boca aberta, forçando sua cabeça para trás. Ele berrava com dificuldade, deixando de atacar o garoto e girando na tentativa de se desvencilhar da armadilha. Bastou um puxão para arrancar a bengala das mãos de Michele e jogá-la a esmo. Pedro continuava a balançar os braços no ar, se preparando para uma nova investida, mas não estava preparado para o que veio. O gordo fixou os olhos de veias rompidas na mão que se movia diante de seu rosto, e cravou-lhe os dentes. Pedro gritou de dor.

O som da voz do amigo em apuros foi como uma injeção de adrenalina em Danilo. Sentindo pontadas nas costas, se levantou trôpego e se atirou sobre o homem, o agarrando pela camisa, e uma

única e forte puxada o tirou de cima de Pedro. O gordo se atrapalhou nas próprias pernas e caiu de quatro no chão, sendo recebido por pontapés intensos no rosto. Tentou se levantar, mas mal suas mãos tocavam o assoalho e o apoio era desfeito por mais chutes. Aproximou o rosto da perna de Danilo, a boca escancarada buscando uma mordida, e os dentes foram destruídos pelo bico do tênis feroz. Sangue espirrou por todo o chão.

Na cama, Michele puxou a fronha do travesseiro para limpar o ferimento na mão de Pedro, o garoto choramingando. Ele não sabia o que estava acontecendo, mas sentia a gravidade da situação, principalmente pelo toque trêmulo da irmã. Michele não tirou os olhos de Danilo. Gritava de modo tão horrível quanto o homem, à medida que intensificava os golpes. Desistindo de chutar, após deixar um lado do rosto do homem irreconhecível, se ajoelhou sobre suas costas e agarrou os cabelos grisalhos sujos de sangue, puxando sua cabeça para cima e empurrando-a com força contra o chão, num vai e vem contínuo. Michele virou o rosto e fechou os olhos. Apenas ouvia – o som das pancadas, do homem engasgando no próprio sangue, de ossos se partindo. Depois de um tempo longo demais, percebeu que o silêncio era quebrado apenas pela respiração ofegante de Danilo.

O gordo estava imóvel, o rosto inexistente afundado em uma poça de sangue e dentes. Danilo se levantou devagar e ficou de pé, os olhos fixos no que acabara de fazer. Em seguida, vomitou.



O enfermeiro terminou o curativo no braço de Pedro e lançou um sorriso forçado a Michele, sentada ao seu lado. A sós, ela perguntou:

– Como está se sentindo?

Pedro mantinha um olhar assustado. O ataque o pegara desprevenido, e, ainda que ninguém contasse em detalhes, ele criara uma vaga ideia do que havia acontecido.

– Dói. Coça. Parece que há alguma coisa deslizando sob minha pele. Se enraizando, sabe? Ficou feio?

Michele evitara olhar o ferimento. Não era lá muito forte nesse assunto. Enquanto a gaze era enrolada, conseguiu analisar a mordida em breves espiadas. Não estava nada bonito.

– Vai cicatrizar, relaxa.

– Cadê o Danilo?

– Lá fora, contando o que houve – respondeu. Considerando o que havia acontecido de verdade, aquela era uma resposta muito vaga.

Atraídos pelo som da briga, dois guias foram ao quarto e se depararam com algo que nunca acontecera ali. Um rapaz coberto de sangue, com um olhar sinistro e um corpo muito maior aos seus pés, um dos colegas inconsciente com um grave ferimento no rosto, e um casal de irmãos abraçado em estado de choque. Não tardou e logo todo o parque – um punhado de funcionários e turistas – estava aglomerado no pátio. Havia chamado uma ambulância e a polícia, mas foram notificados quanto a um possível atraso da parte de ambos devido a inúmeros focos de incidentes na região. A enfermaria serviria para cuidar dos jovens, mas a gravidade do ferimento do guia requeria um cuidado mais delicado. O sangue fora estancado e seu rosto enfaixado. Se a ajuda demorasse, não haveria esperança.

Pela janela, Michele viu Danilo sendo contido por alguns homens após socar um deles. Se debatia com violência, talvez por culpa da maconha. Havia encontrado um monte da planta em suas coisas, o levando à agressão. Antes de ser encaminhada à enfermaria, o ouvira dizendo que conhecia o homem que os atacara: era o vigia da plantação clandestina. Não entendera por que havia atacado o guia daquela forma, mas sabia que tudo de mais louco poderia acontecer se drogas estivessem envolvidas. Um suspiro e fechou a persiana. Tentaria descansar até que o socorro chegasse. Queria ser liberada logo para poder ir embora. O parque havia sido um erro.

Na cama ao lado, Pedro começou a tremer. Suava. No quarto ao lado, o guia murmurava. Gemia de dor.



*Não devia ter deixado a maconha dando sopa*, pensou Danilo. Poderia ter esperado até o último dia para voltar à plantação e encher a bolsa. Também não devia ter brincado com o nome da mãe dos amigos. Era difícil se controlar e não fazer burrices quando estava chapado. Por mais que pensasse ter domínio sobre seus atos, de saber o que fazia e ter certeza de que se lembraria de tudo quando voltasse ao normal, a verdade é que não era tão forte. A imagem que transmitia e seu verdadeiro eu andavam em lados opostos. Para começar, havia se aproximado de Pedro apenas para se destacar. Nunca imaginara que o ceguinho poderia ser mais popular do que um cara como ele, normal. Quando percebeu que continuava sendo um perdedor, se aquietou e acabou se acostumando à amizade. Inconscientemente tentou levar Pedro para o seu lado, apresentando-lhe drogas e outras coisas errôneas, mas concluiu que não conseguiria desvirtuá-lo, e desistiu, se restringindo a ser amigo e nada mais.

Esmagando o crânio daquele gordo imundo, Danilo sentiu o poder que sempre desejara. Estava no topo, seu lugar. Era o macho dominante. À medida que o sangue esfriava, seus pensamentos se encaixavam – ou era o que ele imaginava. Daquela noite em diante seria outro, dono de seus desejos. O passo inicial era se livrar da maconha antes que a polícia chegasse, e os funcionários do parque a tinham.



A sensação de queda a despertou de maneira brusca. Michele arfou e olhou ao redor. Pedro não estava ali. Sentou na beira da cama e esperou a respiração normalizar. As luzes estavam apagadas. Pegou o iPhone sobre o criado-mudo e conferiu o horário. Era o último terço da madrugada, e a barrinha remanescente de carga lutava para se manter. Um som veio da penumbra.

Arranhões. Quase imperceptíveis, mas o silêncio os intensificava. Vinham do corredor. Atingida por um medo súbito, se levantou e caminhou até a porta. Os olhos ainda não haviam se acostumado à escuridão, mas distinguiu uma silhueta encurvada. Apreensiva,



acendeu o visor do iPhone e o iluminou. Pedro esfregava com violência as pontas dos dedos na parede. O corpo tremia em breves espasmos seguidos de um som gutural, cortado vez ou outra pelos dentes se raspando. Assustada, deslizou os pés em sua direção, o piso gelado sentido através da meia, mas estacou quando o irmão, em um giro repentino, arregalou os olhos em sono eterno em sua direção. Sim, era Pedro e, ao mesmo tempo, não era. Nunca o vira daquela forma. Por entre seus dentes escapava um líquido negro, imundiçando sua camiseta e deixando um rastro no chão. Foi quando desviou o iPhone e iluminou adiante. Havia alguém ali, caído; percebeu que respirava com dificuldade. Forçando a vista, encarou o olhar da moribunda, uma garota com um sério ferimento entre o ombro e o pescoço.

– O quê...?

O ataque veio rápido. No exato instante em que o som saiu de sua boca, Pedro berrou em resposta e disparou, os dedos abertos na tentativa de agarrar o que primeiro encontrasse. Michele conseguiu desviar e se encolher contra a parede, o irmão passando por ela e parando a alguns passos, confuso e irritado. Em um esgar colérico, girou nos calcanhares, os braços dançando em uma busca cega.

Os joelhos travaram e o medo dominou. Temia por seu irmão. Teria sido infectado com algo vindo daquele filho da mãe que o mordera? Não poderia lutar contra ele, a pessoa que mais amava, então decidiu não se mover. Observou-o caminhar e bater contra as paredes, e o seguiu a passos curtos quando ele começou a se distanciar. Tomaria conta do irmão até que voltasse ao normal. Se concentrou a ponto de esquecer a garota ferida. Só lembrou quando ouviu o grito. Sobre o ombro, a viu correndo em sua direção, iluminada pela luz do luar vinda das janelas do corredor. De uma porta despontou outra figura, a cabeça enfaixada em gazes ensanguentadas: o guia atacado. No encontro de olhares, o dele transmitindo uma raiva quase insólita, irrompeu o berro. Em uma fração de segundo, tudo se encaixou: o gordo havia transmitido algo por aquela mordida e infectara o guia e Pedro; este, por sua vez, infectou a garota no corredor. Michele seria a próxima. Estava cercada. Engolindo em seco, correu e se atirou pela janela.

A queda não foi pior graças aos arbustos, o que não evitou arranhões por todo o corpo. Sentiu os ossos moídos quando se levantou. Se quebrara algo, descobriria mais tarde. No alto, a garota e o cabeça-enfaixada a encaravam e gritavam. Pedro também gritou, até se desequilibrar e despencar, caindo onde Michele estivera há poucos segundos. O farfalhar das folhas não abafou o estalo de seu pescoço se quebrando. Michele explodiu em choro, mas seu luto não durou muito. Antes que pudesse identificar o som – passos ligeiros sobre o cascalho – foi surpreendida por uma mão de toque quente tapando sua boca, e uma força que a puxou para trás dos arbustos. Tentou espernear, mas o outro era mais forte. A sensação de que iria morrer se dissipou apenas quando um sussurro em seu ouvido pediu para manter silêncio. Era Danilo.

– Não grita – disse ele, afrouxando a mão que servia como mordada. – Eles vão ouvir.

Os malucos haviam desaparecido das janelas, e ela pensou em responder que eles não estavam mais ali, então não os ouviriam. O problema era: Danilo não se referia a eles. Seus olhos esbugalhados sequer olhavam para cima. Estavam fixos em outra direção, para onde Michele se virou. Desta vez, ela mesma tapou a própria boca para não gritar.

O pátio estava iluminado pelos postes em fileira, seguindo por trilhas sinuosas que levavam aos diversos *points* do parque. Desde que chegara, Michele achou que a quantidade de turistas hospedados era baixa demais; naquele momento, deu graças a Deus por não haver mais. Dezenas de pessoas desaceleravam a recente corrida atrás de Danilo, dispersas pelo gramado. Giravam os rostos em todas as direções, procurando, cheirando... Rosnando. Algumas estavam próximas demais, e Michele viu em seus olhos a mesma ira sobrenatural testemunhada no guia da cabeça enfaixada e na garota atacada por Pedro. O mesmo olhar do gordo que machucara seu irmão. Aquele maldito gordo fora o primeiro.

– É culpa minha.

A voz de Danilo saiu como se ele não quisesse dividir aquela informação com mais ninguém. Michele levou algum tempo para processar o que ouvira. Danilo tremia.

– Não devia ter brincado com aquilo. É culpa minha. Eu libertei os demônios.

Seus olhos estavam vermelhos, mas não havia lágrimas. O molhado de seu rosto era suor. Danilo ainda estava chapado, e, se não como antes, bem mais.

– Você fumou de novo? – Michele perguntou, se esforçando para manter a voz em um tom diminuto.

– Eu precisava sumir com a maconha. A polícia está vindo – Danilo rangia os dentes entre as frases, esfregando os dedos nas palmas de modo contínuo. – Foi quando eles apareceram. Os guias vieram primeiro. Me seguraram, mas eu consegui sair.

Um sorriso demente iluminava seu rosto. Michele se certificou de que continuavam ocultos diante da pequena multidão adiante, e voltou sua atenção a Danilo, chapadão.

– Um carro invadiu o parque e veio contra o chalé. Arrebentou tudo. As pessoas são curiosas, se são! O demônio estava no carro.

– Não são demônios...

– As pessoas também são burras. O demônio *pegou elas* sem esforço. Estava alistando uma a uma em seu exército. Bastava um toque e outro demônio era criado – balbuciou Danilo, e agarrou o braço de Michele. – Não seja mordida! Está nos dentes.

– Danilo, me escuta! Você tá delirando. Não há demônios...

A mão de volta à sua boca impediu a conclusão da frase.

– O gordo atirou em nós, lembra? Há uma arma lá.

Não podiam passar a noite sob aquele arbusto, Michele sabia, mas sabia também que não podiam se embrenhar na mata. Seria suicídio. Antes que pudesse sugerir qualquer outro plano, Danilo apertou os dedos em volta de seu pulso, fechados como uma algema, e a puxou. Lutar seria inútil. Mesmo que se desvencilhasse, seria pega pelos... Nem sabia como chamá-los. O esconderijo não mais existia. Os gritos obscenos ecoando por todo o parque eram como o alarme de uma prisão de segurança máxima alertando sobre uma fuga de presos. Michele se sentiu exatamente assim: presa em um pesadelo.

Os *demônios* vinham de todos os lados. Sem olhar para trás, se deixou conduzir por Danilo, tomando cuidado para não tropeçar.



Àquele ponto, a boca estava seca e a camisa grudada na pele suada. O aperto de Danilo em seu pulso não afrouxara. Durante todo o trajeto, ele não lançara um único olhar para trás. Seguia sempre em frente. Se Michele caísse, tinha certeza de que ele a arrastaria, como no mito sobre o acasalamento do homem das cavernas.

Quando ouvira Pedro convidando Danilo para a viagem, Michele vibrara. Havia pensado em chamá-lo, mas não teve coragem. Imaginou se teria a chance de ficarem a sós, e, mesmo que não rolasse nada, seria mais uma gostosa lembrança guardada naquela caixinha secreta de momentos criados por sofredores de amor platônico. A recordação que conseguiu, no entanto, era a pior de sua vida. Nem pôde velar por Pedro.

Primeiro foram as árvores a se tornarem borrões; depois, todo o resto. Michele pensou que desmaiaria, resultado da carga de emoções provocada pelos últimos eventos, mas não era isso. Antes de saírem da trilha já havia notado a fumaça no ar. Cheiro de queimado – e de algo mais. Estavam percorrendo aquele mesmo caminho há longos minutos, e a estranha sensação só fazia aumentar. Sentiu os músculos relaxados, uma vontade repentina de rir e chorar. Sem mencionar a fome; seu estômago roncava. Abriu a boca para chamar Danilo, pedir para descansar, mas os lábios não obedeciam. Quando o rapaz a soltou, Michele deu mais alguns passos desajeitados, a cabeça pesada, e se ajoelhou na grama. Ao sentir o calor, levantou os olhos e foi atingida pelo clarão.

O plantio de maconha estava em chamas. Não havia sido devastada por completo, mas, pela altura das labaredas, logo restariam apenas cinzas. Respirou fundo e sentiu a fumaça alucinógena invadir seu peito e sua cabeça. Os olhos se arregalaram num repente. Riu um pouco, e depois gargalhou. Danilo tentava entrar na plantação, mas um acesso de tosse o fez recuar. Sua expressão era de total desapontamento. Chutou a terra várias vezes e arrancou algumas mudas aos berros. Michele olhou ao redor.

Haviam conseguido fugir. Estavam a sós. Ouviu Danilo se aproximando, sua respiração ofegante, e se preparou para recebê-lo com um sorriso. Se morresse, ao menos estava acompanhada pelo residente de seus sonhos... O chute no rosto a fez se desequilibrar e rolar.

Atordoada, Michele sentiu as forças se esvaindo. Tentou se apoiar nos braços, mas foi em vão. Cuspiu sem força a terra da boca. Havia sangue também. Sentiu mãos agarrando sua roupa com violência, a calça de moletom puxada até as canelas e, em seguida, a calcinha. Buscou por Danilo, a vista embaçada, e o encontrou quando ouviu sua voz urgente em seu ouvido.

– Não vou morrer virgem!

Numa procura por forças, resistiu, mantendo as pernas juntas, mas percebeu que a tentativa seria inútil quando Danilo cuspiu no vão entre suas nádegas. Havia algo mais, molhado, em jorros. Pediu por favor, sua voz imprestável em comparação ao crepitar do incêndio. O rosto foi pressionado contra a grama no momento em que o membro quente forçou passagem entre as pernas.

– Danilo...

Ceder foi sua última ação. A penetração aconteceria com ou sem seu consentimento. As lágrimas desceram, e Michele assistiu o sol nascer sobre a plantação em chamas enquanto o corpo balançava.



O que a acordou foi a sensação pegajosa e quente. Mal abriu os olhos, sentiu a dor lancinante na vagina. Havia também uma coceira. Assustou-se ao descobrir um cachorro a lambendo. Chutou-o, e o animal saiu se arrastando contra uma árvore, para, em seguida, sumir pelo matagal.

Sem se levantar, puxou a calça e sentiu ardor ao toque da calcinha. Buscou com o olhar pávido. Nem sinal de Danilo. Ao longe, do outro lado da plantação totalmente consumida, avistou uma caminhonete carbonizada no que sobrara de um acampamento. O mais provável era o incêndio ter começado lá. O iPhone vibrou em

seu bolso e tocou o refrão de uma *boyband*. Michele se atrapalhou ao pegá-lo, a música ecoando.

– Alô?

– Michele, você tem que me ajudar!

Era Daniela, sua amiga e irmã de Danilo.

– Dani? – gritou, se esquecendo de manter a voz baixa. – Onde você tá?

– Em Jaboticabal. Nós viemos jogar, mas aconteceu uma coisa horrível. Um homem...

Michele não esperou que ela concluísse. Pela urgência em sua voz, se antecipou:

– Dani – interrompeu. – Onde você tá? Na rua ou em algum lugar?

– No vestiário do ginásio. Por quê?

– Não sai daí. Não vá para a rua. Fique trancada e chame a polícia. Não deixe ninguém te morder.

– Michele! Alô? – respondeu Daniela.

– Você me ouviu? Não saia daí.

– O que você tá falando, Mi? Você precisa avisar a polícia. Dizer que uma quadrilha tomou a cidade. Alguém precisa me buscar!

– Dani, não é nenhuma quadrilha. Não saia daí! Fique longe deles. Não deixe te morderem, senão você vira um deles. Me ouviu?

A ligação foi interrompida. A bateria havia travado uma longa batalha, mas chegara ao fim. Encostada no tronco, Michele pendeu a cabeça para trás e encarou o céu. Azul, calmo, lindo. Um pássaro voava solitário, talvez levando uma minhoca no bico para seus filhotes. Uma brisa atingiu seu rosto e ela fechou os olhos, conseguindo assimilar a recente descoberta.

Daniela estava em Jaboticabal, a 180 km de Brotas, e, o que quer que estivesse acontecendo ali, acontecia lá. Araraquara ficava no caminho *entre* as cidades. A conclusão era desanimadora. Entregue a um torpor derrotista, sentiu as lágrimas voltando e não foi rápida para evitar o ataque de alguém que irrompeu da vegetação alta.



Michele arrastou os pés até a borda da ponte. Esfregou os dedos nas palmas úmidas e ficou surpresa por não sentir a pele fria. Não estava com medo. Respirou com calma e, admirando o pôr do sol, inclinou o corpo e se deixou cair. A velocidade da queda aumentava e a distância até a copa das árvores da floresta lá embaixo diminuía. O ombro doía. A mordida arrancara um pedaço de sua carne, mas a dor no peito era maior. Naquele momento, se permitiu esquecer quaisquer preocupações, planos e pormenores.

Estava voando.

## Encaixotando Natália - Gabriel Réquiem

O sol do meio-dia parecia o olho flamejante de um vilão tolkeniano. Sua luz cáustica fritava toda a parede oeste do edifício, cozinhando os últimos moradores do quinto andar. Um deles, Beto, enxugou o suor na testa. A camiseta ensopada aderira à pele mais intimamente que uma tatuagem.

Havia isolado as janelas com chapas de compensado, bloqueando a brisa de verão. Ainda assim ele sentia frio; não o frio climático, mas um gelo que subia pela espinha como o mercúrio de um termômetro.

Beto voltou a martelar o prego, e cada impacto pesava na consciência. Conforme a ripa colava-se à soleira da porta, comprimia também seu coração.

– Pai, por favor, não me deixa aqui – gritava a menina, trancada no quarto. Os murros dela eram frágeis, causando um baque surdo no outro lado da madeira.

Beto não conseguia conter as próprias lágrimas. As súplicas de Natália faziam-no imaginar a si mesmo como um Deus vencido pelo mundo, indiferente aos cravos que enfiavam nos pulsos do filho unigênito. Cada vez mais aquela ripa assemelhava-se ao braço horizontal de uma cruz romana a ser usada no sacrifício de um inocente.

– Paaaaai! Paaaaai! Eu tô com medo! Por favooooor, não me deixa aqui!!!

Soluços irromperam da voz chorosa da menina, convertendo palavras em gorgolejos difusos. Beto compartilhou o sofrimento, silenciosamente. Fungou o ranho que lhe escorria pelo nariz.



*Você não pode amolecer! Não pode amolecer!*, pensava ele, recitando a frase com a determinação de um viciado em mantras de autoajuda.

A verdade é que amolecer já não era uma opção. O ponteiro do relógio mutilava valiosos minutos com a precisão de um machado.

Natália tinha sido mordida por um dos infectados.

Beto precisava achar um antibiótico potente antes que fosse tarde demais. Sabia que suas chances eram remotas; não viu ninguém conseguir retardar a transformação. Mas, como pai, recusava-se a aceitar a fatalidade. Se encontrasse uma dose de Benzetacil em menos de uma hora, talvez pudesse destruir a infecção, torná-la reversível. A ciência não havia estudado a doença. Não existiam dogmas que contestassem aquela improvável teoria saída da cabeça de um homem desamparado.

*Ela está condenada*, dizia o instinto de sobrevivência a Beto.

*Há uma chance*, retrucava o chefe de família acima da fera evoluída.

*Ela tem leucemia, seu idiota. A quimioterapia destruiu o sistema imunológico dela, não seja imbecil. Fuja!*, gritou o animal.

Aquele pensamento recriou a lembrança de uma tarde no hospital: Beto segurando a mão da filha. Natália tremia tanto pelo medo da morte, quanto pelos efeitos colaterais da medicação.

A menina alisava o crânio sem cabelos e perguntava:

– Pai, quando eu for para o céu, meu cabelo vai crescer de novo?

A dor, o pânico, a raiva, a aleatoriedade do destino, tudo aquilo voltou naquele momento, se entrelaçando aos intestinos de Beto. O martelo tremeu em sua mão e ondas frias espalharam-se na boca do estômago. Precisou reunir toda a esperança que restava para gritar em silêncio:

***CALA A BOCA! ELA VAI VIVER!***

A besta egoísta em seus genes recuou, escondendo-se em algum porão escuro, onde guardava o que havia de pior em sua personalidade.

Terminou de pregar a ripa, deixando escapar um suspiro de exaustão. Recuperou parte do autocontrole, e perguntou:

– Natália, meu amor, você tá me ouvindo?

A menina havia desistido de bater na porta. A leucemia tornara o espírito dela tragicamente estoico.

– Natália? Você tá ouvindo o papai?

O curto silêncio envolveu Beto numa mortalha de pavor. Os meses de tormento, vivendo a incerteza do câncer, converteram-no num alarmista, capaz de confundir qualquer cochilo da menina com o abraço final da mulher de foice. Passava cada minuto em suspense, imaginando se uma simples febre poderia se tornar o descanso final.

– Tô – finalmente falou a menina, aliviando a escuridão no peito do pai.

– Meu anjo, presta atenção: papai só fez isso pra te proteger. Ninguém vai conseguir passar por essa porta. Eu tranquei com chave e tapei tudo com madeira. Deixei a janela do quarto aberta pra você não ficar no escuro. O prédio é alto, eles não vão conseguir entrar pelo lado de fora.

– Pai, eu tô com medo – choramingou a filha.

– Eu sei, meu anjo, eu sei... Mas não fica assustada. Papai não vai te deixar! Eu vou buscar remédio pra você! Lembra o que a Doutora Mônica dizia quando você enjoava?

– Lembro – respondeu Natália.

– E o que ela falava?

– Que quando eu sentisse dor ou medo tinha que brincar. Aí a dor passava.

– Sim, meu anjo – Beto respondeu, dominando o bolo em sua garganta. – Quero que faça isso. Consegue fazer isso por meia horinha?

– Num sei.

– É só meia horinha, você consegue?

– Acho... Acho que sim – disse Natália, relutante.

– Você é minha garota! Sabe que eu te amo, não sabe? – a voz de Beto desafinou pela comoção.

– Também amo você, pai.

– Eu já volto, juro pela mamãe. Você sabe que quando juro pela mamãe, o Senhor Jesus não me deixa mentir, não sabe?

– Sei.

– Então me espera. Eu volto já.

Olhando para o quarto barricado como se jamais fosse ver a filha novamente, Beto girou nos calcanhares, e saiu para o inferno lá fora.

Do outro lado da porta, Natália chorava baixinho e ouvia os passos do pai ecoando para cada vez mais longe. Sentada com os joelhos tocando o queixo delicado, pensava na mãe.

Sentia falta dela mais do que em qualquer outro momento na vida.

Por que Papai do Céu tinha que levar a mamãe? Ele não era Deus? Não podia criar coisas quando queria? Se ele também precisava de uma mamãe, por que não fazia uma para ele? Por que tinha que levar a sua?

Eram questionamentos que continuavam sem respostas a uma mente tão jovem.

Natália ouviu rosnados distantes, que ecoavam através da janela ensolarada.

Lembrou-se daquelas pessoas feias e más e começou a tremer de medo.

Será que estava segura? E se as pessoas raivosas a descobrissem? Eles eram fortes, poderiam arrombar a porta.

Tinha que arranjar um jeito de fugir dali.



*Quero ser esquiadora.*

A frase misteriosa surgiu sem qualquer razão.

A mulher abriu os olhos e foi engolfada por trevas muito mais profundas que a inconsciência do sono. Piscou as pálpebras, tentando adaptar a visão. O negrume impenetrável assaltou-lhe como se estivesse em meio a um bolsão de petróleo, ou gravitando num universo de antimatéria.

Guiada pelo tato, tentou criar uma imagem mental do aposento. O chão e as paredes tinham textura de madeira, cheia de ranhuras, porém, totalmente inteiriças. Não havia luz atravessando as frestas. Estaria em algum tipo de cabana? Piso e paredes encaixavam em

ângulos agudos, formando uma sala cúbica, talvez retangular. Não havia janelas nem portas, ou, se havia, estavam ocultas.

O terror começava a nascer, entretanto ela o domou. Por enquanto, não tinha nenhum ferimento. Não havia razão para crer que estivesse em perigo.

Havia um cheiro distante de naftalina. Não vinha da sala, mas de algum lugar além, como se uma corrente de ar carregasse o aroma para dentro do quarto.

Se o ar entrava, então deveria ter uma saída.

Olhou para cima. No topo, onde a parede encontrava o forro do teto, percebeu uma fenda *menos* escura. Uma sombra mais leve que o resto das trevas petrolíferas. Um buraco com uma vaga forma de ampulheta, delineado por um brilho metálico.

Um respiradouro? Uma saída de ventilação?

Mas para onde?

Que diabo de arquitetura esquisita era aquela? Aquilo seria uma cela, um porão, ou ambos? Estaria trancafiada na casa de algum perverso ou *serial killer*?

O que mais lhe impressionava era que o ambiente lhe parecia familiar, remetendo a uma casa onde vivera toda a infância. Uma sensação de reconhecimento inexplicável. Fechou os olhos, tentando arrancar alguma memória capaz de explicar a situação.

Nada. Apenas um mar leitoso de esquecimento.

Não recordava nem o próprio nome.

Sabia que começa com B, todavia, as letras seguintes pareciam tão incompreensíveis quanto braile.

Bianca? Beatriz? Bruna? Bárbara?

*Bárbara*

Aquele tinha algum significado; contudo, não estava inteiramente correto. Possivelmente, algum nome próximo ou uma corruptela do mesmo.

Deixou de lado sua identidade, e procurou o telefone no bolso. Ao se tocar, notou que estava vestida com roupas de esqui. Um casaco grosso e brilhante, com uma gola de penachos espalhafatosos. Naquela situação, a indumentária era tão misteriosa quanto o cenário. O que fazia de óculos para a neve e calças térmicas?

Achou o celular. O visor acendeu.  
Não tinha sinal.  
Não tinha ícones de menu.  
Não tinha nem mesmo número nas teclas!

*Mas o que está acontecendo?*

Subitamente, ouviu um estrondo vindo atrás das paredes. O chão sob os pés estremeceu, ressonando como um terremoto longínquo. Ela encostou-se à parede para se equilibrar, e escutou uma cacofonia estranha: vidro estilhaçando, tecido rasgado, e outros sons inexplicáveis.

Com o medo quitinando patas frias em sua nuca, perguntou:

– Tem alguém aí?

A resposta foi a própria voz ricocheteando nas paredes.

E foi quando alguma coisa moveu-se nas sombras.



Numa situação rotineira, poucos homens teriam coragem de enfrentar Beto numa briga honesta. Não era um fisiculturista aos moldes tradicionais, mas o tamanho taurino dava-lhe a aparência de alguém que venceria todas as discussões de trânsito.

Ele jamais foi um lutador; não passava de um humilde taxista.

E seus adversários já não eram homens; eram animais enlouquecidos.

Precisava evitar confrontos a todo custo. No entanto, isso significava mover-se sorrateiro, e simplesmente não tinha tempo para bancar o ninja. Natália se convertera numa bomba-relógio, e ele seria o único habilitado a desarmá-la a tempo.

Apertou o volante do Monza como se, ao espremê-lo, realizasse um ritual capaz de tirá-lo daquela maldita sinuca de bico.

O verão impiedoso fazia Beto transpirar com a sensação de dirigir uma marmitta motorizada. Os para-choques dos automóveis abandonados ao longo da rua refletiam fogo em seus olhos.

Virou a aba do boné para a frente e viu colunas de fumaça no horizonte. Subiam aos céus, lembrando najas hipnotizadas por

flautistas hindus. Os focos de incêndio indicavam que o caos chegara ao centro da cidade.

E era para lá que Beto precisava ir.

Tinha que decidir agora: furtividade ou o estilo Chuck Norris?

Pegou a pistola nove milímetros que guardava no porta-malas e retirou a chave de roda debaixo do assento. Colocou ambos no banco do carona.

Sem refletir demais, preferiu fazer aquilo no método Beto-draga, apelido que ganhara na adolescência, quando jogava de zagueiro nas peladas da rua. Não era de modo elegante, nem delicado. Geralmente resultava em canelas inchadas e atacantes desmontando como bonecos.

Pisou no acelerador. Em seguida, desceu a rua principal com a velocidade de um meteoro movido à gasolina.



B percebeu alguma coisa se mover na escuridão. Não captou a presença com os olhos ou tímpanos – foi mais o instinto de um coelho ao entrar no habitat de uma raposa em tocaia.

– Quem tá aí? – ela perguntou, com o coração batendo mais alto que a cacofonia lá fora.

– Não precisa ter medo – respondeu alguém.

A resposta provocou um sobressalto em B.

A voz da interlocutora era feminina, familiar; familiar *demais*, familiar de um jeito errado, familiar de um jeito impossível, igual à programação automática de sua secretária eletrônica.

A mulher nas trevas tinha a mesma voz de B!

Ela apontou o visor aceso do celular na direção do mistério.

A luz iluminou não uma, mas duas mulheres sentadas no chão. Uma vestia-se de noiva; a outra usava um biquíni, tornando toda a situação incrivelmente surreal.

Ambas eram loiras perfeitas, de seios siliconados, compartilhando os mesmos olhos azuis sarapintados com manchas ocre. Minúsculos

globos terrestres levitando em galáxias brancas. O bronzeamento artificial torneava os corpos atléticos, sem uma celulite sequer.

Eram gêmeas idênticas, e aquilo fez B gritar. Não havia nada de monstruoso naquelas feições estonteantes, nenhuma transparência que pudesse justificá-las como aparições fantasmagóricas. Ela gritava por outro motivo.

Aquelas loiras eram clones perfeitos dela mesma!



Na mente dos infectados passava uma sequência de slides mais rápidos que qualquer pensamento consciente. Jorrava uma torrente de imagens violentas em sobreposição. *Matar, morder, dilacerar, bater, matar, matar, morder, comer, bater, matar, bater, barulho vindo, matar, matar, bater, morder, morder, matar, barulho vindo, matar-matar-matar-matar, barulho vindo, MATAR, MATAR-MATAR-MATAR-BARULHO, BARULHO-BARULHO-BARULHO-MATAR!*

As criaturas desviaram a atenção do cadáver de uma grávida esventrada aos seus pés. Um deles roía a cabeça do feto extirpado do útero. Ouviram o ronco motorizado, e uma parte ínfima de seus cérebros foi chamada para aquele som. No final da rua, um Monza vinha a toda, galopando em aço e borracha. Beto preparou-se para praticar um tipo bem diferente de boliche.

Os quatro infectados correram na direção do automóvel num ramalhete de dentes salivantes, olhos vitrificados e mãos sujas de sangue.

Beto firmou os dedos no volante, e atingiu o primeiro deles – um gordo com camisa do Corinthians – espatifando-o na altura dos joelhos. As rotulas crepitaram, soltando lascas de osso branco e nacos de carne, que jorraram um borribo vermelho no para-brisa. O infectado rolou por cima do teto, e caiu de cara no asfalto quente.

O que veio a seguir foi um massacre que abria caminho até a farmácia.



B ainda gritava, enquanto a noiva dizia:

– Não adianta. Isso faz parte de um ciclo natural. Em algum momento teríamos que ir embora. Acontece com todas nós, de um jeito ou de outro, em todos os lugares do mundo.

A biquíni-girl assentiu com a cabeça, e completou:

– A fonte está deixando de existir. Está mudando. Não ouve os sons?

A mente de B dividiu-se em três partes: a primeira ouvia os estrondos além do quarto. O chão tremia como se um lagarto radioativo de cinquenta metros andasse lá fora. A segunda tentava decifrar aquele intrincado diálogo, e a terceira, estranhamente, compreendia, em algum nível subliminar, toda a exótica correlação dos fatores. Mas antes que B pudesse chegar a qualquer conclusão, um fecho de luz atravessou o respiradouro.

O quarto vibrou, e B ouviu estalos mecânicos, que vinham de algum ponto entre o teto e o topo da parede. Foi quando surgiu a luminosidade cegante.

O teto inteiro abriu, inundando suas íris com luz. Era o tipo de claridade que se esperaria num disco voador ao iniciar abduções. Com os olhos apertados contra a claridade, B viu a noiva levitar em silêncio. A loira não gritava ou esperneava, aceitava tudo aquilo com serenidade, tomada pela certeza de um crente arrebatado aos céus.

Então, alguma coisa grande e rápida a puxou.

O teto afundou-se em penumbra.

A noiva havia desaparecido.

– Vai voltar – disse a biquíni-girl. – Não se preocupe, vai ser rápido, e você vai entender. Vai entender tudo.

B encolheu-se em posição fetal, aterrorizada demais para exprimir uma única sílaba. No entanto, algum maquinário cerebral estudava os eventos, encaixando as peças do quebra-cabeça. A resposta chegava perto, mas depois fugia, lembrando um peixe que nadava para o fundo de um lago, deixando os vestígios de sua presença nas ondulações da água.

Houve um novo estrondo; engrenagens gigantescas se movimentavam e rangiam dobradiças. A luz veio uma vez mais, e dessa vez trouxe algo... Algo que caiu no chão, com um baque



carnoso. B levou uma fração de segundo para entender o que estava vendo.

Era a perna decepada da Noiva.



Beto parou o carro em frente à farmácia, e limpou os pedaços de vísceras que haviam estilhaçado o para-brisa. O capô e o para-choque estavam cobertos dos restos dos infectados. O pneu reluzia, envolto numa capa de coágulos frescos.

Pegou a *Glock*, colocando-a na cintura. Levava a chave de roda na mão.

Na rua, alguns infectados corriam de um lado para o outro, mas estavam longe demais para percebê-lo. Viu alguns cidadãos em fuga; olhavam por cima do ombro para os perseguidores.

Bloqueando as emoções, Beto entrou na farmácia. Não podia se dar ao luxo de ajudar outros sobreviventes. Eles que se virassem. Amar ao próximo como a si mesmo funcionava muito bem na teoria, não na prática.

A drogaria estava depenada. As notícias da epidemia provocaram saques em toda a cidade. Os sortudos que conseguiram pegar a estrada cedo levaram comida enlatada dos supermercados e medicamentos básicos.

Em breve ele também fugiria. Aquele povoado era um sepulcro a céu aberto. O vento trazia o cheiro ferroso de sangue, fumaça e bile espalhada nas calçadas. O rosar distante dos novos xerifes comemoravam a vitória da selvageria sobre a civilidade.

Começou a procurar a maldita Benzetacil. As prateleiras tombadas no chão tinham algumas caixas de aspirina. Achou um pacote de seringas e agulhas. Enfiou no bolso do jeans e notou algo interessante.

A caixa registradora estava aberta. Notas de cinquenta e dez reais arqueavam-se na brisa tímida, que atravessava a porta. Roubou o dinheiro, pedindo perdão ao Senhor Jesus, como o bom cristão pentecostal que era. Provavelmente precisaria da grana quando

pegasse a estrada. O Senhor não se importaria se ele levasse alguns trocados.

Não sabia para onde ir depois que pegasse Natália. Deveria ter procurado mais informações na internet, porém detestava computadores. Aquele monte de teclas e barras de endereço o irritavam. Pertencia ao tempo em que as pessoas falavam olhando nos olhos, sem *webcam* e essas porcarias eletrônicas. Durante muito tempo, pensou que *Twitter* fosse um drops de balas coloridas.

Desistiu de procurar a medicação na parte frontal da loja. Olhou o relógio: vinte e dois minutos se passaram desde que deixara a filha. Não podia abusar da sorte. Não demoraria para Natália se transformar. Se demorasse ali, algum infectado poderia percebê-lo.

*Deve ter algum depósito ou almoxarifado aqui.*

Foi até uma porta nos fundos. Tentou a maçaneta sem fechadura. Fechada. Estava trancada por dentro. Logo, havia alguém ali. Pensou em usar a pistola, mas o tiro chamaria atenção. Deu dois passos atrás, e chutou a porta violentamente. Ela desabou, soltando uma das dobradiças.

Ouviu um rosnado. Segurou a chave de roda, preparado para atacar.

Seu Augusto, o farmacêutico, saiu do depósito vestindo um guarda-pó embebido em sangue. A saliva espumava nos cantos da boca, os dentes rangiam num bruxismo frenético. Gritando como um esquizofrênico visitado por demônios particulares, ele veio na direção de Beto, totalmente fora de si.

Beto conhecia aquele senhor desde os seis anos de idade. Entretanto, isso não o impediu de golpear com toda a fúria de seus noventa quilos de gordura e músculo. A chave atingiu o maxilar do farmacêutico. Houve o pipocar da mandíbula sendo deslocada. A coisa que um dia fora Seu Augusto nem sentiu o impacto, e chocou-se contra o taxista.

Eles caíram juntos. O infectado abriu a boca, bafejando o hálito fedorento. Suas mãos socavam Beto de forma errática, resvalando nos ombros poderosos. Um dos golpes acertou o pavimento com tanta força, que quebrou os nós dos dedos.

Beto aproveitou aquele descuido e enfiou-lhe a chave de roda na boca, quebrando os dentes incisivos no caminho. O monstro se debateu, e Beto forçou ainda mais a ferramenta, rompendo alguma coisa mole dentro da garganta, talvez uma amígdala. Augusto gorgolejou uma cascata vermelha quando a chave abriu um rombo na nuca.

Rapidamente, Beto jogou o corpo para o lado, com medo de ter sido infectado pelo sangue que gotejava em sua camisa. Correu para o depósito, imaginando se o pequeno conflito poderia atrair outros canibais lá fora.

Havia diversas caixas fechadas com dúzias de produtos: antitérmicos, digestivos, camisinhas, vitaminas, ampolas...

*Ampolas?*

Se havia alguma Benzetacil, deveria estar naquela parte.

O tempo fluía inexoravelmente. Passaram dois, três, quatro, trinta e um minutos, até que finalmente encontrou. Agradeceu a Deus por aquela maldita injeção ser tão impopular. Doía como o diabo, tornando-a a última opção do paciente.

Sorriu para o frasco azul, e voltou para a filha, alimentando uma fagulha de esperança.



Havia um limite para o medo ou desespero, e B o atingiu ao encarar aquela perna amputada a mordidas. Sua voz desapareceu por completo, convertida num chiado de pneu furado.

A biquíni-girl permanecia indiferente, fleumática, como se toda aquela gritaria a entediasse. Falava um monólogo insano:

– Todas as outras já foram. Falta eu e você. Todas nós passamos por isso, e você também passará. Não percebe?

B não conseguia perceber nada além daquela maldita perna decepada.

– Está se despedindo de nós. Cada uma que sai daqui é uma parte que se apaga.

A biquíni-girl foi interrompida pelos estalos metálicos no teto. Então, uma vez mais, a escotilha abriu, trazendo a luz pálida. E, dessa vez, não veio sozinha.

Havia uma presença envolta na luz. Podia senti-la, e, por mais bizarro que parecesse, havia uma estranha afinidade com ela.

B sabia que a entidade a encarava.

A voz de B retornou num grito estridente, capaz de explodir taças de cristal.

Ela foi agarrada por algo de força indescritível. Algo que a ergueu através da imensa escotilha.

Pela primeira vez, o cenário além das paredes foi revelado, e o mistério ficou cristalino como água. B entendeu a brisa de naftalina, os terremotos, os sons de destruição, a abertura em forma de ampulheta, a luz ofuscante, a semelhança com as mulheres cativas, a familiaridade da cela, a frase misteriosa colocada em sua cabeça...

*Quero ser esquiadora.*

Dentes monolíticos se enterrarem em B, mas não houve dor, arrependimento, ou mesmo tristeza, pois nenhum daqueles sentimentos ou pensamentos jamais pertenceu a ela. Não estava em sua natureza sentir absolutamente *nada*.

*Quero ser esquiadora.*

Naquele instante, finalmente descobriu seu nome completo, e o significado daquela frase...

E tudo fez sentido.



Beto retirou a última ripa de madeira que o separava da filha. Encaixou a chave na fechadura do quarto, tremendo. Errou a chave. Procurou outra. Encontrou.

Esbaforido, abriu a porta, e entrou. Por um ou dois segundos, seu coração ficou paralisado.

Os pôsteres do *Restart* estavam rasgados, pendendo para frente como nacos de pele morta depois da praia. O colchão fora arremessado na parede, e vomitava novelos de estofamento. Lençóis

fatiados embolavam-se aos pés da cama. O espelho da penteadeira jazia trincado, refletindo dezenas de Betos em desespero.

Ele seguiu a trilha daquele pandemônio com olhos inconsoláveis. O sol alto do início da tarde penetrava pela janela, derramando sua luz intensa diretamente no interior do armário aberto. Um cheiro antisséptico de naftalina soprava do roupeiro. Entre as portas escancaradas do guarda-roupa, Natália estava ajoelhada em frente ao seu baú de brinquedos, segurando a chave da arca numa das mãos. Sua coleção de bonecas espalhava-se ao redor, completamente despedaçada. Uma delas, vestida de noiva, fora arremessada longe, depois de ter a perna arrancada.

– Natália? – perguntou Beto. – Filha?

A menina virou-se para o pai, roendo outra boneca.

Foi quando Beto percebeu o que a brincadeira da filha havia se tornado.

Aos olhos da garota, as bonecas não eram mais as amigas imaginárias que o inconsciente havia produzido para suportar quimioterapia.

As bonecas eram *vítimas*.

Largando a ex-amiga no tapete, Natália correu para cima de Beto com olhos repletos de vasos sanguíneos em dilatação. Se os olhos eram janelas para a alma, os da garota estavam com as persianas puxadas, pois não restava mais nada de humano neles.

Beto não esboçou reação.

Pedindo perdão a Deus, soltou o molho de chaves, e entregou-se à morte.

A infectada saltou na garganta do homem que um dia chamara de pai, derrubando-o facilmente. Ele tombou de lado, sentindo a jugular romper sob a pressão de dentes infantis. Beto olhou por cima dos ombros da menina, e encarou a boneca largada no carpete.

A última imagem que levou desse mundo foi o rosto sem vida de uma *Barbie Quero Ser Esquiadora*.

## A última sessão do Cine Galaxy - Fabi Deschamps

Ela estava tão vidrada na tela que não foi capaz de ouvir o primeiro indício do alvoroço vindo lá de fora, assim como nenhum outro que havia comprado as entradas para a última sessão do cinema naquela noite. E, mesmo se tivesse ouvido qualquer coisa, certamente iria acreditar se tratar da reivindicação de algum adolescente inconformado que estaria insistindo em entrar na sessão imprópria para a idade, ou coisa parecida. Mas o mais provável era que confundiria o alvoroço com os gritos da fraca candidata a *scream queen* loira e peituda que preenchia aquele ambiente fechado e escuro.

Quando Lorena finalmente ouviu um som que se diferenciava do emitido pelas caixas acústicas do cinema, entre o silêncio furtivo que antecedia mais uma sequência de gritos da personagem secundária que, todos concordavam, estava demorando a morrer – aliás, a morte da personagem era o único motivo que a fazia prestar atenção no filme –, a bióloga olhou para o namorado, a fim de confirmar se ele também teria ouvido o mesmo. Ele continuava encarando a tela, mal se dando ao trabalho de piscar. Do outro lado, a mocinha agora corria por um campo de beisebol com a blusa branca rasgada, deixando um dos seios fartos quase à mostra entre um grito e outro de pavor. Não, Fábio não teria prestado atenção em nada além daquela imagem. Logo atrás, em passos rápidos e determinados, seguia o assassino mascarado – Deus, quando é que vão parar de fazer filmes assim? Ambos sabiam que ela só havia aceitado assistir àquele clichê cinematográfico porque no próximo

fim de semana precisaria da boa vontade de Fábio para ficar com os filhos e...

Um grito ecoou pela sala. E, novamente, não era um barulho proveniente do filme. Agora, não apenas ela, mas todos haviam ouvido. Na tela, a mocinha se escondia atrás de uma arquibancada e prendia a respiração para não ser ouvida. Nenhum som vinha do filme agora, e o silêncio foi quebrado pelo misterioso grito. Simultaneamente, alguém, lá embaixo – estavam quase no final das fileiras de poltronas da sala stadium – havia aberto e fechado a porta em seguida. O que diabos...?

– O que foi isso? – Fábio finalmente tirou os olhos da tela, assim como todo mundo.

– Parece que foi um grito lá de fora – ela respondeu, ajeitando o longo cabelo castanho claro atrás das orelhas e convencendo-se, definitivamente, de que havia ouvido um grito.

Um novo grito, esse mais alto e angustiado. Feminino. Era a mocinha peituda, que, agora, descoberta, reiniciava sua corrida frenética do assassino mascarado. Então, o que quer que estivesse acontecendo lá fora foi abafado pelos efeitos sonoros do filme mais uma vez, e Lorena, Fábio e todos os outros voltaram novamente a atenção para a tela. Mas não por muito tempo.



Quando aquela situação estranha – e catastrófica, conforme se descobriria mais tarde – começou, Ismael, o rechonchudo gerente noturno do cinema do maior shopping daquela cidadezinha do interior de São Paulo, acreditou tratar-se da ação de um bando de vândalos. Em seguida, quando se convenceu de que ferir pessoas com os próprios dentes não era nada parecido com o que os vândalos que conhecia costumavam fazer, ele tratou de trancar as portas do cinema, a fim de proteger os clientes e evitar ter que pagar uma indenização das brabas por deixar aquelas pessoas à mercê do tipo de loucura que se instalava ali nas imediações. Se alguém lhe perguntasse mais tarde – se alguém *tivesse* a chance de

lhe perguntar—, ele acrescentaria que, hoje em dia, tudo é motivo de processo judicial, e o dono do cinema não ficaria nada contente se tivesse que arcar com um por culpa dele. Então, enquanto aquele caos tomava proporções cada vez maiores no hall de seu cinema, uma das clientes que havia ido ao banheiro acabava de entrar novamente na sala de projeção – mais para fugir dos lunáticos do que para continuar vendo o filme – e ele trancou as portas. Ele precisava manter o seu emprego de gerente noturno.

Eram mais de vinte agressores, e pareciam aumentar gradativamente, surgindo da praça de alimentação, de lojas e dos banheiros. Alguns, curiosamente, usavam roupas de hospital, talvez vindos do público a quatro quarteirões do shopping. Histerismo não era a única definição apropriada ali. A definição apropriada era algo como uma mistura de histerismo, selvageria e fúria. Nada que já tivesse presenciado antes, a não ser em filmes no cinema. Alguns, inclusive, no mesmo cinema onde acreditava estar mantendo seus clientes a salvo agora.

Ismael teve tempo de presenciar uma das funcionárias da lanchonete ser mordida no pescoço por um homem trajando o uniforme verde de paciente, rosto e corpo ensanguentados, antes de discar o número da polícia em seu celular. Linha ocupada. Tentou mais uma vez, enquanto se abaixava sob o balcão de pipoca, escondendo-se de uma mulher com o vestido em frangalhos e a face não muito diferente, que começava a avançar em sua direção. A linha permanecia ocupada, e, ao erguer a cabeça para ver se a mulher havia mudado de direção, constatou que a mesma atacava um adolescente surgido não se sabe de onde, que gritava a plenos pulmões, antes de calar-se com um último regurgito aquoso de puro sangue. Quando se voltava para trás do balcão para discar mais uma vez os três famosos dígitos da emergência nacional, Ismael só teve tempo de ver a funcionária— a mesma que, segundos antes, havia sido mordida no pescoço – correr até ele, com um grande naco ensanguentado do pescoço balançando ritmicamente ao se aproximar. O último pensamento consciente de Ismael antes de ser dominado era que, de fato, o dono do Cine Galaxy bem que merecia um belo de um processo.





Beatriz resmungou num tom que consideraria alto o bastante para Caio ouvir, caso a loira peituda não tivesse dado mais um de seus gritinhos no exato momento de sua reclamação. Filmes com assassinos mascarados eram tão anos 1980 – embora ela só tivesse visto os da década de 1990 –, e ela não via a hora de que aquela pérola acabasse logo para partir logo para a sessão de amassos no carro que Caio – o ficante da vez, com pegada de mais e cérebro de menos – pegara emprestado do pai. Por isso, ter se levantado para ir ao banheiro foi um alívio não somente para a bexiga cheia de refrigerante, mas para a cabeça já zonza com tantos gritos vindos da tela. Avisou ao rapaz que estava saindo, deu um beijo rápido em sua boca com gosto de pastilha de hortelã, um tapinha provocativo na aba de seu boné, e saiu da sala de projeção. A única vantagem de terem chegado atrasados e só conseguido lugar nas fileiras de baixo era a rapidez na saída da sala. Vantagem que não se sobressaía a não poderem se pegar sem que virassem atração aos espectadores.

A ida ao banheiro não teve nada de anormal. Fez o que precisava, lavou as mãos, ajeitou os cabelos lisos e saiu do banheiro. E, fosse o que fosse que passara a acontecer naquele que era considerado o maior dos três shoppings da cidade, foi bem repentino, nos menos de três minutos que levou no percurso ao banheiro.

Uma onda de gritos, resmungos e correria tomou conta do hall do cinema. Beatriz pôde notar, no rosto da primeira pessoa que teve tempo de dar uma olhada mais rápida que dois segundos, uma expressão inumana, de puro ódio e loucura. Em seguida, viu essa mesma pessoa – uma mulher na faixa de quarenta anos e roupas de hospital – se jogar para cima de um rapaz magrelo e derrubá-lo em um ataque de mordidas selvagens e insaciáveis, em frente ao balcão da lanchonete. E aquilo não era um acontecimento isolado. Em toda a extensão do hall do cinema, até onde seus olhos podiam alcançar, uma legião daquelas pessoas malucas atacavam outras, mordendo-as, ferindo-as, e... Transformando-as? Beatriz observou aquilo com um misto de atenção e incredulidade, enquanto recomeçava a

caminhar nervosamente até a sala do cinema, separada do caos que se formava apenas pelas faixas nos pedestais que demarcavam as filas. Uma daquelas pessoas, uma senhora gordinha, agora se levantava, tão transtornada quanto a que a atacara, e corria na direção de duas amigas que se viram encurraladas entre o balcão de atendimento do cinema e um dos carrinhos de pipoca. A senhora ensandecida parecia não perceber que lhe faltava um pedaço da bochecha esquerda e todo o lábio inferior, o que deixava à mostra a extensão de sua arcada dentária de baixo, dando-lhe uma careta arrepiante e sangrenta.

Beatriz correu até a sala de projeção. Antes que a garota pudesse chegar até a porta, o rapaz magrelo que vira ser atacado em frente à lanchonete avançava para ela, e, quando estava próximo, jogou-se contra seu corpo, conseguindo lhe arrancar um grande pedaço da orelha direita e uma parte da lateral da cabeça. Beatriz empurrou o rapaz, que caiu sobre o balcão da lanchonete sem largar a sua orelha – com o brinco de argola ainda balançando – da boca enfurecida. Quando, por fim, ela conseguiu entrar na sala, não notou que atrás de si um apavorado gerente noturno fechava o ambiente e isolava os telespectadores do inferno que havia se instalado inexplicavelmente do lado de fora. Assim como o gerente noturno não notou o estado da garota que acabara de “manter protegida” dentro do cinema.



Lorena, Fábio e todos os outros não conseguiram continuar prestando atenção no filme por muito tempo, porque a pessoa que havia acabado de entrar no cinema após o instante de gritaria vindo de fora emitia um gemido agonizante que dava para ser ouvido claramente, mesmo com as dezenas de decibéis das caixas acústicas. Na tela, a loira peituda ganhou um belo close facial que foi se alargando e exibindo seu corpo sem vida perfurado por dezenas de golpes de faca. Finalmente, os seios siliconados estavam completamente expostos – a blusa havia sido rasgada com os golpes

–, mas nem Fábio nem outro dos homens ali presentes foi capaz de prestar atenção na quase nudez gratuita da mocinha. Porque, lá embaixo, o gemido agonizante agora havia se transformado num ruído gutural.

Todos na sala tentavam avistar alguma coisa lá embaixo. Então, um aglomerado de pessoas lá embaixo, em volta de uma das poltronas, indicava como uma seta que era de lá que vinham os agora gritos de dor e algo mais que ainda não era possível identificar.

Na tela, era o dia seguinte ao do assassinato da loira peituda, e os colegas comentavam a respeito no pátio da faculdade. Falavam baixo, em tom fúnebre e contido, e, por isso, o som que vinha da primeira fileira do cinema ganhava uma nitidez ainda maior. Fábio puxou Lorena lá para baixo, guiando-a pela mão e se esgueirando por entre as demais pessoas que percorriam o mesmo caminho. As escadas laterais da fileira de poltronas, em um segundo, estavam repletas de curiosos.

Assim que desceram, Fábio continuou se esgueirando por entre as pessoas. Havia feito um curso de primeiros-socorros dois anos antes. Abriu caminho com os braços esticados e conseguiu chegar até a pessoa que urrava animallescamente. Fábio viu a garota com a cabeça abaixada, os cabelos caídos para frente como uma cortina escura ocultando-lhe o rosto, e a mão direita segurando o lado também direito da cabeça. Em volta dela, as pessoas se engalfinhavam para poderem ver, mas ninguém ousava tocá-la. Estavam todos a uma distância considerável, com exceção de um rapaz de boné virado para trás, que era quem estava um pouco mais próximo.

– Moça... O que você tem? – Fábio perguntou, ao mesmo tempo em que colocava a mão no ombro esquerdo da garota e tentava fazê-la erguer o rosto. A única resposta que ouviu foi um ruído grosso e contínuo, enquanto uma espécie de baba pegajosa escorria de sua boca.

– Ela foi ao banheiro e voltou assim – explicou um garoto de boné, chegando mais perto de Fábio. – E parece que tem sangue na cabeça dela, mas ela não me deixa ver.

– Sangue? – Fábio olhou mais atentamente.

Na tela, os amigos da vítima do mascarado entraram em um carro e seguiram para algum lugar; o recinto foi invadido pelo som do motor, e, por isso, ninguém ouviu quando, lá fora, o corpo de um senhor idoso foi lançado contra as portas trancadas do cinema, para em seguida ser estraçalhado por duas das pessoas insanas – sendo uma delas o outrora precavido gerente noturno.

Lorena havia aberto caminho entre as pessoas e postara-se em pé, ao lado de Fábio.

– É, parece que ela tá sangrando. Olha aí do lado – o rapaz agora estava com a voz alterada, como se engolisse um choro que impediria até as últimas consequências de sair.

Então, quando o homem tomou a decisão de pegar com firmeza o braço da garota que urrava, a fim de afastá-lo e poder verificar o que estava acontecendo, em meio a mais um dos silêncios do filme – os quatro jovens estavam no quarto de um deles e olhavam um álbum de fotografias; todas as fotos pertenciam à vítima da noite anterior –, um novo grito se fez ouvir, desta vez, vindo da parte de trás do cinema.

Fábio interrompeu olhou para cima. Através da janelinha envidraçada do projetor, deu para avistar o projetista sendo atacado – mordido! – por um homem trajando a roupa do hospital municipal, e, em seguida, sendo lançado para cima dos balcões de equipamentos. O atacante pulou para cima dele, derrubando o que restava dos equipamentos e atrapalhando a projeção do filme. Por alguns instantes o som ficou distorcido, e depois parou. Apenas uma réstia de projeção estava direcionada na tela, em um ângulo irregular e que preenchia apenas um terço dela, permitido uma iluminação muito fraca no ambiente. Na sala de projeção os gritos do rapaz foram diminuindo, até que pararam por completo, e não se pôde ouvir mais nada vindo lá de cima. Com o corte do som do filme, outro som fez-se ouvir, e vinha do outro lado das portas duplas do cinema: pancadas agressivas, não como se soqueassem a porta, mas como se objetos pesados – corpos! – estivessem sendo jogados contra ela. E gritos. E urros ensandecidos. Como os da

garota. Voltou a atenção novamente para ela e viu o sangue jorrar de sua cabeça, numa curva generosa e inevitável.

– Mas o que... – antes que Fábio completasse a frase, a garota deu mais um daqueles urros selvagens e agarrou sua mão. Tirou-lhe um pedaço da carne próxima à dobra interna do cotovelo e se jogou em contra ele. Suportando a dor lancinante, Fábio segurou seus braços absurdamente fortes e ficou embaixo do corpo da garota, que tentava mordê-lo como um leão por cima da presa abatida.

– Beatriz, para com isso – o garoto de boné gritou para ela, que automaticamente desviou o olhar e os dentes famintos para ele, dando tempo suficiente para Fábio reverter a posição do ataque e derrubá-la.

– Alguém segura as pernas dela! – o homem, agora também sangrando pelo braço, gritou por cima do ombro, implorando por uma ajuda da multidão paralisada. Então, se aproximou um homem de meia-idade e segurou as pernas da insana Beatriz.

– Alguém dá mais uma mão aqui! Ela é muito forte! – pediu ele.

A garota urrava e tentava morder, chutava histericamente. Um mulato alto atendeu ao pedido, e ficaram cada qual segurando uma das pernas da moça raivosa, enquanto que Fábio segurava os dois braços mantidos sobre a cabeça e distantes da boca de dentes ameaçadores.

– E agora, moço? O que a gente faz? – perguntou o homem de meia-idade a um Fábio tão desnorteado quanto ele.

– Não faço a menor ideia. Nunca vi nada parecido com isso... Não sei se ela tá drogada ou o quê... Acho que o único jeito, por enquanto, é amarrá-la, e depois ver o que tá acontecendo lá fora. Lorena, vem aqui tirar o meu cinto! Não vou aguentar muito tempo. Meu braço tá doendo muito! – pediu para a namorada, que até então se mantinha em estado de semichoque, incapaz de esboçar qualquer tipo de reação a fosse o que fosse que estivesse havendo.

Assim que Lorena tocou as pontas dos dedos no cinto de Fábio, o garoto de boné se abaixou num movimento súbito ao lado da garota enlouquecida e passou a mão nos cabelos dela, tirando-os do rosto numa cena que seria lindamente comovente, se a garota não tivesse lhe arrancado os dedos anelar e indicador com uma mordida

certeira. Ele gritou de dor, segurando a mão mordida e cambaleando para trás.

– Mas que droga, garoto, não viu o estado dela? Essa moça tá maluca e você ainda coloca a mão na boca? Vai ser burro assim lá na put...

Antes que pudesse concluir, Lorena terminou de retirar o seu cinto, e agora o estendia na frente dos olhos de Fábio.

– Como eu faço pra prender ela? Não vou conseguir.

Dois rapazes se abaixaram e conseguiram amarrá-la. Um deles também tirou o cinto e amarrou-lhe as pernas. Amordaçaram-na com uma camisa. Estava, finalmente, contida.

Vendo o estado do braço de Fábio, Lorena retirou o casaquinho de malha que usava sobre o vestido florido e amarrou-o apertadamente sobre o ferimento, enquanto se sentavam numa das poltronas da primeira fileira. Em algum lugar perto da tela, o garoto gemia e chorava de dor, ainda segurando a mão mutilada. A multidão em volta da garota histérica falava descontroladamente, até que uma adolescente, finalmente, se virou para a porta.

As pancadas violentas haviam parado, embora os gritos e urros ainda permanecessem a uma distância razoável. A adolescente tentou abrir a porta. Não conseguiu. Tentou outra vez, com mais força. A porta não se moveu um milímetro.

– Fala sério – ela olhou para os demais, e, então, o homem de meia-idade que havia ajudado Fábio foi até lá e tentou também.

– Tá trancada!

A constatação foi suficiente para todas as pessoas se lançarem contra a porta. Um rapaz que estava com a namorada chutou a porta três vezes, mas ela continuou firme e impassível. Enquanto observava o sangue encharcar gradativamente o casaquinho azul claro que enrolara no braço de Fábio, Lorena, embora ainda em choque e sentindo como se a mão estivesse agindo por conta própria, pegou o celular da bolsa e discou o número da emergência. Estava ocupado. Discou o da polícia. Uma secretária eletrônica robótica anunciou que todas as linhas estavam ocupadas. E ela não era a única. A maioria das pessoas lá dentro tentava discar em vão o número do socorro, o número que deveria estar de prontidão para

quando se estivesse em uma emergência como aquela, mas a secretária eletrônica era a única que falava com eles. Então, desistindo de ligar para a polícia, bombeiros ou o diabo que fosse, ela discou o número de casa.

– Alô? – respondeu uma voz ofegante do outro lado da linha.

– Carol? Graças a Deus! Vocês estão bem? – Lorena viu o casaquinho azul no braço de Fábio começar a pingar de sangue, enquanto sentia alívio ao ouvir a voz da babá.

– Lorena! Eu tentei ligar pra você umas cinco vezes, mas você não atendia! E tentei ligar pra polícia também, mas ninguém atende da delegacia! Nem os meus pais atendem. O que tá acontecendo, Lorena? Eu não sei mais o que fazer!

– Tentou me ligar? Droga, tá um barulho infernal aqui, e meu celular tá no vibra! Tá acontecendo alguma coisa estranha aqui, Carol! As crianças estão bem?

– Aqui também, Lorena! Há uns três carros batidos lá na frente, mas ninguém apareceu para socorrer! E tem pessoas gritando também. E sabe aquele casal da casa verde da frente? Eles tão aqui na porta, batendo com força e tentando entrar. E eles estão com a maior cara de malucos também. E tem sangue na roupa deles... Eles já quebraram a vidraça da porta, e parece que as grades tão balançando...

Como que para confirmar o transtorno dos vizinhos que Carol acabava de descrever, Lorena ouviu um estrondo alto do outro lado da linha, que se misturou, um segundo depois, ao grito não menos estrondoso de Carol.

– Carol, o que foi isso?

– Eles tão se jogando contra as grades da porta, tentando derrubar. Querem entrar de qualquer jeito. E eles não falam, só fazem uns sons esquisitos pra caramba! O que eu faço, Lorena?

– Cadê as crianças, Carol? – Lorena sentia um pavor cada vez mais crescente; sua mão agora tremia enquanto segurava o celular.

– Mandei a Julia e o Bernardo pro seu quarto, que é o último. Eles tão lá dentro, agora. Eu fiquei aqui na sala, cuidando da porta. E se eles entrarem, Lorena? Você já tá vindo?

– Carol, eu tô presa aqui no cinema. O Fábio tá ferido e parece que trancaram a gente aqui – por um momento, Lorena voltou a olhar para o namorado e viu que ele estava tendo algum tipo de espasmo ou convulsão, deitado na poltrona e quase escorregando para o chão. Chamou pelo nome dele, mas viu que seus olhos estavam vidrados. A mulher sentiu que a mão iria perder a força e deixar cair o celular, mas, então, voltou a se concentrar nos filhos.

– O que tá acontecendo aí, Lorena?

– Presta atenção, Carol! – a voz agora saía agoniada, à beira do desespero. – Você consegue arrastar a estante até a porta? Você *precisa* fazer isso, Carol, ou eles vão entrar! Precisa arrastar a estante. E depois, tenta arrastar a geladeira também. Não deixa eles entrarem em casa, pelo amor de Deus – Lorena ouviu o baque quando Fábio finalmente caiu no chão, ainda com os espasmos visivelmente mais intensos.

– Tá, eu vou fazer isso, Lorena. Ai, meu Deus!

– O que foi? Fala comigo!

– Tem muita gente gritando lá fora. Acho que escutei choro de criança também! A minha casa fica na rua de baixo, você sabe, Lorena! Não sei como estão os meus pais!

– Vou chegar até aí e depois nós vamos juntas na sua casa, ver os seus pais! Eu prometo. Mas enquanto eu não chego, coloca os móveis na porta, e faça isso rápido, menina! Por favor, Carol! – Lorena quase não reconhecia o som da própria voz, de tão apavorada que lhe soava. Deu-se conta de que não era somente a mão que tremia, mas também as palavras saíam trêmulas.

– Tá, eu vou fazer isso, Lorena! Vou colocar agora!

– Só mais uma coisa, Carol! Se... Se eles conseguirem entrar – e, ao dizer a frase em voz alta, quase a sentiu falhar –, se tranque no quarto das crianças, e coloque o armário na porta também. E as camas, e a cômoda, e tudo o que você conseguir... – de repente, os espasmos de Fábio pararam, ele fechou os olhos incertos, e Lorena começou a chorar.

– Tá bom, Lorena. Pode deixar! MEU DEUS!

– Carol... o que foi...? – Lorena sentia-se a ponto de desmaiar; as forças se esvaíam de seu corpo como água pelo ralo.



– Agora tem mais um homem com eles. E ele também tá sangrando, e... Ele não tem nariz. Minha nossa, o nariz dele foi arrancado! E ele tá esmurrando as grades... Preciso ir, Lorena!

– Vai logo – falou Lorena, e continuou falando, mesmo após Carol haver desligado o telefone. – Cuida dos meus filhos...

O que fez Lorena voltar ao seu estado normal foi a pressão que sentiu na perna. E depois o grito de uma moça que passou correndo e sangrando a cinco centímetros dela. E, ainda, o som áspero de algum material resistente sendo subitamente rasgado. Simultaneamente a esses três fatores insólitos, as pancadas nas portas, onde, agora, somente umas quinze pessoas ainda empenhavam-se na tentativa fracassada de abri-la. Ou uma junção de tudo isso. Fábio agarrou a perna de Lorena com uma força descomunal, a ponto de fazê-la urrar de dor. Uma moça de cabelos curtos e loiros aparentemente havia sido ferida no ombro direito, e corria para algum lugar nos fundos da sala. As pessoas que ainda insistiam em abrir a porta começaram a se dispersar aos poucos, se misturando com o restante, que agora estava, curiosamente, subindo na direção das poltronas de cima, fugindo de alguma coisa... Que estava lá embaixo.

O que Lorena não sabia, era que, enquanto falava com a babá dos filhos de oito e cinco anos ao telefone, o rapaz de boné que havia tido os dedos arrancados pela moça enlouquecida – e que até então havia se sentado em um canto escuro embaixo da tela – de repente, parara de gritar de dor e substituíra os gritos pelos mesmos sons inarticulados da garota que, minutos antes, o havia mordido. Então, assim que começou a esboçar os sons, o rapaz se levantou, não mais segurando a mão ensanguentada, e avançou para a loira de cabelos curtos, a mais próxima a ele. No mesmo instante em que a moça ferida passara correndo por Lorena, no chão, a dois metros à frente de onde Fábio ainda seguia estirado, porém, fortemente agarrado à perna da namorada, a moça enlouquecida conseguira rasgar as amarras e se levantava tropeçadamente, avançando em direção às pessoas da porta.

– Fábio, me solt... – ela havia começado a pedir, mas, ao vislumbrar o rosto do namorado sob a penumbra da luz tímida

provinda da tela, Lorena entendeu. Não havia parado para pensar em teorias antes; não havia, sequer, tido *tempo* para pensar, mas, agora, tudo fazia um sentido tão óbvio, que ela não apenas entendeu. Lorena simplesmente soube. Por algum motivo, aquele que agarrava sua perna a ponto de quase quebrar-lhe o tornozelo agora, não era o seu namorado. Alguma coisa estava naquele corpo, e não era Fábio. Assim como aquela garota não deveria ser a mesma que era quando o filme do assassino mascarado começou, e como o garoto de boné também havia se tornado outra pessoa ou... Outro ser.

Ela soube disso através dos olhos de Fábio. Estavam vidrados, injetados, nitidamente fora de foco, impreciso, cheio de ódio. Um estado de fúria tão poderoso que Lorena sentiu a espinha gelar. No pescoço e nos braços de Fábio saltavam fileiras de veias densas e pulsantes, mas Lorena, no milésimo de segundo em que olhou para o namorado, conseguiu fitar apenas aqueles olhos inumanos, antes de lhe dar um vigoroso chute no braço que a agarrava – deixando o osso quebrado num ângulo que deveria ter sido dolorosamente anormal – e correr para o fundo do cinema, misturando-se, sem outra opção sobre o que fazer, à massa aterrorizada.

A primeira garota enlouquecida subia as escadas laterais do lado esquerdo da sala do cinema Stadium. Lorena dera a volta e subia pela direita, sem a menor ideia do que fazer ao chegar lá em cima, nas últimas fileiras, onde as pessoas se engalfinhavam num pânico crescente. Gritos foram ouvidos antes que a primeira – possuída? endemoniada? contaminada? infectada? E Lorena se decidiu pelo último termo, já que, pela sua experiência de dez minutos, as pessoas estavam ficando daquele jeito após serem feridas por outras – infectada chegasse até as pessoas. Talvez fosse o garoto de boné. Ele não estava à vista, portanto, havia uma grande possibilidade de ele estar sendo o motivo do alvoroço vindo lá de cima. Quando Lorena, já na metade do percurso, começava a descer, mesmo avistando lá embaixo um cambaleante – e cheio de fúria! – Fábio, a moça loira de cabelo curto surgiu engatinhando numa velocidade anormal entre uma fileira escura e a agarrou pela cintura.

Da parte de cima das escadas a multidão em pânico começara a descer como um tsunami feroz, e, se Lorena não saísse do caminho – o que significava ter que se lançar na direção da infectada que, àquela altura, já teria lhe cravado as unhas na pele, se não fosse a barreira formada pelo vestido – em três segundos, certamente seria derrubada e pisoteada. Lorena sentiu apenas um roçar sutil no braço, antes de chutar a cabeça da infectada – Deus! Ela tinha exatamente o mesmo olhar de Fábio! – com toda a força de que era capaz, derrubá-la, e entrar na fileira de poltronas onde a moça insana já tentava se levantar. Lorena passou por ela, deu-lhe mais um chute do queixo – este, por fim, pareceu desacordá-la –, atravessou a fileira de poltronas e seguiu para a outra lateral de escadas, por onde, segundos antes, a primeira garota enlouquecida – primeira *infectada*! – havia subido aos trôpegos atrás das pessoas. Não havia sinal da primeira infectada agora por ali. Provavelmente já havia percorrido todo o caminho até as últimas fileiras, e, inclusive, descido pelo lado onde Lorena havia subido, sempre no encalço das pessoas que corriam.

Lorena se abaixou entre as fileiras que a cercavam – estava em uma fileira localizada mais ou menos no meio –, se encolheu entre as poltronas e, cerrando os olhos para conseguir enxergar na penumbra claustrofóbica do ambiente, procurou pela infectada que havia acabado de nocautear; continuava inerte, no mesmo lugar. Então, vendo-se num local furtivo e relativamente seguro, seu estado emocional desabou ali mesmo, acompanhando a reação do corpo, que tremia dos pés à cabeça e finalizava com uma respiração aguda e sufocada. Precisava ir para casa! Precisava ver os filhos! Precisava protegê-los! Mas como sairia daquele lugar?

Lembrou-se de uma matéria que saíra no jornal local há pouco mais de dois meses: o Cine Galaxy do maior shopping da cidade havia sido entregue sem as devidas conclusões nas instalações. O local, embora com capacidade para 150 pessoas, carecia de uma saída de emergência, o que, foi assegurado pelo proprietário, seria resolvido em breve. E Lorena lembra-se bem das palavras que o empresário baixinho e de bigode ralo falara à repórter no momento da entrevista: “A empresa construtora que contratamos cometeu um

grave delito ao deixar de fazer a porta de emergência, mas já a estamos processando. E um erro grave assim é motivo não apenas de processo, mas de fechamento da empresa. Onde já se viu entregar um local dado como concluído, onde as pessoas poderiam correr sérios riscos de vida? E se houvesse um incêndio no shopping? Mas já estamos providenciando essa saída de emergência, assim como a ampliação da área dos toaletes”. Ainda não havia providenciado nem a saída de emergência, nem, tampouco, os toaletes. Mas, estes últimos, pouco importavam a Lorena. Se não havia saída de emergência e se as únicas portas duplas haviam sido trancadas, como ela sairia lá de dentro e iria para casa proteger os filhos?

Lá embaixo, sob a insuficiência da luz provinda da tela de ângulo peculiar, os gritos misturados aos urros animais não apenas continuavam, mas haviam se tornado piores. Em um maior número. A correria também. Em algum lugar, mais um daqueles sons guturais foi ouvido, seguido de um novo grito de dor, e, então, a massa de pessoas desandou a correr – algumas em grupos, outras sozinhas – para lugares incertos, e muitas começavam a subir as escadas laterais e a procurar se ocultar por entre as fileiras, assim como Lorena estava fazendo. A onda de pessoas aterrorizadas propagou-se para todas as direções da sala do Cine Galaxy. Lorena viu pessoas caírem umas sobre as outras, e não saberia dizer quais estavam infectadas e quais estavam sãs. Parecia não haver possibilidade de controle para o que se sucedia ali, e a mulher se encolhia mais a cada vulto que passava ao seu lado, nas laterais, incapaz de identificar quais deles representavam ameaça.

Gritos e berros ecoavam por todos os lados, enquanto um grupo de uns dez homens – Lorena não identificou nenhum contorno de corpo feminino entre eles – tentava, mais uma vez, socar e chutar as portas, na ânsia de abrirem-na. Por um momento, a mulher teve a ligeira impressão de haver localizado a silhueta de Fábio correndo atrás de um trio de mulheres, passando por debaixo da tela durante uma cena noturna, mas logo o grupo – presas e caçador – se camuflou na escuridão de um dos lados, gritos ecoaram do mesmo lado, e ela não pôde ver mais nada. Ela não saberia explicar como

aquilo estava se dando tão rápido, mas Lorena distinguiu uns quatro infectados subindo as laterais atrás das pessoas que corriam para cima, e orou em voz baixa para que ninguém – nem infectados, nem pessoas sãs – tivesse o ímpeto de entrar na fileira onde ela estava. Qualquer pessoa sã que entrasse ali, certamente, traria um infectado em seu encalço, e... Lorena pensava justamente nisso, quando ouviu, muito próximo a si – *terrivelmente próximo!* – um som que já havia se tornado familiar, que fez com que se abaixasse ainda mais e procurasse, antes de qualquer outra coisa, pela infectada que havia feito desfalecer momentos antes. Ainda estava lá e não se movera um milímetro. Mexeu o pescoço lentamente para olhar ao redor, tomando cuidado para não fazer nenhum movimento brusco, e, assim, ser descoberta mais rápido do que... Ele estava na fileira de trás! Emitia um rosnado alto, que parecia disputar intensidade com o som da respiração. Em contraste a isso, Lorena prendeu a sua. O infectado olhava confusamente para os lados; chegou a virar o corpo todo para a parte de trás do cinema – que, embora fosse o lugar onde havia uma concentração grande de pessoas e não menos barulho de pânico, Lorena deduziu, estava extremamente escuro, ainda mais agora, que o terço de filme exibido continuava transmitindo a cena noturna – e então, assim que viu um grupo descendo as escadas da direita, saiu de sua posição de busca e correu atrás do bando de infelizes, atravessando a fileira de poltrona numa velocidade de maratonista.

O grupo e o infectado chegaram lá embaixo, e, quase imediatamente, Lorena ouviu um gemido alto de dor – por Deus, como aquelas *pessoas* eram rápidas –, que em seguida se transformou em um grito longo e suplicante. Depois mais outro, de uma pessoa diferente. E mais outro. As pessoas continuavam se dividindo entre os quatro cantos distintos do recinto, mas sempre num movimento constante. Não havia como ser diferente. Embora a visão do que se passava fosse muito limitada, dava para deduzir que havia mais infectados agora. No início, era apenas a garota; depois o rapaz que estava com ela; em seguida – e Lorena engoliu em seco antes de dar prosseguimento à sua lista mental – Fábio. Já eram três. E três deles, em um espaço muito pequeno de tempo, eram

capazes de infectar muitos outros cada um. E assim estava acontecendo. Mesmo enquanto divagava sobre a proliferação da infecção, Lorena viu um casal de infectados, embaixo da tela – durante uma cena diurna do filme –, derrubar um rapaz que corria deles. O ataque de mordidas levou uns trinta segundos, do qual o rapaz – com a face tão deformada e ensanguentada que tornava difícil a tarefa de imaginar como ainda enxergava – se levantou cambaleante, após o ataque haver cessado – por que eles haviam parado? Será que sabem o momento de parar? É possível que saibam quando a pessoa se torna um deles? –, e seguiram, então, os três, atrás de novas vítimas.

Os urros, rosnados, grunhidos, ou seja lá o que fossem aqueles sons infernais que aquelas coisas faziam, aumentavam para um coro cada vez mais potente à medida que novas pessoas eram infectadas. Algumas passavam ao lado de Lorena, e ela se encolhia, paralisada, para em seguida ouvir os sons de gritos que ecoavam lá atrás. Mais pessoas eram atacadas com as mordidas ensandecidas de outras, que não podiam mais ser chamadas de pessoas.

Lá embaixo, o grupo que tentava derrubar a porta havia formado uma estratégia: enquanto que uns cinco homens continuavam chutando e esmurrando, um número igual havia formado uma espécie de círculo protetor em volta e os defendiam dos infectados que se aproximavam. Lorena observou a ação planejada do grupo por alguns segundos. Uma infectada se aproximou com os dentes arreganhados e levou um chute de um dos homens, que a atirou para longe. Enquanto ela se levantava para avançar novamente, um gemido incoerente de uma das moças que se espremia no canto direito da tela chamou sua atenção e ela avançou naquela direção, parecendo haver se esquecido completamente do grupo da porta. Depois, outro infectado – o rapaz de boné! – se jogou para cima do grupo, mas foi detido por dois dos homens, que o agarraram pelos ombros e o espancaram até deixá-lo inconsciente – ou morto. Depois disso, sem que parecesse haver nenhum tipo de progresso no trabalho com as grossas portas duplas, que insistiam em permanecer em sua inércia indiferente, três infectados, surgidos de algum lugar escuro, se lançaram para cima deles selvagememente, e,

desta vez, a ação dos cinco homens juntos foi insuficiente para derrubá-los. O que aconteceu foi exatamente o oposto, e Lorena sentiu o já familiar gelo na espinha percorrer o corpo todo.

O grupo dos três infectados derrubou os homens que faziam a barreira, e não demorou para estes últimos também se levantarem e atacarem que chutavam a porta. Conseguiram pegar apenas um deles. Os outros correram e se espalharam pela escuridão. Lorena observava os infectados correrem atrás dos homens que deixavam a porta, e também se perdendo na escuridão, quando, ao sentir uma aproximação do seu lado direito, só não gritou porque uma moça gordinha, de cabelo vermelho, de calça legging preta e camiseta de uma banda de rock qualquer disse, quase num murmúrio:

– Calma, moça. Não grite, ou vai atrair todos eles pra cá.

– Que susto você me deu!

– Desculpe. Eu só preciso parar de correr. Não vi você aqui, pensei que não tivesse ninguém. Eu não aguento mais correr. Meu braço tá machucado, e eu preciso descansar – explicou a garota, recostando-se pesadamente na poltrona traseira e fechando os olhos com uma careta de dor.

– O que aconteceu?

– Um deles me mordeu – ela respondeu, estendendo o gordo braço esquerdo, de onde retirava um lenço que havia improvisado, e exibindo uma cratera de carne viva e sangrenta um pouco acima do pulso.

– Você foi mordida? Há quanto tempo?

– Sei lá, uns cinco minutos... Só sei que tá doendo pra caralho! – fez uma nova careta de dor. – O que tá acontecendo? Por que todo mundo ficou maluco?

– Não sei... Não faço a menor ideia – Lorena respondeu, sem tirar os olhos do local do ferimento da garota, mesmo após ela tê-lo recoberto com o lenço. Tratava-se de um ferimento relativamente pequeno, talvez por isso ela não havia se transformado ainda. Assim como levou um tempo com a primeira garota. Os outros, os que Lorena viu sendo transformados rapidamente, haviam levados inúmeras mordidas – a maioria na cabeça! –, e, provavelmente, aquele deveria ser o motivo da diferença no tempo da

transformação. Mas, até quando aquela garota ao seu lado continuaria normal? Com medo da resposta, Lorena decidira que precisava sair com urgência de perto daquela moça.

A correria de um lado para outro não cessava por um momento sequer. Aquela sala de cinema escura, trancada, cheia de pessoas acometidas por alguma doença anormal e extremamente perigosa parecia um pedaço do inferno. Gritos misturados aos grunhidos vinham tanto da parte da frente quanto da de trás, e Lorena, se tivesse que chutar, diria que, àquela altura, umas trinta pessoas já haviam sido infectadas e procuravam passar aquela coisa desconhecida para as demais – conscientes disso ou não.

Uma nova formação estava na porta, tentando, mais uma vez, derrubá-la. Não dava para ver se eram os membros remanescentes, os que não haviam sido infectados, do grupo anterior, ou um grupo novo que havia observado a ação e agora fazia o mesmo; um grupo na porta, e outro ao redor, formando a barreira contra os infectados. De repente, após haver acabado de olhar para o lado e verificar se sua infectada nocauteada permanecia tão desacordada quanto a deixara, e ver que a garota gordinha ainda gemia pela dor da mordida – quando ela começasse a *grunhir* é que haveria encrenca – Lorena notou um alvoroço – uma espécie de comemoração! – lá embaixo que durou dois segundos, para em seguida ser interrompido, e os murros na porta continuarem. A mulher não podia ver, mas tudo indicava que haviam feito algum progresso.

Talvez por haverem percebido que, se não houvesse um pouco de racionalidade no meio do caos, as coisas só tenderiam a piorar, um grande grupo nas fileiras de trás começou a chutar as poltronas com uma compulsão decidida e incontida. Ao contrário da porta, as poltronas não demoraram a ceder, assim como não demorou também a se ouvir os sons dos pedaços de madeira sendo usados contra os infectados. Quando o pedaço de projeção transmitia uma cena diurna, Lorena olhava lá para trás e via braços de poltronas atingindo com precisão os infectados, que avançavam feroz e raivosamente para as pessoas que agora tinham uma arma, mesmo que um pedaço de madeira irregular, para se defender. Dificilmente um único golpe daqueles seria fatal, e então, os infectados atingidos



se levantavam, cambaleantes, para continuarem sendo atingidos, e continuarem a se levantar, num processo que só se findaria quando um dos dois lados, por fim, viesse a sucumbir. Aquelas pessoas doentes, nitidamente, não eram espertas, mas alguma coisa nelas as tornava mais perigosas que qualquer homem racional apontando uma arma de fogo.

Também percebendo a pretensa ordem que começava a surgir lá atrás, muitas pessoas que ainda corriam de um lado a outro – e, a maioria, não suportando mais aquela correria que não cessava – também haviam notado a formação munida de pedaços de madeira das poltronas, e passaram a correr para lá. No entanto, de um grupo de mais ou menos quinze pessoas que havia corrido junto, menos da metade conseguiu chegar e se misturar aos supostamente armados. Os demais foram pegos e brutalmente atacados, irreversivelmente feridos e, o que Lorena considerava pior do que qualquer uma das opções anteriores: automaticamente infectados.

A moça ao seu lado ainda estava com a cabeça recostada, os olhos fechados, o braço ferido – e já com uma tonalidade escura; uma estranha variação de marrom com roxo – caído sobre a perna esquerda, mas não gemia mais. Apenas mexia a cabeça debilmente, com expressão de sofrimento. Engatinhando no estreito corredor de poltronas, Lorena se afastou alguns metros dela, aproximando-se, inevitavelmente, da infectada desmaiada. Um novo alvoroço manifestou-se lá embaixo, mas somente do grupo que golpeava a porta. O outro, desarmado, estava ocupado demais tentando manter os infectados afastados apenas com a força bruta. Então, no meio do caos estabelecido lá embaixo, Lorena viu: a forte luz artificial vinda de fora entrava timidamente pelo buraco que começava a se formar na região onde as duas portas duplas se encontravam. Mais alguns chutes, e ela se tornou maior. Motivados pelo súbito progresso, os homens então aparentaram empregar uma força ainda mais potente nas investidas, e não demorou para a resistente madeira abrir uma fenda por onde poderia passar uma criança magrela de não mais de quatro anos. E os golpes teriam de continuar, pois aquela sessão do Cine Galaxy, definitivamente, não era uma sessão infantil.

Até então imóveis na escuridão do chão da fileira de poltronas, os dedos de uma das mãos da infectada que Lorena havia chutado começaram a se mexer, primeiro vagarosamente, depois mais decididos, até que o braço todo, e depois a cabeça, também passaram a se mover. E a infectada abriu os olhos – dois pontos luminosos da mais autêntica fúria – no instante exato em que o celular de Lorena voltou a tocar:

– Carol, tá tudo bem?

– Eles entraram, Lorena! A gente tá no quarto. Eu arrastei o guarda-roupa pra porta, mas eles são muito fortes, tá balançando tudo. Eles vão entrar no quarto!

– Meu Deus, Carol! Eles não podem entrar! – Lorena falava aos prantos, enquanto ouvia o choro assustado dos filhos transformado no sinistro pano de fundo da voz apavorada da babá. E das batidas ensandecidas na porta. E, enquanto estava cem por cento atenta ao que ouvia do outro lado da linha, Lorena deixou de notar a mudança no som vindo da parte de trás do cinema. Se tivesse prestado atenção, saberia que alguma coisa lá atrás havia mudado.

– Lorena, a porta do quarto não vai aguentar, eles tão quase conseguindo entr...

O celular foi lançado ao chão quando a mão de unhas compridas deu a volta dolorosamente no tornozelo de Lorena. Num ímpeto de susto e dor, ela deixou cair o aparelho embaixo de uma das poltronas da frente, e, se não fossem os seus próprios gritos, certamente teria ouvido os gritos da babá e dos filhos do outro lado da linha.

Como da primeira vez, Lorena começou a desferir um chute que teria sido bem dado na cabeça da infectada, se esta não tivesse interrompido o percurso de sua perna com a mão de unhas compridas, que acabava de soltar seu tornozelo da outra perna. Com a segurada súbita de sua perna no ar, Lorena quase perdeu o equilíbrio, conseguindo estabilizar-se apenas no último segundo em que conseguiria se manter em pé, ao mesmo tempo em que dava um puxão brusco na perna e conseguia libertá-la. Enquanto dava uns passos para trás, estudando os movimentos da infectada que já havia se levantado e agora a encarava como um touro feroz, Lorena

planejava mentalmente passar por cima da garota do braço mordido e se juntar ao pessoal lá de trás – ela ainda não havia notado a mudança no barulho; Lorena não havia notado que, agora, os grunhidos coléricos dos infectados prevaleciam, e que quase não se ouvia mais nenhum barulho de golpe de pedaços de poltrona. De qualquer forma, esse não era o motivo de preocupação imediato de Lorena. Porque, quando ela se virou para começar a correr, a garota gordinha do braço mordido havia se levantado e também a encarava, em pé, numa postura rígida e tão ameaçadora quanto os olhos raivosos.

Lorena estava cercada. Pensou em pular sobre as poltronas da fileira de trás – o que teria sido a decisão mais errônea de sua vida –, mas correria o risco de cair ao saltar do outro lado, e então estaria perdida. Quando os grunhidos da infectada loira de cabelo curto e da roqueira gordinha se tornaram mais intensos e as duas se lançaram contra ela ao mesmo tempo, Lorena se jogou sobre as poltronas da frente, caindo de uma forma tão urgente e desajeitada, que só conseguiu parar quando seu corpo encontrou o chão. A adrenalina liberada pelo instinto de sobrevivência a fez se levantar num pulo, ignorando a forte dor nas costas resultante da queda, e correndo para a lateral, enquanto mirava a porta por onde, agora, daria para passar uma pessoa de não mais de cinquenta quilos. Em seu encalço, as duas infectadas haviam também saltado sobre as poltronas e a seguiam numa perseguição irascível e alucinada. A mulher conseguia conter os gritos, mas o corpo tremia e a respiração quase vacilava, enquanto encarava o grupo de homens derrubando a porta. Quando passava pela sexta fileira antes de chegar lá embaixo, Fábio-infectado, com seus olhos de fúria, saiu do corredor da fileira e se lançou contra Lorena, mas ela, dominada por uma adrenalina cada vez mais crescente, o empurrou com força, fazendo-o se espatifar no mesmo lugar de onde havia surgido, para, em seguida, se levantar com a precisão de um cão de guarda.

Com exceção da faixa de luz que cruzava a porta, o resto do local continuava escuro, e, assim que chegasse lá embaixo, Lorena seria alguém do outro lado da barreira humana, poderia ser dada como infectada e, conseqüentemente, ferida pelos homens que faziam a

guarda; mas não tinha opção. Por isso, deixou de conter os gritos – o que foi um alívio – e chegou pedindo socorro e abanando os braços em desespero. Havia dois infectados se aproximando do grupo naquele instante – a maioria estava lá em cima, e ela, agora, seria incapaz de reparar que os grunhidos haviam se sobreposto aos sons das pancadas –, e um deles, um homem negro de corpo malhado, se jogou sobre a mulher, que imediatamente foi puxada para dentro da barreira.

Depois disso, tudo aconteceu rápido demais. Fábio, a loira de cabelo curto e a gordinha roqueira terminaram de descer as escadas laterais e se jogaram para cima dos homens da barreira, não apenas com o objetivo de pegarem Lorena, mas para atacarem qualquer criatura não infectada que encontrassem no caminho. O número de homens formando a barreira, então, tornou-se insuficiente para deter o negro corpulento, Fábio, as duas infectadas e mais uma horda de mais de vinte deles, que, atraídos pelos gritos catárticos de Lorena, foram atrás dela. E então, de repente, seguindo os vinte primeiros, uma massa vinda lá de cima desceu as escadas, novamente como um tsunami impiedoso, mas, desta vez, a onda feroz não era formada por pessoas em pânico fugindo dos infectados, mas dos próprios infectados. Se Lorena tivesse estado atenta enquanto atendia ao telefone urgente de Carol, teria ouvido a reviravolta do confronto, e saberia, agora, que – apesar de sua insistência estúpida, ou, o que era mais provável, *justamente* por ela – os infectados haviam vencido.

Os homens que formavam a barreira estavam sendo esfaqueados pela horda que acabava de descer, e os cinco homens empenhados na porta, desta vez com a ajuda de Lorena, passaram a chutar com toda a força que eram capazes de empregar, e, finalmente, fizeram uma grande fenda nas portas duplas do Cine Galaxy.

Não houve cavalheirismo nem qualquer demonstração de gentileza. Não deixaram Lorena passar primeiro, e, possivelmente, nem mesmo teriam deixado as crianças, se elas estivessem ali. Quando tudo lá dentro havia se tornado um inferno completo e as dezenas de pessoas com quem dividiam o mesmo recinto não

passavam de grandes caretas de grandes bocas abertas com seus dentes ameaçadores e instinto absolutamente primitivo, os primeiros homens se enfiaram pela fenda e ganharam o outro lado das portas duplas. Lorena jamais teria a oportunidade de agradecê-los pela não gentileza, pois, ao cruzarem a fenda primeiro, os homens foram recepcionados por uma pequena reunião de infectados que, surgidos da frente da lanchonete, correram até eles e fizeram a única coisa que seu novo instinto lhes mandava fazer.

Lorena passou pela fenda, viu o grupo de infectados que se amontoava sobre os homens recém-saídos do cinema, e passou correndo por eles, atravessando a área da lanchonete e chegando ao corredor de lojas. Era impossível não chamar a atenção dos infectados que circulavam confusamente por lá – não havia nenhuma pessoa *normal* ali àquela altura –, então, tendo atraído a um grupo numeroso deles, e com mais os infectados do cinema em seu encalço – a essa altura, a maior parte deles também já havia atravessado a fenda –, Lorena correu como pôde até chegar às escadas rolantes que a levariam aos andares inferiores, e, se tivesse sorte, ao estacionamento.

Ela corria e chorava, com seu vestido florido subindo e descendo, e seu cabelo despenteado balançando ao ritmo da corrida. Respirava laboriosamente e, embora não tivesse chegado a cair como as mocinhas patéticas dos filmes de terror, tropeçou nos próprios pés duas vezes – por sorte, estava usando sapatilhas, e não saltos. Finalmente, com a horda sanguinária atrás de si, Lorena chegou no primeiro andar e cruzou as portas do pátio do estacionamento. A noite estava estrelada, mas, mesmo sendo uma grande apreciadora de estrelas, não dava a mínima para elas agora. No auge do desespero, dando-se conta de que haviam ido com o carro de Fábio e que a chave havia ficado no bolso dele, Lorena passou a correr sem rumo pelo estacionamento do shopping, cada vez atraindo mais infectados em seu encalço. Não sabia até quando iria suportar a corrida, mas precisava sair daquele maldito estacionamento infestado e chegar à rua. Se ao menos encontrasse algum carro que... Ali estava! A pouco menos de dez metros para chegar na cancela do estacionamento e sair de lá de dentro, passou correndo

por um carro vermelho com a porta do motorista aberta e com a chave pendurada na ignição – provavelmente, o motorista infeliz havia sido pego antes que pudesse fechar a porta; havia sangue no banco e no volante –, e Lorena deu três passos para trás, retornando e entrando no carro. No instante em que girou a chave na ignição, o grupo de mais de oitenta infectados encostava os primeiros dedos esticados no veículo, e Lorena deu a partida, deixando-os para trás. Passou por mais alguns até sair do estacionamento, e por muitos mais na rua. Deixou de atropelar vários deles – com medo de capotar o carro –; em vez disso, desviava de todos por quem cruzava, o que a fez percorrer grande parte do caminho em ziguezague. As avenidas estavam tomadas por aquelas pessoas doentes, e tentar matá-las, agora, não era do interesse de Lorena. Ela só queria chegar em casa.



Algumas pessoas ainda gritavam e corriam, perseguidas por alguns infectados, e, por sorte, nenhum deles reparou no carro vermelho que chegava – ela havia desligado os faróis assim que entrara na rua. Os três carros acidentados que Carol descrevera estavam lá, quase em frente ao seu portão, e sem nenhum sinal de ajuda. Lorena estacionou o carro de qualquer jeito e passou pelo portão – anormalmente escancarado. As grades da porta da frente estavam abertas, os vidros estilhaçados e a estante de mogno pesado estava caída e arrastada.

Entrou, fechando atrás de si o que restava da porta, e correu até o quarto. Chamou duas vezes pelo nome de Bernardo, duas pelo nome de Julia e uma pelo nome de Carol. Nada. Quando Lorena se virou para sair do quarto e procurar pelos outros cômodos da casa, viu os filhos parados na ombreira da porta, um ao lado do outro, duas figuras inertes, ocas e alheias ao que haviam sido um dia, mas dotadas de uma coisa nova; uma nova essência. Aqueles olhos... Lorena já havia visto aqueles olhos várias vezes naquela noite e já estava familiarizada com eles... Só não podia vê-los nos filhos. Sem

forças, impotente, incapaz de fazer qualquer coisa para reverter aquilo, e, em consequência disso, incapaz de continuar – continuar o quê? Seu único objetivo desde que aquela loucura toda havia começado era chegar em casa e proteger os filhos; agora, não tinha mais objetivo algum –, Lorena foi ao encontro de Julia e Bernardo, duas cascas vazias de humanidade, mas cheias daquilo que ela passara a identificar como a mais genuína fúria. Abriu os braços para dar-lhes o que seria, sabia ela, seu último abraço nos filhos. Mas, antes que pudesse concluí-lo, Bernardo e Julia avançaram sobre ela, com seus dentes raivosos e seus olhares irascíveis. Ao sentir a primeira mordida, Lorena fechou os olhos. Estava com os filhos novamente. E desejava apenas que acabasse rápido.

## Mas livrai-nos do mal - Lidia Zuin

O galo do sítio nunca cantava na hora certa, mas se não cantasse em horário algum, certamente faria falta. Os ponteiros do relógio variavam todos os dias ao acompanhar o cacarejar altivo da ave. Ele gostava. Enrolado em lençóis de tecido rústico, o rapaz transpirava o calor do dia mal nascido e sorria de olhos fechados, sentindo a luz do sol transbordar pelas fendas da janela. Achava que era aquilo que tornava a vida real, que distinguia os sonhos da realidade rude.

Havia também o cheiro fumarento do café preparado pela mãe. Após calçar as chinelas e ajeitar as calças, foi ao banheiro para escovar os dentes espaçados com o mesmo sabão que usava para esfregar as axilas e aliviar o cheiro dos cabelos. O creme dental trazido pelo primo de São Paulo foi esgotado na queimadura que sofreu recentemente, quando encostou o braço nas extremidades da panela de água quente. Foi a mãe quem disse que era melhor fazer aquilo, passar a pasta na ferida, mas mesmo duas semanas após o incidente, a pele continuava maculada e sensível. Escondia a vermelhidão com a barra da camisa comprida, limpa e bem passada a ferro. Ajeitava os cabelos pretos com o pente-fino que a vizinha havia emprestado e nunca devolvido há uns distantes anos, quando foi atacado por piolhos. Apesar de a mãe não ter aceitado que a praga viera justamente dos filhos da comadre, ele teve sua vingança pessoal não devolvendo o acessório de plástico mole.

No corredor, os passos da matriarca estalavam sobre o chão frio de cimento queimado. Sua sombra crescia emoldurada pelo alaranjado do dia nascente. Vinha certa de encontro ao filho único, escondido à meia luz do banheiro. Com a lâmina na mão, ele



eliminava os últimos fios de barba abaixo do queixo. Fazia aquilo com precisão e orgulho, com a delicadeza de um escultor a compor seu Apolo marmóreo. Mas a desconcentração veio marchando junto à mãe, apressada em tê-lo à mesa para saborear a broa de fubá e o café com leite recém-ordenhado. O susto rendeu um corte superficial, o qual ainda assim lacrimejou um filete grosso de sangue. Lavou com sabão e esfregou o polegar contra a ferida ardida, teimando para que ela não gritasse seu rubor à face da dona da casa.

Com as botinas bem calçadas e os cadarços devidamente amarrados com laços, ele se sentou à mesa após a genitora se acomodar na cadeira. Assim que rezaram em silêncio o Pai Nosso e a Ave Maria que agradeciam pela refeição, derramaram o café e o leite nas canecas de metal amassado e beliscaram os pães, complementando-os com queijo levemente azedado pelo calor e o tempo. Mastigavam a massa umedecida de saliva num ritmo calmo e ruidoso, de lábios abertos e dentes esparramados na gengiva escurecida e irritada pela falta de higiene. As línguas rebentavam, por vezes arremessando farelos na toalha xadrez. O filho assistia à movimentação da boca enrugada da mãe, crescendo e comprimindo-se em rasgos de pele que demarcavam a carranca mal humorada. Eram quase setenta anos vividos naquela fazenda, agora esvaziada pela morte dos familiares – o marido foi o último a partir. A testa franzida unia as sobrancelhas peludas e desgrenhadas, brancas de idade e perplexas pelo sabor da comida. O rapaz tentava ler naquela face sofrida a história de uma geração exterminada por doenças e assassinatos, mortes esdrúxulas e desaparecimentos emoldurados por boatos e disque-disques. Mas não conseguia ver muita coisa, senão o ódio e a aflição que sentia ao descobrir os salientes pelos a crescer pelas narinas da idosa. Quando descoberta a cabeleira, os dentes do filho rangeram e as pálpebras convulsionaram, demorando a se estabilizar.

Bastou um olhar da mãe para que fosse sinalizada a hora de partir em caminhada para a capela. Bateriam pernas sobre o chão de terra vermelha, seca e poeirenta, que crescia até o céu em nuvens enferrujadas, levantadas pelo trote dos cavalos e das

carroças que iam e vinham da cidade. Ela seguia amarrada em seu vestido floral e amarelado pelo tempo, parcialmente destruído pelas traças, mas devidamente remendado pelos seus dedos ainda habilidosos com a agulha. Ele a acompanhava ao lado com o pescoço enfiado no colarinho alto da camisa que ganhou da tia de “Sum Paulo”. Andava assustado, os olhos grandes perdidos na irregularidade do trajeto percorrido. Na pele do terreno, cabelos verdes cresciam selvagens por entre as raízes de árvores entortadas. Mais acima, o capim nascia vívido e brilhante entre as cercas de madeira e arame que delimitavam o passeio de vacas e cavalos. Ruminavam silenciosos, observando atentamente o trajeto da dupla.

O filho sempre se incomodava com os olhos negros dos equinos. Neles, percebia seu rosto crescer como num espelho oblíquo, deformando-se até atingir a aparência da besta à qual o padre constantemente se referia durante os sermões. Na capela, os fiéis de pés sujos se enfileiravam entre os bancos de madeira escura e envernizada. Escutavam atentamente as sábias palavras do padre no altar onde Nossa Senhora reluzia entre velas derretidas – fossem aquelas colocadas pelo capelão ou pelos visitantes em busca de bênção.

A leitura da bíblia era feita harmoniosamente, com algumas pausas em que a entonação do pároco crescia ao eco retumbante das trombetas apocalípticas. Nessas horas, olhos castanhos se arregalavam ávidos em absorver algo que fosse além da audição. Entre as sílabas sagradas, os estalos dos folhetos ressoavam ao toque das mãos ásperas de enxadas, rastelos e demais ferramentas do cultivo da terra. Anunciada a canção, a capela ribombava o levantar da pequena massa, que pigarreava antes de iniciar o louvor acompanhado da viola, da gaita e da flauta tocada por filhos de comadres e compadres. Ao lado de sua mãe, o herdeiro único mordida os lábios em nervosismo. Ambos não cantavam. Apenas sibilavam ou moviam a boca acompanhando o movimento das vozes alheias. A genitora lhe ensinara com beliscões e olhares agressivos que não era para ele cantar, mas nunca ofereceu uma explicação. O rapaz, em sua mente inquieta e extremamente lógica, pensou ter descoberto o motivo: não era necessário falar ou gritar às alturas

para se tentar alcançar Deus com a garganta, já que Ele sempre estivera muito perto, dentro de cada um, escutando aquilo que está se passando por dentro. E nesse mesmo raciocínio foi que aprendeu a controlar seus próprios pensamentos, não os permitindo guiar às trilhas do pecado. Ao menos tentava que assim fosse.

Desvios eram insistentemente abordados pelo padre, que não se cansava em repetir os Dez Mandamentos. Assim, o filho os revisava mentalmente, analisando se os obedecia de maneira invicta. Alguns lhe pareciam obviamente respeitados, como amar o Criador sobre todas as coisas ou invocar seu Santo Nome apenas quando correto, mas outros lhe perturbavam como os pernilongos atormentavam seu sono nos dias quentes. Às vezes os lábios oscilavam durante as orações mais fervorosas, temendo que um sussurro escapasse da garganta e chegasse aos ouvidos da mãe, sempre atenta aos deslizos da prole. Simultaneamente, as pálpebras entravam em alvoroço, calculando, medindo, comparando: os dez mandamentos e suas próprias atitudes. Ponderava que o ser humano é imperfeito e que suas falhas poderiam ser perdoadas por Deus, caso o pecador realmente verificasse o erro e por ele se arrependesse. Porém, nem sempre o rapaz conseguia raciocinar seus crimes mentais, escondendo-os na parte lógica da cabeça com justificativas que o guiariam à anistia divina. Seus pecados ecoavam, perseguiram, disparavam o sangue em suas órbitas amareladas de icterícia.

Frequentemente, seus pecados o rondavam ainda na capela, como morcegos que se dependuravam e se locomoviam pelos cantos altos da construção. Ouvia por todos os lados a o som das asas magras, batendo insistentes e apressadas. Os ratos alados gritavam em vozes agudas e rasgadas, atormentando-o como assombrações. Naquele domingo, no entanto, os juízes demoníacos pareciam mais calmos. Apenas o observavam com seus olhos brilhantes, sorrindo caninos salientes. Ele fez o sinal da cruz e flexionou rapidamente os joelhos, despedindo-se de Nossa Senhora antes de partir de volta. Acompanhava a mãe na mesma romaria em vácuo, perdendo seus pensamentos entre o barulho das pedras chutadas ou esmagadas pela sola careca dos sapatos. Quando em casa, sentou-se pacificamente no banco de madeira posto na varanda. A mãe olhou

torto, mas não mostrou protesto. Recolheu-se na cadeira de balanço, onde continuou a tricotar meias para os netos de uma comadre.

Espiando o movimento das nuvens brancas, o rapaz concluiu que a chuva não viria outra vez. Fazia alguns meses que a terra não cheirava a molhado. Preocupava-se um tanto, já que a horta secava e rendia menos do que o necessário para a própria subsistência da família. Além disso, o poço parecia cada vez mais fundo e árido. Sentia nos ombros o peso do balde descendo reto e interminável, sem alcançar a água. Então coçava a testa recortada por rugas leves, queimadas do mesmo sol debaixo de onde as galinhas bicavam o chão salpicado de quirera. Passou a tarde assim, num torpor de pensamentos preocupados, mandados diretamente para o fundo do estômago, junto com o arroz da janta. Antes de se deitar, ainda conferiu a vela da santa adornada num altar construído na sala. Só depois, finalmente, escondeu-se debaixo dos lençóis.

No dia seguinte, porém, ele não seria acordado pelo canto do galo. A fúria das galinhas ecoou pela casa fria e ainda escurecida pelo azulado da noite. Incomodado com o barulho, levantou-se às pressas, pensando que talvez algum bicho tivesse invadido o galinheiro. Correu descalço até a varanda, de onde podia enxergar a pequena granja construída com pedaços de madeira e arame. Não havia animal algum, apenas sua velha mãe, abaixada com o esforço requerido pela idade, seu tornozelo ferido, mas não havia cão bravo a ser visto ao redor da casa. Ele franziu o cenho, não entendendo do que se tratava o escândalo. Pisou na grama molhada de orvalho e foi até o local, verificar com os próprios olhos a cara feia da matriarca que tinha nas mãos o galo às avessas. Depenava-o sem mal ter terminado com sua vidinha de cantar as horas e emprenhar as galinhas.

O rapaz sentiu imediatamente a pele do rosto se retorcer, como se em sua testa um redemoinho tivesse nascido, sugando toda a face numa expressão de horror e desespero. A voz que não saía há tanto engasgou na secura pegajosa da boca amanhecida, desfazendo-se em gotículas de saliva enroscada entre os dentes. As mãos calejadas subiram à cabeça, contornando os cabelos

desalinhados. Espalhavam o suor que brotava rápido e liso. Na garganta, estilhaços perfuravam-no até descer como um calor ácido na barriga prostrada à frente. Os punhos cerravam fortes, mas os cotovelos fraquejavam, reduzindo qualquer golpe ao encolhimento do corpo. Ele resistia em lágrimas. A mãe olhou por cima dos ombros, enrugando a cara como um espantalho velho. Abanou o ar, mandando o filho para longe.

Com passos pesados, ele se afastou lenta e duramente. Escondia entre os ombros o pavor que sentia pelo que a mãe havia feito. Certamente a cegueira parcial a fez matar o único macho em vez da galinha mais magra e, com isso, sentenciava o início de um agravamento na situação da família que vendia ovos para gente da cidade que alugava as chácaras ao redor. Era mais. Ardia-lhe na cabeça a sensação de perder o galo que há alguns anos cantava as manhãs, pelo qual havia criado uma estima postiça. Emburrado, escondeu-se debaixo da figueira. Embrulhou-se entre os joelhos das pernas compridas e transformou sua própria ossatura numa carapaça que separaria seu choro das vistas do mundo. Queria chamar a mãe de maldita, mas as palavras não saíam da boca senão como grunhidos de quem desaprendeu a falar, desaprendeu a ser gente. Balançava para frente e para trás, ao som dos pássaros que piavam despedida, no céu de laranja. Com o passar dos minutos, o cheiro de terra foi sobreposto pelo aroma de comida, do assado feito no fogão à lenha.

Pouco antes de o sol engolir as sombras ao meio-dia, ele sabia que era hora do almoço, mas o estômago revirava num misto de fome e repúdio teimoso. Não queria comer o amigo, se é que o galo havia sido isso mesmo. A mãe saiu na varanda, procurando o filho com os olhos apertados e a vista nula. Não o distinguiu entre as sombras da figueira, como também não quis procurá-lo. Ele, que no fundo queria a atenção da mãe, amargurou-se com a desistência desta. Ela mastigaria a carne dura e ruim do bicho, amaldiçoando em sua cabeça a galinha que ela não matou. Talvez cogitasse o crime, mas a velhice já a fazia caduca demais para isso. Tão caduca que seria capaz de tomar veneno de rato, caso este fosse posto ao lado no lugar do jarro de leite. Ao supor tal, o filho envergonhou-se,

reconhecendo o pecado de desejar mal à santa mãe. Tentou começar um Pai Nosso para se desculpar, mas a cabeça fervia com a imaginação fértil. Podia ouvir os ossos da ave separando-se entre as próteses da velha, desfazendo-se com o gosto da carne unida ao sal e às ervas do tempero. Grunhiu.

A dor da fome lhe atormentava o corpo jejuado. De raciocínio embaralhado, levantou-se na tentativa de esticar o corpo grande e truculento pelo trabalho braçal. Caminhava de um lado para o outro, bufando. Agora sim, ele ouvia o tilintar dos talheres contra os pratos, o barulho de uma tampa de panela que escorregou e caiu no chão. O que fazia? Ainda comia? As refeições nunca eram longas, para que não dessem espaço à vontade de repetir. Tinha que sobrar. Não era um tempo para excessos. E ela não podia exceder. Mais. As pernas se moveram cada vez mais rápidas, mais pesadas, mais ruidosas. Rompiam o mato erguido no caminho, espalhavam terra pela varanda varrida no dia anterior. Com a mão grande, arremessou a porta telada para longe, dando passagem à própria animalesca presença. O filho estava possesso pela imagem da mãe a banquetear sozinha e fartamente. O rosto se untava com a gordura dos pedaços de ave fritos, brilhantes sobre uma travessa que tinha sido presente de casamento. Ele não entendeu o motivo do luxo, da celebração em meio a uma terça-feira de novembro. Além do mais, ela comemorava sozinha.

De frente para a mãe, do outro lado da mesa, ele a encarava ofegante, reparando em sua face a tranquilidade desdenhosa, aquela que só chega aos homens com a idade e a sapiência. Mas ela não era sábia. Era só velha. E louca, cega e ridícula. Sua boca se preenchia da mesma saliva que digeriria a comida cheirosa e quente, ainda fumegante na panela. Grãos de arroz se dependuravam no buço da mulher pecaminosa, traidora. O filho se contorcia, tentando estrangular internamente o ódio que crescia incontrolável, numa somatória de todos os anos perdidos na rigidez e no vácuo. Pedia a Deus o controle dos santos, mas os demônios lhe surgiam pelos pés, despregando-lhe as solas. Sem cálculo, percebeu que o punho se erguia e baixava num golpe rápido e pesado sobre a mesa. O móvel tremeu junto à louça espalhada sobre a toalha encardida.

Inevitavelmente assustada, a mãe o encarou de olhos arregalados. Saltava-lhe das órbitas a escuridão das íris esbugalhadas por olhares recriminatórios. Lágrimas caíam bruscas, reluzindo conforme o sol invadia a casa.

Porém ele, o filho, que depois de tanto ter a voz calada ainda na formação do raciocínio, não pôde justificar nada – nem mesmo tentando enganar a própria consciência. Agia sem mediação, desviando-se da mesa até encontrar a velha mãe encolhida na cadeira de pernas irregulares. Tomou-a pelo ombro, forçando-a a se levantar e firmar os joelhos inchados na posição ereta. Não estava mais diante da cria, mas de um monstro que a comia pelos olhos e a ameaçava com a respiração quente e esbaforida. Com a mão vazia, o rapaz agarrou a travessa de carne, espalhando os pedaços e farelos restados na superfície prateada. Depois de arremessar a mãe contra a parede, usou o presente de casamento para golpear a cabeça da mulher que, no entanto, não se encolhia diante do ataque. O queixo erguido recebeu as pancadas laterais com firmeza, até finalmente se deslocar pela lateral. O maxilar solto do eixo despencou, esticando-se num sorriso incômodo e distorcido pelo crânio maculado. Os olhos velhos e amarelados rangiam em orgulho.

Ele não conseguia admitir a irreverência da mãe, que só cedeu ao ataque com um último golpe seguido do urro de arremate. As pálpebras baixaram num piscar que se encerrou na queda abrupta do corpo flácido, firmado por ossos porosos. O filho retomava o fôlego, deixando escapar dos dedos a arma que ribombou contra o chão. Quando a calma retornou à casa, seguida de um ruído agudo ecoando nos tímpanos, o rapaz descobriu a própria pulsação disparada. Afogava-se com as gotas de suor que invadiam sua boca, misturando-se à saliva azeda e rançosa. O corpo inerte permanecia ajoelhado, apoiando-se com a têmpora colada na parede, do jeito que ficou depois de arremessado. Uma estátua dormia um sono disfarçado de morte. E o responsável pela escultura mórbida não encontrava os limites de seus sentimentos. Misturavam-se num só ritmo cardíaco os acordes do pavor, da satisfação, da culpa e do alívio.

De súbito, contudo, ele interrompeu a reflexão conforme ouviu um barulho vindo das costas. Encontrou o rosto da santa alimentado pelas luzes das velas de sete dias ainda inteiras, acesas pela mãe. O mesmo vento que balançava as cortinas também fazia as chamas oscilarem, brincando com o relevo e a forma da face calma e delicada da virgem santíssima. O aspecto adquirido pela imagem provocou asfixia ao pecador, que mordida a ponta dos dedos e ia, apressado, ajoelhar-se aos pés da mulher em capa azul. Fez o sinal da cruz seguidas vezes, iniciando pais-nossos sem conseguir terminá-los. O estômago vazio lhe incomodava as entranhas e a concentração. Aproveitou o excesso de saliva para umedecer as digitais e cessar a claridade. Sorria como criança errada que ainda tenta seduzir os adultos quando sabe que vai ser castigada.

Como sentia fome, correu à mesa para poder experimentar o resto da comida – não a carne, que deixou espalhada no mesmo lugar onde foi arremessada durante o ataque. Comeu duas pratadas de arroz com feijão, cheias e mornas. Correu à cozinha e ainda beliscou os pães do café da manhã, o queijo e bebeu metade do leite restante. Então, o cansaço lhe pesou nas costas e nos olhos, que arderam e buscaram ao longe a cama no quarto refrescado pelo vento da tarde. Preguiçosamente estendeu-se sobre o colchão duro, encontrando em algum canto a posição certa para a sesta. Há muito não a tinha com a barriga cheia, um grande prazer.

Não demorou a pegar no sono e se envolver num sonho superficial, quase lúcido, no qual o forro do cômodo se misturava à miragem de rostos vistos na igreja. Junto deles, um barulho. Um ruído rouco e incômodo, assustador ao único que o ouvia. Eram os morcegos gemendo, esfregando-se, raspando seus corpos e asas contra o teto da capela. Enquanto o padre rezava a missa, servindo-se do corpo e do sangue de Cristo, os ratos alados se dispersavam, alguns pousando na cabeça dos fiéis distraídos, outros na imagem de Nossa Senhora, três na cruz branca e alta. Aflito, o rapaz encolhia-se no sonho e se retorcia na cama, até ser acordado numa sensação de queda: a alma retonava ao corpo que retornava ao colchão.



Descobriu a testa molhada, mas os braços e pernas estavam resfriados pelo vento que atravessava as cortinas encardidas e preenchia o quarto. Ao deitar novamente de costas, viu uma mancha negra crescendo no corredor. Não era nada. Apesar disso, o susto lhe tirou o sono e o forçou a se levantar. Resolveu caminhar em volta da casa, para vigiar os animais e colher as frutas que lhe serviriam de jantar. Não sabia nem acender o fogão, então recorreria ao pomar. Colheu algumas jabuticabas e amoras que cintilavam entre as folhas verdes, metendo-as na boca em mordidas abertas e ruidosas. Contentava-se com a doçura dos frutos refrescada pelas cores da noite próxima. E como a escuridão vinha com pressa, ele não teimou em enfrentá-la e voltou para dentro da casa, desfilando frente ao corpo da mãe, esquecido onde fora posto.

Apesar de já ter alcançado um novo cômodo, não conseguia esquecer o vulto da matriarca encolhido atrás da mesa de jantar. Sentado na própria cama, pensou ser mais sensato verificar se realmente a mãe havia tomado rumo ao Céu ou se precisaria apenas de repouso. Voltou temeroso até a copa, agachando-se de frente para a velha de maxilar deslocado. Observava de perto a expressão tranquila, mas disforme, que se fixou na face da mulher desacordada. Ao deitar a mão sobre seu ombro, sentiu o corpo enrijecido, como se em extrema tensão. Lembrou-se das anedotas que as crianças vizinhas contavam sobre os mortos, que se congelavam de susto ao ver a figura do Ceifador e, por isso, endureciam antes de serem aliviados pelo perdão divino. Mas ela respirava. O peito subia e descia, murchando-se dentro do vestido florido. Talvez ela só precisasse de um pouco de repouso, um momento em sua cadeira de balanço. Pensou que ela tivesse febre ou estivesse amuada também devido à ferida que gangrenava em seu tornozelo. Ele tinha o mesmo desenho dos dentes carimbados outrora em sua panturrilha, quando fora subitamente atacado por um cão, ainda durante a infância. A cicatriz lhe restara como referência à comparação.

O filho se esforçou para ajeitar a mãe na mobília, não se esquecendo de lhe deixar no colo o tricô que ela, eventualmente, quisesse continuar. Suspirava, enfim, encarando a face adormecida

da mulher que o pariu e o criou até então, com seus quase trinta anos de idade e de reclusão. Achou num banquinho de madeira um encosto para acompanhar a mãe, de frente para a janela larga, onde ela costumava costurar e observar o céu. Com o escurecer da noite, o primogênito tratou de acender os lampiões para um ambiente mais agradável aos insones. No lusco-fusco, ouviam o som dos insetos e dos animais ao longe, passos de gatos que invadiam sua fazenda e brincavam com ratazanas antes de elas entrarem na casa. O silêncio, outra vez. Incômodo, opressivo.

Olhava para a mãe várias vezes, tentando notar qualquer movimento que propusesse ânimo. Mas ela continuava inconsciente. Ele queria conversar com ela, como sempre quis, mas sua face o proibia antes mesmo de tentar. Levou a mão ao rosto comprimido e irregular da mulher, usando os indicadores para erguer as pálpebras moles, até que os olhos aparecessem amarelados como de costume. Sorriu. Não chegou a formular nenhuma frase, mas manteve uma sequência de resmungos em que palavras como “pai” e “chuva” se misturavam à garoa caindo, repentinamente, do lado de fora. Com os relâmpagos, ele se lembrava do dia em que o homem mais velho da casa não retornou para a janta, porque carpia perto da cerca, onde um raio caído o matou de dentro para fora. Preferiu não ver o corpo e entender que um dia ele voltaria, provavelmente quando a mãe voltasse a falar. E ele ainda lembrava a voz dela, talvez mais que a própria.

Num surto, sentiu vontade de tocar a matriarca. Chovia depois de tanto tempo: era, certamente, um milagre. Primeiro, analisou o inimigo, observando-o de canto, tentando se prevenir de qualquer ataque súbito. Mas a mulher estava presa em sua cela de carne e ossos frágeis, com o olhar triste daqueles que não vivem e nem morrem – só continuam. Assim, julgou que seria possível uma aproximação, de unhas trêmulas e capazes de identificar os vãos onde se entrelaçariam aos dedos enrugados, meio moles, macios de feminilidade senil. Ela estava fria, salpicada pela garoa forte que chegava pela janela com a força do vento. Os relâmpagos descobriam das sombras sua face caída no ombro em frações de segundo. Pareciam tentar alertá-la: acorde, acorde! Mas a surpresa

partiu da própria mulher, que saltou da cadeira de balanço num único impulso, disparando o móvel contra o chão atrás de si.

O filho foi engolido pela assombração da velha magra arqueada dentro de sua cobertura de chita. Corcunda, ela retomava o equilíbrio sobre as duas pernas, alongando os braços e remexendo o pescoço em estalos graves e quebradiços. O cabelo branco e ralo, onde o tom castanho ainda restava como cor encardida, desfazia-se do coque baixo, estendendo-se feito serpentes agitadas à brisa úmida da chuva. Num sopro, a cortina a engoliu alvoroçada, escondendo o movimento de seus ombros, girando até comandar o corpo de volta à banquetta onde o rapaz aguardava intacto, segurando-se nos próprios joelhos. O pavor crescia-lhe na nuca, arrepiando-lhe os pelos mal crescidos, escorrendo pelos braços cabeludos até alcançar as pernas ansiosas e trêmulas. O corpo reagiu molhando por entre as calças, encolhendo-as em umidade. Como rádio sem sintonia, as vozes no peito da mãe se misturavam sem achar a frequência certa. Dispersavam-se na garganta, nas cordas vocais ressecadas e desusadas há tempos. Organizavam-se até formar um grito horroroso transparecido na cara disforme, diagonal, onde a mandíbula se desencontrava com o restante da ossatura do crânio.

Perdeu o equilíbrio. A pressão despejada contra os pés ricocheteou, disparando-o para trás, num tombo amortecido pelos quadris. Ao se arrastar, o filho era perseguido pelo vulto rígido da mãe: mais certa, mais ágil, mais obstinada. De mãos estendidas ao ar, muitas vezes despencando à fragilidade da velhice, procurava-o desviando-se de objetos maiores ou atropelando os que não ofereciam resistência. O filho gritava, mas nenhum de seus urros formou sílabas condizentes ao raciocínio da mulher desvairada por aquilo que a consumia. Quando finalmente a fuga dele se interrompeu num deslize, o degrau entre a sala de estar e o corredor para os quartos, ela deu o bote.

Num salto lupino, despejou-se sobre o rapaz grande e forte, então resumido a um filhote paralítico a rezar ininterrupta e atropeladamente. Comería-o como a fêmea carnívora diante da cria doente, mais frágil. Ele estava morto, veio ao mundo sem poder

andar, comer, respirar ou pensar por conta própria. Ela o devoraria para poder retornar ao seu interior aquilo que nunca deveria ter saído. Os dentes espaçados do filho se cerravam, entrelaçando-se no fervor. Rangiam e deixavam escapar um choro agudo, desesperado, úmido de lágrimas e suor que brotavam feito o sangue entre os lábios secos da mãe. A mulher o mordia no flanco recheado, penetrando as próteses dentárias na carne amolecida pela gordura e tensionada pelo medo. Arrancava com uma força ilógica à mandíbula fraturada. Ainda assim, sobre a língua pendia um pedaço disforme de corpo parido. Experimentava-o aos poucos, na amargura da insensatez e da necessidade fisiológica.

Engolia-o com nojo e fome, descobrindo no paladar a graça do exótico e saboroso. O filho não relutava, mas se estendia no chão, pressionando os lábios com a mesma força que fechava os olhos, comprimindo no peito a sensação de dor. Recusava os impulsos do corpo, reflexivos ao ataque. Pensava em Deus, tentava alcançá-lo para perguntar se era aquele seu castigo por não honrar a mãe. Mas o Senhor não lhe respondia. Suas preces escorriam junto à água da chuva, nas calhas em volta da casa. Conforme o sangue fugia de si, o rapaz se envolvia num manto alucinógeno, perdendo-se num desmaio frio que sossegou o estômago da mãe. Sentada diante da cria morta, ela observava o rapaz. Tinha os olhos perdidos no vazio da loucura, na isenção de julgamentos e interpretações.

Mesmo não mais capaz de raciocinar feito gente, ela não conseguiu se livrar dos seus velhos costumes. Com a chegada do outro dia, sem conseguir extinguir a absurda fome com a carcaça do filho, a mulher seguiu em direção à porteira. Andou pela estrada de terra, seguindo um caminho instintivo, guardado em algum canto de seu cérebro corrompido. Ainda no começo do trajeto, ouviu ao longe as badaladas do sino da capela. Seguiria firmemente até o prédio preenchido pela missa das sete, de onde se ouvia escapar pelas janelas e pela porta principal: "Nossas famílias serão abençoadas, porque o Senhor vai derramar o Seu amor..."

## A metade de meia dúzia - Felipe Castilho

### **Dois dias atrás.**

Cabeças a perder de vista. Mais de oito corpos por metro quadrado se acotovelando e rosnando. Humanos se entregando aos seus instintos mais primitivos. O ar parecia não circular e a sensação térmica elevada aumentava o clima de inferno itinerante montado às pressas. As pessoas só não eram empurradas até a linha eletrificada porque a composição do Metrô estava lá, parada há quinze minutos, desde que a baderna havia se instalado na estação Sé.

Márcio balançava a cabeça em uma negativa silenciosa. Não acreditava no que via, olhando da parte mais alta da estação para os níveis mais baixos. Chegava a ser dantesco. Estava voltando para casa e fazia a baldeação na estação quando tudo começou. Bem na Sé. Horário de pico, trens abarrotados. Olhou para a amiga, Rita, tão miudinha em sua orientalidade. Se estivesse lá no meio, já teria sido pisoteada pela multidão ensandecida.

Os dois colegas de trabalho olhavam para a direção das catracas. Outra multidão queria entrar, mas os seguranças vestidos de preto bloqueavam quem chegava. Estava proibido o embarque.

– Melhor a gente sair – disse Rita, segurando a bolsa bem junto ao corpo.

– Se a gente conseguir – observou Márcio, incrédulo. – Meu Deus, parece que a São Silvestre inteira está querendo entrar aqui.

– Moço! – Rita agarrou o cotovelo de um dos seguranças que passava por eles, o rádio no ombro tagarelado ruídos. – O que aconteceu? Por que tá todo mundo...

– Foi queda de objeto na linha, moça. Voltaremos ao normal o mais breve possível – respondeu o homem, curto e grosso, se afastando para controlar a multidão nos andares inferiores da estação.

– Gente, esse povo perde a cabeça por tão pouco. Olha a bagunça!

Márcio levou a amiga catraca afora, abrindo caminho entre as pessoas.

– O metrô não vai voltar tão cedo, Rita. Tô pensando em pegar um ônibus no Parque Dom Pedro. Tem algum lá que serve para você?

A colega de trabalho torceu a boca.

– Até tem, mas nesse horário vai estar tão lotado... E todo mundo deve estar indo pra lá também.

Márcio ficou sem saber o que fazer. Seria nada cavalheiresco dizer “Então boa sorte, fui!”, e largar a garota no centro da cidade congelada. O metrô era a artéria principal de São Paulo, já tinha ouvido dizer. E, diga-se de passagem, aquela veia estava bem entupida.

Voltou-se para Rita, que olhava o povo ao redor. Trabalhavam juntos há quase dois anos, e nunca haviam passado juntos por uma situação diferente da constante pressão do escritório, ou do curto trajeto de metrô até em casa. E Márcio sentia-se bem na presença dela. Não ficava tão inibido e tímido quanto costumava ficar na presença de outras mulheres do trabalho. Rita o deixava à vontade, além de ser uma graça.

“Justo hoje, que não tive aula na faculdade, o metrô quebra e não vou para casa cedo. Quer saber...”

– Rita, tá a fim de um cafézinho aqui pelo centro?

– Agora?

Márcio não esperava que ela respondesse com outra pergunta. Só estava preparado para um sim. Aquilo minou a sua coragem súbita.

– É, bem, acho que vai demorar lá embaixo, e os ônibus estão um inferno, e...

– Claro, que ideia! Onde?

– ...mas tudo bem, você deve estar cansada...

- Márcio.
- Hã?
- Eu disse sim. Vamos logo que eu tô com fome!

Márcio deu um sorriso nervoso. Enfim, conseguiu ver algo de bom na paralisação da cidade.

## **Hoje.**

Márcio sabia que deveria ter faltado à faculdade. Pressentiu que o dia terminaria em merda. Aliás, merda é pouco. Merda pode ser limpa. Já o campus da universidade banhado em sangue...

Da janela do laboratório de informática, no segundo andar daquele prédio, tinha uma boa visão de grande parte do pátio central. Enxergava a praça de alimentação no subsolo do edifício da frente, o estacionamento logo abaixo, o pavilhão de eventos e a agência do banco que ficava ao lado da administração da faculdade. E todos esses pontos de referência ganhavam um mórbido matiz avermelhado após o início da loucura que possuía o lugar. As ruas. A cidade. Gente vagando a esmo, rotos e feridos, farejando o cheiro de carne fresca de quem ainda não fora infectado por aquela espécie de... Raiva. Márcio duvidava que toda aquela gente tivesse sido mordida por cães não-vacinados.

Pensou em como as estações de metrô estariam naquela situação. Pessoas perdiam as estribeiras com a paralisação temporária das linhas, como ele havia visto há menos de três dias, mas nunca chegavam a morder umas às outras. Ou arrancar a cara de outro cidadão a dentadas.

Márcio estava assustado demais para gritar, para tremer. Há dois dias só observava os fatos – pelas janelas do laboratório, ou pela internet. As notícias aumentavam o sentimento de impotência. Jornais e sites de notícias do mundo inteiro mostravam imagens de São Paulo em frangalhos, famílias tentando fugir do horror canibal e sendo impedidas pelo exército em grandes barreiras de tanques e trincheiras. Ninguém entrava, ninguém saía, fosse por terra ou ar.

Saiu da janela e foi para um dos computadores, trajeto que repetira ao extremo na rotina diária. Comunidades e fóruns de

discussão criavam teorias conspiratórias sobre o vírus da raiva humana, como muitos haviam decidido chamar a tal infecção. Alguns levantavam a bandeira de que um “apocalipse zumbi” estava em andamento. Um grupo de fanáticos religiosos dizia que o inferno estava lotado e que os mortos estavam voltando para caminhar sobre a Terra. Márcio já havia escutado coisa parecida antes, e não fora em uma igreja.

Algumas redes de televisão diziam que providências estavam sendo tomadas, que o prefeito e o governador de São Paulo, refugiados no Rio de Janeiro, discutiam uma solução. Mas Márcio sabia que grande parte daquilo era placebo. Pílulas falsas para os poucos sobreviventes da tragédia engolirem e acharem que tudo ficaria bem.

E a web não parava de disparar teorias e possibilidades. Leu em algum lugar que o Chile já havia sofrido algo parecido no passado (mas por que ninguém nunca soube? Censura da Era Pinochet?) e que todo o flagelo atual havia se originado no interior paulista, alastrado graças a fugitivos das zonas de contenção.

– Chega – murmurou, sozinho entre as fileiras de computadores. Ler todas aquelas notícias que pareciam ser inventadas só aumentava a paranoia. A maior verdade era a que estava lá fora. “*A verdade está lá fora. Boa*”. Márcio gostava de Arquivo X. Se os agentes Mulder e Scully não tivessem se aposentado do Bureau, talvez dessem uma ajudinha com a infecção na cidade.

Márcio fechou todas as janelas de notícias e vídeos da catástrofe. Deixou apenas o seu *messenger* aberto, mas seus poucos contatos estavam offline, sem exceção. Sua mãe e seu pai não sabiam mexer na internet, e também não atendiam o telefone. Após tantas tentativas de contatá-los, a bateria do celular de Márcio pareceu arriar de vez, não adiantava mais tentar recarregar. Agora era um peso morto dentro da mochila, recostada num canto. Tentou não pensar na família. Rezava para que estivessem seguros dentro do apartamento na Zona Leste, fazendo barricadas com os móveis. Assim como ele próprio havia feito na única entrada do laboratório de informática: computadores, mesas, cadeiras e armários se amontoavam na frente da porta para isolá-la. Vez ou outra, braços



furiosos esmurravam o outro lado e grunhiam palavras desconexas no dialeto da raiva. Márcio fechava os olhos e torcia para que os infectados não resolvessem se agrupar e colocar a porta abaixo. Calculava que sua barricada pudesse conter o ataque simultâneo de dez pessoas. A faculdade abrigava mais de mil alunos em aula durante o início da confusão. E Márcio parecia ser o único que ainda não estava a fim de provar carne humana. Não queria que todas as aberrações descobrissem esse fato.

Não havia amigos com quem se preocupar. Todos os seus conhecidos da faculdade – um bando de filhinhos de papai que o esnobavam por não ter um carro – ou estavam dilacerados ou estavam vagando pelo campus, ensanguentados e sem consciência. Já o pessoal do escritório... Bem, eram apenas colegas de trabalho, e grande parte deles bem insuportáveis. Não se preocupava com ninguém de lá.

“Com ninguém? Tem certeza?”, perguntava-se.

Rita. Há alguns dias, era apenas mais uma pessoa na empresa. Uma belíssima pessoa, por sinal, mas ainda assim menos que uma colega. Conheciam-se apenas o básico que o dia-a-dia no trabalho proporcionava. Então, naquele longínquo e conturbado fim de tarde em que o metrô entrou em colapso, ele a havia convidado para tomar um café. Só os dois, em uma mesinha. Comendo quitutes e conversando.

O coração de Márcio disparou com a lembrança de Rita.

O estômago de Márcio roncou com a lembrança da comida.

## **Dois dias atrás.**

– *Ô loco*, você vai aguentar comer tudo isso?

– Minha mãe fala que eu sou magra de ruim – disse Rita, abocanhando sem pudor um pãozinho de queijo. – Pega aí, Márcio!

O rapaz sorriu e pegou um salgado do prato dela. Aquele lugar era bem agradável. Sempre via as mesas e a decoração francesa quando passava na frente do café, às pressas, mas nunca tivera tempo nem companhia para entrar. Por um momento lembrou da bagunça na estação Sé, e sentiu pena de quem ainda estava lá

embaixo, no aperto. Nem todo mundo poderia sair e fazer um *happy hour* com uma pessoa tão agradável quanto Rita. Aquilo parecia até um encontro.

– A gente se conhece há tanto tempo e nunca conversamos decentemente, né? – perguntou ela, falando com a boca cheia e ainda assim permanecendo encantadora.

– É, sim – concordou Márcio, enrubescendo. – A rotina do escritório é tão corrida.

– Verdade. Mas você também é muito tímido, viu? Nós já fomos embora junto de metrô algumas vezes.

– Só quando eu não vou para a faculdade – explicou o rapaz. – O que acontece a cada alinhamento dos planetas.

– Ah, entendi – disse Rita, sorrindo. – Você é um nerd? Ops, digo... Um estudioso!

Márcio riu, o que só era algo mais difícil do que faltar na faculdade. Aquele era um sinal inegável de que ele estava ficando à vontade.

– Não tenho opção. Ganhei bolsa na faculdade, não posso ter muitas faltas. Senão eu perco o benefício, sabe?

– Sei sim, estava só brincando. Mas então você quase não tem vida social? Do escritório pra facul, da facul pra casa. Dorme, acorda, escritório. Sempre assim?

Márcio nunca admitiria isso em uma conversa. Que não tinha vida social. Mas Rita parecia realmente *interessada* nele. Na sua vida. Bebericou o café para molhar a garganta seca.

– É. Sempre assim. Nos fins de semana estou tão morto de cansaço que não faço nada a não ser dormir e assistir televisão. Não sou muito de sair, também.

– Putz. Mas eu também não ando muito diferente – confessou Rita, empurrando mais salgados na direção do rapaz. – Perdi aquela coisa de ficar indo em baladinhas, sabe?

Márcio mostrou-se sinceramente espantado.

– Jura que você não é de sair? Que estranho.

– Como assim, estranho? Perdi o pique, ué. Troquei baladas e bebidas por casa e cafés – e levantou a xícara com um sorriso.

– Difícil uma mulher tão bonita não gostar de sair – disse a boca de Márcio, antes que pudesse controlá-la. Saiu. Rita não pareceu constrangida, ergueu as sobrancelhas de maneira extrovertida.

– Oh, muito obrigada pelo “mulher tão bonita”. Você também não é nada mal, vai.

Silêncio. Márcio cantou a garota sem querer, e acabou de receber um flerte em troca. Resultado: ficou duplamente encabulado. Virou o café na boca para que a xícara escondesse seu rosto vermelho. Rita percebeu que ele não esperava uma resposta tão “saidinha” de sua parte, e decidiu que não iria deixá-lo mais sem graça. Mudou a direção do assunto.

– Mas e aí, você gosta da sua faculdade? O que você faz?

– É, hum, eu... Faço Marketing e Propaganda. Até que gosto de lá, mas não curto muito as pessoas.

## **Hoje.**

Seus olhos estacaram no nome de Rita em sua lista de contatos. Vermelho também, claro. Offline. Imaginou se ela ainda estaria viva. “E se estiver?”, pensou. O dia de anteontem fora um feliz acaso, mas deveria se conformar que uma ocasião tão feliz como aquela não se repetiria tão cedo. Rita era simpática por natureza, e talvez tudo não tivesse passado de flerte. De diversão. Mulheres bonitas gostam de se sentirem desejadas. De aferroarem suas presas e depois esconderem o antídoto.

O estômago de Márcio gritou um alô. Parecia querer chamar a atenção para si, deixando claro que problemas afetivos ligados ao seu vizinho das redondezas, o coração, pouco importavam durante um surto de psicose transmissível.

O rapaz foi até a janela mais uma vez com um impulso da cadeira de rodinhas. Perto de como o pátio estava há alguns dias, ele parecia vazio. Contou apenas quatro assassinos trôpegos, e isso o levou a pensar que todo o resto ou se espalhara para as ruas, ou estava caçando comida dentro dos edifícios da faculdade. Ao mesmo tempo, o corredor por trás de sua barricada de móveis parecia mais

silencioso do que nunca. Seria possível que aquelas criaturas tivessem inteligência suficiente para armarem uma tocaia?

Se sim ou se não, Márcio precisaria de comida urgente, ou começaria a devorar a própria carne por falta de opção.

Calculou suas chances: no corredor, há menos de dez metros da porta, existia uma máquina de guloseimas. Supondo que ele conseguisse quebrar o vidro, teria um estoque razoável de chocolates, balas e barrinhas de cereal. Não era a sua dieta favorita, mas fariam com que se sentisse melhor e mais disposto a... Mais disposto a esperar toda aquela merda passar.

Já na parte de baixo, do outro lado do pátio, existia a praça de alimentação. Aí sim, congeladores cheios de hambúrgueres, lanches de atum com maionese, hot dogs... Seu estômago uivou de alegria e empolgação. Mas seu cérebro dava uma chamada no outro órgão, dizendo que era estupidez atravessar o pátio, que era um terreno aberto. Verdade. Dificilmente conseguiria sair da sala de informática, descer as escadas, cruzar o espaço descoberto, encher a mochila de comida e voltar por todo o trajeto sem ser avistado pelas criaturas.

“Só se eu não voltar”, pensou Márcio, e logo descartou a ideia de fugir da faculdade. As ruas do centro e da região da Santa Cecília deveriam ter se transformado em território livre de caça. “Foda-se a praça de alimentação”. Ficaria com o baixo risco das máquinas de doces. Para sair dali, precisaria de uma motivação muito maior do que alguns hambúrgueres e pães com salsichas frias.

Seu estômago protestou com um som engraçado e familiar. Márcio ainda demorou alguns segundos para perceber que não havia sido ele, e que o ruído era o barulhinho de conversação do *messenger*.

Deu um único impulso afobado de volta para o computador ligado.

Rita estava online.

## **Dois dias atrás.**

- Você é bem antissocial, então?
- Não, eu acho que sou... Sei lá.

- Tímido. Você é tímido.
  - Talvez – concordou Márcio, enrubescendo e confirmando a sentença.
  - As pessoas tendem a ficar assim com a rotina de trabalho e faculdade – explicou Rita, falando e mastigando, mas ainda sem perder o charme. – A vida social atribulada muitas vezes nos leva à introspecção. Eu fiz dois semestres de psicologia, e chegamos a estudar o efeito da rotina sobre pessoas estressadas.
- Márcio riu.
- Então, estou em uma consulta?
  - Não, não chega a tanto – respondeu Rita, também rindo. – Mas se quiser começar a contar os seus problemas, adoraria ajudar.
  - Ah, certo, doutora...

## **Hoje.**

rita.ft@bmail.com diz: Marcio eh vc?!!!

marcio.alves@bmail.com diz: Rita! Onde vc ta?

rita.ft@bmail.com diz: vem me ajudar por favor vem logo... eles tao tentando entrar e eu não sei mais o que fazer!!!

marcio.alves@bmail.com diz: mas onde vc ta?! Calma! Me fala o que ta acontecendo aí

rita.ft@bmail.com diz: aocnteceu algo com as pessoas eu não sei o q eh isso, eles mataram td mundo, eu to escondida dntro da sala do monteiro

marcio.alves@bmail.com diz: calma

marcio.alves@bmail.com diz: arrasta a escrivaninha dele e as poltronas para a frente da porta. Não deixa ngm chegar perto de vc

rita.ft@bmail.com diz: mas eles vao entrar, nao sei se consigo, elas são pesadas

marcio.alves@bmail.com diz: consegue sim. Vai agora, depois volta aqui

marcio.alves@bmail.com diz: AGORA!

marcio.alves@bmail.com diz: pronto?

marcio.alves@bmail.com diz: rita vc tai????

rita.ft@bmail.com diz: eu fiz td mas acho q a porta não aguenta mto tempo... socorro Marcio, eu to com medo...

marcio.alves@bmail.com diz: PARA com isso! Coloca tudo o que vc puder na frente da porta e sai de perto dela. de preferencia se tranca dentro do banheiro da sala do monteiro. Isso vai te dar mais tempo.

rita.ft@gmail.com diz: tmpo pra q??

...

...marcio.alves@bmail.com está digitando...

...

marcio.alves@bmail.com diz: tempo pra eu chegar ate ai. Estou indo te buscar.

## **Dois dias atrás.**

– Mas não tem ninguém lá dentro com quem você converse? Você é algum tipo de sociopata?

Márcio riu. Na verdade, percebeu que andava rindo mais naquele encontro do que no ano inteiro.

– Não, acho que eu não sou. Só não consigo jogar conversa fora com gente que não tenho a mínima admiração. O povo que estuda lá parece ter saído de uma comédia americana, sabe? Jaqueta com o logo da universidade, fraternidades, papinho sobre competições.

– Credo.

– Pois é. Lá você não é nada se não tiver um pai empresário e um carro.

## **Hoje.**

Deu trabalho tirar toda a parafernália que bloqueava a porta. Encostou o ouvido na porta, e não ouviu nenhum sinal de vivos ou mortos-vivos. Colocou a mochila nas costas, empunhou a perna de mesa que serviria como uma clava improvisada, e vasculhou o corredor com os olhos. Nada na esquerda, nada na direita, e uma bela poça de sangue sob seus pés.

O que jazia em frente à porta fora um dia um rapaz loiro, também do curso de Marketing. Márcio não o reconheceu pelas feições mastigadas e pelos ossos brancos que despontavam em meio à carne dispensada pelos infectados. Era só dar uma olhada na camiseta rasgada, mas que ainda deixava legível os dizeres “Sou Campeão, Sou M, Sou Marketing!”.

A fome não parecia tão intensa agora. Reprimiu a vontade de vomitar, fechando os olhos por breves instantes. Quando os reabriu, percebeu que o ex-universitário calçava um bom par de tênis. Eles não o ajudariam a escapar dos monstros, percebera, mas eram melhores que os sapatos sociais que calçava e que o trairiam na primeira corrida e o deixariam à mercê dos canibais. Calçou os tênis que deveriam custar metade de seu salário. Eles serviram bem, mesmo sendo um número menor do que usava.

Já iria disparar escada abaixo, quando imaginou o que mais o filhinho de papai poderia lhe oferecer. Vasculhou os bolsos da calça jeans úmida de sangue e urina, e encontrou um chaveiro com um alarme. Sua passagem para fora dali. Era o primeiro favor que um colega universitário lhe prestava. E o último.

Passou pela frente da máquina de doces, e decidiu que seria melhor se prevenir. Não sabia quando teria a chance de encontrar algo digerível novamente. Quebrou o vidro com a sua perna de mesa, e despejou chocolates e amendoins no interior da mochila.

Não sabia se pelo barulho do vidro estilhaçando ou se pelo cheiro de carne fresca que exalava, Márcio ouviu passos no fim do corredor, acompanhados de grunhidos desconexos. Uma figura corcunda surgiu, encarando o chão. Uma garota negra e magra. Márcio congelou, não sabia se era melhor correr ou se ajoelhar e rezar.

Antes que pudesse se decidir, a coisa ergueu a cabeça e se pôs a correr absurdamente de encontro ao seu lanche da tarde. Márcio ergueu a arma, as pernas tremendo. Em um segundo a selvagem estava em cima dele, fechando a mandíbula com estalos de gelar os ossos. Suas mãos crispavam-se para tentar agarrar Márcio, mas ele a mantinha afastada com a clava improvisada. Obrigou-se a sair de sua tremedeira, e empurrou a garota com força. Ela tropeçou e caiu de costas no chão.

Márcio sentiu a súbita injeção de coragem ao vê-la esparramada. Desceu a perna da mesa com força, diversas vezes, até reduzir o crânio da garota a uma coisa disforme.

Quando outros passos começaram a ecoar do fim do corredor, Márcio já estava correndo escadaria abaixo, inconformado com a atrocidade que acabara de cometer.

### **Dois dias atrás.**

– Eu não vejo nada em carros – declarou Rita, com um levantar de ombros – Meu ex-namorado tinha um, e se achava o último absorvente da farmácia.

– Ah – Márcio engasgou um riso, surpreso com a comparação de Rita. – Você namorava o Pedro, do Financeiro, né?

– Sim, mas ele é um babaca. Nós mal nos cumprimentamos. Ele se importava mais com o carro dele do que comigo.

Márcio não sabia o que dizer. Sentiu-se incomodado com a menção do nome de Pedro, que era um babaca em todos os sentidos. Seria ciúmes de uma garota que ele mal começara a se interessar? Por fim, disse algo bem idiota:

– Bom... Eu não ligo para carros. Não gosto muito da ideia de sair por aí colocando pessoas em risco.

– Mas você sabe dirigir?

– Meu pai tentou me ensinar. Mas sou péssimo.

### **Hoje.**

Fechou a porta do prédio ao sair. Não que adiantasse muita coisa, mas aquilo lhe daria uma vantagem contra os zumbis que se aventurassem a atacá-lo pela retaguarda.

O fato de estar no terreno aberto do pátio era muito pior. Não tinha paredes dos lados para se escorar, nem a opção de se esconder. Apesar de que o pátio estava milagrosamente vazio – de pessoas em pé. O chão estava repleto de pedaços de corpos e destroços.



O estacionamento deveria estar a uns cinquenta metros. Com certeza seria visto por algum dos malditos. Calculou um percurso ladeando a parede do edifício até uma guarita. Desviaria vinte metros dos carros, mas teria uma segurança maior. E talvez a guarita lhe oferecesse algo útil.

Ouviu as batidas na porta atrás de si, e esse foi o tiro de largada. Correu com o tronco baixo, evitando fazer o mínimo de barulho. Tropeçou em um braço cheio de moscas, quase praguejou alto. Conseguiu ver que a praça de alimentação estava lotada das criaturas, mas nenhuma delas prestava atenção no pátio. Chegou à guarita em segurança, notando que a portinhola estava destrancada.

Seu coração deu um sobressalto ao perceber que havia um homem uniformizado sentado lá dentro. Seu rosto pendia para a frente, e o braço direito apontava para baixo, ainda segurando um revólver. O infeliz havia se matado antes que qualquer canibal arrancasse seu couro. Talvez, se não tivesse metido uma bala na própria cabeça, ainda estivesse vivo. Nenhum dos monstros havia se aventurado para dentro da guarita, e seu corpo estava livre de mordidas.

Márcio decidiu levar a arma do falecido. O *rigor mortis* tornou a simples tarefa de se apoderar do revólver um martírio. O guarda não queria se separar de sua Taurus de oito tiros nem no *post mortem*. Os dedos fizeram um ruído seco antes de finalmente liberarem a arma, como se estivessem se quebrando. Márcio vasculhou o cubículo circular e encontrou uma caixa com vinte balas. Jogou-a no meio dos chocolates na mochila e se surpreendeu com o peso da munição.

Olhou em direção do estacionamento e viu o próprio reflexo na janela da guarita. Estava horrendo, o rosto salpicado do sangue da garota que pulverizara. Afastou o pensamento sombrio e olhou para os carros. Não sabia reconhecer o modelo através de uma chave. Fez o mais óbvio: apertou o botão do alarme.

Na segunda fileira de carros ao longe, próximo às árvores, uma picape preta assobiou e acendeu os faróis escandalosamente. Márcio bateu com a mão na testa. Era tudo o que não queria, chamar a atenção dos infectados para o carro que o tiraria dali.

Abandonou o guarda e sua guarita, segurando a perna da mesa em uma mão e o revólver na outra. Correu como um atleta de cem metros rasos – com obstáculos – quando viu a multidão saindo de dentro da praça de alimentação. Um grande urro coletivo subiu aos céus e um tropel de passos descoordenados se fez ouvir.

Dois segundos após fechar a porta da Pajero, os maníacos a alcançaram e começaram a arranhar e socar janelas e lataria. Márcio não sabia se eles conseguiam abrir portas de carro, mas não queria descobrir na prática. Trancou-as por dentro, e passou a tentar fazer com que a picape pegasse.

– Vai, pelo amor de Deus! Pega logo!

Não sabia direito o que estava fazendo. Embreagem, freio, acelerador. Não conseguia se lembrar das aulas de direção de seu pai. Restava apenas o desespero. A picape deu um salto engasgado para frente, e os infectados começaram a subir para cima do capô. Os vidros traseiros do veículo começaram a trincar. Alguns zumbis usavam a própria cabeça para romperem a barreira transparente entre eles e a sua presa. Como qualquer animal selvagem, a fome os deixava mais perigosos.

Bem no momento em que Márcio conseguiu dar uma partida brusca e esmagar sob as rodas um punhado de criaturas com blusas da faculdade, um segundo pelotão delas irrompeu em sua direção. Eram os que estavam dentro do edifício do laboratório de informática, agora livres. Acelerou na direção deles, fazendo algo muito parecido com um *strike* de boliche.

Viu os infectados se amontoarem pelo retrovisor, agora em uma grande passeata pela sua carne humana. O portão da faculdade estava entreaberto, e um punhado de criaturas se interpôs entre o carro e a saída. Márcio fechou os olhos, pisou mais fundo e torceu para a picape aguentar o tranco.

## **Dois dias atrás.**

– Topa falar mal do nosso trabalho? – perguntou Rita, após devolver o cardápio e pedir ao garçom mais um cappuccino.

– Pensei que nós estivéssemos fazendo isso – respondeu Márcio, animando-se com a ideia.

– Não, estávamos falando mal de tudo. Agora só vale falar mal do trabalho.

Márcio piscou lentamente, encarando os olhos sinuosos de Rita, sua pele clara e sua expressão de travessura. Aquela era a mulher de sua vida, e estava lá o tempo todo!

– Ok... Por onde começamos?

– Pelo térreo, claro. Com as barbies da recepção. Eu não gosto daquelas frescas.

Toda a mente de Márcio estava voltada para Rita. Concordou, com um tom sonhador na voz.

– Eu também não.

## **Hoje.**

O para-brisas estava melado e rançoso. Ligar os limpadores só fez com que todo o sangue se espalhasse. Agora que a crosta estava seca, Márcio tinha alguns centímetros de vidro limpo para dirigir e desviar dos destroços e corpos nas vias desertas.

Em tempos normais, chegar na Paulista – endereço do escritório e do cativeiro de Rita – não levaria mais que alguns minutos. Subir a Rua da Consolação, fazer o retorno na Rebouças e pronto. Mas com tantos carros abandonados e infectados vagando sem rumo, Márcio precisou escolher rotas alternativas por dentro do bairro. E mesmo assim teve dificuldades.

Desembocou na impossivelmente-deserta-e-devastada Avenida Paulista através da Haddock Lobo, na contramão mesmo. Não havia mais regras de trânsito. Não havia mais autoridades. E em breve não haveria mais sequer humanidade. Qualquer guarda da CET que ainda existisse por ali não lhe aplicaria nada mais do que uma generosa mordida em sua jugular.

Dirigindo com uma mão e com a outra enfiando na boca doces afanados da máquina, Márcio percebeu movimento à sua esquerda. Uma trupe de maníacos corria atrás da picape, a uma velocidade espantosa. Nos antigos filmes do George Romero, os zumbis apenas

arrastavam os pés em movimentos débeis. Ali, na distopia da vida real, a coisa era bem pior.

Acelerou o carro até deixar os malditos comendo poeira. Estava a uma quadra do escritório, a oitenta quilômetros por hora. Deveria começar a diminuir a velocidade, mas não o fez. Havia planejado uma entrada diferente no escritório.

Torceu para que o cinto de segurança estivesse bem apertado. A picape aguentara o tranco no portão da faculdade, também resistiria à porta e vidro da recepção.

Márcio buzinou propositalmente antes de fazer a Pajero subir a calçada e mergulhar prédio adentro. Alguns infectados – incluindo mulheres ensanguentadas com uniformes de recepcionistas – voltaram seus olhares vagos para o ronco do motor crescente. Suas existências demoníacas foram ceifadas com brutalidade.

## **Dois dias atrás.**

– As recepcionistas são simpáticas – disse Rita, não querendo ser injusta com quem não merecia. – Elas sempre perguntam se estou bem, coisa e tal...

– É verdade – concordou Márcio. – Elas não merecem entrar na minha lista das pessoas da empresa que deveriam sumir da face da Terra.

## **Hoje.**

Fumaça entrava pelas saídas do ar condicionado. Livrou-se do airbag desajeitadamente, tirou o cinto como pôde e passou as alças da mochila pelos braços. O saldo foi bom: atropelara pelo menos vinte criaturas em sua entrada cinematográfica. Mas, em troca, dera um belo tranco nas costas, que latejava uma dor aguda. Olhou pelo retrovisor e viu vultos de infectados se aventurando para dentro da recepção. De pronto esqueceu sua dor. O importante era chegar ao último andar e salvar Rita.

Abriu a porta do carro e resolveu estrear o revólver contra o perigo mais próximo, um homem careca de grande compleição

física. Ele arreganhou os dentes e correu para a investida. Márcio largou a perna de mesa para poder mirar com precisão. Não imaginava que o gatilho seria tão duro de apertar.

O primeiro projétil errou seu alvo por muito. Mas o segundo, com um estampido seco, fez o topo da cabeça do infectado explodir com uma nuvem avermelhada. Sorte de principiante, Márcio sabia. Em sua vida, nunca havia atirado nada mais perigoso que uma bolinha de papel.

Ganhou tempo para correr até os elevadores. Não sobreviveria a vinte andares de escada com zumbis em sua cola, e com surpresas a cada andar. Esperava que os dementes carnívoros não soubessem apertar botões .

O letreiro luminoso indicava que ele estava no primeiro andar. Bom, mas nem tanto. Esmurrou o botão várias vezes e ouviu as portas se fecharem no andar de cima. Talvez o elevador chegasse com alguma surpresa dentro.

Enquanto a porta não se abria, disparou contra os infectados que entravam pelo enorme rombo causado pela picape. Quatro, cinco tiros. Viu pelo menos dois caírem e atrapalharem os que vinham atrás. A porta se abriu, e lá estava a sua surpresa: a ascensorista, uma senhora com um coque desmanchado, olhar desvairado e sangue seco nos lábios e na camisa branca, brigando com um infectado de terno e gravata por um pedaço de carne que se parecia com uma mão esquerda.

Antes que decidissem parar de brigar pela mão amputada e voltarem suas atenções para um prato completo e com sangue pulsante, Márcio encostou o cano do revólver contra a têmpora da ascensorista. Ela não era mais alguém. Era a morte disfarçada com o couro de uma senhora. O tiro explodiu e o fluído vazou pelo rombo do outro lado da cabeça. O corpo desabou, e a mão ficou com o engravatado, que já havia até se esquecido que a disputava. Agarrou o pulso da mão direita de Márcio com um reflexo, mas foi repellido por um giro da perna de mesa.

Márcio ouviu o grunhido de diversos outros infectados prontos a invadirem o elevador e o transformarem em ração humana. Apertou o botão de número 20 com o cotovelo, lacrando o zumbi consigo.

Aquela perna de mesa jamais sonhara em um dia fazer tanto estrago.

### **Dois dias atrás.**

– Uau, então você tem uma lista de pessoas que deveriam sumir da face da Terra? – perguntou Rita, se divertindo com a timidez de Márcio, que se afastava mais a cada troca de olhares e de sorrisos.

– É, tenho. Uma lista bem grande, na verdade.

– E posso adivinhar quem da empresa estaria nela?

– Por que tenho a sensação de que você vai acertar todos os nomes?

– Porque talvez os mesmos nomes da sua lista também entrem na minha.

Márcio piscou algumas vezes.

– Sério?

– Claro. O Ulisses do Marketing, a Verônica, a Patrícia. Esses três entrariam na lista de qualquer pessoa.

Márcio concordou com a cabeça. Também tinha juras de ódio a aquelas pessoas insuportáveis.

– Bom, tem o senhor Jairo Monteiro também.

– Nosso querido chefe. É, ele é um crápula. Olha para todas as mulheres do escritório como se quisesse comê-las ali mesmo, na frente de todo mundo.

Márcio enrubesceu. Rita percebeu a frase que dissera e também o fez.

– Ah, não, não quis dizer nesse sentido.

– Não, entendi. Relaxa.

Ela bebericou o café e molhou os lábios antes de quebrar o silêncio estranho.

– Mas já que você tocou no assunto, o Monteiro já passou algumas cantadas em mim.

Márcio deu um tapa indignado na mesa, e sequer percebeu.

– Que canalha, ele é casado.

– Pois é. Ele não presta. Ei, você está nervoso?

– Quem, eu? É que... Não sei, acho que sim.

– Que bonitinho. É por mim.

Sim, era por ela. Mas Márcio não respondeu. Apenas continuou desfiando sua grande lista de pessoas que deveriam sumir da face da Terra.

## **Hoje.**

Sua mão doía. Precisou largar a perna da mesa, que estava tão escorregadia e pegajosa que se tornara impossível continuar utilizando-a como arma. Acompanhado dos dois cadáveres em sua lenta subida ao vigésimo andar, Márcio fez o possível para recarregar sua arma. Abriu o tambor e começou a encaixar as balas que havia guardado em sua mochila, com as mãos trêmulas. Era difícil por ser sua primeira vez com armas de verdade. Mais difícil ainda por ter um tempo de realizar sua tarefa antes que o elevador atingisse seu destino e todos seus companheiros de trabalho zumbificados viessem dar um alô.

– Vigésimo andar – anunciou a gravação eletrônica com voz sensual. Márcio respirou fundo e segurou o revólver com as duas mãos. Deveria ser rápido, atirar em quem oferecesse perigo imediato e correr muito, até chegar na sala do seu chefe.

A porta se abriu e a grande maioria dos infectados estava de costas, exibindo suas nucas para a Taurus de Márcio.

Os tiros começaram. E os gritos também.

## **Dois dias atrás.**

– ...o Rodrigo, a Vanessa, aquela estagiária metida, a Jaqueline, secretária do Monteiro...

## **Hoje.**

– ...Vivian, Luiz, Ricardo, o *office boy*, um outro rapaz também chamado Márcio que jamais o direcionara um simples “bom dia!”. Abatidos, antes que pudessem saber de onde veio o ataque. Márcio entrou na estreita sala de limpeza para recarregar com as mãos

trêmulas. Não conseguiu encher o tambor inteiro, e abandonou a companhia das vassouras e lustra-móveis antes que ficasse encurralado. Temendo esgotar as balas da mochila, passou a utilizar o que o escritório lhe oferecia de vantagem. Agarrou um peso de papel de mármore e acabou com o rosto de Ulisses, que jamais voltaria a fazer marketing nenhum. Sem largar o peso ensanguentado, disparou contra mais uma dupla rastejante de infectadas que tentavam agarrar seus tornozelos. Pareciam se tratar de versões dilaceradas de Verônica e Patrícia. Suas pernas estavam em ângulos estranhos conforme se arrastavam. Talvez elas houvessem se esquecido de como andar de salto alto após a transformação.

Ao dar cabo das duas, correu por entre as escrivaninhas até a sala do chefe, derrubando tudo o que via no caminho para retardar os monstros em sua cola. Do outro lado da sala, uma nova onda de infectados avançava aos rosnaços. A porta de acesso ao escritório de Monteiro estava forçada para dentro, após tantas investidas. Tinha um vão sujo de sangue — “Que não seja da Rita, por favor”, murmurava — que dava espaço para passagem de uma única pessoa magra. Por sorte, Márcio se encaixava nessa descrição. Espremeu-se pela abertura a tempo, com o hálito da horda em sua nuca.

Os móveis ainda estavam segurando a porta de alguma maneira. Rita havia feito como ele a havia instruído pelo *messenger*. Um infectado mais forte deve ter forçado a passagem e se arranhado todo ao atravessar. A dor não era um problema para aquelas coisas.

Os olhos de Márcio mergulharam para o fundo da sala revirada. A porta do banheiro ainda estava trancada. Dois infectados esmurravam a madeira que começava a enfraquecer, alheios à nova presença de carne fresca na sala. Ele podia ouvir o choro de Rita lá de dentro, certa de que seu fim dependia do quanto a porta suportasse os ataques.

– Rita! – Márcio gritou.

O choro vindo de dentro do banheiro foi interrompido...

– M-márcio?! É você?!

...e os dois infectados voltaram-se para o novo convidado.



Um deles era Jairo Monteiro, chefe de Márcio em dias normais. Babando sangue escuro e com os olhos repletos daquela ira cega.

O outro estava irreconhecível a uma primeira análise. Um olho pendia da órbita, resultado de alguma briga com outro infectado pela carne de alguém. A pele de sua bochecha esquerda pendia como um bife mal-passado. Mas o crachá na camisa tingida de vermelho anunciava que aquele era Pedro, do Financeiro.

### **Dois dias atrás.**

– Até agora, concordo com todos os de sua lista – disse Rita.  
– Só que acho que o último você não vai gostar.  
– Nossa, faltou alguém? Parece que você falou o nome de todo mundo.

– Não – Márcio girou a sua xícara vazia sobre o pires. – O seu ex. Rita inclinou a cabeça.  
– E quem disse que ele não entra na minha lista?  
– Ele é seu ex – disparou Márcio, como se Rita não se lembrasse disso. – Você não se importa com ele?  
– Se me importasse, não estaria com você aqui agora. Ele é um escroto, acha que pode destratar qualquer pessoa. Se acha importante demais por causa da posição dele na empresa e por causa daquele carro.

“Uau”, pensou Márcio. Rita sorria.  
– Viu? – perguntou ela. – *Todos* os nomes da lista em comum.  
– É.  
– Quase todo mundo da empresa.  
– Quase.  
– Se o prédio pegasse fogo, não salvaria ninguém?  
– Não sei. Talvez uma dúzia de pessoas... não, meia dúzia.

Rita aproximava seu rosto, inclinando-se sobre os pratinhos e as xícaras vazias. Márcio interrompeu a tagarelice, sem saber como se comportar diante daquela situação. Ela estaria fazendo aquilo mesmo?

– E eu? – perguntou ela em um sussurro. Márcio questionou-se se havia álcool no café dela. – Estaria entre essa meia dúzia?

Os olhos puxados estavam cerrados. A boca dela estava muito próxima. Seu hálito exalava um aroma de café, e assim mesmo era surpreendentemente agradável.

– Estaria. Na verdade, talvez eu salvasse apenas metade de meia dúzia. Mas ainda assim você estaria.

Ela sorriu. Márcio achou que sua frase havia soado verdadeiramente estúpida. Na verdade, a conversa toda havia sido estúpida, típica de duas pessoas que flertam e estão prestando mais atenção aos sinais do corpo alheio do que nas palavras ditas, no assunto tratado.

Rita o puxou pelo pescoço. Enquanto se beijavam, Márcio apagou temporariamente todos os problemas de sua vida. O apocalipse poderia começar no dia seguinte, que ele morreria feliz.

## **Hoje.**

Primeiro veio Monteiro. Mesmo corpulento, cobriu o espaço entre ele e a presa com velocidade descomunal. Aquelas pragas eram rápidas. Márcio descarregou as últimas balas por todo o corpo do chefe. Só parou quando apertar o gatilho só passou a produzir “cliques”. A essa altura, o infectado já tombava de lado, cheio de buracos fumegantes na carne. Cada um deles dedicados a toda a humilhação e estresse que Jairo Monteiro já havia inferido em seu tímido empregado. Para Márcio, toda aquela merda de “apocalipse zumbi” passou a valer a pena após esse sinistro acerto de contas.

Os murros da horda na porta às suas costas o trouxeram de volta ao presente. Aos dentes de Pedro tão próximos de seu pescoço. Por reflexo, a mão com o peso de papel subiu e estilhaçou a mandíbula do maldito, que rodopiou e foi ao chão.

– Márcio?! – gritou Rita, do banheiro. – O que está acontecendo, pelo amor de Deus?!

Pedro começou a se levantar, grunhindo. Márcio avançou novamente com o peso de mármore, mas troçou nos próprios pés e o largou no susto. O ex de Rita mergulhou sobre a presa estendida no chão, segurando os braços de seu lanche. A boca se abriu em uma envergadura medonha, a língua balançando loucamente. Os

dentes roçaram o braço de Márcio, que gritou e o puxou com força. A boca de Pedro continuava aberta, com o maxilar distendido. Ele nunca mais conseguiria morder ninguém de forma eficaz após aquela pedrada.

Márcio chutou a cara do infectado com os tênis roubados do cadáver na faculdade. Pedro cambaleou em direção às persianas da janela, agora com o nariz também quebrado. Desviando dos braços que tentavam alcançá-lo, Márcio agarrou uma cadeira tombada próxima à porta empenada. Foi na direção do canibal, encarando-o nos olhos. Ali só havia ira e fome. Não era mais *alguém*, assim como a ascensorista também não era. Assim como Jairo também não era.

Arremessou a cadeira desajeitadamente. Por um ato de sorte, ela atingiu Pedro no meio do peito, que cambaleou e arrebitou o vidro com as costas. O infectado atravessou a janela, arrancando as persianas e mergulhando para uma queda de vinte andares junto com a cadeira. No rápido vislumbre que Márcio teve do cenário emoldurado pela janela, viu inúmeros prédios em chamas, rolos de fumaça negra se erguendo ao céu e urubus sobrevoando a Avenida Paulista. Coitadas das aves. Teriam que disputar a carniça com todas aquelas pessoas infectadas com o vírus lá embaixo.

Recobrou o seu foco e gritou para que Rita abrisse a porta do banheiro. A horda invadiu a sala bem no momento que Márcio trancou-se no banheiro junto com a amiga. Braços começaram a esmurrar e arranhar a última barreira prontamente. Não teriam muito tempo ali dentro.

Antes de mais nada, Rita gritou ao ver o estado de Márcio. Vendo a imagem refletida no espelho do pequeno banheiro, pensou que ele parecia muito com os infectados lá fora, sujo de sangue dos pés a cabeça.

Então o susto passou para Rita. Abraçou Márcio, em um misto de alívio e choque.

– Eu disse que viria.

Ela assentiu. Mas apontou para a porta, que balançava violentamente.

– Eles vão nos matar, eles vão nos matar...

Sem dar-se por vencido, Márcio olhou para o teto. Havia uma grade que, se tudo desse certo, os levaria aos dutos de ar-condicionado.

– Sobe no vaso e arranca aquela grade.

– Eu não vou caber ali! – gritou ela

Márcio olhou para a pia. Havia um pote de sabonete líquido. Ele o agarrou, subiu no vaso e retirou a grade. O duto era realmente estreito, mas conseguiriam se arrastar com muita sorte e um pouco de lubrificação. Espalhou o sabonete por todas as paredes, e depois atirou o pote para Rita.

– Joga isso no seu corpo, rápido.

Sem nenhuma ideia melhor, ela obedeceu. Depois despejou o resto do frasco sobre os ombros de Márcio. Ele levantou Rita pela cintura e a empurrou túnel adentro.

– Rasteja! Vai!

A porta do banheiro começou a sair das dobradiças. Márcio se atrapalhou em sua subida e enfiou o pé na água do vaso. Uma vez ouvira uma frase que ilustraria bem aquele momento: “se pisar na merda, abra os dedos”. Boa. Daria risada se não estivesse prestes a ser devorado.

Colocou a mochila dentro do duto, e em seguida subiu. Os demônios derrubaram a porta e o puxaram pela perna. Um dos tênis afanados ficou com os infectados. Que fizessem bom proveito.

Felizmente, nenhum deles tinha coordenação o suficiente para subir no vaso, agarrar-se na borda do duto e enfiar-se no túnel. Deixando os ecos de rosnados e urros para trás, Rita e Márcio rastejaram até uma intersecção entre vários ramais. Ali havia espaço até para se sentarem e fingirem que não estavam em meio ao fim do mundo.



Por muitas vezes os papéis na natureza se inverteram. Os antigos dominantes passam a viver em túneis ou dutos. Escondidos. As pragas passam a infestar as ruínas de quem por tanto tempo reinou.

Poucas presas conseguem unir-se em bandos, perseverar, buscar uma defesa.

Márcio e Rita, reduzidos a categoria de criaturas acuadas e com alimentos escassos, sabiam que suas vidas estavam bem próximas de terminar. O mundo civilizado – “se é que um dia ele foi civilizado”, pensou Márcio, lembrando-se de um certo fim de tarde caótico no metrô – estava acabado. Com a morte por inanição ou com o prolongamento de suas existências nos dutos, experimentariam o gosto do fim. O fim de seus pulsos, ou o fim de uma vida normal.

Após pesarem todas essas questões, ambos dormiram juntos pela primeira vez, abraçados dentro dos dutos claustrofóbicos. Foi um sono profundo, sem sonhos bons ou ruins.

Os verdadeiros pesadelos espreitavam logo abaixo, fora de suas cabeças.

## Pra fazer sabão é que nao é - Tiago Toy

Se havia algo que deixava Ricardo irritado eram *players* dependentes de trapaças. Levava três anos para atingir a excelência em todos os aspectos do jogo – mira, estratégias e parceiros – com seu próprio suor (nas mãos) e inúmeras madrugadas em claro. Saber que existiam espertinhos utilizando *cheats* para mira automática, visão através das paredes e outras coisas mais lhe dava nos nervos. Cedo ou tarde eram banidos permanentemente, mas cedo ou tarde davam um jeito de voltar e atrapalhar a diversão de jogadores dedicados, como ele.

Por mais viciado que fosse, Ricardo tinha noção do tempo despendido em frente à tela do computador. A cada meia hora (ok, algumas vezes passava disso) se levantava para espreguiçar, tirar o *headphone* e relaxar os olhos. Avisando a equipe que voltaria rápido, sentiu a bexiga cheia e se levantou para ir ao banheiro, mas um tumulto vindo da rua chamou sua atenção. Gritos – reais demais para vir do computador, sua primeira suspeita. Abrindo uma fresta mínima na janela, pôde ver o que acontecia. Que merda era aquela?

O bairro, Nova Jaboticabal, era um dos (poucos) mais nobres da cidade interiorana. Raro era presenciar algum barraco dos vizinhos, exclusividade da periferia. Os moradores dali, a classe alta, mantinham os mesmos sorrisos falsos na tentativa de autoafirmar que suas vidas estavam muito bem, obrigado, escondendo as desavenças familiares, geralmente ocasionadas pelos filhos mimados que, diante de um não ou apenas para chamar atenção, vestiam a camisa da rebeldia, com piercings cada vez maiores e tatuagens e roupas dignas da juventude do outro lado da cidade.

Ricardo não era como eles. Filho de mãe japonesa e pai mestiço, divorciados, era bom aluno e tinha bons amigos. Praticava judô em um clube exclusivo para orientais e não gostava de sair. Tinha dezesseis anos e a mãe torcia para que continuasse assim no futuro, passando seus momentos de lazer em jogos online. O único problema era o padrasto. Não um problema, de fato, mas um desagrado, assim como uma afta. Incomodava o fato de estar ali, mas não podia fazer nada, exceto ignorar e esperar que sumisse. O pai havia se mudado para outra cidade e era difícil vê-lo, tendo de se contentar com rápidas conversas por telefone. Sentia falta da figura paterna original, em especial naquele instante.

Não levou muito tempo para perceber que a algazarra era mais do que uma simples discussão de vizinhos. Vizinhos não se mordiam! Agora, no entanto, corriam uns dos outros, alguns tentando se defender com vassouras ou com as próprias mãos de socos e mordidas. Os mais afetados emitiam gritos hediondos, como se anunciando o ataque. Não havia distinção ou regra: quem quer que estivesse na linha de fogo era atacado sem piedade. Dona Marlene, moradora do outro lado da rua, aposentada após anos trabalhando como diretora em um dos maiores colégios da região, havia caído e, como uma carcaça, foi atacada por um quarteto enlouquecido – e havia uma criança entre eles. Socavam-na e mordiam, arrancando sangue e pedaços de carne, ignorando os gritos estridentes de dor. Deixaram-na agonizando na sarjeta e partiram para cima de outros. Dona Marlene espasmou um bocado antes de ficar imóvel.

Ricardo sentiu um nó na garganta. Se estavam gravando um filme ali – o que era muito improvável – as câmeras estavam bem escondidas. Num flash, a cena remeteu aos filmes de terror que havia visto com os amigos, daqueles de zumbis devorando suas vítimas. Não podia ser real. Um som veio do computador; seus amigos o estavam chamando. Deveria voltar à partida antes que a equipe tivesse problemas graças ao desfalque, mas tudo pareceu distante naquele momento. O pior foi ver Dona Marlene se levantando como se nunca tivesse sentido as dores do recente ataque. Havia uma nova expressão em seu rosto machucado, um

olhar alienado, os dentes à mostra. Ricardo só voltou a si quando a viu atacar sua professora de Matemática – e também filha da própria –, e concluiu que precisava agir.

Disparando pelo corredor, foi à sala e trancou a porta. Encarou o Buda de gesso, seus olhos pintados retribuindo o olhar e um meio sorriso debochado, e escutou. A bagunça continuava. Precisava chamar a polícia. Antes de ter esse pensamento, ouviu a porta da cozinha se abrindo num estrondo e, em seguida, o grito de sua mãe. Há atitudes que, em situações corriqueiras, são inadmissíveis, consideradas fora da realidade. No entanto, aquilo na rua não era típico. Havia algo terrivelmente errado acontecendo, e essa conclusão era palpável. Não enfrentaria aquilo se não se permitisse pisar no surreal. A katana na parede da sala, um dos ornamentos orientais mais belos comprados pelo pai em suas várias viagens à Terra do Sol Nascente, pareceu reluzir quando a olhou. Sentia que o estava chamando. Era o instrumento ideal para ajudá-lo a encarar a situação. Tudo muito rápido, subiu no sofá, puxou a pequena espada, uma *wakizashi* [1], e se apressou à cozinha.

A mãe tinha como um de seus hobbies a confeitaria, em especial a arte de fazer bolos. Ricardo enjoara há tempos. Não podia negar que eram deliciosos, mas comer bolo todo santo dia entediaria até mesmo um viciado em açúcar. O bolo de morango que estava preparando havia se espatifado no piso de porcelanato. Ela, por sua vez, se esquivava das investidas do homem sobre seu corpo franzino, ambos no chão. Ricardo o reconheceu, apesar do rosto brutalmente ferido: era seu padrasto, e não havia dúvidas de que fora atacado como Dona Marlene. O cepo havia caído também, e uma faca se mantinha há poucos centímetros deles. Ricardo tinha certeza de que a mãe a percebera, mas nem cogitara a possibilidade – e necessidade – de utilizá-la para se defender. Ricardo sentiu o corpo gelar; era o sinal de que chegara a hora de agir. Apertando o cabo com firmeza, anunciou o ataque com um grito de guerra. Se alguém lhe perguntasse, não saberia responder com convicção por que emitira o grito, mas confessaria que não havia sido a melhor estratégia.



Ignorando a mulher, o homem dirigiu toda sua atenção ao japa franzino que estacara no meio da cozinha. Os olhos injetados de ódio enxergavam apenas uma coisa: alvo novo, atacar. E foi o que fez. Como uma flecha com a ponta contaminada, disparou desgovernado. O metro e setenta e pouco trouxe Ricardo de volta à dura realidade. Poderia pensar que estava preparado para abater um adulto enfurecido, mas percebeu, tarde, que não era bem assim. A firmeza nas mãos vacilou. Dando meia volta, fugiu para a sala. O padrasto veio sem pudores, derrubando o que estivesse no caminho e berrando como uma besta. Ricardo o acompanhou nos gritos, mas de medo. O corredor de repente se tornou mais longo do que realmente era. Alcançar o quarto levou uma vida, os passos rápidos do maldito a centímetros. Enfim chegou ao destino, mas ao empurrar a porta e forçar o corpo contra, sentiu a colisão e foi arremessado – literalmente. Atrapalhado nas próprias pernas, finas, rolou sobre a cama e caiu do outro lado de costas no carpete. O padrasto saltou sobre ele, a boca preparada para fechar-se e arrancar um naco daquela pele amarela. Real e surreal se fundiram. Não havia certo ou errado naquele instante. O momento decisivo.

Ricardo levantou a lâmina e apoiou a mão sob a parte não cortante. O fio se encaixou na bocarra arreganhada, descendo a toda, e desenhou um traço preciso no crânio. O som ameaçador morreu na garganta do padrasto. Metade da cabeça deslizou e caiu, se colidindo contra a testa de um Ricardo em choque e estagnando no carpete. O peso morto veio, mas o garoto foi rápido em se arrastar e encolher o corpo sob a mesa do computador. A afta fora embora.

Logo acima, a equipe de Ricardo acabara de ficar offline. Haviam perdido a partida.



Um carro fora deixado de qualquer jeito no meio da rua, com a porta escancarada e o motor ligado. Algumas pessoas andavam por ali, pisando na miríade de poças de sangue. Nenhuma delas estava

sã; a cólera dominava seus rostos feridos. Todos que ainda possuíam faculdades mentais intactas haviam fugido, ou apenas se trancado em suas casas e evitado o mínimo barulho. Exatamente o que Ricardo fizera.

Assim que conseguiu parar de tremer – na verdade ainda tremia, mas um pouco menos – correu até o banheiro e limpou o sangue do rosto. A imagem do cérebro do padrasto à mostra no chão de seu quarto provocou-lhe um carinho incômodo no estômago, seguido de salivação extrema, e o vômito em seguida foi inevitável. Lavando o piso com o líquido viscoso e de odor azedo, abafou os arrotos com uma toalha. Sentindo-se menos pior, fechou as cortinas de todos os cômodos. Por fim, decidiu encarar o medo e foi ver sua mãe.

Ela continuava estirada na cozinha. Sua respiração saía pesada. O roupão de seda cor de marfim estava manchado de sangue, cuspidos pelo padrasto. Examinou-a artificialmente e não viu ferimentos. Graças a Buda! Apoiando sua cabeça na perna, Ricardo a chamou, sussurrando. Devagar, ela abriu os olhos. Havia algo errado com eles. Ao redor da esclera os vasos sanguíneos estouraram, dando um desconfortável tom avermelhado ao olhar. Chamou-a novamente, perguntando se ela se sentia bem, e afastou os longos cabelos negros, descobrindo o ombro. Uma dentada fora prensada ali. Ricardo estacou. Imóvel, a assistiu se levantar com dificuldade, a respiração custosa. De costas, ela permaneceu sentada no chão, alheia ao filho à beira de um colapso logo atrás. Ricardo alcançou o cepo e o trouxe para si.

– Desculpa – disse.

Ela girou a cabeça ao escutar a voz, baixa. A peça de madeira maciça acertou em cheio sua nuca, levando-a de volta à inconsciência.



Os dias seguintes passaram arrastados. Ricardo viu os zumbis – ora, precisava chamá-los de alguma coisa – indo e vindo, até que sumiram. A rua se tornara deserta, mas a coragem para sair ainda

não se apresentara; nem havia motivo para isso. O mercado havia sido feito na mesma semana, sinal de despensa cheia. Conseguiria se virar até a situação se normalizar, embora algo em seu interior o fizesse pensar que aquilo não duraria pouco.

A eletricidade acabara no dia do incidente, e não dera indícios de voltar. Tomar banho não era problema, pois adorava água fria. Também não sentiu necessidade de esquentar a comida: havia uma porção de enlatados, e se viraria bem com salgadinhos e biscoitos. Nem mesmo da internet sentiu falta, o que o espantou. Sua única e maior responsabilidade era vigiar o porão, onde havia colocado sua mãe. Se saísse, só Deus sabe para onde iria. Precisava mantê-la segura até virem curá-la.

De uma entrada de ar na despensa podia observá-la. Passava horas deitado no chão, o queixo apoiado nas mãos, olhando através da grade. O porão era mal iluminado. Vagando pela penumbra, sua mãe parecia um fantasma, o roupão claro se destacando. Ela não fazia muito. Quando ouvia algum som, o que se tornara um evento raro, ficava inquieta e caminhava em círculos, buscando, os olhos em vigília. Fora isso, passava horas em um canto qualquer, encarando o que seu olhar encontrasse. Quando se afastava, ele aproveitava para jogar comida sem ser descoberto – comida essa que nunca era tocada. Uma vez percebeu Ricardo no alto enquanto ele esgueirava o braço para arremessar um sanduíche, e o observou, curiosa. Ele sentiu o coração acelerar, na esperança de que ela o reconheceria, mas não durou. Logo estava berrando com os braços erguidos, tentando em vão escalar os móveis e alcançá-lo. Ricardo chorou pela primeira vez desde que ela se transformara.

Após quatro dias no porão, Ricardo notou que ela parecia mais irritada que o normal. Grunhia de forma dolorosa e arranhava as superfícies. Imaginou o que poderia ser. Em seu caso, se sentia irritado quando estava com fome. Era uma hipótese. Não entendia por que ela não dava importância à comida que se acumulava no assoalho se estava com tanta fome. No meio da bagunça de pães, rosbifes e folhas mofando, Ricardo viu uma pequena figura se mover com agilidade. Uma ratazana. Ficou com receio de o bicho atacar sua mãe e tentou enxotá-lo jogando latas vazias. O roedor ignorou e

continuou o banquete, e nem percebeu a mulher surgir das sombras e agarrá-lo. O aperto foi forte o suficiente para fazê-lo guinchar. A mordida de decapitação o calou.

Ricardo quis virar o rosto, mas não conseguiu. Estava hipnotizado. Sentiu o estômago embrulhar, e respirou fundo. Não podia vomitar diante da nova dieta da mãe. Sua cultura costumava incluir comidas exóticas no cardápio desde sempre; a mãe não seria uma exceção. Não partilharia, mas se acostumaria. Precisava mantê-la saudável. Até virem curá-la.

As ruas estavam apinhadas de lixo. Não devia ser tão difícil montar armadilhas para ratos. Poderia lavá-los antes de jogá-los no porão. Não queria deixar a mãe pior do que já estava. Armado com a espada, saiu pelos fundos, trancou a porta e deu a volta na casa.



Pegar ratos era difícil. Considerando a quantidade em suas mãos após duas horas de tentativas, beirava o impossível: zero. Ricardo parou para pensar e concluiu que, na verdade, nunca vira uma ratoeira, apenas ouvira falar ou lera sobre. O modo de extermínio de pragas urbanas evoluíra, tornando ratoeiras apenas lembranças. Duvidou que encontrasse alguma. Precisava descobrir um jeito de conseguir comida para sua mãe.

Sempre se certificando de que a área era segura, continuou caminhando nas imediações do bairro. Sentiu-se em uma cidade deserta, como nos filmes. Não havia uma viva alma por ali. Viu algumas cortinas ondulando atrás das janelas, o que podia ser um morador precavido ou apenas o vento. Nas ruas governava uma sensação de imenso vazio.

No alto de uma árvore encontrou um gato. Assim que o viu, miou. Estava assustado. Ricardo se abaixou e o chamou, assobiando. Esperou longos minutos até o animal decidir descer. Receoso, andou em direção ao garoto. Assim que seu nariz molhado tocou a ponta dos dedos estendidos do rapaz, inclinou a cabeça como quem pede um cafuné, e o ganhou. Ricardo o pegou no colo, ouvindo o

ronronar e, não muito depois, miados contínuos, como se estivesse relatando todos os apuros passados naqueles duros dias. Preocupado com que o som pudesse atrair zumbis, refez o caminho de volta.

Em casa, se dirigiu direto à despensa, onde retirou a grade da entrada de ar. Sem se permitir pensar, passou o gato pelo buraco e o jogou no porão. O bichano caiu em pé e recomeçou a miar. Ele tentou fugir da mulher que desceu os degraus aos pulos, mas ela também era rápida. Ricardo esperou que a mãe o alcançasse, o que não demorou. O gato tentou arranhá-la, mas ela não parecia se importar com a dor. Poucas mordidas foram o bastante para calá-lo. Funcionara. Não precisaria de ratos, afinal.



Uma semana após o início do estranho evento, Ricardo percebeu, enquanto atirava um pinscher pela passagem, que a luz da cozinha acendeu. Apressou-se em desligá-la – não queria atrair visitantes indesejados – e correu para o quarto, onde ligou o computador. Em um programa de bate-papo, passou os olhos pela lista de contatos e não se surpreendeu ao constatar que todos os seus amigos da região estavam desconectados. Havia somente um online: Oliver, de São Paulo, com o *nickname* Logo serei um estrangeiro no Texas. Falta pouco ☺. Clicando duas vezes sobre a bolinha verde, começou a digitar na janela que se abriu.

Ricco Ninja [Partida de CS a noite toda... Preparem o estoque de doritos e coca-cola] diz: oliver, vc tá bem?!? Como tah ae??

Logo serei um estrangeiro no Texas. Falta pouco ☺ diz: oi, Ricardo. Sumiu, cara? Estou bem, e você?

Ricco Ninja [Partida de CS a noite toda... Preparem o estoque de doritos e coca-cola] diz: aguentando. Como tah a situação ae?? Jah resolveram??

Logo serei um estrangeiro no Texas. Falta pouco ☺ diz: qual situação?



A nova função requeria mais do que músculos; o *delivery* de cães e gatos exigia muito da mente. Pensou que se acostumaria, repetindo a si mesmo estar cuidando da mãe, mas, no fundo, se achava um ser desprezível. Dormir se tornou difícil, e passou várias noites em claro, olhando através da grade. Havia até mesmo deixado um colchonete na despensa. A mãe, absorta em sua própria realidade, não gritava mais com tanta frequência quando o percebia, nem se alimentava de imediato. Bastava chegar comida fresca e ela logo a abatia, mas não comia. Passavam-se horas, até um dia inteiro, para se debruçar sobre o bicho morto e devorá-lo. Tornou-se uma necrófaga deprimente. Ricardo desconfiou que só comesse quando a fome apertava, mas ficou na desconfiança. Ela não sanaria sua dúvida com palavras.

A despensa não durou como o previsto. Sem atividades normais para se distrair, sobrava muito tempo para comer, mesmo sem fome. Uma pilha de latas, garrafas e sacos plásticos acumulou-se no lixo da cozinha. O freezer estava cheio, mas corria o risco de atrair zumbis pelo cheiro, caso se aventurasse no fogão. A alternativa foi partir em busca de comida instantânea, e encontrou um minimercado a algumas quadras, o que se tornou sua fonte particular. As prateleiras haviam sido saqueadas, mas sobrava bastante, principalmente no estoque. Em sua primeira vez no lugar, quase foi pego por um zumbi, *escondido* atrás de um estande, mas conseguiu escapar e se abrigar no alto de uma árvore. Desceu apenas quando o viu sumir por uma esquina. Antes de se aventurar novamente no local, fez algum barulho na entrada e, sem resposta, invadiu.

A provisão de ração disponível era enorme, e o teria ajudado bastante nos primeiros dias de caça, mas animais se tornaram escassos. A cada dia precisava ir mais longe para encontrá-los. Sujeitou-se a coletar carcaças. A mãe não era a única pessoa doente com fome – sim, pessoa doente. A cidade havia sido infestada por zumbis, mas ela não era um deles. Logo alguém descobriria a cura, e então ela voltaria a fazer seus bolos. Ricardo não imaginou que pudesse sentir tanta falta dos bolos.

Duas semanas se passaram desde o aparecimento dos zumbis, e não havia muitos deles por ali. Alguns dias antes Ricardo havia se arriscado em uma viagem às proximidades do centro, onde avistou grupos numerosos caminhando juntos. Pareciam preferir aquela região por algum motivo desconhecido. Passou a esquadrihar seu bairro com mais confiança e, em um dia quente, foi surpreendido por uma figura inesperada. Um homem escancarou a porta da frente e o chamou:

– Ei, garoto! Aqui. Rápido!

Ricardo paralisou. Acostumara-se à solidão. Não sabia como reagir.

– Não fique parado aí. Venha!

Incerto de quais palavras usar, decidiu permanecer calado, e caminhou em sua direção. Foi recebido por um sorriso amigável.

– Vou servir um prato de comida quentinha para você.

Ricardo sorriu de volta.



A fumaça da comida provocava um gostoso calor no rosto de Ricardo. Com o prato depositado sobre as coxas, engolia garfada após garfada. Não diria que estava faminto, mas não comia comida de verdade há duas semanas. Um garoto pode acreditar que será feliz à base de porcarias, mas só dará valor às refeições preparadas pelas mães quando estas faltarem. De qualquer maneira, nunca recusaria aquele prato: batatas fritas, macarrão e carne assada. Estava extremamente saboroso.

A família se abrigara na casa assim que os ataques começaram. Consistia-se de pai, mãe, avó e gêmeos pequenos, além de um cocker spaniel cor de caramelo. O pai mantinha o estoque em dia, graças ao minimercado descoberto recentemente por Ricardo e, apesar de não poderem sair, não passaram muitos apuros.

– O que veio fazer para estes lados? – o homem perguntou.

– Como você sabe que não sou daqui? – retrucou Ricardo, desconfiado.



– Conheço seu padrasto. Trabalhamos no mesmo prédio. Sei onde você mora. Como ele está?

Ricardo formulou a melhor resposta para explicar o que acontecera.

– Ele se transformou em zumbi.

Os gêmeos largaram os carrinhos de plástico e o olharam, interessados.

– O que é zumbi? – perguntou um deles.

– Ele te mordeu? – O homem pareceu assustado. A idosa, até aquele momento entretida no sofá, fazendo crochê, ergueu os olhos sob os óculos de armação fina.

– Não. Eu... Dei um jeito nele.

Ricardo engoliu o último pedaço de carne diante da expressão surpresa do homem.

– Obrigado.

– Você fez bem. Não se culpe.

Ricardo pensou em responder que não se culpava, mas decidiu apenas balançar a cabeça.

– Minha irmã também se transformou – continuou. – Mas consegui curá-la.

– Conseguiu? – Ricardo gritou, se levantando num pulo. – Como?

Era a esperança para sua mãe. Segurou um choro emocionado e não se conteve em compartilhar seus segredos.

– Minha mãe também se transformou, mas eu a tranquei no porão de casa e todos os dias jogo animais pra ela comer. Agora podemos curá-la!

Seu sorriso perdurou por alguns instantes, até perceber que ninguém mais compartilhava de sua alegria; pelo contrário, pareciam todos bastante chocados. O homem respondeu:

– Do mesmo jeito que você curou seu padrasto.

Ricardo sentiu a garganta secar num repente.

– O que está acontecendo é obra do satanás. Todos os tocados pela mão de fogo precisam ser libertos para alcançarem o paraíso. Não podemos trazê-los de volta, mas podemos livrá-los do espírito que domina seus corpos.

– Você quer dizer matá-los.

– Quando são tocados pelo diabo a vida não lhes pertence mais. Já estão mortos! Sua carne não passa de um invólucro. São marionetes manipuladas pelo mal.

Prestando atenção à sua volta, Ricardo logo entendeu. As roupas de cores mortas, a decoração simplista, um livro de capa de couro preto sobre a mesa de centro, os cabelos compridos das mulheres, o tom de orador do homem. Eram evangélicos. E, se bem sabia, costumavam ser deveras extremistas.

– A comida estava ótima, mas preciso ir.

– Você não vai sair daqui – o homem disse, em tom calmo. – Não precisa mais voltar para alimentar o Satanás. Podemos cuidar de você.

– Não quero dar trabalho – respondeu. Começava a se sentir desconfortável. Procurou num giro rápido uma saída, mas não havia. Ripas de madeira haviam sido pregadas nas janelas e a porta havia sido barrada por um pesado armário de mogno. – Preciso cuidar da minha mãe. Curá-la, como me disse. Livrá-la do coisa ruim.

– Sua intenção é louvável, menino. – O homem sorriu, afagando seus cabelos. – Mas você ainda não é páreo para a força do mal. Te ensinarei como o ser em breve.

O suor surgiu repentino nas mãos de Ricardo. Queria gritar que não, mas só pioraria a situação. Tentara entrar no jogo; não funcionara. A estratégia seguinte era esperar o momento certo.

Observou o homem puxar um facão detrás do sofá, do tipo de cortar cana. Parou em um canto, abaixou o rosto e fez uma breve oração. Em seguida, arrastou o armário sozinho. Era forte.

– Ajude minha esposa a empurrar de volta, por favor – disse, lançando um sorriso à mulher de semblante carrancudo. Antes de sair, piscou para Ricardo. – Libertarei a alma de sua mãe. Quando voltar, oraremos.

E fechou a porta.



Cinco minutos haviam se passado desde que o homem saíra. Ricardo dera um jeito de dizer que o armário era pesado demais e que, portanto, não poderiam empurrá-lo. A mulher tentara, se esforçara bem, mas não obtivera êxito, então, apelara para a tranca. Por sorte, havia deixado a chave na fechadura. A primeira parte do plano funcionara.

Ricardo continuou sentado no sofá, uma atmosfera apática dominando a sala. O único som era o tiquetaquear do relógio de parede e um ou outro *vrum* emitido por um dos gêmeos. A idosa era uma múmia, focada como uma estátua em seu crochê que não parecia progredir. A mulher, após trancar a porta, sentara-se de frente para Ricardo e o encarava com um olhar intrigado.

Ricardo decidiu se manifestar.

– Acho melhor ajudar seu marido...

– Não! – ela o interrompeu. – Sei que Satanás está sussurrando em seu ouvido, conspirando para que você vá impedir que sua alma seja liberta, mas não te deixarei ceder.

Ninguém pareceu ouvi-la. Continuaram fazendo suas coisas. Ricardo sentiu o coração acelerar. Teria que ser mais convincente.

– Qual o nome dele? – perguntou, apontando para o cocker, que cheirava o meio de suas pernas há alguns minutos, o que o embaraçou.

– Feliciano – respondeu ela, de forma seca.

– Hum. Nome estranho.

Tão rápido quanto pôde, Ricardo puxou o cão pela pata dianteira e o levou ao colo. Conseguiu, por fim, atenção geral.

– Eu preciso mesmo ir – disse.

– Solte o Feli...

– Eu vou sair agora e ninguém vai me impedir.

Ricardo se dirigiu à porta a passos largos. Mal girou a chave, ouviu a mulher se levantando e indo até ele. Atirando-se para fora, sentiu unhas arranhando seu pescoço e uma mão puxando sua camiseta, enquanto a outra lhe aplicava golpes nas costas com a bíblia.

– Solte o Feliciano, moleque! Ele é só um animal ignorante!

Poderia largar o cão e fugir, mas precisava de uma carta na manga para enfrentar o homem. Num aperto mais forte, o cão ganiu, ecoando longe. Não satisfeito, Ricardo roubou o livro com um movimento rápido e o arremessou com força na janela, estilhaçando o vidro. A mulher o soltou de imediato, levando as mãos à boca. Ricardo desceu os degraus da fachada aos pulos.

– Melhor arrastar aquele armário, dona. Logo isso aqui estará infestado – ele disse, sem olhar para trás. Acelerando o passo e gritando a plenos pulmões até chegar à esquina, seguiu pelo caminho mais curto.



A porta da frente estava escancarada. Ricardo encontrou a tranca destruída e lascas de madeira no assoalho empoeirado. Encostando-a devagar, trancou o cachorro na cozinha e seguiu em direção ao som de pancadas ocas.

Oculto por um vaso de plantas, viu o homem forçando a última ripa que impedia a abertura da porta do porão. Tentava soltá-la sem provocar maiores ruídos. O barulho de madeira rachando ressoou. Abaixou-se para pegar o facão e, lentamente, abriu a porta. Um rangido, e passos descendo os degraus. Depois, um berro animalesco.

– Saia desse corpo, Satanás!

Ricardo ouviu a voz corrompida da mãe, um grito anormal, ser interrompida por um baque surdo seguido de um corpo rolando a escada. Engatinhando, alcançou a porta, de onde assistiu ao homem descendo. Lá embaixo, a mãe se encontrava desacordada. Sem planejamento, conduzido pelo calor do instante, disparou e, antes que fosse percebido, se chocou contra as costas largas do homem, que se desequilibrou e rolou. Não dando tempo para que ele se armasse novamente, pegou o facão caído aos seus pés e, num golpe certo, atingiu sua cabeça com o cabo de madeira. Sua intenção era deixá-lo inconsciente, um ato em vão. Só fez irritá-lo.

– Seu bandidinho – gritou ele, agarrando seu tornozelo. Ricardo caiu sentado em um degrau e acertou-lhe um chute no nariz, livrando-se da investida, e, descompassado, subiu a escada, de quatro.

Ignorando a xingação proferida pelo descontente homem, correu para a cozinha em busca da maleta de ferramentas de seu padrao. Não teve dificuldade em encontrar pregos e um martelo. O cão continuava lá, encolhido debaixo da mesa.

Fazendo o caminho de volta, se assustou ao encontrar o homem ainda na primeira metade da escadaria. Subia se arrastando. Havia quebrado o pé.

– Jeová te castigará, maldito!

Ricardo não se importou em ser amaldiçoado; já fora castigado por dias. Batendo a porta, recolheu as madeiras e, trêmulo, as pregou novamente. Apenas quando terminou, as primeiras pancadas vieram.

– Abra! Por favor!

Uma torrente de emoções atingiu Ricardo. Sua cabeça girava enquanto se distanciava. Em seu quarto, soltou o facão sobre o tapete e se deixou cair na cama. Pressionou um travesseiro contra o rosto, na tentativa de abafar o som, em vão. Os lamentos continuaram por dolorosos minutos.



Como de costume, despertou de um pesadelo no meio da madrugada. Na casa reinava o silêncio. A almofada estava no chão, e a única iluminação vinha da lua, inútil. Sentou-se na beira da cama e esperou a vista se acostumar à escuridão. Portando uma lanterna, saiu do quarto e parou em frente à porta pregada. Quietamente. Encostou a orelha na madeira e nada ouviu. Recolheu os pregos e o martelo, e seguiu à cozinha.

O cocker se encolheu mais quando o viu. Ricardo o ignorou enquanto guardava a ferramenta; depois, foi até o armário e pegou uma lata, abrindo-a com o auxílio de um canivete. O cheiro de

presunto enlatado não foi bem recebido, pois sentiu o estômago revirar. Não pretendia comer. Aproximando-se da mesa, se abaixou e derramou a comida no chão. Feliciano não se fez de rogado e comeu tudo até lambe o porcelanato. Dando uma afagada no cocuruto sedoso no chão, Ricardo se levantou e entrou na despensa.

Iluminando através da grade, encontrou o homem no chão, encostado em um móvel. Havia tirado o sapato, e pôde perceber o inchaço em seu pé. Do outro lado, focalizou uma estranha movimentação. Sua mãe estava amarrada, sentada em uma poltrona velha. Uma mordaca havia sido improvisada com meias enroladas, impedindo-a de gritar – ainda que não desistisse de tentar, principalmente quando viu a luz.

Voltou a iluminar o homem. Fora o pé quebrado, não encontrou outros ferimentos. Temeu. Não tinha ideia do que fazer com ele. Debruçando o rosto sobre os braços cruzados, desligou a lanterna e adormeceu.



A primeira coisa que ouviu ao acordar foram pancadas. O som vinha do porão. Desorientado, Ricardo se situou. Estava no colchonete da despensa. Passara a noite ali. Pela iluminação na cozinha, devia ser por volta do meio-dia. Feliciano estava deitado aos seus pés, enrolado em meio a um lençol. Não dormia, mas mantinha o olhar baixo, como quem adivinha seu destino nada feliz.

Ricardo olhou através da passagem. A mãe continuava amarrada. Havia caído do sofá em sua luta infrutífera para se desamarrar. Emitia grunhidos abafados e sem vigor. Teve medo dela se sufocar, mas não podia ajudá-la. Só fez torcer para que continuasse bem.

As batidas continuavam por um tempo, e Ricardo reconheceu de onde vinham. Da escada, mais precisamente da porta. O homem tentava derrubá-la. Não eram golpes fortes, portanto não se preocupou. Decidiu mantê-lo trancado. Não podia arriscar soltá-lo. Em sua cabeça havia uma imensa confusão. Não queria mais condenar animais à morte. Não queria mais suportar a mãe daquele

jeito. Não queria ferir ninguém. Arrependeu-se do modo como deixou a casa dos evangélicos. Por mais que pensasse estar certo no momento, havia sido egoísta ao fazer barulho na tentativa de atrair zumbis para o local. Havia crianças lá. Só tomara decisões erradas, e se sentia cada vez mais merecedor de desprezo.

Estalou a língua para chamar o cão. Ambos se encararam em uma troca mútua de tristeza, o som dos grunhidos da mãe alcançando seus ouvidos, fortalecendo a decisão que estava prestes a tomar. Suspirando, se aproximou do cocker.



Chegara tarde demais. Escondido atrás de um latão de lixo, assistia aos zumbis vagando ao redor da casa. Reconheceu um deles: um dos gêmeos. Daquela distância não estava apto a enxergar detalhes, mas distinguiu um grande ferimento em seu rosto. Mancava em passos débeis, como um boneco de corda nos limites da bateria.

Chorar ou se arrepender não desfaria o que causara. Pior, complicavam tudo ainda mais. Aquela era a beira do precipício. Desde que decidira manter a mãe naquele estado, começara a caminhar na mesma maldita direção: seu próprio fim. Não havia volta. Precisava pôr um ponto final na história mal escrita.

– Vai, garoto – disse, soltando o cão. – Boa sorte.

Entendendo a deixa ou apenas seguindo seu instinto ao reconhecer sua casa, disparou. Conseguiu alcançar a fachada, onde latiu para defender seu terreno, mas a quantidade de inimigos era intimidadora. Com o rabo entre as pernas, Feliciano fugiu, perseguido pela turba enraivecida.



Após passar no minimercado, mais por força do hábito do que pela necessidade, Ricardo fez o trajeto costumeiro em um caminhar desanimado. Sabia o que precisava ser feito, mas não tinha certeza

de que o poderia fazer. Teria mesmo coragem de matar a mãe? Àquela altura, duvidava piamente da tão sonhada cura. Por mais que a amasse, não possuía mais forças para continuar apegado a uma crença sem fundamento. Poderia confessar ao homem o que fizera com sua família, e deixá-lo tomar as devidas atitudes. Se não resistisse, seria uma morte rápida.

Atravessando a rua, ouviu algo que há muito não ouvia. Olhou em direção ao som, tapando o sol dos olhos com a mão, e viu um carro. De início, mantinha uma velocidade constante, mas, de repente, acelerou. Talvez não precisasse voltar para casa. Podia ficar ali, parado, e ser atropelado. Estava decidido.

Sem mover um músculo, fechou os olhos e esperou. Achou estranho não sentir o coração descompassado. Estava relaxado. Em sua cabeça, relembrou momentos felizes com sua mãe, o sabor de seus bolos, seu lindo sorriso. Por um tempo, a aparência que ela adquirira se dissolveu em sua mente. O som de uma derrapada o obrigou a abrir os olhos.

O carro parou há poucos metros, no meio-fio. Um alívio culpado o atingiu. Não seria tão fácil, afinal. Soltando o ar, se aproximou do veículo. Um casal de adolescentes parecia alheio à sua presença, embora quase o tivessem atropelado. O rapaz, sentado na carona, não era estranho. Cidade pequena, já devia tê-lo visto por aí; a garota, pelo contrário, era figurinha nova. Mantinha um olhar enigmático, encarando o volante.

– Vocês estão bem? – perguntou Ricardo.

– Sim. Acho que estamos – o rapaz respondeu, surpreso. – Você é...?

– Ricardo – se apresentou, continuando em um tom irônico. – Estou bem sim, ao contrário da sua amiga.

O casal se encarou em uma cumplicidade quebradiça.

– Estou bem – ela respondeu, a voz indolente.

– Foi mal, mas o freio falhou – disse o rapaz. – Acabamos de encontrar este carro.

– Ah, tudo bem – disse Ricardo.

Havia algo naqueles dois que assustou Ricardo. Não saberia precisar o que, mas uma estranha sensação percorreu seu corpo.



Como se tivessem sido enviados para terminar aquela história. A decisão, que até um minuto antes era tomada como certa, vacilou. Suportaria se despedir da mãe?

Um momento de indecisão e Ricardo se afastou, sumindo por trás de uma cerca, mas estacou ao ouvir a voz do rapaz.

– Espera! Você tá sozinho?

Não havia alternativa. Sentiu que seus caminhos, de alguma forma, estavam traçados. Tomando uma dose de coragem, voltou.

– Não. Moro com minha mãe. Se quiserem, podem vir.



Ricardo tentava disfarçar o nervosismo. Não pareciam más pessoas – o rapaz, Tiago, não, mas a garota, Daniela, tinha um ar distante, psicótico até. Seu medo era descobrirem o prisioneiro e o tomarem como bandido. Poderiam entender errado. No fundo, não distinguia mais certo e errado.

Conversa vai, conversa vem, e acabou citando, sem querer, a mãe no porão. Percebeu a burrada apenas quando viu seus olhares espantados.

– Você a prendeu bem? – perguntou Tiago, pouco antes de Daniela se levantar num pulo.

– Sim. Deixem minha mãe em paz!

– Só quero me certificar de que não há como ela sair – ela explicou, invadindo pelo corredor, na exata direção em que Ricardo olhou amedrontado, sem disfarçar.

Sem demora, descobriu a porta. Ricardo se assustou ao vê-la esburacada. Se tivesse empregado um pouco mais de força, o homem a teria arrebatado e escapado.

– Essa porta está destruída – falou Daniela, indignada.

– Ela não vai sair daí. Eu preguei direito.

Daniela puxou uma arma das costas. Parecia tê-la roubado de Tiago, pois o rapaz apalpou a própria cintura, visivelmente confuso. Eles não podiam entrar ali. Num gesto impensado, Ricardo empurrou Daniela e se colocou em posição de defesa em frente à porta.

– Não vou deixar você matar minha mãe, sua puta!

Ricardo pensou que morreria naquele instante. Algo sinistro brilhou no olhar da garota. Os lábios tremiam, entreabertos. Viu seu dedo deslizar no gatilho e, em seguida, mãos saíram pelos buracos na madeira e o agarraram pela camisa. Surpreso demais para gritar ou lutar, foi puxado por Tiago, ambos caindo. Daniela disparou duas vezes.



Não havia raiva no coração de Ricardo. Precisaria de um tempo para entender o que acontecera, mas não culpava Daniela por suas ações; tampouco poderia agradecê-la. Estava livre do peso, mas ainda não se sentia aliviado e, por alguma razão, não confiava nela.

Tratou-os bem, os alimentou e, ânimos mais calmos, contou sobre a capital. Deixaria aquele pesadelo para trás e começaria uma nova vida. Ficou fascinado pelo relato de Tiago, que sobrevivera graças ao parkour. Ricardo conhecia o esporte, mas nunca o praticara. Tiago poderia ensiná-lo. Daniela... Bem, ela estaria lá.

Partiriam no dia seguinte bem cedo. Antes de se deitar, foi de fininho à despensa. Pela grade, apontou a lanterna. O homem jazia nos pés da escada, morto com dois tiros no peito. A mãe continuava amarrada, se debatendo. Seu peito doeu.

Servindo dois copos de leite morno, misturou uma dose generosa de Rivotril e levou à sala.



Após se certificar de que seus hóspedes estavam em um sono profundo, Ricardo se dirigiu ao porão. Tomara a última decisão.

Levou um tempo para soltar as ripas sem fazer barulho. Em posse da lanterna, iluminou os degraus e desceu. O cheiro era hediondo. Havia moscas por toda a parte, e teve que ser cauteloso para não pisar em falso sobre as carcaças. Emocionado, se aproximou da mãe.

O cabelo estava sebooso e sua pele castigada exalava odor de suor. Acariciou as madeixas negras e sorriu para o rosto, distorcido em uma careta demoníaca.

– Não vou desistir de você, mãe.

Reunindo toda sua força, Ricardo a arrastou escadaria acima. Levou um terço da noite, mas conseguiu colocá-la no porta-malas do carro. Encharcado de suor, afrouxou as amarras. Não queria que ela se machucasse ainda mais. Segurando sua mão pegajosa, a apertou como se dissesse “tudo ficará bem”, e a trancou.

Quando entrassem no carro no dia seguinte, teria que bancar o doido e deixar tocando um CD no volume máximo. Não poderiam descobri-la. Não entenderiam. Mais do que nunca, acreditava em uma esperança. Finalmente, havia tomado a decisão certa.

## Engenharia reversa - Conrado Ramazini

*Fez-se do amigo próximo o distante  
Fez-se da vida uma aventura errante  
De repente, não mais que de repente.*

Vinicius de Moraes, *Soneto da Separação*

Ouçó seus ruídos e gemidos no andar de baixo. E pensar que há menos de uma semana era apenas o silêncio. Um silêncio abençoado. Um silêncio conquistado e cheio de promessas. Antes do que aconteceu ontem, eu e minha idiota capacidade de criar esperanças nos moldamos ao caos. Eu havia aprendido a caminhar no terremoto, a aguçar meus sentidos e sobreviver.

Mas fui obrigado a rever pontos que eu julgava fundamentais e tomar uma decisão.



Levantou-se da cadeira e foi até a janela. Do 10º andar tinha uma vista abrangente de toda a região ao redor do hotel: o shopping abandonado dominava o espaço quase completamente, mas também avistava onde fora sua casa um ano atrás. O parque com um lago em seu centro e a universidade que ficava atrás, os prédios e casas que a cercavam, fora do seu campo de visão. Mas podia supor que nem aquela região estivesse deserta. Como formigas eles vagavam aparentemente sem rumo, num andar de fantoche defeituoso. Fechou a janela rapidamente, pois o cheiro era

insuportável, mesmo àquela altura. Culpa do ar seco e da ausência de vento.

O som de mais uma tentativa de arrombar a porta de seu quarto o assustou.



Estou sozinho, completamente sozinho. Nenhum sinal de outro ser humano. Só se veem abandono e restos dos corpos que eles não quiseram devorar. O odor que emana é horrível e piora bastante por conta do calor que faz.

O ar condicionado parou de funcionar há tempos, falta energia elétrica. Estou só de bermuda, mas ainda assim molhado de suor. É até difícil respirar.

Qual o sentido de respirar? Para que sobreviver? Provavelmente sou o último, o único. Não tem significado estar aqui, neste notebook, escrevendo. Ninguém vai ler. As baterias que roubei não durarão para sempre, a comida vai acabar... Tudo vai acabar ou pior, tudo, sem exceção, será tocado em algum momento por uma daquelas mãos ou bocas, perecerá, definhará e morrerá.



Além do som do teclado, ao fundo o rádio de sintonia automática sibilava. Somente estática. Às vezes parava em alguma suposta estação, mas o que saía de seus alto-falantes eram apenas chiados. Ele apertava a tecla para uma nova procura. Os números em verde fluorescente corriam como um cronômetro, chegavam ao fim e reiniciavam. Infinitos milhares de insucessos.



Não tenho uma resposta (não tenho nada). Escrevo para mim e não para outros. Foi-se o tempo em que eu achava que minhas memórias poderiam se transformar em um sucesso. Já acreditei, como num filme bobinho, que meus filhos, quando adultos,

recolheriam estes escritos, espalhados no computador, e compilariam todos (poesias, contos, romance, anotações e diários) num volume que seria um marco da literatura nacional. Bons tempos quando era permitido delirar em sonhos megalomaniacos. Hoje, nenhum sonho, de nenhum tamanho. Só um último projeto a executar.

Na manhã daquele fatídico sábado, perdido no limbo das minhas memórias, eu não sabia que o mundo havia acabado. Não houve um sinal sequer.



Acordou com um barulho horrível: batiam em sua porta violenta e grotescamente. Xingou e quase abriu para ver quem era, mas, de relance, olhou para a janela da sala que dava para a rua e achou muito estranho o que acontecia lá fora. Tirou a mão da maçaneta e foi em direção à vidraça, abrindo mais as cortinas. Algumas pessoas, de olhar esbugalhado e cabeças viradas em posições inusitadas, caminhavam como se tivessem problemas nas pernas. Ficou assustado e absolutamente sem entender o que acontecia. Instintivamente ligou a televisão e procurou algum canal de notícias.

A emissora local mostrava imagens aéreas da cidade dando closes em outros que se arrastavam da mesma forma. O rosto de uma repórter sem maquiagem e meio descabelada apareceu noticiando que as imagens que apresentariam a seguir eram fortes, mas importantes para que todos os cidadãos se precavessem. Na tela surgiu a mais horripilante cena à que ele já havia assistido: era como um ataque de piranhas a um ser humano, só que não eram piranhas, mas homens, mulheres e crianças deformados no encalço de uma mulher de seus trinta anos que não conseguira escapar e era dilacerada e devorada. A repórter, transtornada, tentava manter a postura, mas via-se que estava desabando.

Mesmo que o quadro completo da tragédia ainda não tivesse se formado em sua mente, entendeu a gravidade da situação e, ainda assim, conservou-se tão calmo quanto possível, dadas as

circunstâncias absurdas. Seu coração acelerou, mas procurou manter a razão, como já fizera em outras situações estressantes. Claro que nenhum problema de trabalho que vivera antes se comparava àquilo, mas seu jeito, sua personalidade, era de sempre procurar uma solução, de raciocinar e não se desesperar. Estava, inegavelmente, em perigo.

Lembrou-se dos filhos.



Meus planos de então eram pueris e simples: pegar minha namorada que desembarcaria na rodoviária pouco antes do almoço, passar horas deliciosas matando a saudade de quinze dias e, no domingo, separar-nos de novo, quando ela voltasse para sua cidade a duzentos quilômetros daqui. Tinha esperanças também que transaríamos muito no intervalo. Sexo... Nunca mais. Só punheta e raramente, desde então. Enquanto a internet funcionava, eu até via uns pornôs... Coisa boba, né? Para que escrever isso? Foda-se, ninguém vai ler mesmo... Quem vai se importar que eu acessava filmes e me masturbava com eles?

Não sei se seria relevante descrever cada acontecimento. Melhor simplesmente deixá-los no passado, sem mexer neles. O importante é que sobrevivi e me manteria vivo por um tempo longo não fosse.

É verdade. Sobrevivi. Estou aqui enquanto muitos, provavelmente todos, tenham morrido ou se transformado. Mas de que adianta ter sobrevivido? De que serve estar aqui respirando e pensando, se não existe mais nada, se tudo o que eu conhecia como vida desapareceu?

Apenas por hipótese, vou supor que alguém lê isto que escrevo. Bastante improvável que aconteça, mas.

Com certeza, meu imaginário e incerto interlocutor diria algo do gênero: "você ainda vive e a vida é um dom supremo". Supremo a puta que te pariu, nem vamos começar com papos esotéricos. Sou ateu e tudo que aconteceu só prova que eu estava certo. Deus não existe e a vida é uma simples conjunção de fatores físicos e químicos. Ponto final.

Até posso dar uma chance se você disser que ainda pode haver esperança, que ainda possa existir outros que sobreviveram como eu. Mas onde estão? Certamente não mais nesta cidade.



Precisava encontrar seus filhos e saber como estavam. Ligou no celular do mais velho que tocou até cair na caixa postal. Obviamente não deixou mensagem. Tentou o da menina e o da ex-mulher com o mesmo resultado. Restava ir até o condomínio onde moravam. Mas não conseguiria sair pela sua garagem. Já havia visto uns dez ou doze se aglomerando na direção da entrada, tentando invadir a casa. Era impossível pegar seu carro. A alternativa: fugir pelos fundos.



Uma coisa era certa: não poderia ser capturado por aqueles seres. Se isso acontecesse estaria morto, assim como vira na TV. Só tempos depois descobriria (de forma terrível) que este não era o pior desfecho, existia outro mais danoso: tornar-se um deles.

Espiou o pequeno quintal pela janela da cozinha: estava livre. Atrás de sua casa existia uma revenda de carros usados que ele conseguiu acessar pulando o muro. No salão onde os automóveis estavam estacionados não havia ninguém, mas ele podia ouvi-los atrás do portão dominando as ruas. Também queriam entrar. Batiam, arranhavam, urravam.

Apesar de muitas perguntas estarem sem resposta quanto àquela situação, ele não parou para tentar respondê-las. Seu foco era buscar os filhos e garantir que estivessem a salvo. Diante das opções, escolheu uma camionete equipada com um para-choque que lhe pareceu forte o suficiente para romper com a corrente e o cadeado que trancavam o portão. Não pensou que, ao permitir que os seres entrassem na loja pelo portão arrombado, eles facilmente



chegariam até sua casa. Na verdade não pensava, apenas agia impulsivamente.

Ligou o carro e acelerou, saiu patinando e destroçou uma das folhas do portão de alumínio que desencaixou da parede, atingiu e trincou o para-brisa. Os seres, se surpreendidos, não deram mostras disso. Apenas começaram a persegui-lo. Aqueles que estavam em seu caminho foram atropelados sem que ele fizesse a menor menção de diminuir a velocidade, pelo contrário, só acelerava numa fuga alucinada. Tomou o caminho do anel viário e durante todo o percurso encontrou grupos daquelas criaturas.

Quantos eram? De onde vieram? Por que estavam daquele jeito? Se mesmo atropelados ainda se dirigiam em sua perseguição, como poderiam ser detidos? O melhor era pensar que fossem muitos, que não importava sua origem nem o que os transformara e que não poderiam ser mortos. Sua única alternativa era fugir e fugir, sobreviver para decidir depois.

Ainda acelerando invadiu o condomínio e viu o mesmo de antes: diversos deles vagando e nenhum humano à vista. Parou em frente à casa que seus filhos moravam e buzinou. Não iria descer, era muito arriscado. Buzinou e gritou o nome deles o mais alto que pode. O carro da ex-mulher estava ali, estacionado, e, em outras circunstâncias, o mais provável seria que estivessem todos dentro da casa. Sem que desse conta começaram a surgir criaturas por toda a parte que o cercaram. Tentaram subir na carroceria, batendo e arranhando por todos os lados. De repente o para-brisa rachado começou a ceder. Ficando ali, estaria perdido. E nenhum sinal das crianças ou da ex-mulher. Acelerou e saiu, despejando a maioria dos "caronas" pelo caminho. Ziguezagueou na esperança de livrar-se dos últimos, mas não caíram todos. Deu a volta e parou no mesmo lugar buzinando. Nada.



Ainda hoje não consigo entender a origem, onde e quando começou. Nem mais me importo com isso.

Do que pude constatar, ninguém, além de mim, sobreviveu. A cidade inteira... Eu andei por todas as ruas e só o que vi foram eles. A infestação tomou conta de tudo, uma epidemia incontrollável e inexplicável. Meus amigos, conhecidos... Não encontrei. Meus filhos... Eles...



Não consegui continuar a escrever. A lembrança dos filhos despedaçados a poucos metros da área de convivência do condomínio, dos quais ele só reconheceu as roupas rasgadas que comprara em uma viagem internacional em meio a carne ensanguentada, impedia-o de continuar.

O ar abafado e o calor dificultavam até a respiração. Jogou o corpo para trás, afastando-se do teclado e levantou os braços, espreguiçando-se na tentativa de eliminar aquela cena da sua mente.



Peço desculpas. Já tomei minha decisão e lembrar o que passei, o que presenciei, não ajuda em nada. Não que eu precise me justificar, afinal você sequer existe, mas apenas como uma forma de me incentivar a continuar a escrever.

Olha, tenho orgulho de ter conseguido chegar até aqui. Foi como um desafio pessoal que superei, apenas por mim. Pode parecer simples agora que estou nesta situação, mas seria vaidade desconsiderar meus sucessos. Na verdade, a equação não era complicada: o que eles queriam, como qualquer animal, era sobreviver e para isso tinham que se alimentar. Minha teoria era que, se a comida acabasse, eles iriam embora, em busca dela em outro local. Eu precisava evitá-los pelo tempo necessário e eu mesmo me alimentar neste intervalo. Para isso eu tinha à minha disposição (ou quase) um shopping com um hipermercado bem abastecido e um hotel em plenas condições de funcionamento.



Depois do condomínio e de percorrer vários locais da cidade (chegou inclusive a ir até a estação de TV), ele decidiu voltar para casa. Ao passar por ela viu-a invadida. Ou seja, não poderia entrar. E pior: portas normais não eram páreo para a fome deles. Precisava de um plano. Seu instinto de sobrevivência persistia e o que fazia era sobreviver. Pensou em sair da cidade, em busca de outras pessoas, mas achou precipitado fazer isso, a única coisa que tinha era um carro e o combustível acabaria em algum momento. Planejar, então, era imprescindível.

Como fizera inúmeras outras vezes, para atingir um objetivo, não importando o grau de dificuldade, cada etapa precisava ser vista como um caminho, uma estrada, com os condicionantes e potenciais falhas e desvios. E deveria ser feito de trás para frente, ou seja, primeiro vislumbrar o fim, a meta, e depois a etapa imediatamente anterior, e assim sucessivamente. Chamava isso de engenharia reversa. Como não conhecia detalhes sobre seus inimigos, o melhor era optar por uma visão pessimista e torcer para que algumas suposições (as piores) se mostrassem erradas.



Quando decidi sair deste hotel e me esgueirar na noite em busca de comida e outros suprimentos, ainda acreditava que sobreviver era minha única opção. Outras vezes em minha vida cometi esse tipo de infantilidade: acreditar em algo mágico. Maldição da influência dos contos de fadas e da filosofia burra americana que moldou várias gerações por milhares de filmes. Eu era um romântico inveterado, otimista por completo que sempre via o copo meio cheio, nunca meio vazio. Toda essa experiência, principalmente nas situações em que quase fui descoberto, foi crucial para reconhecer a limitação generalizada a qual todo ser humano está submetido, o quanto a vida é um resumo podre de instintos, nada mais. A humanidade foi condicionada a acreditar que fosse mais que isso, que somos melhores, mais fortes e capazes de transformar o mundo, viver

eternamente e sermos felizes. Agora vejo com clareza o quão falsas eram essas afirmações.

Não há destino aceitável. Encaminhamo-nos para a morte inexoravelmente. E nem acho que esse absurdo fenômeno tenha algo a ver com isso. Já era assim antes, sempre foi. Apenas nos enganamos. No final sempre existiu o nada. Essa é a clareza e sabedoria que esses seres trouxeram. Devo agradecer-lhes?



Não conhecia suficientemente a arquitetura daquele prédio para detalhar o que teria que fazer para mantê-los longe. Mas os benefícios de permanecer nele eram consideráveis: teria recursos em termos de comida, água e conforto que não conseguiria em outro local.

Aferrava-se à teoria, depois mostrada real, que os instintos predatórios daqueles seres os manteriam em busca constante de alimento, já que, aparentemente, nada mais almejavam. Tendo perdido a capacidade de sentir, transformaram-se em animais de forma absoluta. O que ele não previra era sua aparente ausência da dor. Feridos ou não, estraçalhados ou inteiros, intactos ou aos pedaços, sua fome era o motivador pleno, sem paradas ou hesitações. E o único alimento que os satisfazia era carne humana. Ao menos não tinham nenhum sentido mais aguçado que as pessoas normais, sua visão e olfato eram tão bons quanto os de qualquer um. Um ponto positivo para ele era a incapacidade que demonstravam para manusear qualquer tipo de instrumento, um pedaço de galho ou de ferro que poderia se transformar em arma lhes era indiferente.

Sua maior qualidade como consultor de empresas era gerenciar a ausência de recursos, conseguindo reciclar elementos aparentemente insignificantes em componentes imprescindíveis para o sucesso. De início lamentou que suas condições físicas não fossem melhores, queria que seus músculos aguentassem mais e que tivesse feito aquela cirurgia de miopia que amigos indicaram. Não

dava mais para ser operado (devia cuidar para não perder os óculos, já que as lentes de contato ficaram em seu antigo banheiro), mas exercícios físicos cotidianos faziam parte de seu plano, para alcançar maior resistência e força. E também nisso o hotel era uma ótima opção, pois contava com uma academia completa, não muito grande, mas suficiente para suas necessidades.



Consegui entrar no hotel escapando das perseguições, subi até o último andar pelas escadas e, arfando, invadi este quarto, o único destrancado. Com certeza fora ocupado por um casal antes de mim. No armário encontrei roupas tanto de homem quanto de mulher. Um casal gordo, eu diria, pois o tamanho das peças é bem maior que o meu. Transformei-o em meu quartel-general e permaneço aqui desde então.

Escolhi este andar propositalmente por ser o mais distante das entradas principal e laterais e aos poucos fui expulsando e trancando o acesso a cada piso abaixo deste. Esse era o plano inicial, mas logo encontrei um desafio: para abrir as portas dos apartamentos eu precisava dos cartões de acesso que ficavam na recepção. Levei quase dez dias para tomar coragem e chegar até lá evitando ser transformado em refeição. A partir desta “trincheira”, com comida e bebida no frigobar e produtos de higiene no banheiro, fui expandindo meus domínios.



Sua estratégia desde o princípio foi a de passar tão despercebido quanto possível.

Enquanto havia internet disponível não se sentia tão solitário, pois encontrou outros sobreviventes que tomaram atitudes parecidas com a sua. Nenhum deles era da sua cidade, o mais próximo estava a quase oitenta quilômetros. Eles se apoiavam mutuamente e contavam o que estavam passando. Aos poucos, um plano de se reunirem tomou forma. Escolheram justamente onde ele estava,

pois, de todas as opções, concordaram que um hotel seria a mais viável no longo prazo. De repente a conexão foi interrompida. Os detalhes do encontro não haviam sido acertados, não houve tempo suficiente para tanto, mas ele guardou a esperança de que alguns deles, pelo menos um, se arriscariam e viriam encontrá-lo. O que não aconteceu.

Restou-lhe a companhia de E.



Desperdiço meu tempo contando histórias, projetos, planos e execuções para ninguém. Deveria me dedicar aos últimos preparativos. As decepções foram muitas, tantas quanto as dores, as visões das tragédias que presenciei... Ilhado do mundo num quarto de um hotel-fantasma. Sou, provavelmente, o último ser humano da Terra. Minhas sementes não germinaram, minhas estruturas não fizeram diferença. O passado não importa e não há portas para o futuro.

A respeito de E nem vou comentar. Escrever sobre ela seria acessar um misto de tristeza, angústia e desespero. E não tenho certeza se já consegui elaborar e superar o que aconteceu. Apesar do grito preso no peito, forçando a busca pelo exterior, calo-me. Engulo seco aquilo que poderia ser catártico, mas poderia incitar ainda mais meus algozes e atrapalhar a execução do meu plano.

Tão fácil seria para qualquer psicólogo charlatão me considerar com depressão doentia. A única diferença é que, no caso dos depressivos, a não existência de um futuro possível é delirante, uma construção mental onde os defeitos, erros e impossibilidades se juntam para criar um cenário catastrófico, ilusório, irreal. No meu caso, trata-se de uma conclusão racional e objetiva. A catástrofe, a tragédia, o fim, estendem-se diante dos meus olhos, e estão ao simples tocar de dedos. É mais do que real e ignorá-la ou diminuí-la é que seria doentio e delirante.



Ele se levantou após apertar o botão do rádio, numa última e fracassada tentativa de encontrar um semelhante, e caminhou até o banheiro. Atrás de si tudo arrumado: as camas feitas, as roupas, roubadas de algumas lojas do shopping, nos cabides dos armários e os restos de comida e bebida ensacados e prontos a serem colocados na lixeira do andar (o que ainda não fez por ser arriscado). O quarto estava mais organizado do que no dia que entrara ali pela primeira vez.

Metodicamente ajeitou os objetos que estavam sobre a pia, guardando os de menos uso nas gavetas. O isqueiro e o pedaço de isopor atravessado por estrelinhas de aniversário foram deixados na ponta da peça de mármore, ao alcance das mãos para quando estivesse na banheira. Depois disso, esvaziou seu estoque de galões cheios do líquido transparente e inflamável, que reservara para suas bombas de defesa. Primeiramente encheu a banheira e, depois, encharcou o cômodo adjunto acarpetado, certificando-se de que escorresse porta afora.



Estranhamente estou leve.

Uma sensação de liberdade inesperada.

Pela primeira vez em muito tempo, talvez em toda minha vida, me sinto alforriado, desapegado, tranquilo. Quase sorrio, como se fosse possível sorrir nesta situação. A única conclusão a que chego, diante das circunstâncias, é que aquilo a que chamamos vida ou viver é uma ilusão, ou um conjunto delas: delírios sobre delírios, falsas interpretações de fatos irremediáveis, antevisão de caminhos impossíveis onde existe somente o abismo, soluções alucinadas para problemas incuráveis.

Uma doença terminal não tem remédio. Simples assim. E a constatação desse fato, sem maquiagem ou disfarces, traz o sentimento de paz interior.



Desconsiderando o calor que fazia, vestiu o abrigo de nylon com capuz sobre a bermuda, subiu o zíper e encarou-se no espelho retangular do banheiro. Neste instante, sem controle algum, a imagem do sorriso de E invadiu sua mente e ele estancou por um segundo.

Voltou ao computador na intenção de escrever mais, no entanto hesitou.



Agora nada mais importa. É hora de me despedir. Mas antes...



Três noites atrás, quando saiu do quarto pela última vez, olhou bem nos olhos azuis da menina e, como um mantra, disse:

“Fique aqui e se esconda. Não vou demorar, mas se eu não voltar, não vá à minha procura.”

“Quero ir com você dessa vez.”

“Não, sem chance. É perigoso demais para uma menininha.”

“Eu sei me cuidar.”

“Não sabe e nem precisa saber. Eu cuido de você.”

Deixou o quarto carregando alguns objetos importantes na mochila presa às costas, e não olhou para trás. Iria mais uma vez esgueirar-se, esconder-se, pegar o que precisava e voltar. Jamais permitiu (e nem permitiria) que ela o acompanhasse nas vezes que foi em busca de algo no hotel ou no shopping. Temia que E não conseguisse escapar de uma perseguição. Na verdade, nem tinha certeza de que ele próprio conseguiria voltar.

Quando a encontrou, escondida no armário do sexto quarto que vistoriava, três andares abaixo do seu, E estava quase em estado catatônico, assustada e faminta, com o rosto marcado de lágrimas secas. Certamente fora abandonada pelos pais que serviram de repasto para algum grupo de criaturas. Era surpreendente que estivesse ainda viva. Sua recuperação foi lenta, embora gradual.



A convivência entre eles era tranquila, mas na exata medida em que as regras de restrição impostas e reforçadas sempre como medida de sobrevivência fossem seguidas à risca.

Naquela noite, ela o desobedeceu. Por sorte, ele retornava ao hotel no instante exato em que três deles avistavam-na na porta do prédio e partiam em sua direção. Ele livrou-se da mochila cheia de latas e caixinhas longa vida e correu, não sem antes pegar a garrafa e acender o pavio. Seus gritos e a chama do coquetel molotov improvisado chamaram a atenção de dois dos perseguidores que vieram em seu encalço, mas outro manteve E como alvo. Atirou a garrafa que se quebrou de encontro ao asfalto, espalhando álcool que se incendiou bem próximo aos dois seres atordoando-os, dando-lhe tempo para que se desviasse para salvar E.

Aterrorizada, ela estava paralisada.

Dando um salto, ele atingiu o agressor que já a alcançara e se debruçava sobre ela. Com o impacto ambos caíram ao chão. Ele, mais ágil que nunca, com a adrenalina ao máximo, levantou-se rapidamente e agarrou a menina. Correu em direção ao hotel e subiu as escadas com ela no colo até a sua "trincheira".

Após deitá-la na cama, saiu para trancar a porta de acesso ao andar. Sabia que agora, depois que haviam sido descobertos, uma legião daqueles seres viria, perseguindo o alimento que reaparecera. Levaria muitos meses até conseguir disfarçar sua presença novamente, na esperança de que fossem para bem longe dali. Quando voltou, viu que E adormecera, calma como se nada houvesse acontecido. Ele estava exausto, mas comprometeu-se a ficar em vigília para cuidar dela caso fosse necessário. Ligou o notebook e passou alguns minutos diante dele sem fazer nada. Aos poucos seus músculos tesos foram relaxando e o sono aumentando a ponto de quase fazê-lo dormir sentado. Decidiu deitar-se na cama ao lado da dela. Apesar dos sons que invadiam o quarto (eles estavam bem perto, pensou), adormeceu.



*"Wenn nicht der nächste und unmittelbare zweck unseres Lebens das Leiden ist; so ist unser Dasenn das zweckwidrigste auf der Welt. Denn es ist absurd, anzuehmen, daß der endlose, aus der den Leben wesentlichen Roth entspringende Schmerz, devon die welt uberall voll ist zwecklos und rein zufälling senn sollte. Unsere Empfindlichkeit fur den Schmerz ist fast unendlich, die fur den Genuß hat euge Gränzen. Jedes einzelne Ungluck erscheint zwar als eine Ausnahme; uber das Ungluck uberhaupt ist die regel."*  
(Schopenhauer, 1851) [2]

Tirei a frase acima da internet logo no início dessa situação toda. Já a conhecia, mas, até então, não concordava com ela. Hoje vejo que sua pertinência é inegável. Apesar disso, algo em mim quer retardar a realização do meu plano. É um sopro, uma leve brisa que quer manter-me aqui. Mas ela não faz frente ao firme carvalho que é a minha decisão. Se ao menos houvesse algum sinal...

Após E me atacar enquanto eu dormia e da luta que travamos até conseguir colocá-la para fora do quarto, percebi claramente, como se fosse uma revelação divina, que não havia esperanças. Permiti-me um momento de desespero e luto... Nada além de um instante. Em outras circunstâncias da minha vida, fiz de um limão uma limonada, ou seja, pegava algo irremediavelmente quebrado ou inútil e lhe dava outro sentido, outra aplicação. No entanto, sempre fui capaz de reconhecer um caminho sem saída, um problema sem solução e enfrentava o irremediável com coragem.

Se minha vida pretérita que eu tanto amava transformou-se em pó e não mais retornará e se o amanhã é certamente pior do que o hoje, sem nenhuma dúvida sequer, inclusive correndo o risco de, como E, eu me transformar num deles, o que fazer a seguir era transparente.

A morte... A *minha* morte tornou-se irrelevante. Simples assim. Mas... Com um sorriso diabólico nos lábios e nos olhos eu digo: eu não irei sozinho e mais, não darei a eles o prazer de se alimentarem da minha carne. E para que isso se concretizasse só havia uma possibilidade: o fogo.

Provavelmente será bem dolorido. Mas não me importa ou, melhor dizendo, não vai fazer diferença para mim depois.

Chega! Já protelei demais a execução. Chegou a hora. Vou-me.



Pressionou a tecla de desligar do notebook e embrulhou-o num material à prova de fogo, colocando-o numa caixa blindada encontrada especificamente com a finalidade de manter o aparelho intacto ao que iria acontecer em seguida. Sem nada pensar, por força do hábito, apertou o botão de sintonia automática do rádio.

Olhou em volta certificando-se que tudo estava como queria que estivesse.

“Perfeito”.

Enquanto entrava na banheira, sentia o frio do líquido que encharcava sua roupa. Sentou-se vagarosamente, sem molhar os braços e as mãos.

Como previra, o álcool ia vazando e se transformando numa poça que interligava a banheira e o carpete do quarto. Ele queria que acontecesse exatamente isso e, por garantia, já havia deixado um trapo previamente encharcado entre a superfície do líquido e o chão. Acendeu as velinhas e colocou o isopor para flutuar. Até que a chama das estrelinhas, com suas faíscas de fogos de artifício em miniatura, atingisse sua base, derretendo-a, e incendiasse tudo, teria algum tempo. Mais do que suficiente para que ele afundasse seu corpo por completo, naquele que seria seu último ato em vida.

Mas não foi.

No momento exato em que relaxou os ombros para escorregar pela banheira e submergir, ouviu uma voz:

“... para você que está me ouvindo...”.

O que aconteceu em seguida durou exatamente 23 segundos.

Rapidamente levantou-se e foi até o quarto. Apoiou as mãos na escrivaninha e encarou o rádio. Como se fossem armas, apontou sua audição e visão para ele, aguçando a recepção. E a voz continuava:

“... consegui fazer essa emissora funcionar, mas não sei por quanto tempo. Se você está me ouvindo, venha me encontrar. Meu nome é Danilo. Estou em Ribeirão Preto, estado de São Paulo. Avenida Nove de Julho, número...”.

Alguém, na sua cidade, a não muitos metros de onde estava, assim como ele, havia sobrevivido.

Incrédulo e paralisado, em sua mente esperanças eram construídas e destruídas em milissegundos. A voz do locutor foi substituída por um chiado e retornou, mas sem completar a mensagem anterior. Foi tomado por uma angústia quase insuportável que exigia alguma atitude, sem que ele conseguisse atinar o que fazer em seguida.

Os seres batiam há tempos na porta com força, até que conseguiram arrebentar a fechadura num estrondo. Ele desviou o olhar para sua direção e encarou o primeiro deles, meio desequilibrado e seguido de perto por outros. O pior e mais desesperador dos pensamentos atravessou a sua mente: “Vou morrer”.

O som a seguir foi dominante: uma explosão e o silvo das labaredas atravessando a porta do banheiro, buscando e ligando-se ao combustível espalhado em abundância pelo quarto.

## A prova - Kristian Moura

Na penumbra do gabinete, no alto de sua luxuosa cobertura em um bairro nobre de São Paulo, um homem de meia idade e aparência carrancuda aguarda um chamado. As coisas nunca fugiram ao seu controle. Sempre foi meticuloso em relação a prazos, metas e procedimentos. O rigor com que costuma conduzir o protocolo e o cronograma dos negócios o colocou onde está hoje: no topo de uma das maiores organizações criminosas do país. Seu nome é Enrico Miguel Cabañas, mais conhecido como Mexicano. Está impaciente ao lado do telefone mudo, sentado em sua confortável poltrona de couro atrás de uma imensa mesa negra.

Os negócios de Enrico abrangem diferentes ramos de atividades ilícitas e geram um lucro gigantesco. Agiotagem, contrabando, tráfico – tudo mascarado por empresas de fachada. Isso o tornou obcecado por segurança, sigilo e pela discrição de seus familiares, fornecedores e colaboradores em geral. Claro que a coerção através da força nesses casos é questão de necessidade. *A fidelidade incondicional é um conto de fadas*, pensa Mexicano. E absolutamente ninguém está imune a essa sua regra pessoal.

Seu braço direito, Dimas, é o exemplo perfeito de como o sistema criado por Mexicano funciona. Ele é seu executor, a mão pesada que castiga quem não cumpre as diretrizes. Seus oitenta quilos distribuídos em um metro e setenta não fazem jus à sua importância e ao poder a ele delegado. É dele o telefonema que Mexicano aguarda tão ansiosamente. Dimas está terminando uma missão especial esta noite. Uma missão que o faz pensar o quão articulado e sistemático o seu patrão é.

Dimas foi adotado por Mexicano ainda criança, e aprendeu tudo sobre subterfúgios. Os que fossem necessários aos negócios – arrombamento, tiro, briga, técnicas de roubo e assassinato. Ainda assim dedicou um tempo aos estudos formais – conhecimento e cultura nunca são demais. Mexicano demorou muito menos que o de costume para colocá-lo em seu pequeno círculo de confiança, um vínculo de respeito e gratidão que se fortaleceu. Os trabalhos mais importantes são sempre confiados a ele: colocar a casa em ordem e botar o lixo pra fora. Logo, entretanto, o mais inusitado dos trabalhos surgiu.

Dimas já estava acostumado às esquisitices e excentricidades de Mexicano. Quatro semanas atrás fora incumbido de cuidar de uma armação muito sigilosa do patrão para sua própria esposa, um teste ao qual ela seria submetida. O que Dimas teria de fazer era relativamente simples: vigiá-la discretamente, sem levantar suspeitas. Mexicano pagava para que outros fizessem isso, mas nunca havia encontrado um indício sequer de infidelidade. Ainda assim não estava satisfeito, todos tinham medo de se aproximar da primeira dama. Enrico contratou um ator para testar a fidelidade de sua mulher, Anabela, como uma prova de amor verdadeiro incontestável. O ator deveria seduzi-la, frequentar os mesmos lugares que ela e relatar diariamente seu progresso, sem saber que também seria vigiado. Se a farsa desse certo, ou errado, dependendo do ponto de vista, o acordo seria finalizar o trabalho em no máximo um beijo. Mas, pelo que Dimas pôde apurar nas semanas seguintes, o ator esperava aproveitar-se da situação, da beleza de Anabela, e ir um pouco mais além.

No Citroën C4 VTR preto fosco estacionado em frente a um posto de gasolina e com os vidros escuros fechados, Dimas finalmente retorna a ligação de Mexicano:

– Estamos em uma cidadezinha do interior, eles acabaram de entrar no motel. Aguardo a ordem para agir, senhor – a voz de Dimas é calma e cadenciada.

– *Hum...* Ela usou o pretexto de visitar a mãe para ir fornicar. Dê a eles alguns minutos, depois a traga até mim – ordena Enrico friamente, com seu sotaque castelhano inconfundível.

– E quanto ao Bruno?

– O ator não é importante. Faça o que deve ser feito e limpe a sujeira, Dimas. Procedimento padrão. Não toque num fio de cabelo dela. Nos vemos na chácara.

– Sim, senhor.

Enquanto desliga o telefone, Dimas vê pelo para-brisa um ataque inusitado e incomum até mesmo para os seus padrões – uma garota pequena, branca e magra, usando roupas curtas, avança insanamente contra um homem enorme, de pele escura e ombros largos vestindo um paletó surrado. Ela consegue segurar o braço esquerdo dele, que carrega um *pack* de cervejas *long neck*. Aproveitando-se da surpresa, morde a mão do homem. As garrafas se espatifam no chão, inundando a rua com uma chuva de cacos de vidro e cerveja importada. Apesar disso ele se desvencilha facilmente, e num movimento rápido com o outro braço a derruba com um soco forte no queixo. Ela não consegue se levantar, talvez pelo efeito de bebida ou drogas, e permanece atordoada no chão. O homem olha incrédulo o naco de carne faltando na parte de cima de sua mão, então apanha as duas únicas garrafas intactas do chão e caminha até o Citroën, abrindo a porta do carona. Dimas parecia não alterar o seu semblante sereno.

– Que demora, Gago. E o que foi aquilo? Como está a sua mão? – pergunta Dimas ao olhar a ferida feia, que sangra muito.

– Tá doendo pra burro, chefe! Aquela vadia me pegou mesmo. Apareceu do nada e veio pra cima de mim. Acho que vou precisar de um curativo.

– Temos que limpar isso logo, tem alguma farmácia por aqui? Aí já resolve essa história, estamos no meio de uma missão.

– Tem certeza, e os nossos *amigos*, chefe?

– Eles podem esperar. Vamos dar um último momento íntimo a eles. Mas vamos logo.

A rua agora parece estar mais calma. Dimas observa seu relógio com uma expressão ilegível. É quase meia-noite. Por sorte, a farmácia ao lado do posto está aberta, o atendente é prestativo, mas não consegue esconder o assombro pela natureza do ferimento.

– Você também levou uma bela mordida, rapaz. Vai precisar de um médico. Venha comigo, vamos cuidar disso por ora – diz, enquanto conduz Gago à parte de trás do balcão.

– Foi uma maluca que me atacou na rua, do nada!

– Você não é o primeiro a se queixar disso hoje. Outras três pessoas foram atacadas por essas bandas. Há malucos à solta por aí.

Dimas fica na porta, observando o movimento da rua. A garota, que momentos antes atacou Gago, se levanta devagar, cambaleando e vai em direção ao posto de gasolina. Gago não demora a voltar com a mão enfaixada e uma sacola com analgésicos.

– Nem pense em me empurrar um atestado médico, Gago. Vamos, precisamos trabalhar.

Os dois saem da farmácia e entram no carro, observando ao redor repetidos tumultos em diferentes pontos da rua. Dois mendigos atacam um terceiro, próximo a latas de lixo; uma mulher se atraca a outra, agarrando-a com força e indo ambas ao chão; alguns jovens bêbados brigam um pouco mais adiante; um senhor de bicicleta tenta escapar de um vândalo arruaceiro; e a garota que atacou Gago arruma outra confusão com os frentistas do posto.

– O que está acontecendo com essa gente? – questiona Dimas.

– Será que é algum tipo de surto de raiva? – amedronta-se Gago, segurando a mão ferida. – Devia ter pedido uma injeção lá na farmácia.

O Citroën avança até a entrada do motel. A recepcionista abre sua janela com um belo sorriso nos lábios, que desaparece no instante em que vê a pistola Beretta M975 nove milímetros, segurada por Dimas, apontada para o seu rosto.

– Olá, moça. Precisamos visitar o casal que entrou aqui trinta minutos atrás com uma Mercedes prata. Por favor, nós insistimos – Dimas tem um sorriso irônico.

– Eles... Eles estão no chalé 204 – gagueja a mulher.

O caminho até a suíte se dá através de uma pequena estrada, pela qual serpenteia um jardim japonês. Uma cerca de bambus dá a privacidade que os casais procuram. Cerejeiras ornamentais, áceres vermelhos, lanternas de pedra. Um pequeno lago com carpas



majestosas e um belíssimo e imponente chafariz adornam o centro do jardim, um monumento à fertilidade e libido. Os chalés perfilam-se ao redor da área, todos com garagens individuais. Dimas desliga o motor do carro, aproveitando um leve declive para chegar sorrateiramente até a entrada da garagem do chalé 204.

O portão está trancado e seu mecanismo travado. Gago pega então um pé-de-cabra no porta-malas e encaixa-o no lugar exato, aplicando apenas a força necessária para que o portão se levante silenciosamente. Eles passam como fantasmas pela Mercedes estacionada e sobem uma pequena escada que dá para a porta da suíte. Uma melodia romântica e risadas são ouvidas através dela. Então, todo o som calmo e afrodisíaco do lugar é abruptamente abafado pelo trovão ensurdecedor do pé de Gago estourando a porta. Lá dentro, o casal nu e espantado tenta entender o que está acontecendo, desenroscando os corpos por debaixo dos lençóis de seda.

Aparentam ter vinte e poucos anos. Ela, morena de pele clara e cabelos longos e lisos com franja, olhos castanhos amendoados, corpo magro e esguio. Ele, louro, alto, olhos verdes e cabelos despontados com topete, corpo atlético e bronzeado de sol.

– Querida, cheguei – brinca Gago, quase não conseguindo esconder a euforia.

– Gago? Dimas? Eu, eu... Eu posso explicar – gagueja a mulher.

– Desculpe, Anabela, nós não precisamos de explicações – adverte Dimas, com a voz assustadoramente apaziguadora. – O Mexicano é quem tem de ouvir esse seu papo furado, e você sabe muito bem que ele não tem nenhuma paciência pra isso. Então é melhor não esperar conivência de nossa parte – prossegue com a voz baixa e tranquila, o que aumenta o pavor do casal.

– Senhor, eu sei o que está pensando... Mas eu já ia ligar para o Mexicano e...

– Não me dirija a palavra, Bruno. Você ainda está vivo porque eu não quero ter que silenciar todas as testemunhas do motel. O seu trabalho era só testar a *primeira dama* interpretando o seu papel, mas você quis passar a perna no patrão. Isso foi uma coisa muito idiota de se fazer. Então, para o seu bem, não teste minha paciência.

– Como é que é? Você armou pra mim, Bruno? – Anabela acusa, perplexa.

Apenas o dedo indicador de Dimas apontado para o casal é suficiente para que o silêncio se faça. Sua autoridade, dadas as atuais circunstâncias, é incontestável e todos ali sabem disso. A fama de como Dimas age pelo Mexicano deixa Anabela angustiada, esperando o pior desfecho para o flagrante.

– Como vamos fazer, chefe? – Gago questiona, um pouco menos animado. – Quer que eu leve a Mercedes?

– Quero. Você vai com a Anabela e me segue. Acha que consegue fazer isso?

– Consigo sim. Minha mão dói muito, mas já tomei uns analgésicos, vou ficar bem.

– Ótimo. Bruno vai comigo no Citroën. Temos de passar em um lugar antes de vermos o patrão – Dimas desvia o olhar para o casal novamente, com a expressão mais sóbria do que nunca. – Vistam-se depressa. A garota da recepção deve ter avisado a polícia. Eles devem chegar logo e eu não quero problemas.

– Ouça, Dimas – arrisca Anabela em um tom sedutor, levantando-se da cama enrolada nos lençóis. – Sei que você é leal ao meu marido, mas nós podíamos tentar entrar em um acordo e...

– Eu não barganho minha lealdade, Anabela. Se insistir eu mudarei o tom amigável de nossa abordagem, e acho que não quer que isso aconteça – adverte, alterando sua voz suave para outra ainda mais calma, mas com a autoridade mais evidente. – Vistam-se agora mesmo.

A ordem é obedecida na hora. Segundos depois, o casal está vestido e pronto para partir. Eles saem silenciosos em fila indiana pela pequena escada até a garagem. Dimas primeiro, seguido de Bruno e Anabela. Gago vem logo atrás, com a expressão de quem está tentando suportar muita dor. Antes de chegarem aos carros ouvem barulhos estranhos vindos do lado de fora – gritos, correria generalizada, buzinas, pneus cantando e até colisões. Dimas olha para Gago com o semblante inalterado. Habitado a situações extremas, acena com a cabeça. Em um instante ambos sacam suas pistolas.

- Abra o portão, Bruno, por favor – pede Dimas.
- O que tá acontecendo aí fora? – pergunta o ator, amedrontado.
- Abra isso logo – ordena Gago, com a voz sussurrante de quem está abafando um grito de dor. – Vamos, meus remédios tão no carro e isso tá doendo pra cacete.

Bruno abre o portão. Os quatro se deparam com carros enfileirados em frente ao portão de entrada do motel. Ouvem-se socos, murros e pontapés do lado de fora, como se pessoas forçassem a entrada. Provavelmente um tumulto assustou o motorista do carro da frente, que em desespero tentou dar marcha ré e colidiu com os outros que vinham atrás. Por segurança os funcionários do motel fecharam o portão, trancando também a recepção. Mas alguns vândalos entraram, avançando contra os carros parados, desferindo murros e chutes, com uma ferocidade insana, quase primitiva.

Grunhindo como feras, são oito pessoas muito diferentes umas das outras, não parecem uma gangue ou bandidos organizados. Dois são homens brancos de meia idade, calvos, vestindo paletós e gravatas; outro é um gigante maior do que Gago vestindo um macacão azul de operário; dois são negros de estatura média com roupas comuns; um garoto é louro e franzino, de uniforme colegial; uma mulher alta e gorda, cabelos negros e encaracolados, vestindo uma roupa casual; a outra é a menina que atacou Gago. Todos com sua aparência estranha, cadavérica, com um olhar insano e sanguinário que os torna semelhantes. Suas vestes estão sujas e rasgadas.

O maior dos selvagens esmurra o vidro lateral do primeiro carro e arranca o motorista gordo pela janela estilhaçada, atirando-o ao chão. Antes que possa esboçar alguma tentativa de defesa, os outros agressores avançam sobre ele, enlouquecidos. Cada um pegando o membro que estivesse ao alcance, mordendo, dilacerando a carne, arrancando pedaços. A vítima tenta se desvencilhar, debatendo-se e gritando. Mas são muitos. O gigante abre espaço entre os outros e abocanha o motorista no pescoço, num frenesi semelhante ao de um pitbull atacando sua presa. A força da mordedura parece descomunal, fazendo o sangue jorrar.

Eles o estão devorando vivo, literalmente, aos olhos horrorizados de todos ali presentes.

A mulher magra que está no veículo, sentada no banco do carona, grita apavorada e é atacada em seguida – dois dos assassinos abandonam o motorista que agoniza no chão e partem para cima dela, que não consegue se soltar do cinto de segurança. Mais uma vítima fácil. A mulher de roupas curtas e o garoto colegial a dilaceram sem piedade, espirrando seu sangue nos vidros e bancos. Os gritos de dor são intensos no início, depois diminuem, transformando-se em gemidos de agonia, até cessarem.

Ninguém tenta ajudar. Outros casais saem dos carros e correm no sentido contrário, em direção aos chalés. Os assassinos disparam logo atrás deles, babando e grunhindo.

– O que é isso, meu Deus? – pergunta Anabela, não conseguindo segurar as lágrimas e o desespero. – Temos de sair daqui!

– Vamos nos esconder lá dentro – responde Bruno, temeroso por sua segurança.

Gago interrompe a fuga do casal interpondo-se no caminho deles, que se ajoelham próximos à parede do chalé. As pessoas passam correndo por eles e entram nas outras garagens abertas, procurando refúgio. Por uma fração de segundo Dimas hesita, quase esquecendo sua missão. Os agressores correm em sua direção com os dentes ensanguentados à mostra e os olhares insanos e sem brilho. Gago mira o primeiro deles, um homem negro, e atira em sua perna, transpassando-a. O homem cai, sendo ultrapassado pelos outros, mas isso não é capaz de pará-lo. Ele se levanta e continua avançando. Dimas atira no peito de outro assassino de paletó e gravata com uma precisão letal, acertando em cheio o seu coração.

– Atire para matar – grita Dimas, enquanto efetua disparos contra seus próximos alvos, uma mulher gorda e outro engravatado. Os tiros atingem suas testas, que caem na estradinha, a poucos metros.

Gago mira o peito do assassino baleado na perna e dispara. O homem cai logo em seguida, cravejado de balas. O barulho dos tiros chama a atenção dos outros agressores próximos aos carros – o gigante e o outro homem negro, a garota de roupas curtas e o colegial franzino. Eles abandonam os corpos estraçalhados e

avançam enlouquecidos em direção aos chalés. Os seus grunhidos são aterrorizantes e Anabela olha apreensiva para Dimas, questionando mentalmente se devem correr ou ficar.

– Fiquem atrás de nós – ordena Dimas enquanto aguarda o momento certo de agir.

O colegial é o mais rápido e está na frente. Gago dispara e o acerta em cheio, que cai e fica fora de ação. O outro homem é atingido por Dimas, mas a garota, perto demais, pula em cima dele, que antes do contato físico aparentemente inevitável consegue girar o corpo e esquivar-se enquanto a mulher passa no vazio. Antes que ela possa se levantar e investir novamente, Dimas a executa com um tiro na nuca.

Mas o pior deles ficara por último. O gigante se aproxima e se atira em Gago como um *berserker*. Sem tempo ou espaço para pensar em uma defesa, coloca as mãos de ambos os lados do macacão do grandalhão, conseguindo manter uma pequena distância da mandíbula. Os dois vão ao chão.

– Atira nele! – berra Gago, empurrando o corpanzil do assassino o mais longe possível, mas sem eficácia, pois o gigante enfurecido é absurdamente forte e pesado. Seus urros selvagens abafam os gritos de Gago.

– Tente erguer a cabeça dele o máximo que conseguir, Gago – ordena Dimas, abaixando-se quase ao nível do solo.

Num esforço descomunal, Gago levanta o tronco do monstro, extravasando sua adrenalina acumulada em um grito poderoso, mais alto até que o de seu opressor. Dimas se encarrega do resto, estourando o ouvido direito do assassino com vários balaços. O grandalhão lentamente perde as forças e os sentidos, jazendo inanimado sobre o corpo de Gago.

– Tirem esse lixo de cima de mim! – esbraveja Gago, colérico. Ele se levanta com a ajuda de Dimas, sacudindo a poeira e limpando o sangue do gigante que respingou em suas roupas. – Preciso dos meus remédios agora!

Dimas observa calado, tentando entender a carnificina da qual acabou de tomar parte. *Temos de sair daqui, a polícia deve estar chegando*, pensa.

Gago pega a sua sacola de remédios em busca de analgésicos. Abre um dos frascos tremendo e engole vários comprimidos de uma vez. Parece estar com muita dor, pálido e suando frio. Agarrados um ao outro, Anabela e Bruno esperam atônitos ao lado da parede da garagem do chalé.

– Vamos! Precisamos tirar aqueles carros da entrada. Temos que sair daqui agora – esbraveja Dimas, com a autoridade revigorada.

– Não sei se consigo dirigir, chefe – responde Gago, a voz mais moribunda do mundo. – Eu não *tô* nada bem, preciso ir ao médico.

– Vamos todos no Citroën, depois eu mando alguém vir buscar a Mercedes, *patroa*. Não se preocupe – mente Dimas, olhando para Anabela.

– O que está acontecendo? Por que estão todos loucos? – grita Anabela.

– Meu Deus do céu, nós vamos morrer! – descontrola-se Bruno. – Alguém nos ajude, por favor!

– Cale a boca sua bicha, todos estamos assustados! Precisamos entender o que *tá* acontecendo, não ficar dando ataque aqui na frente dessa merda de lugar. O chefe sabe o que fazer – grita Gago, e continua colérico, sacudindo o pé-de-cabra no ar. – Entrem no carro agora.

– Controlem-se. Eu não sei o que está havendo, mas vou tirar todo mundo daqui agora mesmo – conforta Dimas.

Os quatro acomodam-se no C4 VTR e avançam em direção à entrada do motel, um cenário de guerra com corpos esfaçalhados, sangue, vísceras expostas, gorduras e cartilagens esparramadas pelo chão e dando um aspecto mórbido e agourento àquele panorama desolador.

Os agressores do lado de fora ficam mais enlouquecidos ao perceberem movimento próximo ao portão. Eles o socam, chutam e arranham com mais intensidade, emitindo grunhidos apavorantes, ansiando por continuar o que seus oito comparsas começaram. Dimas aproxima-se do portão, tentando de alguma forma escutar e contar o grupo do outro lado da grossa e laminada chapa de ferro. *São muitos, talvez mais de vinte*, pensa, pessimista. Lembra-se então que tinham pouca munição extra, pois é muito raro

precisarem. Talvez as que tenham sejam suficientes apenas para abrir caminho para o Citroën passar.

Gago piora a cada minuto. Sua pele está gelada e seu olhar distante, os olhos vermelhos lacrimejam bastante. Nem chega a sair do carro. Dimas sabe que tem de agir sozinho dali em diante, e precisa ser rápido.

– Você não tem mais condições de continuar trabalhando hoje. – Dimas anuncia, aproximando-se do Citroën. – Eu cuido de tudo a partir de agora. Não se preocupe, nós vamos pra casa.

Gago assente com a cabeça, entregando a pistola e o pente sobressalente. O casal no banco de trás observa calado o agora único homem armado e dono da situação, Dimas, que, ignorando todos os olhares, vai em direção ao último carro da fila. Os ocupantes fugiram apavorados e deixaram-no aberto, com as chaves na ignição. Dimas o retira daquela confusão, manobrando-o sobre o jardim. O próximo veículo também está aberto, mas sem as chaves. Dimas desce rapidamente do carro e o tira do caminho empurrando-o pelo declive da entrada.

O primeiro carro, mais próximo ao portão, é o que o casal atacado estava. Dimas passa pelo corpo do homem destroçado e chega ao automóvel. A porta do motorista está fechada: ele fora arrancado pela janela. Dimas destrava a porta e olha o interior do veículo. O corpo da mulher ainda está preso ao cinto de segurança. Suas roupas estão em trapos e o seu rosto está virado para a outra janela. Seu pescoço fora mordido em vários lugares e há pedaços faltando. Tentando se defender, ela provavelmente colocou as mãos na frente, porque estas foram as mais atacadas. Os ossos dos braços estão expostos em muitos lugares; os músculos, tendões e pele foram consumidos. A barriga também fora atacada com arranhões e mordeduras. O sangue ainda está fresco. A cor encarnada e o cheiro ferroso no ar ambientalizam o carro como se o tivessem tirado de um filme de horror.

Dimas adentra o veículo e, antes de engatar marcha ré, pega o celular, discando o número de Mexicano. O sinal está fraco, mas ele consegue a ligação. Ninguém atende. Tenta mais duas vezes, até perder o sinal. *Por que não atende? Preciso avisar sobre o*

*contratempo. Terei dificuldades em chegar à chácara no horário combinado. Será que ele já está a caminho?*

Dimas ainda observa o telefone de cabeça baixa quando sua linha de raciocínio é interrompida por algo surreal: uma sensação de calafrio, um sentido sobrenatural avisa-o que está sendo observado bem de perto. Ele então se coloca em estado de alerta, erguendo o pescoço e virando para o lado que sua visão periférica ordenara, embora a direção fosse algo completamente inimaginável.

Talvez essa seja a cena mais aterrorizante que Dimas vira na vida: a mulher esfaqueada que jazia ao seu lado no banco do carona o observa com um olhar de ódio e fome, fitando-o como se ele fosse sua refeição ofertada pelo próprio demônio. O mesmo olhar dos agressores que o atacaram segundos atrás, o olhar de quem parece estar possuído. A mulher solta um grunhido bestial e atira-se contra Dimas, mas o cinto de segurança ainda prende seu peito, impedindo o êxito de sua investida. Dimas recua instintivamente até a extremidade da janela, afastando-se alguns milímetros das mãos em garra da mulher grotesca e colérica. Ele abre sua porta e sai de costas, ainda confuso, não acreditando no que seus olhos cansados teimam em lhe mostrar. *Isso não pode estar acontecendo*, tenta convencer a si mesmo, mas a imagem e os gritos da mulher contradizem qualquer argumento sensato que tenta formular. O medo nunca havia conseguido uma brecha para se instalar em sua cabeça, mas o que está presenciando é algo com que nunca lidara antes.

Gago observa Dimas do lado de dentro do Citroën, sem saber se o que ele vê é uma alucinação. *O que tá acontecendo com o chefe? Nunca o vi desse jeito*, pensa ele preocupado. Dimas, o homem por quem expressa tremenda admiração, assustado, tropeçando sobre o cadáver do homem esfaqueado e tentando se levantar como um frango covarde, eis uma visão que nunca passara por sua cabeça. Mas o que vem a seguir vai muito além do que Gago, Anabela e Bruno poderiam imaginar – o homem dilacerado no chão acorda com um olhar furioso e avança contra Dimas no chão. O homem grunhe como os seus assassinos, agarrando e mordendo a presa atordoada e que não consegue se defender direito. A carne do



pescoço de Dimas é rasgada pelos dentes ensanguentados do algoz, fazendo-o gritar de dor. O som é abafado pelo sangue borbulhando ao penetrar sua traqueia, espernear-se em busca oxigênio, mas ele não vem. A dor é alucinante e seus olhos lacrimejam. Anabela e Bruno gritam aterrorizados, não conseguindo conter o horror da cena que presenciam. Segundos intermináveis se passam até que o aço frio do pé-de-cabra manejado por Gago afunda a parte de trás do crânio do agressor, incapacitando-o instantaneamente. Com um pouco de esforço, o corpanzil do homem é retirado de cima de Dimas, que agoniza em busca de ar. O ferimento é devastador e sua gravidade exige cuidados médicos imediatos, presume Gago em uma rápida avaliação.

– Calma, chefe! Eu vou tirar a gente dessa. Aguenta firme.

Gago nunca teve em suas mãos a responsabilidade da liderança e não sabe agora como agir. Ele tem de tomar decisões rápidas. Assustado, Gago vai terminar o que Dimas havia começado: abrir o caminho do portão, pois é óbvio que eles precisam sair dali o mais rápido possível.

O nervosismo é tamanho que o grandalhão mal nota o que acabou de fazer – atacou alguém que já estava morto e que devorava o seu parceiro, a quem mais admirava no mundo. Talvez tenha sido a velocidade de como as coisas aconteceram. Gago corre cambaleante até o primeiro carro e entra. A mulher no banco do passageiro se atira contra ele, grunhindo e arfando. O cinto a impede de agarrá-lo, e ele entende o motivo pelo qual Dimas saiu do veículo tão aterrorizado. Põe a mão na cintura buscando sua pistola, lembrando em seguida que ela não está mais com ele: entregara-a ao chefe junto com o pente.

– Mãos na cabeça, grandão! – ordena uma voz masculina e familiar vinda logo atrás de Gago. – Vire-se devagar e saia de perto do carro.

Gago nada mais tem a fazer senão obedecer, pois sabe que não foi rápido o bastante para se precaver. Ele se vira devagar e contempla a Beretta M975 reluzindo na mão de Bruno, apontada para sua cabeça.

– Nós vamos sair daqui, gigante, e não tente nos impedir – ameaça o ator, aproximando-se do carro. Anabela dá cobertura, empunhando a outra pistola.

– Precisamos pegar a Mercedes – alerta Anabela. – Ela é blindada e vai nos proteger desses loucos.

– Certo. Primeiro vou abrir caminho por esse portão – exclama Bruno apontando para a entrada, cercada e alvejada por socos e pontapés pelos agressores enlouquecidos. – Vá buscar o carro, amor. Vamos sair daqui.

Gago está a alguns metros do veículo que obstrui a saída, permitindo a Bruno se aproximar com segurança. Olhando em seu interior, vê a mulher ainda presa pelo cinto tentando atacar. Bruno fecha os olhos e dispara várias vezes, até ter certeza de que ela não se moverá mais.

– Tire esse carro da frente, grandalhão. Não tente nenhuma besteira – ordena Bruno, acenando para que Gago execute o serviço.

Gago entra no veículo, apreensivo, dá a partida e engata a marcha ré, conduzindo movimentos lentos, enquanto é observado de perto por Bruno. A manobra é realizada com certa dificuldade, devido ao agravamento gradativo de sua condição de saúde. Com a passagem livre, a Mercedes guiada por Anabela aproxima-se do portão.

– O que vamos fazer com ele? – pergunta Bruno para Anabela, desviando o olhar para Gago.

– Vá até a recepção e abra o portão, querido. Eu cuido do Gago – ordena Anabela, saindo do carro às pressas.

– Me dê uma chance – implora Gago ainda dentro do outro veículo estacionado sobre o jardim.

– Você sabe que o Mexicano não perdoa erros. Ele vai te matar por não nos levar até ele – explica ela. – E, além do mais, você viu o que acontece com quem é mordido por esses monstros. Você vai se tornar um deles. Eu vou te livrar desse sofrimento. Sempre fui muito piedosa.

Ela dispara várias vezes contra o peito de Gago.

O grandalhão ofega um pouco, dá alguns gemidos abafados e, por fim, pende o pescoço para o lado. Anabela vai em direção a Dimas, que ainda agoniza no chão ao lado do corpo de seu assassino.

– Que ironia, hein, Dimas? Quem diria que logo você, o melhor soldado do Mexicano, acabaria assim, agonizando aos pés de alguém sem treinamento ou conhecimento em luta, tiro, nem nada parecido? Chega a ser hilário – tripudia a mulher, diante do corpo moribundo e agora inofensivo de Dimas. – A sua sorte é que, assim como fiz com Gago, não permitirei que seu martírio se prolongue mais. Seria desumano te deixar aqui desse jeito – prossegue ela, em tom altruísta. – Mande lembranças minhas ao seu amiguinho quando chegar no inferno.

Anabela descarrega a pistola no peito de Dimas, que cospe sangue, entregando assim seus últimos suspiros de vida. Ela corre até a Mercedes, emparelhando-a com a porta da recepção do motel. Bruno tenta arrombar a porta, mas ela parece ser bem resistente. Ele então mira a fechadura e dispara a pistola, arrebetando-a. Ao abri-la, procura por algum funcionário – *eles devem estar escondidos ou fugiram por alguma outra porta lateral*. Logo à frente está a cabina usada para recepcionar os visitantes. Um pequeno botão sobre a mesa aciona o portão, que é pressionado pelos dedos agitados do angustiado ator. Agora só é preciso ser rápido o suficiente pra chegar à Mercedes antes dos monstros enfurecidos que espreitam atrás do portão. Alguns passos e ele está na porta da recepção, mas o que vê é totalmente diferente do que fora combinado: a porta da Mercedes está fechada. *Essa idiota se esqueceu de abrir minha porta*, pensa Bruno, avançando veloz com a mão em direção à maçaneta, mas constata que ela também está travada. O portão já está aberto o suficiente para que os monstros possam entrar.

– Abra rápido essa porta, eles estão vindo! – desespera-se Bruno.

– Desculpe, amor, mas eu não dou carona para derrotados que tentam armar pra mim.

– Sua maldita! Abra agora mesmo, cadela – ordena ele em um surto irracional, atirando na maçaneta do veículo e no vidro da porta

do passageiro, até ser derrubado por vários dos monstros que urram ao invadir o motel.

– Coitadinho! Acho que ele era meio surdo, não escutou quando disse que minha Mercedes era blindada – ri Anabela ao retocar a maquiagem no pequeno espelho localizado nas costas do para-sol, alheia aos grunhidos, socos e arranhões dos monstros tentando desesperadamente alcançá-la e aos gritos de dor do seu ex-companheiro sendo dilacerado pelas bestas que lhe devoram vivo.

## Noite de poker - Fabio Aresi

Respirar doía.

O ar entrava e saía rápida e irregularmente, atravessando a garganta contraída e queimando os pulmões como se fosse lava. A boca estava seca e a língua parecia inchada e ocupando todo o espaço interno, deixando sair apenas um agudo e desesperado arfar a cada expiração. *E a porra do joelho latejava pra caralho.* Mesmo assim, Jair Nunes da Costa corria. Não, não corria. Cambaleava, jogando o corpo obeso pra frente, na esperança de que as pernas seguissem na mesma direção para aparar a queda a cada instante. O suor banhava seu rosto redondo e vermelho, as costas e as axilas. Não aguentava mais, mas tinha que correr, senão aqueles... aquelas *coisas* o pegariam e fariam com ele o que estavam fazendo com todos os que via serem estripados na sua frente, a dentadas ferozes e mãos selvagens. *Isso é loucura! Caralho, o que tá acontecendo?*

Era noite e a rua estava iluminada, mas aquilo tudo era um caos. Jair ouvia disparos de armas de fogo, próximos e distantes, sirenes, gritos estridentes de dor e medo, e som de carros acelerando, queimando pneus, atirando-se de encontro uns aos outros em estrondos assustadores. E ouvia também um som mais baixo, porém constante e terrivelmente pior do que todos os outros somados: o barulho viscoso de carne sendo rasgada, estraçalhada, mastigada. Ouvia mesmo, ou era ainda o eco em sua cabeça do que ouvira ao fugir da casa de Goulart? As crianças ainda se debatendo no chão, enquanto aqueles loucos malditos... *Que loucura!*

A rua descrevia uma pequena curva em declive, ladeada por casas grandes e bonitas, embora isso fosse completamente

irrelevante quando carros cruzavam em alta velocidade e atropelavam quem quer que estivesse na frente, pessoas corriam manchadas de sangue, umas fugindo, outras perseguindo, devorando umas às outras como canibais enlouquecidos. E Jair corria aos tropeções, olhando para trás apenas para ver que o pequeno grupo se aproximava cada vez mais, bocas e braços cobertos de líquido escuro e pegajoso, rosnando como débeis mentais. *Corre, caralho! Corre!*



O ar da luxuosa sala de jogos cheirava a um misto estranhamente agradável: do suave perfume que exalava de Eliza, ao lado, com o forte – mas nem por isso ruim – cheiro da fumaça que partia da ponta do charuto cubano e da boca de Goulart, do outro lado da mesa. Esse cheiro misto, aliado ao sabor forte e encorpado do uísque, à luz baixa que iluminava apenas a mesa verde coberta de bebidas, cartas de baralho e fichas de apostas, e à música que tocava baixinho, vinda de algum canto da sala, e que lembrava aquelas músicas *zen* de shoppings e elevadores, tudo isso dava ao deputado Jair Nunes da Costa uma agradável sensação de relaxamento e poder. Aquela era uma sexta-feira à noite de conversas fúteis, bebidas, poker, cocaína, e, mais além, sexo regado a mais bebidas e cocaína. Era, enfim, uma noite de sexta-feira comum para Jair e seu amigo e aliado político, Vítor Goulart, o anfitrião.

Eram ao todo seis os que se sentavam em volta da mesa de jogos, com exceção da loira e inexpressiva mulher que Goulart contratara como *dealer* [3] e que agora embaralhava as cartas com uma destreza indiferente. Jair percorreu com os olhos os demais ocupantes da mesa.

Eliza estava do seu lado esquerdo, e o perfume levemente adocicado que dela emanava só realçava ainda mais a sua beleza jovem e sensual. Tinha a pele clara e uns cabelos negros e lisos que brilhavam como uma noite de lua cheia. Usava um curto vestido

vermelho escuro com decote, o qual delineava suas curvas leves e a tornava incrivelmente atraente.

Júlia em nada deixava a desejar. Sentava-se de frente para Jair, do outro lado da mesa, ao lado de Goulart. Essa era loira, tão encantadora como a outra, de olhos profundamente verdes, combinando com o a blusa verde clara que deixava um ombro nu à mostra. Jair nunca antes tinha visto uma calça jeans tão justa, desenhando tentadoramente as coxas e ancas da mulher. Goulart tinha bom gosto para garotas de programa. Eram sempre jovens, deslumbrantes e educadas. Certamente universitárias, ou até mesmo formadas, vendo ali uma forma fácil e divertida de ganhar dinheiro. *Podiam ser o diabo! Com um corpo desses, eu pouco me importaria se não soubessem ler.*

Nas bordas da mesa, sentavam-se dois convidados de Goulart. Um deles, Werner Kleinhauss, era vice-diretor de uma grande companhia de transporte público. Um homem de cabelos loiros muito claros e pele avermelhada. Os olhos eram pequenos e azuis, espremidos no rosto inchado. Vestia uma camisa social já meio desabotoada e tomava seu uísque em goles curtos. Em boa parte, havia sido ele o responsável pelo investimento financeiro da companhia na campanha eleitoral de Goulart, em troca da ajuda deste em questões políticas que favorecessem o aumento das tarifas de ônibus, o privilégio de circulação em determinadas regiões da cidade etc. Goulart era um homem de muitos contatos e sabia ser muito persuasivo. Era bom ser seu aliado.

Na outra ponta da mesa se sentava, parecendo desconfortável, Carlos Breol, o gordo senhor que limpava a garganta toda vez antes de falar. Dizia ser o advogado de Goulart, e realmente o era, mas não só isso. Era também o seu assessor de imprensa, seu contratador de garotas de programa, seu comprador de bebidas, charutos e cocaína importados. Era, em suma, o seu servil cão de estimação. Mas ganhava bem e era tratado como da família, o que mais poderia querer?

Goulart fez um gesto com a cabeça, indicando as fichas de Jair, enquanto batia seu charuto no cinzeiro. Era a sua vez de iniciar as apostas. *Small blind* [4]. Jair separou uma ficha vermelha e uma azul.

Quinze reais. Breol já aumentava para trinta a aposta, três fichas vermelhas, enquanto uma das garotas falava qualquer coisa e ria levemente, e a *dealer* distribuía habilidosamente as cartas.



As pernas de Jair começavam a adormecer de cansaço e os pulmões eram uma fornalha prestes a explodir. A visão embaçou e ele teve a nítida certeza de que aquele era o seu fim. Iria se esborrachar no chão e ser devorado vivo por aqueles monstros. Desejou com todas as suas forças que aquilo tudo fosse apenas um pesadelo horroroso e assustadoramente real. E, se realmente o fosse, que hora mais propícia para acordar senão *aquela*? Afinal, não é justamente quando estamos caindo ou prestes a morrer que geralmente acordamos? Mas ele achou melhor não arriscar. Não caiu, nem acordou. Os pés de alguma forma se mantiveram em movimento, sustentando o peso de seu corpo e jogando-o ainda mais para frente. Mas por quanto tempo eles ainda aguentariam? *Não pensa, porra. Só corre!*

As pernas flácidas vacilavam quando Jair saiu da calçada e atravessou um cruzamento ao final do quarteirão em declive. Olhou mais uma vez para trás, mesmo sabendo que os loucos estavam ainda mais próximos, já que ouvia seus grunhidos raivosos e guturais cada vez mais altos. Notou que eram cinco deles, os braços escurecidos estendidos na sua direção e as bocas escancaradas numa carranca suja e sinistra. Dentre eles, um usava uniforme policial, enquanto outro não deveria ter mais que doze ou treze anos. Pôde ainda perceber, de relance, quando uma mulher atravessou a rua, entre ele e os zumbis, chorando aos berros e com apenas a parte de baixo da roupa no corpo, o seio esquerdo dilacerado e sangrando. Quando voltou a virar a cabeça para trás, Jair viu que apenas dois dos monstros ainda continuavam no seu encalço. O policial era um deles. *Desgraçados, bem que podiam ter ido todos atrás daquela vagabunda, não é?*



O coração batia violentamente no peito, como se quisesse arrebentar-lhe a caixa torácica e fugir por conta própria. Mas era ele o único que jogava a seu favor naquele momento, bombeando sangue pelo corpo com tanta força que podia senti-lo chegar à cabeça em pulsos frenéticos. *Não posso morrer. Não posso!* Adiante e à direita, notou, do outro lado da rua, um aglomerado considerável de canibais em volta de uma árvore, cabeças e braços erguidos para o alto e gemendo guturalmente como que numa oração diabólica. Acima deles, encolhida em cima de um galho e agarrada firmemente ao tronco principal, uma criança chorava copiosamente. Um choro agudo e quase inaudível entre o canto profano dos mortos e os gritos desesperados dos vivos. Alguns dentre os que cercavam o garoto pareceram notar a aproximação de Jair, e, virando-se, avançaram para o meio da rua. *Merda, merda, merda, merda, merda!* Instintivamente, o homem obeso olhou para frente, para as cercas altas de metal e os muros de pedras cobertas de trepadeiras. Não haveria como escalá-los, pelo menos não Jair, com seus um metro e sessenta de altura e cento e cinco quilos. *Estou encurralado, droga! O que eu faço? Se ao menos houvesse um...*

Um portão aberto.

Jair deixou escapar um grito curto e seco, expressão mista de terror e alívio. Duas casas à frente, ele o viu, aberto pela metade. Um portão de barras de ferro, alto e encimado por cerca elétrica. Aberto. Era entrar ou correr para o abraço daqueles loucos. Jair arrastou o corpo num último esforço desesperado, reunindo naquele arrastar todas as forças que ainda lhe restavam, e ignorando a dor que lhe lacerava o joelho direito. Os homens cambaleantes e manchados de sangue haviam terminado de atravessar a rua e corriam na direção de Jair. Ele mal teve tempo de entrar e bater rapidamente o portão, quando mãos pegajosas atravessaram as barras de ferro, uma delas se agarrando à sua camisa.

Do outro lado do portão, Jair viu que pelo menos meia dúzia de zumbis forçava as barras de metal. Quem o puxava pelo colarinho era o mesmo monstro vestido de policial de antes, seus olhos arregalados e sem vida, e a boca sangrenta arreganhada. Um revolver pendia do seu cinto de couro. Jair debateu-se como pôde,

tentando se livrar da mão que o prendia, mas o maldito era forte e agarrava sua camisa agora também com a outra mão. Num ato de desespero, o homem atirou-se rapidamente para frente, puxando o revolver da cintura do zumbi. Ainda preso pela camisa, ele conseguiu recuar um passo, forçando o policial a grudar o rosto entre as barras do portão.

– Solta, seu *filho da puta!* – gritou, apontando desajeitadamente a arma para o rosto do policial e apertando o gatilho.

O ouvido de Jair zuniu com o barulho do disparo, mas ele sentiu as mãos que o agarravam perderem a força. O policial desabou entre os outros. Jair recuou alguns passos, aturdido e em choque, deixando cair a arma no chão, olhando sem reação para o restante dos monstros que erguiam os braços por entre as barras do portão e o forçavam sem parar, rugindo como animais raivosos.

Então, uma mão lhe agarrou pelo ombro.



*Um par de Ases!* Jair espiou discretamente por baixo de suas duas cartas, tentando não demonstrar sua surpresa. Ás de Copas e Ás de Ouros. Finalmente, uma ótima mão. Agora, o segredo era administrar bem as jogadas, não dando pistas da existência desse lindo par, e fazendo todos apostarem o máximo possível. Ninguém subiu a aposta, mas também ninguém abandonou a mesa, o que já era bom. *Vamos ver quanto eu consigo arrancar deles dessa vez.* Jair deu *call* [5], recolhendo sua ficha azul e substituindo-a por mais duas vermelhas. Trinta reais.

A *dealer* loira recolheu a soma da primeira aposta, somando um *pot* [6] de cento e oitenta reais. Werner Kleinhauss fungou, olhando para seu par de cartas com um olhar confiante. Eliza sorriu para ele.

– Está com uma mão boa, é? – perguntou.

– Se realmente estivesse, ele não pavonearia assim – interveio Goulart, sorrindo para ela com o canto da boca, o charuto fumegante preso entre os dentes.

– Pode ser – respondeu Kleinhauss. A vermelhidão de seu rosto era ali um trunfo, já que os outros nunca saberiam se a coloração rubra indicava vergonha, excitação, ou simplesmente sua coloração natural. – Pode ser.

Jair tomou mais um pequeno gole de seu uísque, enquanto a *dealer* queimava a primeira carta e distribuía o *flop* [7].

Rei de Ouros, Rei de Paus e Ás de Paus. As cartas brilharam como se holofotes iluminassem suas superfícies de plástico. Jair segurou o fôlego. Trinca de Ases e par de Reis. *Full House*[8], *perfeito!* Olhou para os demais, com a expressão mais calma que conseguiu forjar.

– *Fiiiiiu!* – assoviou Breol, limpando a garganta logo em seguida. – Alguém deve ter se dado bem nessa.

Goulart manteve seu rosto na expressão entediada de costume, mas Jair teve a impressão de perceber, de relance, que seus olhos brilharam. Werner, que antes portava um sorriso presunçoso, pareceu murchar ao ver as cartas no centro da mesa.

– E eu apostaria que esse alguém é *você* – disse ele a Breol, tamborilando com os dedos sobre seu par de cartas viradas.

Era novamente a vez de Jair iniciar o turno de apostas. *Preciso que eles apostem, mas se eu elevar muito o valor, corro o risco de expulsá-los da mesa.* O homem ponderou por alguns segundos, manuseando com a mão direita um pequeno punhado de fichas. *Tem que funcionar,* pensou, batendo levemente com o nó dos dedos na mesa. Seria um blefe ao contrário: simplesmente passar a vez sem apostar nada deveria dar aos outros a impressão de que sua mão era fraca. Restava-lhe agora apenas rezar para que alguém estivesse confiante o suficiente para subir a aposta. E, de fato, funcionou. Carlos Breol juntou algumas fichas e as jogou casualmente à frente. Duas vermelhas e uma azul. Vinte e cinco. Limpou a garganta, envergonhado, quando as duas mulheres sorriram maliciosamente para ele.

Ao seu lado, Júlia encolheu os ombros em descaso, igualando a aposta.

Goulart, o próximo no turno, manteve os olhos fixos por algum tempo nas suas fichas organizadamente empilhadas. Então, pegou uma única ficha verde e a jogou na mesa. *Cinquenta reais? Ele deve*

*estar com uma mão boa. Talvez dois pares, talvez até uma trinca de Reis. Dificilmente um Full House. Ainda assim, o meu é maior. A não ser que... A não ser que ele possua uma Quadra [9] de Reis! Mas isso é mais difícil ainda.* Breol olhou espantado para Goulart, e este se limitou apenas a sorrir e expelir uma boa baforada de fumaça.

Werner Kleinhauss bufou.

– Pra mim é demais – disse ele, jogando não fichas, mas seu próprio par de cartas na mesa, e revelando um nove de Copas e um três de Paus. Não valia, para ele, pagar tão alto por um blefe. – Estou fora.

– Eu pago! – disse Eliza excitadamente, balançando o corpo ao jogar sua ficha verde no centro da mesa. O movimento moveu graciosamente seus cabelos negros e lisos, e Jair não soube se olhava para eles, para o lindo sorriso que se abriu entre seus lábios pintados de batom, ou para os pequenos seios que balançaram sob o decote do vestido vermelho escuro.

– É claro que você paga – replicou Werner ironicamente, ao lado dela. – É o Goulart quem está pagando suas fichas.

A jovem morena fez-lhe uma careta debochada, e ele devolveu o gracejo, o que fez com que Goulart e a outra jovem soltassem uma gargalhada.

Jair esperou mais alguns instantes, fingindo dúvida, antes de dar *call* e igualar a aposta com uma ficha verde. Breol, mexendo-se desconfortavelmente na cadeira, completou sua aposta com mais duas fichas vermelhas e uma azul, e o mesmo fez Júlia. Eram então cinco os que continuavam no jogo, e, com os duzentos e cinquenta reais apostados neste turno somados aos cento e oitenta do anterior, o *pot* agora contava com quatrocentos e trinta reais.

– Isto está ficando interessante – afirmou Goulart, fitando Jair, do outro lado da mesa.

*Mais do que você imagina,* pensou Jair, tomando o último gole de seu copo de uísque.



– Calma, cara! *Calma!* – gritou o jovem por cima dos urros tenebrosos vindos do outro lado do portão, segurando Jair pelos ombros para tentar fazê-lo parar de se debater pelo susto que havia lhe causado. O homem obeso havia se virado num salto tão rápido e estava tão morbidamente pálido que o jovem achava que ele morreria ali mesmo, na sua frente, de pavor. – Não vou te fazer mal. Não sou um deles.

No instante em que foi agarrado pelo ombro, Jair também pensou que iria morrer. Seu coração parou, as pernas amoleceram, e sentiu a cabeça rodopiar, mas, tão rápido quanto a dormência, veio a reação a ela. Impensadamente, ele girou num salto, pronto para empurrar o desgraçado e correr até onde a sua forma física (ou a maldita falta dela) o permitissem, ou até onde terminasse aquele pátio escuro repleto de arbustos e encontrasse um lugar onde estivesse a salvo. Foi só quando ouviu o jovem gritar que Jair começou a voltar a si.

O jovem tinha uma barba curta e aparada que se ligava às costeletas, um brinco de argola no nariz e cabelos escuros, lisos e presos num rabo de cavalo que lhe descia pelas costas. Jair notou que ele olhava com embaraço para a sua cintura e, ao acompanhar o olhar do garoto, notou que suas próprias calças estavam com uma mancha molhada entre as pernas, um borrão azul escuro sob o jeans azul claro. O jovem o puxou.

– Vamos sair daqui! Eles vão abrir esse portão daqui a pouco. Lá dentro da casa você se limpa.

Jair o seguiu sem dizer palavra alguma. Estava envergonhado e assustado demais para falar. Antes, porém, voltou a pegar a arma que tirara do policial e colocou-a com dificuldade na cintura, entre o cinto da calça. Os dois percorreram um curto caminho coberto de cascalhos, entre arbustos aparados em formas uniformes e redondas, até chegarem a uma segunda cerca e um segundo portão, que alcançavam ambos a altura do peito de Jair, e separavam a casa do jardim. Atravessaram-no e o trancaram, e correram para a casa de tijolos cinza, coberta em boa parte por trepadeiras. Ela era grande e parecia ter mais de dois andares. Um pequeno lance de degraus levava à entrada frontal, para onde o jovem se dirigia. Foi

só quando cruzaram a porta e giraram a chave da maçaneta e a da trava superior que ouviram o portão de ferro da rua se escancarar. O jovem correu até a sala espaçosa e subiu a escadaria que levava ao andar superior. Jair o seguiu, até encontrá-lo na janela de um quarto que dava para o jardim e para a rua, espiando por uma fresta na cortina. Ao ceder à curiosidade, o que viu lhe deixou tonto, revirou-lhe o estômago e fez com que seu cérebro tentasse lhe poupar da consciência, tentando enviar-lhe ou para o esquecimento seguro de um desmaio, ou para a alienação completa da insanidade.

Pontos de incêndio pintavam o céu de vermelho-sangue por toda parte. Pessoas corriam, eram devoradas, morriam, e voltavam a correr, desta vez não para fugir, mas para perseguir. Carros estavam capotados, carros lançavam-se contra postes, casas e gente. Corpos eram abertos ao longo da rua por bocas e mãos de canibais vestidos de gente civilizada. A criança que estivera refugiada na copa da árvore do outro lado da rua jazia agora no meio dos monstros, transformada numa massa amorfa de carne, roupas e sangue.

Lá fora, o mundo era um inferno.

– Meu Deus do céu... – foi a única coisa que Jair conseguiu dizer, enquanto sua bexiga voltava a se esvaziar involuntariamente, e ele desabava pesadamente sob o piso atapetado do quarto.



Jair pegou instintivamente seu copo de uísque e o levou aos lábios, enquanto a *dealer* virava o *turn* [10], revelando um simplório cinco de Copas. O copo não ofereceu líquido algum. Vazio. Goulart notou sua distração e lançou um de seus sorrisos irônicos.

– Nervoso? Não era a carta que você esperava, não é, Nunes? – perguntou ele, batendo seu charuto no cinzeiro, agora cheio de pequenos tocos de cinza. Ele virou o pescoço na direção da porta dupla que dava para o saguão, ao lado da qual um criado aguardava, meio afastado da luz que iluminava a mesa.

– Ei, você aí! Por acaso não viu que o copo do Nunes está vazio e que meu cinzeiro está cheio? Deixe de dormir e venha logo até aqui

– disparou.

O criado deu um pequeno pulo, como se tivesse saído de um transe. Então, foi ligeiramente até o pequeno bar da sala de jogos, onde serviu um novo copo de uísque e o trouxe até Jair, apanhando o vazio. O mesmo ele fez com o cinzeiro de Goulart. As garotas fingiram divertimento com a cena, embora tivesse ficado evidente que as risadas eram uma soma de embaraço e nervosismo. De certa forma, elas também não deixavam de ser criadas ali, pelo menos por aquela noite, e o serviço que desempenhariam nem mesmo havia começado. Kleinhauss riu divertidamente, como se realmente fosse o dever de um criado receber humilhações de seu patrão. Breol limpou a garganta, talvez para tentar amenizar o clima, e Jair perguntou a Goulart:

– Este não é o seu criado de sempre, é?

– Não, este é o Bruno. Ele geralmente faz o turno do dia, mas o que trabalha à noite está doente, então pediu a ele para cobri-lo. Ei, Bruno! – gritou, virando-se novamente para o jovem. – O que o Murilo lhe falou?

O criado andou rigidamente até a mesa.

– Bem, ele disse que estava doente, e parecia mesmo. Estava pálido e devia ter febre. Ele veio até aqui só para avisar e voltar para casa. Estava muito estranho.

– Sei, sei... Toda vez que ele vem de folga, é a mesma coisa. Quando não é uma suspeita de Gripe A, é um problema de estômago, ou qualquer outra coisa. Ou ele faz isso só pra estender a folga dele, ou eu não sei que tipo de praga assola o interior do estado!

Todos riram, menos ele. Ainda irritado, Goulart enfiou a mão no bolso da calça e tirou um pequeno embrulho de plástico, jogando-o sobre uma pequena superfície quadrada de vidro depositada ao lado de suas fichas.

– Arrume isso aí pra mim! – ordenou a Bruno, num tom brusco.

Com um curto aceno de cabeça, o jovem abriu o papelote e, com um cartão que Goulart mesmo lhe deu, começou a preparar carreiras do pó branco sobre a superfície. Uma para cada jogador da mesa. Goulart foi o primeiro a inalar a cocaína. Sua cabeça foi

erguida para trás, e ele se esticou, como se estivesse terminado de acordar, ou de receber uma bela massagem nas costas. Suspirou aliviado. A cocaína foi passada de mão em mão, e todos inalaram suas respectivas fileiras, menos Breol.

– Ah, qual é, Carlos! – Goulart protestou. – Você vai ser esse velho babaca pra sempre?

Júlia e Eliza riram suas pequenas gargalhadas maldosas, a loira estendendo de volta a superfície brilhosa para o capacho do deputado, a qual este delicadamente refutou com uma das mãos, parecendo encabulado demais até mesmo para dizer não.

Jair detinha o início das apostas do turno. Como ele já havia dado *call* ao valor apostado por Goulart no turno anterior, não podia mais fingir que sua mão era baixa. Ele tinha um *Full House*. Tratava-se agora de apostar baixo, e deixar que os outros ou equiparassem, ou até mesmo aumentassem o valor. Apostar alto ainda seria afugentá-los. Olhou para Goulart, e percebeu que este o estudava com um olhar presunçoso. *O desgraçado está confiante demais. Ele não pode ter uma Quadra na mão justo quando eu saio com um par de Ases e faço um Full House. Não é possível!* A cocaína geralmente o deixava paranoico.

– Quadra, não é? – Goulart perguntou, pegando Jair de surpresa.

– Quem, eu? – respondeu ele, tentando parecer despreocupado.

– A Quadra é sua, não minha. Por isso, não quero perder muito nessa rodada. Vou pôr só isso.

Seus dedos pegaram duas fichas vermelhas e as atiraram à mesa. Vinte reais. Goulart riu, divertido.

Breol não caiu no jogo de Jair. Ele já havia sido amedrontado pela aposta de cinquenta reais de Goulart no turno anterior. Atirou suas cartas sem cerimônia na mesa, revelando um fraco par de sete. Blefar não era mais uma opção para ele. Estava fora.

Júlia igualou as duas fichas de Jair, talvez sem nem mesmo saber o que estava fazendo. *Acho que essas garotas vão custar mais caro a Goulart do que ele supõe. O problema é dele se quis oferecer a elas dinheiro para apostar.*

Goulart, por sua vez, voltou a dar *raise* [11], oferecendo ao *pot* uma nova ficha verde valendo cinquenta reais. Tapou uma das



narinas e voltou a inalar a corrente branca da superfície de vidro, aproveitando a dose que Breol havia rejeitado.

– Vamos ver... Quem continua... na mesa – disse, enquanto fungava para limpar a narina.

*Ele tem uma Quadra de Reis, com certeza. Que droga!*, Jair não podia pensar outra coisa. Seu oponente havia aumentado nos dois turnos a aposta da mesa, o que indicava que sua mão era boa o suficiente para arriscar. Ele não arriscaria tanto se tivesse menos do que um *Full House*, pelo menos não sabendo que a mão de seu colega também era boa. A forma com que Goulart lhe olhava mostrava claramente que ele *sabia* que Jair tinha um bom jogo. Talvez até mesmo soubesse que se tratava de um *Full House*. Nesse caso, se ainda assim continuava aumentando a aposta, era porque com certeza as suas cartas escondiam um Rei de Copas e um Rei de Espadas. *Quadra de Reis, que merda!*

Kleinhaus ordenava ao criado que lhe servisse outro copo de uísque, enquanto Eliza voltava a igualar a aposta de Goulart, jogando uma ficha verde à frente.

– Isso aí, amiga! – gritou jovialmente Júlia, enquanto as duas batiam nas mãos uma da outra por cima da mesa. *O que têm de gostosas, têm de idiotas!*

– Bom, não me resta outra alternativa – disse Jair, recolhendo suas duas fichas vermelhas e as substituindo por uma verde. – Vamos ver no que isso vai dar.

Goulart riu. Jair não. Sua risada dependia inteiramente da última carta da mesa.



Jair foi acordando aos poucos, trazido de volta à realidade pela dor que, pouco a pouco, foi lhe tomando de volta toda a região do joelho direito. Seus olhos se abriram com dificuldade. A luminosidade era pouca. Só quando a vista desembaçou o suficiente é que pôde ver o cano de uma arma apontado para a sua testa. Era a arma que havia tomado do policial que tentara lhe devorar vivo.

– Fale o seu nome, senão eu atiro – disse o rapaz de barba e cabelo comprido por detrás do revólver. – Fale agora!

– Jair! Jair! – gritou o homem obeso, com os braços à frente, num gesto inútil de defesa. – Não sou um deles. Abaixa isso!

O rapaz baixou a arma, inspirando fundo e deixando o ar sair.

– Ufa! Pensei que teria que te matar, cara! Prazer, Jair. Eu sou o Douglas, mas pode me chamar de Doug.

A luz do abajur sobre cabeceira da cama iluminava fracamente o quarto. Jair sentou-se com dificuldade na cama onde estava e levou as mãos ao joelho. Foi só então que sentiu a umidade de sua calça jeans e o cheiro de urina lhe subiu ao nariz. Isso pouco importava agora.

– O que está acontecendo com todo mundo? – perguntou exasperadamente ao jovem.

– São zumbis, cara.

– Zumbis?

– É. Zumbis, mortos-vivos. Nunca viu filmes desse tipo?

– E por acaso isso aqui tem cara de filme? Porque se for, nenhum filho da puta me avisou!

– Calma, cara – Douglas sentou ao seu lado. – Eu também não sei o que aconteceu, mas tá tudo uma merda. Aquelas pessoas não são mais pessoas. São zumbis. Elas vão perseguir você e comê-lo vivo se você deixar, igualzinho aos filmes.

*Não, isso não pode estar acontecendo.*

No entanto, lá estava ele, sentado numa cama desconhecida, urinado, com a camisa rasgada e coberta de sangue e sujeira.

– Preciso tomar um banho e trocar de roupa – disse, por fim. – Esta casa é sua?

– Não. A Lisi e eu nos escondemos aqui há pouco tempo.

– Lisi? Quem é essa?

Antes que Douglas pudesse responder, uma garota entrou no quarto, com uma garrafa de suco numa mão e um pacote de biscoitos na outra. Era baixa, tinha a pele clara, os cabelos tingidos de vermelho, usava uma blusa preta de banda de rock, botas curtas e calça jeans.

– Encontrei isso na cozinha, Doug – disse ela, antes de parar e olhar, desconfiada, para o homem sentado na cama. – Quem é esse cara?

– O nome dele é Jair – respondeu o jovem, assustando a ambos sem querer ao apontar para Jair com o revólver.

– Onde você conseguiu essa arma?

– Foi ele quem tomou do policial zumbi lá no portão. Havia um bocado deles por lá.

Douglas virou-se para o homem.

– Esta é Lisiane, minha namorada.

Jair assentiu com a cabeça, massageando o joelho com uma expressão de dor, enquanto a garota andava até a janela do quarto e espreitava por uma fresta na cortina.

– Não tem mais nenhum deles lá fora – afirmou, voltando-se para os dois. Então, viu Jair afagando o joelho e colou-se à parede, assustada. – Você foi mordido?

Douglas levantou da cama num salto, como se só então tivesse cogitado essa possibilidade.

– Não – respondeu o homem obeso, impaciente. – Não fui mordido, só torci a porra do joelho.

– Então mostra – inquiriram os dois, em uníssono.

Bufando de irritação, Jair fez um esforço para levantar a perna direita da calça, sentido o joelho latejar a cada puxada que dava no tecido. O resultado espantou até a ele mesmo. A situação estava bem pior do que imaginava. O joelho já não se distinguia mais da coxa devido ao inchaço, e a região toda havia sido tomada por um hematoma de coloração azulada. Ver aquilo só aumentou sua dor.

– Caralho! Como você fez isso? – perguntou o jovem, com a cara retorcida, como se estivesse doendo nele próprio.

Jair explodiu:

– Eu caí e torci. Não interessa! – esbravejou ele. – Em vez de ficarem aí perguntando, vocês podiam se fazer de úteis e me trazer um pano com gelo, enquanto eu tomo uma merda de um banho.

Os dois jovens se olharam por um instante, surpresos, e então Douglas empurrou gentilmente Lisiane pelo ombro.

– Vamos lá para a cozinha – disse a ela baixinho, enquanto se dirigiam para a porta. – Tenta procurar pano e gelo, enquanto eu confiro se está tudo fechado e vejo o que há mais de comida.

Douglas esperou a namorada começar a descer as escadas, e então voltou a olhar para Jair, seu rosto denotando ressentimento.

– Desculpe se irritamos você, cara – disse, em voz baixa. – Mas não precisava ter gritado assim. Pelo menos não com a Lisi. Faz apenas algumas horas que ela viu sua própria família matar uns aos outros e tentar fazer o mesmo com ela.

A dor martelava sem dó o joelho de Jair, e sua cabeça parecia estar a ponto de estourar. Mesmo assim, e sem saber direito o porquê, o homem sentiu-se culpado pelo súbito desabafo. Estava tudo uma merda: a cidade queimava e as pessoas haviam enlouquecido. Já nem mesmo sabia se eram de fato pessoas. Vira muitas delas morrerem e voltarem a se levantar, transformadas em monstros canibais. Mas não era certo descarregar a sua raiva naqueles jovens. Eles não tinham culpa de nada. Não deviam ter nem mais de vinte anos. A garota certamente não. E, no entanto, mesmo tendo ouvido o que Douglas contou, ela continuava ali, trazendo suco, comida, e agora procurando gelo para lhe ajudar com a dor. Pensar nisso fez com que Jair se sentisse ao mesmo tempo grato e infeliz por não ter esposa nem filhos. Finalmente, ele soltou o ar e deu um arremedo de sorriso. Sua voz soou sincera.

– Eu que peço desculpas. Não sei o que teria me acontecido se não fosse por você lá no portão. Obrigado, Doug.

O jovem de cabelos compridos e *piercing* no nariz mostrou os dentes num sorriso de compreensão e deixou o quarto com uma piscadela.



– Seiscentos e trinta reais – disse Goulart, olhando com as sobrancelhas erguidas para o pequeno amontoado de fichas no centro da mesa. Virou-se para Júlia, ao seu lado. – Se você ganhar essa mão, considere-se desde já paga! – e riu.

– Não mesmo, seu safadinho – objetou a loira de olhos verdes, o dedo indicador fazendo um gesto negativo. – Jogo é jogo, negócios são negócios.

– Logo veremos se você é mesmo boa de negócios – respondeu Goulart, com um sorriso malicioso.

*Ele não está nem um pouco preocupado com o jogo.* Jair olhou para o *pot*, já em dúvida se continuava ou não confiando em sua mão. Um *Full House* era uma mão excelente, mas contra uma *Quadra*, era tão eficaz quanto uma trinca de coringas. Ele só podia torcer por uma carta no *river* [12]. Uma única carta. E a probabilidade de ser justamente ela ali no centro da mesa, ainda por ser virada, era quase nula. *Ás de Espadas, só você quem pode me ajudar agora.*

Jair devia estar certamente expressando sua angústia, pois foi só quando tirou os olhos da carta ainda incógnita que notou que todos tinham os olhos postos nele, e sorriam jocosamente. Breol sorria e limpava a garganta.

– *Dealer*, vire logo esta carta antes que o Nunes tenha um infarto – disse Goulart, visivelmente divertido com a situação.

Kleinhaus teve um ataque de gargalhadas, e seu rosto redondo e vermelho tornou-se ainda mais vermelho. As mulheres também acompanharam as risadas, e Eliza pousou sua mão direita no ombro de Jair. No fim das contas, aquilo era apenas um jogo. Um jogo que valia dinheiro, é claro, mas a quantia era irrisória para pessoas como ele. Jair se sentiu subitamente envergonhado. Por fim, sorriu ele também da própria situação.

A *dealer* então moveu a mão em direção ao centro da mesa, virando o *river* e, dessa vez sim, quase matando o obeso do coração.

*Filha da puta!*

O *Ás de Espadas* refletia amareladamente a luz do lustre acima da mesa. Um silêncio se abateu no recinto, quebrado apenas pelo limpar de garganta do Breol. Barulhos abafados podiam ser ouvidos fracamente, vindos provavelmente da rua. Davam a impressão de serem gritos.

– Esta sim é uma mão interessante – exclamou Kleinhauss, escorando os cotovelos na mesa, e o queixo papudo nas mãos unidas.

Jair quase não podia conter a emoção. Olhou para Goulart e viu, estampado em seu rosto, que ele sabia. Sim, ele sabia que agora havia perdido. *Minha Quadra de Ases esmagou a sua Quadra de Reis, Goulart.* Era a sua vez de brincar. Demoradamente, Jair catou duas fichas verdes e as largou no centro da mesa. Se fosse xadrez, ele diria com a boca cheia: *xeque-mate!*

– É, acho que essa mão é do Nunes – disse Breol, olhando para Goulart como quem pede desculpas.

Júlia, sem pensar muito, atirou duas fichas verdes para junto das de Jair.

– É a última rodada mesmo – disse, com desdém. – Pago para ver esse jogo.

Goulart não gostou muito, afinal, o dinheiro que ela apostava ainda era dele. Olhou por uma última vez para seu par de cartas viradas e para o *pot*, que agora já somava oitocentos e trinta reais. Parecia hesitante.

– Que gritaria é essa? – perguntou Eliza, olhando para a porta dupla. O barulho tornava-se cada vez mais alto. Era estranho.

– Hoje é sexta! – exclamou Goulart em resposta, a impaciência dominando-o. – Quer saber? Eu também pago pra ver! – disse, igualando a aposta e fitando Jair com olhos desafiadores.

– Eu também – afirmou a jovem de cabelos negros, completando o *pot* com mais cem reais.

Jair exultava por dentro. Aquela era certamente a mão da noite. Iria dizer ironicamente a Goulart o quanto sentia pela sua Quadra de Reis desperdiçada, quando o criado aproximou-se da mesa acanhadamente.

– Senhor, acho que algo estranho está acontecendo lá fora – disse ele a Goulart. Realmente, Jair podia agora ouvir nitidamente gritos vindos da rua. E não se pareciam em nada com gritos de festa.

– Então vá lá e veja o que é! – respondeu Goulart num tom ríspido, e o jovem partiu sem dizer palavra, fechando a porta dupla atrás de si.

Jair então virou suas duas cartas, revelando o par de Ases que, em combinação com o par de Ases da mesa, formava uma linda Quadra e arrebanhava para ele o montante de mil e trinta reais do *pot*. Aquela havia sido, sem dúvida, a melhor mão de sua vida. O par de Reis de Goulart foi jogado ao centro da mesa com descaso, enquanto este sorria desdenhosamente.

– Quadra de Ases fechada no *river*... – comentou calmamente, voltando a acender seu charuto, já pela metade. – Realmente, Nunes, foi muita sorte. Parabéns.

Jair não soube se entendia isso como a atitude de um bom ou um mau perdedor. Pouco importava. Ele recolheu com as mãos em concha o pequeno monte de fichas do meio da mesa para junto de si, enquanto as lindas jovens sorriam, tentando esconder atrás do sorriso a inveja que provavelmente sentiam. Era uma boa grana.

– É, Nunes – começou Kleinhauss, jocosamente. – Sorte no jogo...

A frase foi interrompida na metade pelo estrondo da porta dupla sendo escancarada. Foi então que o pesadelo começou.



O estrondo que veio do andar de baixo da casa pegou Jair de surpresa. Gritos se seguiram ao barulho de vidro estilhaçado, e juntando-se à sinfonia do caos, um acorde composto de panelas, talheres, pratos e sabe-se-lá-mais-o-que sendo jogado ao chão com violência. Jair levantou num salto. Estava ainda sentado na cama, tentando criar coragem para apoiar a perna dolorida no chão e mover-se até o banheiro do quarto. O que desejava mesmo era apenas deitar e deixar-se ficar ali, tomado pelo cansaço, enquanto o sono pouco a pouco o fazia esquecer a dor no joelho e aquela porcaria toda lá fora. Mas não foi a coragem que o tirou da cama. Foi o pavor.

Os gritos de medo aproximaram-se rapidamente, subindo pela escada e indo em direção ao quarto. Logo atrás, os gritos eram outros, não tão altos, mas certamente mais assustadores. Jair foi

rápido. Num relance, correu até a porta, batendo-a com força e girando a chave. As batidas na porta vieram logo em seguida.

– Abra essa porta, Jair! Abre essa merda logo! – ouviu Douglas berrar desesperado, mas o grito de Lisiane o abafou. Jair jogava o peso do corpo contra a porta, o rosto transformado numa careta mista de terror e loucura. Ouviu o barulho de algo se quebrando, talvez uma garrafa ou um vaso, seguido pelo som surdo de algo pesado caindo no chão. “Por aqui, Lisi”, ouviu Douglas dizer, enquanto uma porta era escancarada ao lado. Ouviu-a bater, passos pesados e urros animais no corredor e pancadas em ambas as portas. Suas costas tremiam com a força das batidas, e as pernas voltavam a vacilar. Um torpor tomou conta de sua mente. Involuntariamente, fechou os olhos e começou a choramingar, enquanto o corpo lutava para continuar em pé e manter a porta fechada. *Deus, por favor, não me deixe morrer! Faça alguma coisa, por favor!* Talvez tenha sido manifestação Dele. Mas o que Ele menos parecia sentir naquele momento era misericórdia. Um estouro gigantesco se fez ouvir ao longe, e, logo após, tudo foi envolto em breu. A eletricidade havia acabado.



Tudo aconteceu muito depressa. Tão depressa que ninguém pareceu processar exatamente o que estava acontecendo. A porta dupla se abriu num rompante, cedendo passagem para o criado, que cambaleava, chorando em agonia e exibindo uma mão ensanguentada com alguns dedos em falta. Logo atrás, um grupo de loucos adentrava o saguão da casa, rosando como animais raivosos. Tinham as roupas sujas e cobertas de sangue, bem como os membros e o rosto. Um carregava, tal qual um acessório, um facão enterrado na clavícula esquerda. Era inacreditável. *Mas que porra é essa?*

Devido ao choque, Jair não teve tempo nem mesmo de se levantar. Os loucos jorraram para dentro da sala de jogos e, enquanto Kleinhauss perguntava indignado “O que está acontecendo



aqui?”, o primeiro dos que entraram avançou por trás dele, cravando-lhe a carne do pescoço com os dentes já manchados de vermelho-escuro. O homem gritou de dor e desespero, enquanto outros o agarravam pelas costas e o matavam a mordidas, ali mesmo, na frente de todos. Só aí o torpor deu lugar ao mais desesperado pânico.



O pânico dominou Jair quando tudo ao seu redor deu lugar à escuridão. Podia ouvir sua respiração descontrolada em meio às batidas que retumbavam na porta. Os malditos batiam com força e incansavelmente. Em breve, a porta cederia. Não havia o que ser feito. Os grunhidos também atravessam a madeira, e gelavam sua espinha. Eram medonhos, e se de alguma forma representavam uma língua, o que diziam era certamente maligno.

Jair escutou a porta ao lado sendo arrebatada, e os gritos invadindo o quarto vizinho. Outro som se seguiu. Vidro estilhaçado e gritos ouvidos do jardim. Eram as vozes de Douglas e Lisi, incentivando um ao outro a fugir. Jair olhou diretamente em frente, para o outro lado do quarto. Um resquício de luz alaranjada vinha da janela, através das brechas da cortina.



Mais dos malditos assassinos entraram no recinto, jogando-se sobre as pessoas que se levantavam aterrorizadas da mesa. Jair ergueu-se num pulo quando um dos selvagens investiu, mas não teve tempo de correr. O homem ensanguentado caiu sobre ele com os braços agarrados aos seus ombros, enquanto tentava morder-lhe o rosto. Os dois rolaram engalfinhados pelo chão, até que Eliza acertou o agressor na cabeça com uma garrafada, imobilizando-o. Jair levantou-se rapidamente. Seu corpo tremia em completo descontrole.

Ao olhar em volta, viu apenas caos: Goulart era atacado sem piedade por duas pessoas, sendo que uma delas era Bruno, o seu próprio criado, agora transformado em um monstro. Breol havia se arrastado de costas até um canto da sala, onde um dos invasores o atacava de forma selvagem, arranhando e mordendo-lhe sobre uma poça de sangue que se formava. A mulher contratada como *dealer* havia sumido. Como estava o tempo todo em pé, foi a primeira a correr. Julia havia sido mordida no braço, e agora convulsionava no chão, expelindo uma baba espumosa pela boca e com os olhos revirando nas órbitas.



As batidas incessantes se tornaram ainda mais fortes, e Jair percebeu, pelos estalos da madeira, que a porta não aguentaria nem mais um minuto. Num gesto de desespero, o homem gritou e correu na direção da janela, deixando a porta trancada apenas pelo trinco da fechadura. Não demorou muito para ela ceder. Jair só teve tempo de afastar a cortina e empurrar o vidro da janela para o lado antes de ouvir o estrondo atrás e os gemidos macabros se aproximando. Lá fora, o mundo era escuridão e fogo; abaixo, o jardim mergulhava na escuridão. *Que Deus me ajude*, pensou Jair, subindo no parapeito e jogando-se cegamente para fora da janela, pouco antes que as mãos o agarrassem.



– Vamos dar o fora daqui! – gritou Eliza para Jair, tirando-o de seu transe. A voz da jovem soou falhada e seus olhos estavam marejados de lágrimas. O medo se encontrava estampado em seu belo rosto.

Quando um grupo de três agressores investiu na direção deles, Jair não pensou duas vezes: suas mãos agarraram Eliza pelos cabelos e pelo ombro, e ele a empurrou com força na direção dos homens, que a atacaram sem piedade. O homem obeso aproveitou a

situação e correu para a porta dupla, agora desobstruída. Ao atravessar o saguão, viu os dois filhos de Goulart, um de oito anos e a outra de seis, sendo devorados vivos ao pé da escada que levava ao segundo andar da casa. Estavam descalços e vestiam pijamas. Os dois se debatiam e gritavam, enquanto mãos e bocas pegajosas os abriam como se fossem presentes de Natal.

Jair não conseguiu tirar os olhos da cena, enquanto atravessava o saguão, e isso lhe custou caro. Tropeçando no tapete, desabou sobre uma pequena e baixa mesa de centro. Ao torcer o joelho direito, uma dor lancinante lhe tomou a região na hora. Gemendo de esforço, o homem conseguiu se colocar novamente em pé e arrastar-se mancando até a porta de entrada da casa. Cruzando o curto jardim, Jair chegou ao portão escancarado, e a visão que teve ao olhar para a rua não se comparava com nenhuma das que já vira em toda a sua vida, mesmo nos piores filmes de terror. Para sua sorte, suas pernas pareceram criar vontade própria e resolveram salvar a pele de seu dono aterrorizado.



A queda foi curta e cega. Não foi o chão que veio ao encontro de Jair, apenas a escuridão, e a dor que se apoderou do joelho já machucado quando atingiu o gramado do jardim foi o único sinal de que ele ainda estava vivo. Seu grito foi longo e sofrido. Sentiu a cabeça pesar e o mundo sombrio de arbustos e folhagens ao redor girar fora de controle. *Não posso desmaiar agora*, disse a si em pensamento. Se apagasse ali, não demoraria até ser atacado e devorado vivo. Os gritos raivosos vindos da janela do segundo andar ainda podiam ser ouvidos, ecoando acima da noite e convidando outros canibais da rua para um banquete no jardim.

Jair tentou erguer-se com num esforço colossal, mas a perna direita simplesmente não permitiu. Ao passar a mão pela região do joelho, percebeu que a dor não se devia mais somente à torção. Uma ponta dura se projetava para fora da canela, esticando a pele e distorcendo ainda mais a já distorcida fisionomia de seu membro

inferior. Jair gritou mais uma vez, chorou, praguejou, e deixou-se estar ali, deitado na grama. A dor não o deixaria se mover. Tinha que arriscar esse salto, mas o resultado não era bem o que esperava.

Aos poucos, o homem começou a escutar, da entrada da casa, os rosnados característicos dos malditos assassinos, vindo para abatê-lo sem cerimônias. Da rua também aumentavam os gritos enlouquecidos. Os passos já se faziam ouvir, muito próximos. Foi então que notou que, de trás de um amontoado de folhagens, duas figuras o observavam, silenciosas. Apertou os olhos e viu que eram Douglas e Lisiane. Os dois olharam por cima dele, parecendo assustados, e, com pressa, correram na direção oposta.

– Ei! Não me deixem morrer aqui! – Jair gritou a plenos pulmões ao casal que fugia. – Doug! Lisi! Por favor, vocês têm que me ajudar. *EU SOU UM DEPUTADO!*

Pôde ver os dois jovens chegarem a um muro alto que dava para o terreno vizinho e, com certa dificuldade, escalarem. Então, Jair virou-se, e só teve tempo de ver a horda de zumbis cair sobre ele com ferocidade. Em um último lampejo de consciência, pensou ter visto as figuras de Julia, Eliza ou o que quer que fossem os nomes que aquelas garotas usavam. Seus gritos de dor e desespero foram altos e terríveis, mas não duraram por muito tempo. O casal sobre o muro olhou por uma última vez para a terrível cena de massacre e, com um impulso, saltaram para o outro lado. “Sou um deputado!”. Se ele estava blefando ou não, nunca saberiam. E honestamente não lhes importava.

## Os Demônios da Vila Carioca - Marcelo Milici

O cheiro de morte não era abafado nem pelas gotas de chuva que tombavam sobre as telhas e paralelepípedos e atingiam alguns poucos ratos que ousavam testemunhar a madrugada gélida. Aquele odor nauseante – que fazia um necrotério parecer um jardim falecido – parecia não incomodar uma figura trôpega que perambulava pela Rua Álvaro do Vale balbuciando sons indizíveis. Tratava-se de um homem de meia-idade, com sinais de calvície, totalmente tomado pela desorientação. Ergueu-se com dificuldade, deixando algumas reclamações contra algum objeto invisível no local, e continuou sua caminhada lenta e cambaleante. Não chegou a dar mais dois passos, nem sequer emitiu um gemido, quando um objeto pontiagudo cruzou sua órbita, levando-o ao solo definitivamente, enquanto uma mancha rubra crescia lentamente ao seu redor.

– Foi um tiro certo, Renato. Eu não teria feito melhor – a voz vinha do alto de um muro nas proximidades, onde podiam ser identificados quatro homens envoltos pela sombra de uma velha e robusta árvore. Armando novamente sua besta, o autor do disparo concordou com a cabeça antes de dizer:

– Estou ficando bom nisso. É bem mais eficiente do que as barulhentas armas de fogo.

– Ele não parecia infectado – murmurou a única figura que não vestia uma jaqueta de couro pra se proteger do frio e exibir o vínculo com o grupo.

– É claro que estava – chiou Gabriel, descendo desequilibradamente do muro, para logo depois passar suas mãos

pela calça, retirando um pouco de uma mancha escura que se destacava. – Ele estava até babando.

– Sabia que não era uma boa ideia ter trazido esse novato conosco – disse João, fazendo uma careta e acompanhando Gabriel.

Foi a vez de Bruce descer sobre a calçada, caindo de joelhos, permitindo Gabriel a soltar uma risada sarcástica. Assim que Renato imitou o grupo, foram se aproximando do novo cadáver para investigar sua identidade.

– Para mim, era um dos doentes. Parecia um zumbi do Romero em busca de sua nova vítima – João se orgulhava da comparação ao clássico do horror. Até ameaçou uma imitação, sendo repreendido por Renato. Ao se aproximar do corpo sem vida, desdenhou ao reconhecer o rosto pálido.

– É o Leonardo, não? Aquele bêbado sem-vergonha. Sempre foi alvo de gozação por aqui.

– Ele mesmo, cara. Eu nem sabia que ele estava infectado – disse Gabriel.

– Talvez não estivesse realmente – Renato procurava a carteira no paletó de sua vítima. – Mas, também, quem mandou desobedecer o toque de recolher? Todos na Vila sabem que a madrugada pertence aos Demônios.

– Aos Anjos também, né? – arriscou Bruce, somente para ser bombardeado por olhares raivosos.

Confirmado o dono do corpo, João e Gabriel arrastaram-no cuidadosamente para um corredor escuro ao lado do estacionamento do supermercado. Renato convidou Bruce para uma conversa em particular na esquina, só interrompendo o passeio quando notou um gato à espreita no telhado do bar.

– Pensei que esses bichanos já tinham fugido daqui – ele pegou o toco de uma vassoura encostada na porta metálica e atirou-o contra o animal, afugentando-o. – Olha, Bruce, eu concordei que você fosse treinado para entrar para a patrulha Demônios da Vila Carioca por ser um forasteiro. Há poucos sobreviventes neste bairro, e se preocupam demais com os infectados. Às vezes até mais do que com os saudáveis.

Bruce concordou com a cabeça, soltando um leve olhar de inveja e cautela para a jaqueta de couro de Renato, que exibia os dizeres *The Devils* nas costas, um nome que se referia ao grupo e também a um clássico de Ken Russell, de 1971. Ele sabia que sua entrada na região dependera da ajuda dos Anjos, que costumam acolher os recém-chegados. Continuou ouvindo atentamente as palavras do mentor:

– Esses tais Anjos são a perdição da nossa sobrevivência. Enquanto estávamos em quarentena, nós conseguíamos evitar a extinção do bairro. Ipiranga, Vila Prudente, Mooca já são terras mortas. Não queremos que aconteça o mesmo por aqui.

– Quantas pessoas ainda restam na Vila Carioca? – perguntou Bruce, confiante que sua pergunta era conveniente.

– Acho que somos trezentos, talvez menos. Fizemos um censo na semana passada, mas depois do ataque dos infectados do Heliópolis, acredito que esse número tenha diminuído bastante.

João e Gabriel foram se aproximando da esquina, com a leve esperança de um agradecimento pelo serviço feito. Renato só exibiu o polegar, demonstrando estar apenas interessado na conversa com Bruce.

– Então, eu patrulharei a Vila com vocês caçando qualquer ameaça aos moradores, mesmo que não dê para identificar se a pessoa está doente ou não? – desta vez, Bruce já imaginava o quão ofensiva era a pergunta.

– Ninguém se importa com um bêbado ou algum azarado que se arrisque pelas ruas abandonadas. Já ouvi dizer que há alguns que até querem fugir daqui, imaginando que haja vida após a barreira de limite do bairro. Bobagem! – exclamou Renato, convidando o grupo a continuar a caminhada – Estamos numa selva. Matar ou morrer são as únicas opções.

Ao cruzar a silenciosa Lício de Miranda, João interrompeu o grupo para mostrar os olhares curiosos nas sombras da janela de uma casa amarelada ao lado do Chaveiro. Renato não queria mais problemas com os moradores, então pediu que ignorassem os incautos, pois havia algo a ser feito naquela madrugada chuvosa.

– Não vamos de moto? – perguntou Gabriel.

– Hoje, não. Temos a Vila Carioca para apresentar ao nosso amigo. Além disso, ele precisa se exercitar para o teste para o ingresso na nossa equipe – respondeu Renato, com um olhar mais frio do que a noite.

– Teste? – questionou Bruce. – Não me disseram nada a respeito disso. Imaginei que vocês fossem apenas me treinar.

Bruce tinha consciência de que já havia sido testado há algumas semanas. Com residência em São Bernardo do Campo, o rapaz acompanhou pelas mídias a evolução da doença até mesmo quando aquela jornalista fora atacada em frente às câmeras enquanto fazia uma reportagem no hospital Leão XIII. Sentiu que era o momento de abandonar a cidade para proteger seus pais na Vila Moinho Velho, deixando namorada e um futuro promissor como dentista.

– Aposto que você nunca matou nenhum infectado – arriscou João, dando um leve chute numa caixa de papelão.

– Acho que não – veio à mente de Bruce o momento em que ele atropelou um adolescente com um Opala, arrastando seu corpo por quase dois quarteirões.

– Como é que você conseguiu sobreviver no Moinho Velho? Ouvi dizer que o massacre por ali foi assustador.

Enquanto dobravam a esquina, Bruce percebeu que era o momento de repetir a história contada tantas vezes. Pensou até em acrescentar detalhes para tornar sua narração mais interessante, pois não fazia a menor ideia do teste que seria realizado logo mais.

– Quando eu cheguei à casa dos meus pais, como sempre, fui bem recebido com palavras de carinho, embora expressassem no olhar a falta de esperança. A doença evoluiu muito nos poucos dias que fiquei lá, mas só fomos notar quando ela bateu à nossa porta.

Era impossível ignorar os gritos emitidos pela vizinhança. Bruce viu pela janela algumas pessoas sendo atacadas em plena luz do dia, contrariando algumas fontes que indicavam que as criaturas sofressem de fobia. Aos poucos, os noticiários foram se tornando menos frequentes, com as emissoras exibindo apenas um comunicado para que evitassem sair de casa. Um fio de sangue escorria pela porta da sala, acompanhado de batidas fortes e



desesperadas. Seu pai quase atendeu a um dos berros proferidos do lado de fora, imaginando se tratar de um pedido de ajuda.

– Meu pai tinha aquelas tosses eternas e já características de sua personalidade. No entanto, seu temperamento foi se alterando gradativamente, e ele passou a esquecer de coisas simples. Eu falei para a minha mãe que ele estava doente, mas ela não queria acreditar mesmo com a alteração da voz ou quando o flagrou com o olhar perdido e lacrimoso. Acho que até ele sabia o que estava acontecendo. Só não soube dizer como contraiu aquilo.

Se aquela terça-feira fosse como todas as outras, Bruce sabia que teria que acordar antes das seis da manhã para se preparar para os estudos. Costumava ser o dia mais cansativo da semana, pois incluía a faculdade e o estágio que fazia numa clínica no Rudge Ramos. Contudo, com o mundo tomado pelo caos, ele acordou depois das dez, sentindo suas costas estalarem e uma enorme vontade de continuar na cama. Talvez tivesse sido melhor. Assim que fez sua higiene bucal, vestiu sua calça de moletom e desceu as escadas, já estranhando um silêncio sobrenatural. Onde estavam os sons dos talheres ou as lamúrias de seu pai por não poder pegar o jornal?

Ao entrar na cozinha, testemunhou uma cena que parecia ter vindo das páginas de H. P. Lovecraft.

– Meu pai havia arrancado o olho direito da minha mãe e o estava devorando-o – Bruce não queria chorar para não demonstrar fraqueza, mas era inevitável. – Sim, o mesmo órgão que você arrancara hoje com sua flecha, Renato. Ela tinha sinais de espancamento e mordidas nos braços e ombros. Meu pai também estava bastante ferido, o que prova que ela tentou enfrentá-lo. Aposto que gritou meu nome diversas vezes, mas meu sono pesado impediu que eu pudesse ajudá-la.

As três letras que compõem a palavra “pai” nem chegaram a ser ditas por completo, pois Seu Zé deixara de lado sua refeição e avançara ao encontro de Bruce. O rapaz subira as escadas em três saltos e trancara-se no quarto poucos segundos antes de seu infectado pai bater na porta. Eram arranhadas, batidas com os braços e a cabeça, todas acompanhadas de grunhidos insanos. Bruce chorara pelos dez minutos seguintes, olhando constantemente

para o guarda-roupa. Por um instante, lembrou-se das gozações que fazia quando seu pai aparecia com trajes de estilo esporte fino mesmo nos domingos calorentos. Ele se vestia bem, era uma pessoa educada e completamente diferente daquele ser que tentava invadir o local.

– Por que você não o matou? – perguntou João, assim que viraram à direita na esquina da Rua Vemag, com a chuva intensificando-se.

– Nunca tive coragem de enfrentá-lo, nem quando ele levantava a voz para mim. Não seria isso que faria com que eu mudasse – disse Bruce, mantendo seus olhos na calçada. – Mas eu sabia que não podia continuar ali. Uns dias antes havia visto no noticiário uma informação sobre a Vila Carioca ser um local seguro. Minha vontade era de fugir para o litoral, tentar uma embarcação, porém eu sabia que o carro do meu pai não me levaria muito longe.

Desde que comprou aquele Opala, ninguém poderia chegar perto dele sem ouvir reclamações. Quando precisou do veículo para sair com a namorada para comemorar o primeiro ano juntos, o pai não quis nem saber de conversa. Era o seu refúgio, seu melhor amigo. Dizia com orgulho que aquela marca havia sido a primeira que a General Motors fabricara no Brasil, em 1968, mais precisamente em 23 de novembro daquele ano. O rapaz só recordava a data porque tinha boas lembranças de clássicos como “A Noite dos Mortos-Vivos”, “O Bebê de Rosemary” e “A Hora do Lobo”, além de ser o ano de formação de sua banda favorita, Black Sabbath.

Assim que pegou a chave na gaveta de meias – seu pai acreditava ser um bom esconderijo –, Bruce elaborou um plano de fuga. Esperou as batidas na porta cessarem para surpreender o pai, abrindo-a rapidamente para se esquivar de uma unhada e correr para o andar de baixo. Passou pela cozinha, sem olhar para a sua mãe, embora tivesse uma leve sensação de que havia visto de revesgueio um chacoalhar de seus ombros feridos. Saiu pelos fundos, evitando mais um ataque mortal do pai, e alcançou a garagem. O carro prateado estava em seu local de repouso, esperando a visita de seu ilustre amigo de todas as manhãs. Quem apareceu foi Bruce, que saltou para o assento do veículo, sendo

observado por seu pai, o velho tentando inutilmente arrebentar a porta de vidro.

– Se em sã consciência meu pai já não gostava que usassem seu carro, imagino que seu estado tivesse servido de motivação para que quisesse me esganar ainda mais. – Soltou um breve sorriso. – Rezei para que o Opala funcionasse e não houvesse nenhum sistema de alarme, apesar de que ele jamais deixaria um estranho instalar qualquer coisa no veículo. Minhas orações foram atendidas na terceira tentativa de ignição. Passei por cima do portão de madeira e segui em disparada em direção à Avenida das Juntas Provisórias, onde havia um caminho que dava acesso à Vila Carioca. – Desta vez, quem sorriu foi Gabriel.

Nenhum filme de zumbi seria capaz de descrever o que podia ser visto naqueles logradouros. Corpos ensanguentados e desmembrados construía a paisagem infernal, num amontoado de carne humana que não permitia a distinção de idade, raça, sexo ou religião entre tantos mutilados. Diversos carros abandonados no local serviam de caixões para famílias inteiras, enquanto os infectados atuavam como coveiros naquele cemitério desarranjado.

Ao avistarem o Opala, alguns largaram as carnes rasgadas e avançaram na direção do veículo, obrigando Bruce a desviar das criaturas sem tirar o pé do acelerador, apesar de não ter conseguido quando um menino cruzou a rua repentinamente. Apenas torceu para que o jovem estivesse realmente infectado, pois não queria um peso a mais na consciência.

– Você chegou à barricada que fizemos e resolveu tentar outro caminho – Renato preferiu afirmar ao invés de perguntar, pois já sabia a resposta.

– Exato. Vocês transformaram a entrada da Vila Carioca num ferro-velho, repleto de carros e tonéis em fogo constante. Mesmo assim, notei que alguns poucos infectados até arriscavam tentar passar pelas chamas, sem chance alguma.

Percebendo que poderia ser arriscada uma tentativa de fuga pela Rua do Grito, a única opção de Bruce seria tentar uma entrada pelo metrô, e o Sacomã era o mais próximo. Virou à esquerda e continuou acelerando o carro, exigindo o máximo do motor. Mais à

frente, sentiu-se um idiota quando notou que havia parado num farol vermelho, o que quase fez a alegria de uma senhora infectada que se alimentava no ponto de ônibus. Quando avistou o metrô, cercado por poucos infectados, não pensou duas vezes: entrou com o carro pela passagem de vidro e quase o atirou pelas escadas outrora rolantes.

É claro que o ato chamou a atenção das criaturas, fazendo-as entrar correndo na estação em gritos que misturavam dor e revolta. Bruce desceu do carro e seguiu rapidamente até o último pavimento, pisando em cadáveres sem se sentir mal por isso. Assim que chegou à entrada do túnel, descobriu que o local estava tomado pela escuridão, sem nada que pudesse orientá-lo. Deixou de lado qualquer receio e desceu até a passagem dos trens, desaparecendo por completo.

Os quatro rapazes entraram à direita na Rua Auriverde e continuaram a jornada, prestando atenção na narração de Bruce. João interrompeu o discurso:

– Imagino a dificuldade que enfrentou ao atravessar o túnel. Uma escuridão sem fim, né? Foi ideia dos Demônios o desligamento da eletricidade local.

– Sim, foi difícil porque eu não sabia se a qualquer momento um infectado poderia me atacar. Foi burrice eu ter me esquecido de pegar uma lanterna ou até uma caixa de fósforos. Confesso que cheguei a rezar duas vezes no caminho.

– Rezar? Se Deus existe, deve estar bem longe daqui. Ele é um fanfarrão, um garoto de dez anos que brinca com seus bonecos – comentou Gabriel.

– Pois eu acho que até deu certo – Bruce afirmou confiante. – Não encontrei obstáculos pelo caminho e fui salvo pelos Anjos. Alguns Demônios tentaram atirar em mim quando cheguei à entrada do Metrô Tamanduateí, mas foram impedidos pelo grupo.

Uma das pessoas que o havia defendido era de uma beleza realmente angelical. Por alguns segundos, Bruce chegou mesmo a acreditar que tinha sido salvo por anjos, principalmente ao ouvir a doce voz de Mini, cujos olhos castanhos transmitiam segurança plena. Foi conduzido a uma residência na Amadis, onde ficou isolado

até terem certeza de sua saúde. Poderia ser feliz ali, mas também sentia que podia fazer mais, ajudando os moradores na defesa da região. A decisão foi tomada no dia em que os infectados do Heliópolis encontraram uma passagem aberta por um morador e atacaram a Vila Carioca.

– Perguntei para um tal de Rogério sobre os Demônios, e ele me indicou o Renato.

– Por que não quis ser um Anjo para ajudar outras pessoas? – perguntou Gabriel.

– Depois de tudo o que passei, tenho disposição e boa vontade para enfrentar os inimigos. Não queria assistir a tudo pela janela da sala, como fiz no Moinho. Posso ser útil aqui fora.

– Chegamos! – exclamou Renato, na esquina da Leopoldo Figueiredo, apontando para uma casa escondida por árvores. – Seu teste será ali.

A própria região industrial já causava um calafrio, quanto mais aquela velha morada que destoava das poucas casas do local. Parecia um mausoléu perdido entre paredes descascadas e pichadas na impressão dos rapazes. Provavelmente fora construída juntamente com a Vila Carioca, devido à sua condição ultrapassada e estrutura desgastada. Já nem dava para notar a tinta branca que o dono deve ter usado alguma vez para conservá-la, pois o que mais chamava a atenção era uma enorme porta de madeira azul onde se lia em letras urbanas:

### *Don't Open! Dead Inside*

– É a casa de Amityville! – brincou João.

– Não! – afirmou Renato com voz áspera. – Esta é a Boca do Inferno.

– Gostava bastante desse site – comentou Gabriel. Bruce preferiu o silêncio, enquanto aguardava as palavras de Renato.

– Aqui é ponto zero da infecção na Vila Carioca. Foi nesse local que a infecção teve início no bairro, espalhando-se pelos moradores.

– Vai contar novamente as lendas sobre o Tova? – perguntou João.

– Ele precisa saber de todos os detalhes antes de entrar no local.  
– Como? – Bruce resolveu quebrar o silêncio. – Vocês querem que eu entre nessa casa? Que maluquice é essa?

Ignorando as palavras de Bruce, Renato começou a falar sobre o tal Tova, um velho solitário que ninguém sabia quando havia chegado à Vila Carioca. Fazia realmente parte das lendas da região, servindo de inspiração para as crianças e adolescentes inventarem monstros, experiências genéticas e seitas macabras. Ele costumava usar sempre as mesmas roupas, uma calça desbotada e uma boina verde, mantendo uma longa barba branca com alguns poucos fios negros.

– Quando a doença começou a se espalhar por São Paulo, nós decidimos que o ideal seria isolar a Vila Carioca – falou Renato, sem desviar os olhos da casa. – Muitos queriam continuar trabalhando, outros fugiram em busca de parentes, mas a maioria sabia que a sobrevivência do bairro dependia de uma quarentena. Nossa independência e paz duraram alguns dias, pois esse cidadão resolveu agir por conta própria.

Tova achou um meio de fugir da Vila Carioca através de um corredor na Rua Álvaro do Vale, onde abriu um espaço que serviria, dias depois, para a grande invasão. Ele atravessou a favela do Heliópolis com o objetivo de resgatar a sua neta Bárbara. Ela morava na Rua do Lago. Armado apenas com um pedaço de pau, enfrentou vários infectados pelo caminho até roubar a bicicleta de um morto.

– Ele chegou a servir o exército e tinha uma coragem fora do comum. O que aconteceu até o resgate da pequena ninguém sabe. Simplesmente ele conseguiu seu objetivo. Há algumas histórias que contam por aí...

O velho entrou na residência de seu filho e o encontrou preso no banheiro, urrando de raiva, já com a doença em estado avançado. Sua esposa Andréa estava protegendo Bárbara com uma faca de cozinha no escritório, ao passo que pesquisava na internet formas de sobrevivência num mundo infestado por zumbis. Tova não quis saber da resistência da mãe: arrancou-lhe a criança antes de cortar sua garganta com o utensílio que ela usava para se defender. Colocou a garota em seu colo na bicicleta e iniciou o caminho de volta.

À noite, retornando para casa, enfrentou mais criaturas, implorando para que a pequena Bárbara de apenas dois anos parasse de chorar.

– Qual era a intenção dele? – perguntou Bruce.

– A princípio era apenas manter a garota em segurança. Porém, quando ele percebeu que a menina estava doente, começou a apelar para rituais de magia negra para tentar curá-la. Pelo menos, é essa a história que as pessoas sustentam até hoje – respondeu Renato.

– Deu certo?

– Claro que não. A menina o infectou dias depois. Tova, então, saiu da casa e atacou a primeira pessoa que viu pela frente, a senhora Conceição. O velho foi a primeira pessoa que eu matei, usando uma chave de fenda enquanto tentava consertar a roda da minha moto. Eu não imaginava que a senhora já estava infectada e havia levado a doença para casa, espalhando-a para outros moradores.

– Caramba! – exclamou Bruce, empolgado com toda a narração. – Deve ter sido difícil evitar a propagação da doença.

– Foi, sim. Nesse momento, surgiram os Demônios. A Bíblia diz que os Anjos vieram primeiro e está certa. Aliás, eu era um Anjo até decidir criar o novo grupo.

– Você devia se chamar Lúcifer – brincou Gabriel, protegendo-se do frio. Olhou para o seu relógio de pulso. – Já são três da manhã. A hora do demônio.

– E a Bárbara? O que aconteceu com ela? – perguntou Bruce, já imaginando a resposta.

– Pois é, caro Bruce. Ela continua nessa casa, alimentando-se de ratos e insetos – disse Renato. – Seu teste é bem simples: você vai entrar lá e descobrir o que aconteceu com a menina. Se ela estiver viva, mate-a e traga algo que prove o seu feito.

– Eu não quero fazer isso, não! – afirmou categoricamente Bruce, afastando-se em direção à esquina.

– Covarde! – gritou Gabriel. Bruce quase voltou para enfrentá-lo, mas preferiu continuar se afastando.

– Bom, então volte para o seu lar e continue assistindo a tudo pela janela – disse Renato. – Deve ser um teste difícil enfrentar uma

criança de dois anos que ninguém sabe se ainda está viva.

A chuva havia cessado, mas deixou um vento gelado como testemunha. Bruce ponderou alguns segundos, observando a casa de longe. Ela era realmente assustadora, podendo estrear qualquer filme de terror. Só que não era uma produção americana, com aqueles clichês que incomodavam. Voltando para o grupo, perguntou:

– Vou levar alguma arma?

– É claro – respondeu Renato.

– Um chinelo para dar umas palmadas na garotinha – brincou João, arrancando risos até do Renato.

– Você vai levar este facão – Renato abriu rapidamente a mochila e apresentou a arma ao rapaz.

– Eu preferia uma arma de fogo para evitar um contato mais próximo. Pode até ser a sua besta – falou Bruce, demonstrando medo no olhar.

– Para uma criança, o facão é mais do que suficiente. Ela não deve alcançar nem a sua cintura.

Mais um momento de reflexão até a decisão: Bruce aceitou o desafio. Pegou a arma e uma lanterna e foi se aproximando do casarão a passos de um morto-vivo, observando cada detalhe do ambiente mórbido. Ao chegar ao pequeno portão de entrada do quintal da moradia, deu uma espiada nos companheiros e disse em tom mais rigoroso:

– Esperem por mim. Serei o mais breve possível.

Passando pelo portão, ainda ouviu uma última brincadeira do companheiro das referências:

– Ele está vindo pegar você, Bárbara!

“Abandone toda a esperança aquele que aqui entrar.” Bruce não sabia explicar o motivo, mas essa frase de Dante Alighieri veio à sua mente quando ele virou a maçaneta da velha e pesada porta. Torceu em vão para que o local estivesse trancado e impossibilitasse sua entrada. O forte rangido da madeira, que podia ser ouvido a mais de cinquenta metros, incomodou-o por imaginar que sua chegada não seria sorrateira. Assim que seu vulto desapareceu na casa, os três que acompanhavam a aventura do rapaz começaram a conversar:



– Você acha que ele vai conseguir? – indagou Gabriel.

– Claro que não – Renato tirou uma chave do bolso e foi em direção à porta. – Ninguém até hoje conseguiu. Nem vou me preocupar em presentear-lo com uma jaqueta.

Enquanto Renato trancava a saída principal da casa, João disse apenas para os ouvidos de Gabriel:

– Eu até estava gostando do cara. Acho que podíamos ter ignorado esse teste desta vez.

– Ele viu um bêbado não infectado ser morto hoje. Se ele resolvesse abrir a boca... – Gabriel encerrou o tema com a aproximação de Renato e aproveitou para questionar: – Vamos esperar o resultado aqui?

– Não, caros amigos. Precisamos nos juntar com os demais Demônios na patrulha do Metrô. Ontem o Luciano disse ter ouvido uns ruídos no túnel. Provavelmente, os infectados estão descobrindo o caminho graças ao nosso “novo integrante” – Renato fez gesto de aspas e indicou a direção da Auriverde. – Vamos.

Se por fora a casa já dava calafrios, por dentro era impossível não se arrepiar com a névoa formada pelo pó e a escuridão iluminada apenas em alguns trechos graças à lanterna. Havia uma escada velha com um corrimão semidestruído num canto à esquerda e um corredor com duas entradas caso optasse por seguir adiante. Movimentando-se lentamente para a segunda opção, notou os tacos do assoalho de madeira, tirando um do lugar com um tropeço.

Ouviu um barulho no andar superior que parecia algo se arrastando. No entanto, o som que mais o incomodou veio da porta de entrada sendo trancada pelos companheiros. Devia ser alguma brincadeira, como aqueles testes que jovens americanos fazem para as pessoas que querem entrar para as fraternidades das universidades. Nos filmes de terror, eles fazem de tudo para assustar o novato, mas acabam tendo problemas e ocorre algo realmente assustador. Isso quando não há uma morte verdadeira no processo. Morte? Era melhor nem pensar nisso.

Pensou em averiguar o primeiro cômodo, a sala de estar, porém se sentiu atraído pelo fim do corredor onde parecia ser a cozinha. A segunda sala do corredor devia ser algum escritório se o Tova não

tivesse optado por enchê-la de quinquilharias. O ruído ficou ainda mais forte como se algo ou alguém tivesse notado a sua presença no ambiente. Um fantasma arrastando sua corrente? Bárbara não seria capaz de fazer esse barulho que agora, na imaginação fértil de Bruce, parecia com um corpo sendo arrastado.

Um odor nauseante atacava a sua rinite, tornando-se ainda mais intenso quando ele entrou no local que um dia havia sido a cozinha. Pratos quebrados com restos de comida, garrafas de bebidas alcoólicas, talheres e uma bagunça de panos de prato misturavam-se com manchas de sangue, urina e outros ingredientes malditos. Parecia estar na casa de Leatherface, vilão de "O Massacre da Serra Elétrica", mas torcia que o anfitrião não estivesse presente.

Alguma coisa descia as escadas. Talvez um cachorro, embora não fizesse sentido com aquele arrastar que havia ouvido anteriormente. Bruce ergueu o facão quando percebeu uma sombra aterrissando no fim do corredor, com movimentos lentos, farejando o assoalho. Ele ainda não havia sido notado. Até agora. Aquela coisa que andava de quatro encontrou um motivo para vir em sua direção urrando como um animal faminto. Não dava tempo de fechar a porta, Bruce virou a mesa de lado e a usou como escudo, protegendo-se do monstro. Era um homem, outrora um jovem na faixa dos vinte anos que, agora, havia perdido sua condição bípede depois de inúmeras refeições de ratos e insetos.

Aquilo tentava pular sobre a mesa, porém era impedido pelas espetadas do facão de Bruce. Olhos assustadores mesclavam agonia e fúria, a boca sempre aberta exibindo dentes estragados, úmidos por uma baba constante, e unhas enormes completavam a besta. Num salto ela conseguiu se erguer sobre o móvel e saltou sobre o rapaz, que acabou caindo com as costas na geladeira, deixando sua arma cair um pouco distante. Segurando o pescoço da fera, Bruce esticou o braço esquerdo para tentar alcançar qualquer objeto que servisse de arma, enquanto se preocupava com as dentadas e pancadas que recebia e com aquele líquido viscoso que saía por todos os buracos de seu rosto. Depois de alguns segundos de insistência – que pareceram minutos –, Bruce acertou o pescoço da

criatura com uma faca sem serra. A força do golpe foi suficiente para abrir espaço, alcançar o facão e cravá-lo no peito do monstro.

Assim que conseguiu se levantar, Bruce foi capaz de identificar uma característica peculiar na vestimenta do infectado: ele usava uma jaqueta preta de couro com os dizeres *The Devils* em destaque. Agora tudo fazia sentido! Alguém já havia tentado fazer parte da equipe e acabou sucumbindo à doença e aos ataques da garota, que usava essa moradia como o seu campo de batalha.

Pegou a jaqueta da criatura, deu uns tapas para tirar o pó e a vestiu, orgulhando-se do feito realizado. Se aquilo era um teste, ele havia vencido. Saindo da cozinha, deu uma última olhada no que restara do confronto, recolhendo a lanterna do chão. Pensativo, não notou uma silhueta escura que se movia atrás dele e vinha silenciosamente em sua direção. O som de um certo taco solto revelou sua presença, possibilitando que Bruce pudesse brandir o facão ensanguentado e cravá-lo na criatura antes que ela o tocasse. Infelizmente acertou apenas seu ombro, obrigando-o a dar um soco para finalizar o nocaute. Era um oriental, também trajando uma jaqueta de couro, com um buraco em sua bochecha direita que lhe exibia os molares.

Bruce deixou a arma no corpo do infectado e correu em direção à porta. Tentou virar a maçaneta e até mesmo arrombá-la com trancos de ombro, mas não obteve sucesso. Atrás dele, o oriental erguia seu corpo e soltava um grito estridente, apontando o braço para ele como uma espécie de alarme de fábrica. Era o momento de tentar o andar de cima, mesmo não sabendo os horrores que poderia encontrar pelo caminho.

Correu para a escada e foi subindo o mais rápido possível, pisando forte em cada degrau até notar uma figura estranha no alto. Pelos cabelos compridos, era uma mulher. Ela saltou lá de cima como um leopardo e teria atingido Bruce em cheio se ele não tivesse escorregado na carcaça de alguma coisa morta. Apenas uma jovem doente, sem a jaqueta dos Demônios, mas com um grande corte na altura dos seios. Ela rolou pelos degraus e acabou derrubando o oriental no início da escada como um Donkey Kong de zumbis.

Sabendo que teria poucos segundos até que a dupla voltasse a segui-lo, Bruce chegou ao andar superior e encontrou três portas. Não havia nenhum enigma para desvendar qual gárgula pudesse estar mentindo ou falando a verdade. Ele tinha simplesmente que fazer a melhor escolha. Arriscou a porta à direita, mas, antes que a alcançasse, tropeçou no que parecia ser um cadáver. Era o responsável pelos arrastos que havia ouvido: um infectado com as pernas mutiladas, fraturas expostas, e que tentava desesperadamente mordê-lo. Apontando a lanterna, Bruce incomodou o novo monstro, permitindo o seu acesso à porta. Abriu-a.

Sem olhar para o ambiente, Bruce trancou a porta e caiu quase desfalecido, esperando que ali fosse o lugar mais seguro daquela casa amaldiçoada. Com certeza era o quarto de Tova. Uma velha cama encostada na parede cedia espaço para o desenho de um pentagrama e um círculo que ocupava quase todo o chão. Alguns tocos de vela e uma caixa de fósforos fizeram Bruce acreditar que poderia incendiar o local e se proteger dos vilões. Naquele momento, só queria uma coisa: sair dali e acertar as contas com os companheiros traidores. Sentia raiva a ponto de nutrir compaixão pelos infectados que batiam cada vez mais forte na porta. Mais uma vez aqueles sons de unhas rasgando a madeira, gritos de dor e desespero. Lembrou-se do Seu Zé. Seria melhor ter sido vítima dele do que dessas criaturas assustadoras.

Investigando o quarto, Bruce notou uma pequena sombra ao lado da cama. Ao aproximar-se pôde confirmar o que imaginava: era Bárbara, o seu teste. Mesmo exibindo feridas pelo corpo imóvel, a menina demonstrava toda a elegância de uma princesa em seu sono eterno. Pelo visto, alguém já havia cumprido a missão antes dele, mas não conseguira sair da casa.

Bruce encontrou um minigravador sobre a cama. Voltou alguns minutos na última gravação e apertou o play:

“...a volta foi mais difícil do que a ida, mas consegui trazer minha neta para casa e poderei realizar meus feitiços com ela. Não poderia ser feito em outro lugar se não esta morada mística. Tenho certeza que funcionará. Ela não está infectada, nunca estará. A mãe dela

soube protegê-la muito bem, agora é minha vez. Aliás, acho que Andréa me seguiu até aqui. Esses barulhos lá embaixo... Será que ela conseguiu entrar? Não, Bárbara, não vá. Ela não é mais a sua mãe.”

Alguns chiados e nada mais. Bruce soube que Tova não pretendia fazer um ritual para curá-la da infecção, mas evitar que ela fosse contaminada. Era uma proteção. Agora o rapaz conhecia a identidade daquela infectada que havia saltado sobre ele na escada. Precisava apenas pensar num plano de fuga.

Alguns gritos podiam ser ouvidos na rua. Tiros e mais gritos. Bruce olhou pela janela suja e viu centenas de infectados correndo pelas ruas, invadindo casas e atacando pessoas com e sem jaqueta. A barreira no Metrô não fora suficiente para evitar uma invasão em massa. Limpando a sujeira do vidro, o rapaz queria ver Renato atirando com sua besta antes de ser atacado; Gabriel e suas perguntas impertinentes contra as criaturas; será que João estaria recordando algum filme?

Sorriu. Talvez estivesse no lugar mais seguro da Vila Carioca. Não havia mais necessidade de tentar enfrentar os infectados, buscar uma saída. Queria apenas que a Mini estivesse bem. Gostaria de encontrá-la mais uma vez para dizer o quanto ela era bonita. Foi naquela noite que os verdadeiros demônios chegaram à Vila Carioca.

Enquanto testemunhava os ataques pela janela, Bruce nem se importava que a porta do quarto começasse a ceder, nem que uma garotinha infectada tivesse acabado de despertar atrás dele. Em breve, a Vila Carioca seria mais uma terra morta.

## A obsessão de Vitória - Tiago Toy

O relógio marcava duas da tarde quando Vitória despertou.

Como de costume, navegara aleatoriamente na internet até altas horas. A cada página visitada passava os olhos sem realmente ler as palavras, e clicava em todos os links e imagens; sentia-se descobrindo algo novo de verdade, mas a sensação enfraquecia em segundos. No seu âmago queria desconectar-se, deitar e relaxar, dormir e sonhar; no entanto, a internet tornara-se parte de seu mundo, algo tão forte que estava presente em cada e todo momento de seus dias. Estudos sobre o vício apontavam fatores preocupantes, assim como a dependência real de uma droga típica, mas haviam sido banalizados. Em uma era onde se respirava tecnologia, algo tão prático e revolucionário não poderia ser tão ruim.

O maior motivador a fazê-la perder horas diante da tela de LCD do notebook era o Facebook. Como Vitória amava aquela maldita rede social. Fazia parte não só de uma, mas de várias categorias de internautas irritantes: dava bom dia, boa tarde e boa noite; compartilhava as notícias mais dispensáveis, alternando entre fofocas sobre celebridades e previsões de novelas; alimentava diversas conversas sem fundamento com amigos que partilhavam da mesma (falta de) linha de pensamento – e, o pior, postava trocentas fotos todos os dias. Não havia segredos sobre a vida de Vitória. Fazia questão de se fotografar nas mais variadas situações. Não seria surpresa encontrar uma foto sua fazendo as necessidades com o dedinho na boca ou com expressão de pensadora, sublinhada por alguma legenda pseudocômica.

Vitória transformara-se em uma subcelebridade em seu círculo de amizades – ou gostava de pensar assim. Seu estilo despojado e falta de senso haviam arrebanhado inúmeros seguidores. Suas postagens, noventa e nove por cento constituídas por fotos, eram sempre muito curtidas e comentadas. Sua maior alegria eram os balões vermelhos numerados surgindo no ícone de um minúsculo planeta na barra superior da página. Taina Guimarães curtiu sua foto, Luan Matheus curtiu sua foto, Fabi Deschamps comentou sua foto, Dael Dourado mencionou você em um comentário, Elaine Braga compartilhou sua foto. Não havia presente melhor para Vitória. Se fosse elogiada pessoalmente, talvez nem se dispusesse a sorrir em agradecimento. Elogiá-la online e, de preferência, publicamente faria seu dia e geraria um longo bate-rebate de comentários vazios.

Naquela manhã (duas da tarde ainda era manhã para ela) não seria diferente. Espreguiçando-se demoradamente, como se um encosto a mantivesse na cama, rolou até a beira do colchão e pôs-se sentada. Estalando o pescoço, levantou. As costas doíam. Parecia ter dormido nada. Seu “remédio” estava diante de si sobre a mesa. Balançando o mouse sem precisão, apenas para tirar o aparelho do modo de espera, confirmou alguns downloads e checkou o e-mail. Apenas propagandas. Abriu a página do Facebook, a senha gravada. O planetinha informava algo em torno de uma centena de notificações. Sorriu amarelo e seguiu ao seu *feed* de notícias. Imagens de acidentes, pessoas assassinadas, violência gratuita. Nenhuma novidade.

Sua última foto havia acumulado um recorde de curtidas. Mostrava Vitória na janela de seu apartamento, produzida como uma modelo de capa de revista *teen*, fazendo aquele estranho bico de pato com os lábios, algo que se tornara moda entre adolescentes sem senso de ridículo, e, ao fundo, uma multidão; parecia um show de rock ou uma passeata qualquer. Havia ali gente para encher um estádio. A aglomeração ia até onde os olhos enxergavam. Várias pessoas apontavam as mãos na direção da loira, as bocas abertas. Havia sido tirada na noite anterior. Vitória olhou sobre o ombro. A mesma janela estava trancada atrás da cortina cor-de-rosa. Dos ouvidos tirou os protetores e ouviu a balbúrdia ininterrupta. Ainda

estavam lá, dominando as ruas e ceifando vidas como deuses inconsequentes.

O som de nova conversa no chat a chamou de volta à tela luminosa. Antes de dar atenção ao amigo, antes mesmo de dar atenção a si própria, deixando o café da manhã ou a higiene para depois, postou a primeira atualização do dia:

Bom dia, gente linda que continua viva! Mais um dia de batalha começou =)  
xoxo



Dormir metade do dia dava a sensação de que as horas não eram bem aproveitadas. Vitória custava a se dar por desperta, quando podia dizer que de fato começara o dia. Não somente pela inversão de horários, mas pelo tempo despendido no Facebook. Aquele site era uma armadilha, um assassino de produtividade. Como um oásis, era uma ilusão aos olhos de pessoas carentes em busca de algo para preencher o vazio em sua personalidade. Vitória não se importava com nada disso. Ali ela era amada.

A máquina fotográfica descarregou todas as fotos tiradas naquela tarde. Vitória morava no terceiro andar, então, havia caprichado, procurado os melhores ângulos e enquadramentos. Não gostava de recorrer ao zoom, pois corria o risco de captar borrões, o que comprometeria a qualidade. Esperou impaciente cada uma das cinquenta e tantas imagens carregar em seu álbum virtual, criando legendas divertidas à medida que o espaço para digitar aparecia abaixo de cada uma delas. Dez minutos depois vieram as primeiras curtidas. Vitória foi ao banheiro fazer xixi e à cozinha procurar algo para comer. Sentindo um início de ansiedade, voltou ao computador, contabilizou as notificações e se assustou.

Pouco mais de trinta fotos haviam recebido entre dez e quinze curtidas. Quanto tempo havia demorado na cozinha? Cinco minutos, não mais do que isso. Era tempo suficiente para receber, o quê?, quarenta curtidas em todas, chutando baixo. Se possuísse um pouco



de amor próprio teria ficado quieta, mas não era o caso. Criou uma nova atualização:

O que houve com meus fãs? Sua Vitória tirou altas fotos pra vocês e quase não recebeu curtidas. Quem está bem, curte. xoxo

Uma vontade de roer as unhas a tomou enquanto esperava, mas não podia comprometer sua beleza – unhas roídas ficavam horríveis em fotos. Animou-se quando veio o primeiro comentário.

Seus fãs estão morrendo, sua vaca burra!

Que horror! Antes que alguém visse, Vitória excluiu o comentário e bloqueou o engraçadinho, um tal de Felipe Castilho. Estaria ele falando a verdade, ou era apenas um fanfarrão? Prometeu que rezaria antes de dormir para que seus amigos ficassem bem, ou não teria mais quem curtisse suas fotos. Antes pesquisou por “frases sobre inveja” no Google. Precisava postar algo do tipo para os que invejavam seu sucesso. Leu algumas, sem se prender ao significado, mas ao impacto provocado pela disposição das palavras, e escolheu. “A incapacidade de tentar é que faz surgir a inveja na mente de um fraco”. Editando-a com uma bela fonte sobre uma imagem sua de biquíni e chupando picolé de manga, creditou-a em nome de alguém que não se recordava quem era, mas que se lembrava de ter ouvido na escola. Devia ser o nome de alguma professora. Cecília Meireles.

Vitória esqueceu o tempo. Deletou as imagens sem curtidas e as publicou novamente várias vezes, até conseguir sinal de vida por parte de seus seguidores. Desde que a pandemia se iniciara, pela primeira vez se sentiu preocupada. Sabia que cedo ou tarde as pessoas sucumbiriam, mas sempre haveria gente na internet. Não haveria? Aquele era um mundo sem limites.

Concluiu que o problema era outro. Observando com calma, admitiu que as fotos não haviam ficado perfeitas. Estava no terceiro andar, sem zoom. Não conseguiria curtidas se não inovasse. Às três se deitou, mas rolou até as cinco, imaginando como poderia fazê-lo no dia seguinte.



O apartamento 12 estava vazio, exceto pelo cadáver de uma mulher no sofá e uma nuvem de moscas ao seu redor. Apesar de morar no prédio há três anos, Vitória não se recordava dela. Dificilmente se lembraria mesmo do vizinho da frente; não tinha nenhuma daquelas pessoas no Facebook. Não olhar as pessoas nos olhos tornara-se um hábito. Gravar fisionomias era pedir demais.

A janela da sala dava para a avenida. Alguns centímetros abaixo se encontrava um toldo vermelho e gasto. Forçou-o com as mãos: era resistente. Não indestrutível, mas precisaria servir. Era caso de vida ou morte.

Arrastando-se com cautela sobre a lona, se irritou ao descobrir que sujara a roupa. Não podia voltar atrás; a solução foi tirar a blusa. Não seria a primeira vez que se exporia seminua na internet. Melhor assim: eles amavam esse tipo de foto.

Deitada de barriga para cima, Vitória ergueu a câmera e focalizou. Manter-se equilibrada, sem relaxar o peso e conseguir um bom enquadramento não era tarefa fácil. Entre os flashes, desfazia o sorriso mecânico e se certificava de que ainda era seguro. Ainda não havia visto as criaturas tão de perto. Miríades de olhos pintados por um vermelho vítreo a encaravam. Dentes manchados de sangue coagulado e toda sorte de podridão abocanhavam o ar, sedentos por aquela pele clara brilhando sob o sol. Mãos feridas – diversas delas faltando dedos –, com ossos e cartilagens expostos, se esticavam na tentativa de alcançá-la. Alheia ao perigo, ensaiou suas melhores caras e bocas, imaginando quantas curtidas aquelas fotos valeriam.

Vitória não esperava que seu cabelo fosse agarrado. Sentiu um puxão violento na nuca, e por pouco não deixou a câmera cair. Segurando-se com firmeza nas laterais, forçou o pescoço, mas mãos extras entrelaçaram seus dedos podres nas longas madeixas loiras. Num giro rápido, pôs-se de bruços, em busca de maior estabilidade. O corpo deslizou sobre a lona, puxado pelos cabelos, e parou quando Vitória encontrou um apoio na parte inferior do toldo. Sentia que o couro seria arrancado a sangue-frio. Flexionando os braços, conseguiu erguer o rosto – e forçou um sorriso. A máquina, na mão direita, disparou um flash.



As fotos atraíram destaque – não como Vitória esperava –, mas a top era a que a mostrava sorrindo enquanto diversas mãos puxavam seus cabelos. Na verdade, não captara um sorriso, mas uma careta de dor, os lábios cobertos pelo batom rosa retorcidos e um dos olhos fechado. Sentiu êxtase pela quantidade – e velocidade – de *likes* recebidos. Os comentários também eram muitos, e variavam em teor: alguns levavam para o lado cômico, chamando-a de *louca*, e outros eram mais severos, *chamando-a* de louca. Pela primeira vez pensou na possibilidade de curtirem suas fotos por algo além de sua beleza. A situação era incomum, arriscada. Não bastava sorrir seus dentes perfeitos ou registrar sua pose mais sexy. O mundo havia mudado. Eles queriam novidade.

Nos dias que se passaram, Vitória se arriscou de forma desmedida. Encontrara uma janela com grades grossas, onde pôde se aproximar deles. As fotografias variavam: mostravam Vitória puxando a orelha de um rapaz estropiado e aproximando a língua de seu rosto apodrecido, sem encostar; dando um selinho a centímetros dos dentes frenéticos de um homem de cavanhaque ensanguentado; fazendo tranças no cabelo seboso de uma garota e os amarrando na grade, sorrindo de forma sapeca para a câmera. A criatividade de Vitória parecia não ter fim.

No começo, as curtidas e compartilhamentos aumentaram; depois, caíram e mantiveram uma média. Por fim, diminuíram drasticamente. Vitória não se alimentava ou dormia enquanto não se sentisse satisfeita. Virava noites acordada; quase sempre se esquecia da higiene pessoal, pois vivia em função do maldito Facebook. Passou a mendigar a interação dos seguidores, o que não resultou em um aumento significativo. Não havia nem mesmo gente online no bate-papo. Algum tempo atrás (dias ou semanas?) mal se conectava e as janelinhas já vinham piscando, implorando por sua atenção. Os rapazes a desejavam; as meninas a invejavam. *Onde estão vocês, meus lindos seguidores idiotas? Me amem! Curtam as porcarias de minhas fotos na esperança de receber um sorrisinho.*

*Não um obrigado ou uma mensagem mais longa, mas a merda de um sorrisinho, a única resposta oca que vocês merecem por idolatrar alguém como eu, e a mais elaborada réplica que minha inteligência pode criar. Vamos! Curtam!*

Em meio a um sem fim de notícias sem esperança, uma chamou sua atenção. O título era objetivo e foi recebido como uma mordida em seu coração.

Há risco de a internet morrer em breve.

Saltou os olhos pelas palavras, sem precisar ler cada uma delas; o encaixe no final formava uma clara mensagem. Levou a mão ao peito. Atualizou a página repetidamente, e seu frio quando a velocidade da conexão vacilou. De nada adiantou: a mesma notícia continuava lá, as mesmas exatas palavras e centenas de comentários de protesto, alegando que precisavam da internet para se manterem informados quanto ao andamento da situação, indícios de normalização, contato com parentes e amigos. Vitória riu abobalhada diante de tamanha hipocrisia. Ninguém ali queria informações ou o diabo a quatro. Nada havia mudado. Protelação de responsabilidades, massagem do ego, suprimimento da carência. Esses eram os papéis da internet.

Vitória sentiu um ardor nas palmas. Sangravam. As unhas haviam entrado na carne, o corpo tremendo. Quis gritar, chorar; sentiu os braços e pernas formigarem. A cabeça latejava, sinal de uma enxaqueca se aproximando. A garganta secou como a superfície de uma esponja. Foi tomada por uma irritação vinda de não se sabe onde. Havia fome em seu estômago, sede em sua garganta e sono em sua mente – nada tão importante que não pudesse esperar. Desceu a linha do tempo de seu perfil, revendo postagens já gravadas na memória. Nenhuma era novidade, mas sentia gana em conferir se algum comentário havia passado despercebido. Talvez se curtisse algum esquecido, o respectivo post ganhasse destaque no feed de seus amigos e gerasse alguma movimentação ali. Precisava sentir emoção.

Entregue à análise minuciosa na página, o dedo deslizando em frenesi sobre o mouse, roeu as unhas.



O zíper da jaqueta de couro subiu, escondendo a última parte de sua pele à mostra. Para quem soubesse procurar, a internet era uma fonte infinita de conhecimento. Não havia mérito em ter descoberto aquele fórum de discussão: era um dos poucos ativos no Facebook e estava aberto para não membros. Não havia encontrado nenhuma arca perdida.

Nele teorizavam sobre a praga que havia se abatido sobre os homens, compartilhavam informações sobre pontos seguros e, o mais importante e especificamente o que Vitória estava procurando, orientavam sobre as melhores formas de ataque e defesa contra os infectados – nome que a mídia havia adotado para se referir aos tocados pela infame doença. Então era assim que os chamavam, *infectados*? Ela achou graça.

Não se ateuve às instruções mirabolantes de montagem de geringonças que serviam como armas; seu foco era a proteção. Anotando mentalmente tudo de que precisaria, saiu pelo prédio em busca dos itens e encontrou todos, sem dificuldade: um bom par de coturnos, papelão enrolado nas pernas e braços sob a calça e duas jaquetas de couro, luvas grossas também de couro, um soco inglês para cada punho e um capacete de motociclismo. Antes de partir para a missão, registrou o look (sem capacete) em frente a um espelho empoeirado.

O prédio não possuía área de lazer. A única extensão ao ar livre que fazia parte da propriedade era um minúsculo e mal cuidado quintal de onde se tinha acesso pelos fundos. Era onde ficava o banheiro do porteiro. Vitória não se lembrava de seu nome.

Um solitário portão de ferro despontava; do outro lado, a rua de trás. Nunca fora movimentada; as pessoas evitavam o trajeto por causa dos assaltos constantes. Um trinco simples impedia que fosse aberto. Nenhum cadeado ou corrente. Pela fechadura observou. Não havia viva alma lá. Destrancou-o e saiu. A rua estava abandonada. Gramíneas haviam tomado posse das calçadas e o lixo, do asfalto. Ao longe, distinguiu corpos estirados. Não prestou muita atenção

neles. Queria algo mais vivo. Segurando as bordas do portão, chutou-o.

Através do visor de plástico observou, num giro de cento e oitenta graus. Nenhuma mudança. Na sarjeta encontrou uns pedregulhos. Arremessou um na direção de um carro estacionado por tempo indeterminado. Errou. Esportes não eram seu forte. Acertou o para-brisa na quinta lançadura – o braço começara a doer na segunda. E só acertou porque se afastou perigosamente. Assim que o barulho de estilhaços ganhou terreno, ela refez o caminho às pressas e, antes que alcançasse o portão, ouviu a cacofonia se aproximando.

Um grupo desordenado despontou na esquina, composto por membros irritados e curiosos. Procuravam a origem do som, o azarado que invadira seu habitat. Encontraram-no parado ao longe, coberto em negro, e não hesitaram. Podia ser o cheiro ou algum outro sentido inexistente em humanos saudáveis, mas, mesmo abafada dentro de quilos de couro, foi descoberta. Exatamente o que queria.

Sem um plano mais detalhado, Vitória contava com a sorte. Precisava que um deles, qualquer um, a alcançasse antes dos demais. Sob o capacete sorriu, já se sentindo vitoriosa: havia um com certa vantagem. Corria como aqueles atletas destrambelhados da Corrida de São Silvestre – sem preparo para traçar uma estratégia, mas com disposição de sobra para correr. Os braços balançavam à frente, como se presos por cordas controladas por algum ventríloquo de humor distorcido. Quando alcançou as proximidades do prédio, Vitória entrou e foi para trás do portão. Assim que o homem entrou, ela o fechou e empurrou o trinco.

Segunda parte do plano.

O ataque veio por trás e mais rápido do que ela havia previsto. O interior do capacete foi preenchido pelas pancadas desferidas, enquanto os pés sentiram um tremor de sutileza preocupante. Do outro lado ouviu vozes de meia centena de bocas, escancaradas por meia centena de loucos espremendo-se contra o portão projetado para suportar bem menos.

Veio a primeira mordida. Quando Vitória leu sobre o excesso de jaquetas como proteção, considerara usar apenas uma, mas decidiu não arriscar. Pelas fotos de feridos circulando na internet, ser atacado por um deles parecia algo extremamente doloroso. Além disso, comprometeria sua beleza. Não custava nada vestir duas jaquetas. Mesmo sob o couro, sentiu a pressão dos dentes no tríceps. Com um safanão empurrou-o, e ouviu o tecido rasgar. Virando-se, um baque contra o visor o trincou. Defendendo-se dos socos seguintes, empurrou-o para o lado contrário. Para o interior do prédio.

Conseguiu trancar a porta segundos antes de o quintal ser invadido.



No espelho da penteadeira, Vitória encarava os próprios olhos com determinação. Respirava devagar, evitando movimentos bruscos. Sem piscar, aplicou a máscara nos cílios.

Diferente de outras vezes, o processo de maquiagem foi meticuloso. Quando alguma foto boa poderia ser considerada excluída por culpa de algum imprevisto – rímel borrado, batom nos dentes, uma espinha – bastava recorrer ao Photoshop e em menos de um minuto estava perfeita, como deveria ser. Agora, no entanto, nenhum software milagroso esconderia qualquer defeito. Pelo menos, nenhum que ela dominasse. A webcam apresentaria a beleza de Vitória sem truques, exceto pela maquiagem pesada.

Ser vista em tempo real não estava em sua lista de preferências. Era um tipo de contato que nunca estivera disposta a abrir aos amigos. Fotos transmitiam a impressão de que estava em seu próprio mundo, onde ninguém poderia interromper o momento registrado. Havia o plus de não ter que falar; Vitória não era boa com palavras. Criava ditados de porta de banheiro que funcionavam bem apenas quando escritos. Pensando bem, poderia continuar calada. A imagem prestes a ser captada pela webcam dispensava palavras.

Aplicando uma camada de iluminador facial, se concentrou em seu rosto e ignorou a figura refletida no espelho se debatendo do outro lado, presa por correntes nas grades da janela.



Os primeiros vídeos foram curtos. Vitória gravava e disponibilizava em seu álbum. De início, ninguém pareceu se importar em dar o play, até que alguém assistiu e espalhou aos quatro cantos virtuais que havia um infectado amarrado no quarto de Vitória.

As visualizações, curtidas, comentários e compartilhamentos foram como atingir um orgasmo. Todos adoraram as novas postagens. Alguns invejosos deixavam comentários negativos, falando sobre perigo, maldade e outras coisas que ela não fazia questão de ler. Curtiu todos. Deu *reply* em todos, com a costumeira carinha J. Seu prestígio, enfim, estava de volta.

Suas novas empreitadas eram buscas por maquiagem. Gravar diariamente havia acabado com a sua. Invadiu cada um dos apartamentos na caça por batons, bases, rímeis, sombras – mas esquecer-se da despensa. Raramente se preocupava em comer. A fome precisava apertar muito para que se dispusesse a preparar algo. Acostumou-se a beliscar o que primeiro encontrasse, sem se importar em verificar a validade. Não tinha tempo para comer. Havia muito o que fazer na internet.

A webcam permanecia ligada vinte e quatro horas. Para os vídeos utilizava a câmera, mas a cam registrava o infectado ininterruptamente. Com o passar dos dias, o rapaz perdeu o vigor. Emagreceu, automutilou os lábios, provocou severas feridas onde a corrente apertava. Os berros, antes cheios de energia, se transformaram em lamentações roucas e sofridas.

Vitória levou um tempo para se acostumar ao odor de urina e fezes. O infectado não parecia ter controle sobre esse tipo de coisa. Por duas noites ela dormiu na sala, mas percebeu que as visualizações diminuiriam, então, voltou à cama. Ser gravada adormecida com aquela aberração ao seu lado renderia mais



espectadores. Adorava brincar em suas publicações, com frases como *Indo dormir com o inimigo – xoxo* ou *Acordei com o galo cantando. Ops, ñ era galo, kkk*. Vitória não se cansava daquilo.

O calendário e relógio foram esquecidos. Os ícones no canto inferior da tela haviam se tornado borrões – o foco estava no centro dela. Ali era o mundo de Vitória. Horas eram deixadas para trás, sem que percebesse, os olhos fixos em um ponto a esmo na luminosidade cegante, os dedos tocando sem precisão as teclas engorduradas. A postura havia mudado. Não andava mais ereta. Se precisava ir ao banheiro, isso quando sentia a necessidade batendo na porta, quase a arrombando, se levantava arrastada e andava às pressas, se apoiando nos móveis empoeirados. Nem era preciso se abaixar para se sentar: estava tão encurvada que bastava descer a calcinha (desistira de vestir calças) e se virar. O vaso sanitário não sabia o que era descarga há semanas; a massa escura e molhada se acumulara até a metade. Já fazia muito em ir até ali perder tempo cagando. Tinha que voltar ao computador. Precisava de curtidas. Ninguém saberia o quão suja estava sua bunda.

As curtidas sumiram. O Facebook havia se tornado uma página estática. Ninguém postava mais nada. Vitória chamava contatos offline para conversar. Implorava para que respondessem. Marcava a quantidade limite de amigos em suas fotos. Visitou cada um dos cinco mil amigos, curtindo suas publicações de dias, semanas atrás, e pediu para que a curtissem de volta. Fez uma limpa nos contatos e excluiu os que haviam parado de atualizar há mais tempo. Procurou novos amigos e saiu adicionando quem quer que o Facebook sugerisse. Sempre deixava uma mensagem com CTRL C e CTRL V: *sou a vitória vc deve me conhecer me curte minhas fotos tenho um infectado no meu quarto muito legal assiste xoxoxxo-*.

Não... Curtiram... Mais. Precisava inovar. *O que querem, seus merdas? Sou a Vitória, vocês me amam. E você, infectado idiota! Pare de gemer. Faça algo novo. Me dê curtidas! Me ame!*

Mãos firmes, breves espasmos musculares, agarrou a câmera, ligou-a. Teve uma ideia brilhante.

Banhados por uma fina garoa noturna, os caminhantes continuavam sua marcha sem sentido, e não notaram a luz de um

flash disparado no terceiro andar.



O rapaz não parecia muito melhor. Estava mais agitado do que o normal, mas nada significativo. Dos lábios dilacerados escorria sangue, os dentes podres em gengivas infeccionadas amarelados e escuros. Mastigava como uma vaca possuída por algum demônio preguiçoso. Encarava a garota de costas para ele, sentada em frente a uma claridade esbranquiçada.

A transferência da máquina foi concluída em segundos. Sem desconectar o cabo, acessou seu mural e escolheu o arquivo. Esperou o upload com um sorriso demente nos lábios ressecados. Concluído. Postou.

Não pensou em uma legenda apropriada. Palavras não se encaixavam com coerência em sua cabeça. Uma coceira tomou conta de sua pele. Coçou. Bateu os dentes. Sentiu o sangue queimar.

Vitória mantinha um olhar distante. A visão embaçou, mas continuou encarando o rodapé da imagem. Alguém iria curtir.

A foto mostrando o braço mordido de Vitória precisava ser curtida.

## Conheça os sobreviventes

### Tiago Toy

é autor da saga Terra Morta, que imagina um incidente “zumbi” no interior de São Paulo. Iniciada em agosto de 2008 no blog [terra-morta.blogspot.com](http://terra-morta.blogspot.com), antes de os zumbis dominarem o país, foi a responsável por popularizar o subgênero no Brasil. Seu livro de estreia dominou o #1 de Mais Vendidos de Horror da Amazon e foi Destaque Literário de Distopia em 2012. Participou de coletâneas como autor convidado, é colaborador do Boca do Inferno, colunista na revista BANG! e contista presente nos Mais Vendidos da Amazon.

Info [about.me/tiagotoy](http://about.me/tiagotoy) [Facebook.com/terramortaoficial](https://www.facebook.com/terramortaoficial)

### Gabriel Requiem

Nasceu no Rio de Janeiro, em 1978. Profissional de Marketing, marido, pai de quatro cães e um gato, dedica suas horas livres à sua maior paixão: a literatura fantástica. Estreou na carreira de escritor com o conto *O Senhor do vento*, pela editora *Saída de Emergência* (revista Bang! Número 14, Portugal). Atualmente está revisando *Evangelhos Arcanos*, seu primeiro romance.

### Fabi Deschamps

É revisora textual, web-redatora e aspirante a escritora. Já obteve algumas premiações em concursos literários com seus contos e poesias, ficando em primeiro lugar no XXI Concurso de Contos José Cândido de Carvalho, com o conto *Desconectável Mundo Novo*. Atualmente, está publicando os primeiros capítulos de seu livro *Os Hemofílicos* em um blog, enquanto aguarda a tão desejada publicação.

Blog os [hemofilicos.blogspot.com.br/](http://hemofilicos.blogspot.com.br/)

### Lidia Zuin

é paulista, estudante de Comunicação Social e Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero e autora da iniciação científica *Wired Protocol 7 - um estudo sobre Serial Experiments Lain e a alucinação consensual do ciberespaço*. Fã de ficção científica cyberpunk, Lidia mantém o blog Count 0 Write 1 [count0write1.blogspot.com](http://count0write1.blogspot.com) e também atua como *designer*, desenhista, rpgista, jornalista e pesquisadora. Twitter @lidiazuin.

### Felipe Castilho

paulistano, sagitariano e não acredita em horóscopos. Apenas acha que centauros são bacanas, e por isso faz questão de reforçar seu signo. Autor do livro *Ouro*,

*Fogo & Megabytes* (2012), também publicou em diversas antologias de fantasia, terror e ficção científica. É a primeira incursão no mundo dos zumbis.  
Twitter @felcastilho

## Conrado Ramazini

Psicólogo com MBA em Administração de Empresas, mesmo a ampla atuação no mercado corporativo não o deixou distante da criação e a imaginação que a ficção proporciona. O seu livro *Cães e Movimento* está pronto para ser editado e estreia como contista em *Terra Morta: Relatos de sobrevivência ao apocalipse zumbi*.

## Kristian Moura

Sempre foi um competidor, pois se visse alguém tirando par ou ímpar tentaria jogar até ganhar. Nunca foi exímio em nada, mas tem interesse especial por futebol, xadrez e tênis de mesa. Amante de cinema desde sempre, aproximou-se da literatura somente depois de adulto. Adora Tolkien, King, Blatty, Brown e Salinger. Começou a escrever por brincadeira, mas amigos o encorajaram a continuar. Tropeça nas palavras e não se dá muito bem em oratórias. Procrastinador assumido, mas também persistente e sistemático. Canhoto. Desenhista. Jogador de videogames. Glutão. Vegano. Ativista.

## Fábio Aresi

Nasceu em Porto Alegre e graduou-se em Letras pela UFRGS, onde descobriu a paixão pela leitura e a escrita. Durante a adolescência, passou inúmeras madrugadas de Sábado assistindo a filmes de terror com os amigos ou jogando videogame, ocasiões nas quais desenvolveu seu gosto pelo universo de horror zumbi. Leciona Língua Inglesa como profissão; escreve nas horas de lazer. Tem um péssimo humor pela manhã, mas melhora no decorrer do dia. Não vive sem café. Poderia muito bem viver sem mosquitos.

## Marcelo Milici

Paulistano, mora em São Caetano do Sul, professor de português e inglês, é editor-chefe do maior site de horror do Brasil, Boca do Inferno.com, com mais de doze anos de existência. Fanático por *rock n´roll* e histórias de horror de Walpole a Stephen King, produz seus próprios contos assustadores, ambientados na Vila Carioca, e elabora análises de produções do gênero fantástico, tendo desenvolvido sua monografia sobre o Horror Gótico nas Literatura Inglesa e Norte-Americana.

[1] É uma espada curta japonesa, usada em conjunto com a katana pelos samurais. Era usada principalmente em combates de curta distância onde o samurai tinha menos tempo para desembainhar a arma, possibilitando um rápido ataque ao oponente, geralmente no joelho ou outras articulações, no intuito de imobilizá-lo.

[2] "Se o sentido mais próximo e imediato de nossa vida não é o sofrimento, nossa existência é o maior contrassenso do mundo. Pois constitui um absurdo supor que a dor infinita, originária da necessidade essencial da vida, de que o mundo é pleno, é sem sentido e puramente accidental. Nossa receptividade para a dor é quase infinita, aquela para o prazer possui limites estreitos. Embora toda infelicidade individual apareça como exceção, a infelicidade em geral constitui a regra."

[3] No poker, *dealer* é aquele que embaralha e distribui as cartas do jogo, gerenciando as apostas e recolhendo as fichas apostadas em cada turno do jogo. Em jogos de torneio e em cassinos, o *dealer* é um profissional contratado que não joga. No entanto, na falta dele, os próprios jogadores podem assumir esse papel.

[4] *Small blind* é a aposta inicial de cada rodada do poker, uma quantia obrigatória a ser posta na mesa por um jogador, e aumentada pelo *Big blind*, antes mesmo de as cartas serem distribuídas. Ela é, geralmente, metade da aposta mínima, ou seja, do *Big blind*.

[5] "Dar call" é a expressão utilizada no poker para o gesto de igualar o valor de aposta do turno, continuando, portanto, no jogo.

[6] O "*pot*" representa a quantia de todas as apostas feitas por todos os jogadores durante uma mão de poker. Ele é guardado no centro da mesa e no fim da mão é distribuído pelos vencedores.

[7] As três primeiras cartas comuns, mostradas no centro da mesa, são chamadas de "*flop*" e dão início à segunda rodada de apostas. Antes do *flop* ser distribuído, uma carta é "queimada", isto é, descartada fora do baralho para se usar as cartas seguintes.

[8] "*Full House*" é a mão na qual o jogador consegue, na combinação de suas cartas com as da mesa, formar uma trinca e um par.

[9] A "*Quadra*" caracteriza a mão na qual o jogador combina suas cartas com as da mesa para formar um conjunto de quatro cartas de mesmo número ou letra.

[10] "*Turn*" é a quarta das cinco cartas comuns no centro da mesa. É virada após o *flop*, e também é conhecida como "*Fourth street*".

[11] Na terminologia do poker, "dar *raise*" significa aumentar o valor da aposta corrente, ao invés de apenas igualá-lo.

[12] "*River*" é o nome dado à quinta e última das cartas comuns no centro da mesa. Também é chamada de "*Fifth street*".

